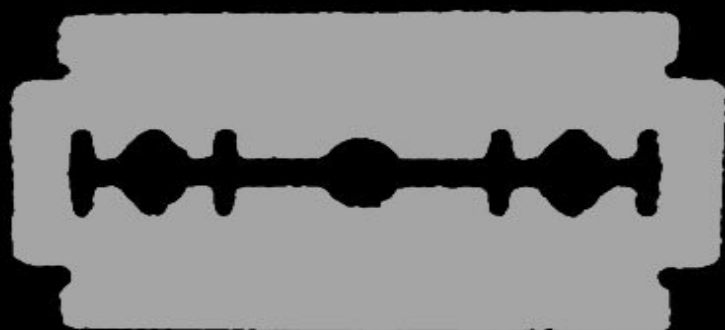


GILLIAN FLYNN

NA PRÓPRIA



CARNE

ROCCO



Na Própria Carne

Gillian Flynn



Sinopse

A vida da solitária Camille Preaker em Chicago resume-se a escrever matérias para editoria de polícia do jornal Daily Post, beber vodca além da conta e torturar-se pelo passado que deixou para trás na pequena Wind Gap, sua cidade natal. É para lá que seu editor a envia em busca de um furo de reportagem. Naquela comunidade ao sul do Missouri, um serial Killer faz de crianças suas vítimas.

Para conseguir as informações de que precisa, Camille necessita de coragem. Além de enfrentar uma população amedrontada e avessa a entrevistas, seu maior desafio é vencer o receio de reencontrar a mãe, Adora. Dona de uma personalidade ao mesmo tempo fria e super protetora, ela dá voz ao que Camille tenta silenciar: cicatrizes tão antigas quanto dolorosas.

Elas estão em todo o seu corpo e são as testemunhas de uma adolescência marcada por sexo, drogas e a estranha morte de uma irmã mais nova. Escrever palavras na própria carne com faca, gilete ou qualquer outro objeto cortante foi uma reação à angústia.

Neste thriller eletrizante, “perversa”, “boneca”, “tragédia” e “aflição” ardem sobre a pele de Camille à medida que ela se aproxima da verdade sobre os crimes em Wind Gap. “Virgem”, “indigna” e “doida” gritam mais e mais enquanto ela mergulha no passado. Lá estão as respostas para os mistérios de hoje e os traumas de ontem.

Para meus pais,

Matt e Judith Fynn



Capítulo 1

Meu suéter era novo, feio, e de um vermelho que doía os olhos. O dia era 12 de maio, mas a temperatura caíra repentinamente para a casa dos 5°C, e após passar quatro dias tremendo por não me proteger do frio, preferi comprar alguns agasalhos de segunda-mão a caçar um qualquer nas caixas de roupas de inverno. Primavera em Chicago.

Em minha baia forrada por tecido de juta, sentei a fitar a tela do computador. A matéria que eu cobriria aquele dia tinha um quê de crueldade. Quatro crianças, entre dois e seis anos, foram encontradas trancadas em um quarto na zona azul da cidade, com dois sanduíches de atum e um litro de leite. Estavam abandonadas há três dias, vivendo como galinhas, entre a comida e as fezes sobre o carpete. A mãe saíra para se drogar e esquecera-se delas. Às vezes, é o que acontece. Nenhuma queimadura de cigarro, nenhuma fratura óssea... Apenas um erro irreversível. Eu a vi quando foi presa: Tammy Davis, 22 anos. Loira, gorda, e com rouge rosa nas bochechas em dois círculos perfeitos – do tamanho daqueles copos de uma dose. Eu a imaginava sentada em um sofá caindo aos pedaços, seus lábios naquele metal, uma forte tragada de fumaça, e então tudo era um frenético flutuar. Seus filhos, ignorados,

conforme ela é atirada para os tempos do colégio, quando ainda atraía a atenção dos meninos e era a mais bonita de todas. Uma menina de treze anos, de lábios brilhantes e que mascava palitos de canela antes de beijar.

Uma barriga. Um odor. Cigarros e café velhos. Meu editor, o conceituado e exausto Frank Curry, balançava-se em seu par rachado de calçados Hush Puppies. Seus dentes imersos em saliva marrom de tabaco.

- Onde está a matéria filha? – Havia uma tachinha prateada sobre minha mesa, com a ponta para cima. Ele a empurrou levemente para baixo de uma folha de contato amarela.

- Está quase pronta. – Eu havia escrito duas laudas e precisava de seis.

- Ótimo. Acabe com ela, archive, e depois venha a minha sala.

- Esta bem. Dez minutos – Queria minha tachinha de volta.

Ele começou a sair de minha baía. Sua gravata agitava-se próxima ao gancho de sua calça.

- Preaker?

- Pois não, Curry?

- Acabe com ela.

Frank Curry me considera um coração mole. Talvez por eu ser mulher. Talvez por eu ser mesmo um coração mole.

A sala de Curry fica no terceiro andar. Tenho certeza de que ele se mijá de medo sempre que olha pela janela e vê o tronco de uma árvore.

Bons editores não vêem a casca da árvore, veem as folhas – se é que conseguem distinguir uma árvore lá de cima, do vigésimo ou trigésimo andar. Mas para o Daily Post, o quarto maior jornal de Chicago, restrito ao subúrbio, há espaço para crescer. Três andares bastam, espalhando-se incansavelmente para fora, como um vazamento, sem ser notado entre os varejistas de tapetes e as lojas de lâmpadas. Um gerente corporativo criou o nosso distrito durante três anos de uma bela organização, de 1961 a 1964, e então deu a cidade o nome da filha, que sofrera um grave acidente quando andava a cavalo um mês antes de terminarem as obras. Aurora Springs, ele ordenou, detendo-se para uma fotografia ao lado da novíssima placa da cidade. Depois partiu junto com a família. A menina, hoje em dia na casa dos cinquenta, e saudável (exceto por às vezes sentir um formigamento nos braços), mora na Flórida e volta à cidade à cada intervalo de dois anos para tirar uma fotografia ao lado do cartaz com seu nome, igual ao papai.

Fui eu que fiz a matéria de sua visita mais recente. Curry detestou. Ele detesta a maioria das matérias que retrata a vida real. Acabou enchendo a cara com Chambord enquanto lia, e deixou minha cópia cheirando a framboesa. Curry enche a cara sem fazer muito alarde, mas com bastante frequência. Mas não é por isso que tem uma visão tão confortável do chão. Isso é só um tremendo azar.

Entrei e fechei a porta da sala dele, que não se parecia em nada com a sala que sempre imaginei que meu editor teria. Eu almejava grandes quadros de carvalho e um vidro na porta com a inscrição “chefe” para que as focas pudessem nos ver discutindo rispidamente a respeito de liberdade de expressão. A sala de Curry é tranquila e tradicional, como todo o resto do edifício. Podia se debater jornalismo ou fazer um papanicolau. Ninguém ligava.

- Conte-me respeito de Wind Gap – Curry apoiava a ponta de uma esferográfica em seu queixo grisalho. Fiquei imaginado o pequenino ponto azul que deixaria entre os fios da barba.

- Fica bem lá para o sul do Missouri, no salto da bota. A um cuspe de Tennessee e Arkansas, - Discorri buscando rápido algum fato para mencionar. Curry adorava questionar os repórteres a respeito de qualquer assunto que ele considerava pertinente: a quantidade de homicídios em Chicago no ano passado, a análise demográfica do condado de Cook, ou, por algum motivo, a história da minha cidade natal, um assunto que eu preferia evitar. – Existe desde antes da Guerra Civil – Continuei. – Como fica próxima ao Mississippi, chegou a ser uma cidade portuária. Hoje em dia, o maior negócio de lá é a carne suína. Cerca de dois mil habitantes. Dinheiro velho e lixo.

- Qual dos dois você representa?

- Lixo. De dinheiro velho. – Eu sorri. Ele fez cara feia.

- E que droga é essa que anda acontecendo?

Sentei em silêncio, catalogando os vários desastres que poderiam ter acometido Wind Gap. É uma daquelas cidadezinhas acabadas, a caminho da miséria. Um desastre de ônibus ou um tornado. Uma explosão no silo ou uma criança que acabara de aprender a andar presa dentro de um poço. Eu também estava com um ligeiro mau humor. Esperava, como sempre espero quando Curry me chama à sala dele, que fosse me cumprimentar por alguma matéria recente, ou me promover para uma seção melhor...Que droga! Até entregar-me um pedaço de papel com um garrancho de um

aumento de 1 por cento! Mas estava despreparada para conversar a respeito das atualidades de Wind Gap.

- Sua mãe ainda mora por lá, certo, Preaker?

- Minha mãe e meu padrasto. E uma meia-irmã que nasceu quando eu estava na faculdade cuja existência me é tão irreal que com frequência esqueço seu nome. Amma. E Marian também. A sempre saudosa Marian.

- Caramba, nunca conversa som elas? – A última vez foi no Natal. Um telefonema frio e educado depois de três doses de uísque. Fiquei preocupada que mamãe pudesse perceber o cheiro da bebida pela linha do telefone.

- Ultimamente não tenho conversado.

- Minha nossa senhora, Preaker! Leia o noticiário de vez em quando. Não houve um homicídio lá em agosto? Uma garotinha estrangulada?

Confirmei com a cabeça, como se soubesse. Era mentira. A única pessoa de Wind Gap com quem eu tivera um mínimo de contato tinha sido minha mãe, que nada mencionara. Engraçado.

- Agora mais uma desapareceu. Para mim, está parecendo coisa de Serial Killer. Vá até lá e faça a matéria. Rápido. Esteja lá amanhã pela manhã.

Nem pensar.

- Há histórias de terror por aqui, Curry.

- Pois é, e também há três concorrentes com o dobro de recursos e de pessoal. – Ele passou a mão nos cabelos, que caíam como fiapos. – Estou farto de sempre ficar para trás nas notícias. Esta é a nossa chance de dar um furo. Dos grandes.

Curry acredita que, com a matéria certa, passaríamos da noite para o dia a ser o jornal mais popular de Chicago e ganharíamos a credibilidade no país inteiro. Ano passado, um outro jornal, não o nosso, enviou um repórter a sua cidade natal em algum lugar do Texas depois que um grupo de adolescentes se afogou nos alagamentos da primavera. Ele escreveu uma matéria lamuriosa, porém bem fundamentada, falando da natureza da água e do arrependimento. Cobriu tudo, desde o time infantil de basquete, que perdera seus três melhores atletas, te o serviço funerário do local, desesperadamente incompetente para limpar corpos afogados. A matéria ganhou um Pulitzer.

Ainda assim, eu não queria ir. Tanto era assim que eu parecia agarrar com força os braços da cadeira, como se Curry pudesse tentar me tirar a força. Ele sentou-se e me encarou por alguns instantes com seus olhos castanhos claros cheios d'água. Então pigarreou, olhou para a fotografia de sua esposa e sorriu como se fosse um médico prestes a dar más notícias. Curry adorava bancar o durão. Corresponhia a sua imagem de editor da velha guarda. Ma também era uma das pessoas mais decentes que já conheci.

- Veja bem filha. Se não puder ir, não tem jeito. Mas creio que talvez lhe faça bem. Talvez ajude a descarregar algumas coisas. Para você se recuperar. É uma história boa a beça. Precisamos dela. Você precisa dela.

Curry sempre confiara em mim. Achava que eu seria sua melhor repórter e dizia que eu tinha uma mente surpreendente. Em meus dois anos no emprego, vinha sempre deixando de corresponder às expectativas. Às vezes, de forma arrebatadora. Agora eu podia senti-lo do outro lado da mesa me implorando para que eu confiasse um pouquinho nele. Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, no que espero ter sido um gesto confiante.

- Vou fazer as malas. – Minhas mãos deixaram manchas de suor na cadeira.

Não precisava me preocupar com animais de estimação, e não tinha plantas para deixar com algum vizinho. Dentro de uma mala, guardei roupas suficientes para passar cinco dias. Meu modo particular de garantir que deixaria Wind Gap antes do fim da semana. Em minha última olhada pelo apartamento, uma coisa rapidamente tornou-se evidente. Parecia o apartamento de uma universitária: barato, temporário e, em grande parte, sem inspiração. Prometi a mim mesma que investiria em um sofá decente assim que voltasse, como recompensa pela fabulosa matéria que certamente conseguiria desenterrar.

Em uma mesa próxima à porta, uma foto minha quando pré-adolescente com Marian no colo, mais ou menos com sete anos. Nós duas estamos rindo. Os olhos dela estão arregalados de surpresa. Os meus, fechados e bem apertados. Estou espremendo-a junto Amim, com suas perninhas magras e curtas pendendo sobre meus joelhos. Não consigo me lembrar da ocasião ou do que estávamos rindo. Com o passar dos anos tornou-se um mistério agradável. Acho que gosto de não saber.

Meus banhos são de banheira, não de chuveiro. Não consigo aguentar os jatos d'água. Deixam minha pele elétrica como se alguém houvesse

ligado um interruptor. Abri uma fina toalha do motel sobre a cobertura do chão do box, e aponte o chuveiro para a parede. Sentei-me nos sete centímetros d'água que se empoçavam, e vi que boiavam os pelos pubianos de outra pessoa.

Saí. Aquela era a única toalha que havia, então, corri para acama, e me enrolei no barato edredom do motel. Depois, bebi uísque quente e xinguei a máquina de fazer gelo.

Wind Gap fica cerca de onze horas ao sul de Chicago. Curry, bastante benevolente, permitira-me uma quantia para uma noite em um motel, e o café da manhã, caso eu comesse em um posto de gasolina. Porém, quando chegasse à cidade, ficaria na casa da minha mãe. Ele decidiu isso por mim. Eu já sabia como ela reagiria quando eu reaparecesse à sua porta. Uma rápida agitação nervosa de surpresa, a mão nos cabelos e um abraço toro que me deixaria levemente curvada para um dos lados. Falaria da casa bagunçada, o que de fato não estaria e perguntaria quanto tempo eu iria ficar, mas com muita sutileza.

“Por quanto tempo teremos a honra de tê-la aqui entre nós, doçura?” ela perguntaria. Isso significava: “Quando você vai embora?”

O que me deixa mais irritada é a cortesia.

Sabia que deveria preparar anotações e rascunhar perguntas. Em vez disso, bebi mais uísque, tomei uns comprimidos e apaguei a luz. Embalada pelo gorgolejo do refrigerador de ar e pelo som do videogame do vizinho, adormeci. Estava a apenas cinquenta quilômetros de minha cidade natal, mas precisava de uma última noite longe dela.

Pela manhã comi um velho donut de geleia, e segui para o sul. A temperatura subia vertiginosamente, e a suntuosa floresta erguia-se imponente de ambos os lados. Esta área do Missouri é de uma uniformidade que chega a ser agourenta: quilômetros de árvores nada majestosas, cortadas apenas pela estreita faixa da estrada em que eu estava. O mesmo cenário se repetia a cada dois minutos.

Não é possível avistar Wind Gap de longe. Seu edifício mais alto tem somente três andares. Contudo, depois de passar vinte minutos dirigindo, sabia que a cidade estava próxima. Primeiro surgiu um posto de gasolina e, sentado a sua frente, um grupo esparsos de adolescentes sem camisa e entediados. Próxima a uma velha picape, uma criança de fralda enchia a mão de cascalho e o atirava ao ar enquanto a mãe abastecia o tanque. Seus cabelos eram tingidos de dourado, porém as raízes castanhas chegavam-lhe quase às orelhas. Enquanto eu passava, ela gritou alguma coisa para os meninos que eu não conseguia decifrar. Logo a floresta começava a diminuir. Passei por um projeto de Shopping horizontal, com camas de bronzamento artificial, uma loja de armas e outra de tecidos. Depois, um solitário cul-de-sac de casas antigas, projetadas para fazer parte de um plano maior que nunca chegou a acontecer. E enfim, a cidade em si.

Sem motivo especial, prendi a respiração ao passar pela placa que me dava as boas vindas a Wind Gap, da mesma maneira que as crianças fazem quando passam por cemitérios. Já havia oito anos desde minha última visita à cidade, mas o panorama era visceral. Se continuasse a descer aquela rua, encontraria a casa de minha professora de piano do primário, uma ex freira cujo hálito cheirava a ovo. Também chegaria a um parquinho, onde fumei meu primeiro cigarro em um dia de verão insuportavelmente quente. Era só pegar aquele bulevar e estaria a caminho de Woodberry e do hospital.

Resolvi ir direto à delegacia, que ficava em um dos extremos da avenida central – era, fiel ao termo, a avenida central de Wind Gap, onde há um sala de beleza, uma loja de ferragens, uma loja de noventa e nove centavos chamada 0,99 e uma biblioteca cujos livros ocupam doze prateleiras. Há uma loja de roupas chamada Cand’s Casuals, e nela um visitante pode comprar blusas de tricô, malhas com gola olímpica e suéteres com estampa de patos e de prédios escolares. A maior parte das mulheres comportadas de Wind Gap é formada por professoras, mães, ou trabalham em estabelecimentos como o Cand’s Casuals. Dentro de alguns anos será possível encontrar uma dessas grandes redes de fast-food, o que trará à cidade o que ela anseia: a modernidade pré-empacotada e pré-aprovada do mainstream. No entanto, por ora, há apenas um pé-sujo comandado por uma família de cujo nome não consigo me lembrar.

A avenida central estava vazia. Nenhum carro. Ninguém.

Um cão trotava pela calçada sem dono a chamá-lo. Todos os postes continham fitas amarelas e fotocópias granuladas de uma garotinha. Estacionei e peguei uma das folhas, colada sem cuidado algum a uma placa de “pare”, mais ou menos a altura de uma criança. O cartaz era bastante amador. “Desaparecida” escrita na parte de cima em letras grossas e que devem ter sido preenchidas com caneta hidrocor. A fotografia mostrava uma menina de olhos escuros com um largo sorriso feroz, e cabelos demais para a cabeça. Era bem o tipo de menininha que seria lembrada pelas professoras como aquela “que dá trabalho”. Gostei dela.

Natalie Jane Keene

Idade: 10

Desaparecida desde 11/05

Vista pela última vez no parque Jacob. J. Garrett, trajando um short jeans azul e uma camiseta de listras vermelhas.

Pistas: 555-7377

Tinha a esperança de entrar na delegacia e receber a informação de que Natalie Jane já havia sido encontrada. Não havia sido nada demais. Teria se perdido, torcido o tornozelo na mata, ou fugido e mudado de ideia. Entraria no carro e voltaria para Chicago sem precisar falar com ninguém.

Depois fiquei sabendo que as ruas estavam desertas porque metade da cidade havia saído à procura dela para o norte da floresta. A recepcionista da delegacia me disse que eu poderia esperar. Logo o xerife Bill Vickery voltaria para almoçar. A sala de espera tinha aquela agradável e falsa sensação acolhedora de um consultório de dentista. Sentei-me em uma poltrona laranja e folhee as páginas de um livro instrutivo. Um renovador de ar em uma tomada próxima exalava um odor artificial cuja intenção era me fazer recordar as brisas do campo. Depois de meia hora, já havia folheado três revistas e começava a ficar enjoada com aquele cheiro. Quando Vickery enfim chegou, a recepcionista apontou-me com a cabeça e cochichou com um desdém impaciente.

- Imprensa.

Vickery, um sujeito elegante de cinquenta e poucos anos, já estava com o uniforme todo manchado de suor. Sua blusa grudava-se ao peito e a parte de trás das calça franzia-se onde deveria haver nádegas.

- Imprensa? – Olhou para mim sob os óculos bifocais. – Que imprensa?

- Xerife Vickery meu nome é Camille Preaker. Sou do Daily Post, de Chicago.

- Chicago? Por que saiu de Chicago pára vir até aqui?

- Queria conversar com o senhor a respeito das meninas. Natalie Keene e a outra que foi assassinada ano passado.

- Minha mãe do céu! Como vocês de lá ficaram sabendo de tudo isso? Mãe do céu!

Ele olhou para a recepcionista e voltou a olhar para mim, como se nós duas estivéssemos trabalhando em conjunto. Então, fez um sinal para que eu o seguisse.

- Não transfira se alguém ligar me procurando, Ruth.

A recepcionista fez círculo com os olhos.

Bill Vickery foi andando à minha frente, descendo um corredor de painéis de madeira repletos de fotografias de trutas e cavalos com molduras baratas. Então entrou em sua sala sem janelas. Aquilo era, para ser sincera, um minúsculo quadrado repleto de arquivos metálicos. Ele sentou-se, acendeu um cigarro e não me ofereceu.

- Não quero que isso ganhe o mundo senhorita. Não tenho intenção alguma de deixar que isso ganhe o mundo.

- Receio, xerife Vickery, que já não haja muitas opções quanto a isso. Crianças estão sendo vitimadas. O público deve ficar ciente. – Foi o que ensaiei para dizer enquanto dirigia lá. Direciona a culpa para os deuses.

- Por que isso importa à vocês? Não são as crianças de vocês, são as crianças de Wind Gap. – Ele levantou-se, tornou a sentar-se e rearrumou alguns papéis. – Aposto que posso dizer, sem medo de errar, que Chicago nunca se importou com as crianças de Wind Gap, - Sua voz falhou ao final. Vickery deu uma tragada no cigarro, torceu o grosso anel dourado em seu dedo minúsculo e piscou repetidas vezes, rapidamente. De repente fiquei preocupada que ele fosse chorar.

- Tem razão. É bem provável que não tenhamos mesmo. Mas não vim aqui pra fazer uma matéria que tire partido do que está acontecendo. É importante. Se isso faz com que o senhor se sinta ao menos um pouquinho melhor, eu sou de Wind Gap. – Pronto, Curry. Estou tentando.

Ele voltou a olhar para mim. Fitou-me o rosto.

- Como se chama?

- Camille Preaker.

- Como é que não a conheço?

- Nunca me meti em encrenca senhor.- E ofereci um ligeiro sorriso.

- Sua família se chama Preaker?

- Mamãe se casou e perdeu o sobrenome de solteira há cerca de vinte e cinco anos. Adora e Alan Crellin.

- Ah, eles eu conheço. – Todo mundo os conhecia. Dinheiro não era uma coisa muito comum em Wind Gap. Dinheiro de verdade, não. – Mas ainda assim não a quero aqui, Srta Preaker. Se fizer esta matéria, daqui para frente seremos conhecidos apenas ...por isso.

- Talvez um pouco de notoriedade possa ajudar. – Ofereci. – Já ajudou em outras ocasiões.

Vickery permaneceu ali sentado por um segundo, fitando o saco de papel amassado que trazia seu almoço, ao canto da mesa. Cheirava a salsicha defumada. Ele murmurou alguma besteira em relação a Jon Benet.

- Não, obrigado, Srta Preaker. E não farei declaração alguma a respeito de qualquer investigação em andamento. Pode escrever que eu disse isso.

- Veja bem, tenho direito de estar aqui. Vamos facilitar as coisas. Dê-me alguma informação. Alguma coisa. Daí eu deixo o senhor em paz por um tempo. Não quero complicar o serviço do senhor mais do que ele já é, mas preciso fazer o meu. – Outra das desculpas que criei em algum lugar próximo à St. Louis.

Deixei a delegacia com um fotocópia do mapa de Wind Gap na qual o xerife Vickery desenhara um pequeno “X” para designar onde encontrara o corpo da garotinha assassinada ano passado.

Ann Nash, de nove anos, foi encontrada em 27 de agosto em Falls Creek, um córrego ruidoso e repleto de pedras que cortava as matas do norte. Desde o cair da noite do dia 26, quando deram conta de seu sumiço, um grupo de busca foi passar um pente-fino na floresta, mas quem acabou

encontrando-a foram caçadores logo após as cinco da manhã. Ela fora estrangulada aproximadamente à meia noite, com uma corda das mais comuns, envolta duas vezes ao redor de seu pescoço. Depois, fora atirada no córrego, cujo nível d'água estava baixo devido à longa seca provocada pelo verão. A corda ficara presa por uma rocha pesada, e ela passou a noite boiando na fraca correnteza. O enterro foi em caixão fechado. Vickery não me disse nada, além disso. Para tirar isso tudo dele precisei de uma hora de perguntas.

Usando o telefone público da biblioteca, disquei o número que estava no cartaz de “procura-se”. Uma voz de senhora identificou-se como “telefone para informações a respeito de Natalie Keene”, mas lá no fundo era possível ouvir o ruído da lava-louça. A mulher me informou que até onde ela sabia, as buscas prosseguiam nas matas do norte. Quem quisesse ajudar deveria apresentar-se à estrada principal de acesso e levar sua própria água. Esperava-se que a temperatura batesse recorde.

No local das buscas, quatro loirinhas permaneciam obstinadamente sentadas em uma toalha de piquenique esticada ao sol. Elas apontaram na direção de uma das trilhas e me disseram para andar até encontrar o grupo.

- O que veio fazer aqui? – perguntou a mais bonita delas. O resplendor de seu rosto tinha o vigor de uma menina que acabara de entrar na adolescência, e seus cabelos eram divididos em mechas, mas seus seios, que ela projetava orgulhosamente, eram de uma mulher já crescida. Uma mulher já crescida de muita sorte. Ela abriu um sorriso, como se me conhecesse, mas era impossível, já que não devia passar de uma criança na última vez que estive em Wind Gap. Mas, mesmo assim, pareceu-me familiar. Talvez fosse filha de uma de minhas colegas da escola. A idade

casaria com exatidão caso alguém tivesse engravidado logo após de se formar. Não era improvável.

- Vim ajudar. – Falei.

- Está bem. – Ela abriu um sorriso e me descartou, transferindo todo seu interesse para a remoção do esmalte das unhas do pé.

Deixei de esmagar o quebradiço cascalho quente e fui para dentro da floresta, onde estava mais calor ainda. O ar parecia com o de uma selva, de tão quente que estava. Arbustos de solidago e sumagre roçavam-me os tornozelos, e sementes de brancos e felpudos choupos-do-canadá flutuavam por todo o lugar, entrando em minha boca, grudando-se em meus braços. Na minha infância, os chamávamos de “vestidos de fadas”. Lembrei-me subitamente.

À distância ecoavam os gritos que chamavam Natalie. As três sílabas de seu nome aumentavam e diminuía como em uma música. Mais dez minutos de caminhada em um bom ritmo, e os avistei: cerca de quatro dúzias de pessoas andando em filas compridas e afastando as folhagens à frente com gravetos.

- Olá! Alguma novidade?- perguntei a um sujeito com barriga de chope que estava próximo a mim. Deixei a trilha e atravessei com dificuldade pelo meio das árvores até chegar a ele. – Posso ajudar de alguma maneira? – Ainda não me sentia pronta para retirar meu bloquinho de notas.

- Pode andar aqui ao meu lado. – ele respondeu. – É sempre bom contarmos com mais gente. menos chão para percorrer. – Passamos alguns

minutos andando em silêncio. De vez em quando meu parceiro parava para desobstruir a garganta com uma tosse firme e carregada.

- Às vezes acho que seria melhor se desmatássemos logo isto aqui – disse ele, abruptamente. – Parece que nunca, nada de bom acontece aqui. É amiga dos keene?

- Para falar a verdade, sou jornalista. Trabalho no Daily Post, de Chicago.

- Hum...vejam só! Está escrevendo sobre isto?

Um repentino grito de dor precipitou-se em meio às árvores. Um grito de menina.

- Natalie! – Minhas mãos começaram a suar enquanto corríamos na direção do grito. Eu via silhuetas vindo, aos tropeções, em nossa direção. Uma adolescente de cabelos quase brancos de tão loiros nos ultrapassou pela trilha. Seu rosto estava vermelho e perturbado. Ela cambaleava como uma bêbada desvairada, urrando o nome de Natalie aos céus. Um homem mais velho, provavelmente seu pai, a alcançou, envolveu-a em seus braços, e começou a levá-la para fora da floresta.

- Encontraram-na? – meu amigo perguntou.

Todos agitaram a cabeça, negando.

- Acho que ela apenas se apavorou. – disse um outro homem que estava lá atrás, - Foi demais para ela. Isto aqui não é lugar para mulheres, de qualquer forma. Não do jeito que as coisas estão. – Ele me lançou um olhar

penetrante, tirou o boné para secar a fronte, e voltou a examinar cuidadosamente a grama.

- Que trabalho triste...- disse meu parceiro. – Que hora triste...- Íamos em frente, bem devagar. Chutei uma lata de cerveja enferrujada que estava no meio do caminho. E mais uma. Um único pássaro passou voando ao nível de nossos olhos, e subiu direto para a copa das árvores. De repente, um gafanhoto pousou em meu pulso. Que magia de arrepiar...

- O senhor se importaria se eu perguntasse o que pensa de tudo isso? – tirei meu bloquinho de notas do bolso, agitando-o.

- Não sei se posso dizer alguma coisa.

- Dê apenas a sua opinião. Duas meninas em uma cidadezinha...

- Ora, ninguém sabe se os crimes têm ligação, não é mesmo? A não ser que saiba de alguma coisa que não sei. Até onde sabemos, Natalie aparecerá são e salva. Ainda nem se passaram dois dias...

- Alguma teoria a respeito de Ann? – perguntei.

- Deve ser coisa de algum doido, algum lunático...um sujeito qualquer está passando pela cidade, esquece de tomar o remédio, escuta vozes falando com ele...Alguma coisa desse tipo.

- Por que acha isso?

Ele parou, puxou um pacote de tabaco do bolso de trás, afundou uma boa quantidade entre o lábio e a gengiva, e trabalhou-o até conseguir o

primeiro corte, por menor que fosse, para fazer entrar o tabaco. O contorno de minha boca começou a tremer por solidariedade.

- Por que outra razão alguém arrancaria os dentes de uma menina morta?

- Ele arrancou-lhe os dentes?

- Todos, com exceção da parte de trás de um molar de leite.

Depois de mais uma hora sem muito resultado e nenhuma informação nova, abandonei meu parceiro, Ronald Kamens (“por favor, escreva também minha inicial do meio: J”), e rumei para o sul pela trilha, na direção de onde o corpo de Ann fora encontrado ano passado. Demorou uns quinze minutos para que o som do nome de Natalie fosse desaparecendo aos poucos. Mais dez minutos e já dava para ouvir o esplendoroso brado das águas de Falls Creek.

Seria difícil carregar uma criança pelo meio dessa mata. O caminho é todo entrecortado por galhos e folhas, e as raízes das árvores fazem do chão um terreno bastante acidentado. Se Ann era uma autêntica menina de Wind Gap, uma cidade que exigia feminilidade extrema de seu sexo frágil, seus cabelos seriam bem cumpridos e lhe desceriam pelas costas. Teriam se enroscado nos galhos ao longo do caminho. Sempre que eu via uma teia de aranha achava serem fios de cabelos refletindo a luz.

A grama ainda estava rente ao chão no local onde encontraram o corpo, já que fora toda remexida à procura de pistas. Guimbas recentes de cigarro deixadas para trás por curiosos desocupados espalhavam-se pelo

chão. Crianças entediadas assustavam umas às outras dizendo que viam um louco carregando dentes ensanguentados.

No córrego, uma fileira de pedras agarrou a corda que estava ao redor do pescoço de Ann, deixando-a presa e boiando na correnteza como uma condenada por metade de uma noite. Agora, apenas a calmaria da água correndo sobre a areia. O Sr. Ronald J. Kamens mostrou-se orgulhoso quando me disse que o povo da cidade arrancou as pedras, colocou-as no bagageiro de uma picape, e as destruiu após saírem poucos metros da cidade. Um gesto comovente de fé, como se tal destruição pudesse repelir malfeitorias futuras. Parece que não deu certo.

Sentei-me à margem do córrego, passando as palmas das mãos sobre o solo rochoso. Peguei uma pedra lisa e quente, e pressionei-a contra meu rosto. Fiquei me perguntando se Ann já havia estado ali antes de morrer. Talvez a nova geração de crianças de Wind Gap houvesse encontrado maneiras mais interessantes de passar seus verões. Na minha infância nadávamos até um ponto logo na descida da corrente, onde rochas imensas formavam piscinas rasas. Camarões de água doce deslizavam ao redor de nossos pés e nós pulávamos, tentando capturá-los, e gritávamos se chegássemos a tocar em algum. Ninguém vestia roupas de banho. Era planejamento demais. Simplesmente voltávamos para casa de bicicleta, com os shorts e os corpetes ensopados, sacudindo a cabeça como um cão encharcado.

De vez em quando passavam meninos mais velhos, equipados com espingardas e cervejas roubadas. Iam atirar em esquilos voadores ou em lebres. Pedacos ensanguentados de carne pendiam de seus cintos. Aqueles garotos, prepotentes, irritados, fedendo a suor e agressivamente abstraídos

de nossa existência, sempre me instigaram. Hoje em dia já sei que há várias espécies de caça. O caçador cavalheiro, com a imagem de Teddy Roosevelt e de animais de grande porte, que chega em casa depois de um dia na mata e toma um revigorante gim com água tônica, não é a imagem com a qual me acostumei. Os garotos que eu conhecia, que começavam jovens, caçavam por prazer. O desejo era ver aquele espasmo fatal de um animal que acabara de levar um tiro. Num momento ele tentava escapar rapidamente. No outro, já estava deitado de lado, atingido pelas balas.

Quando ainda estudava no primário, talvez aos doze, acabei entrando no galpão de caça de um dos vizinhos. Um barraco de tábuas de madeira onde os animais tinham sua pele removida, para depois serem estripados. Tiras de uma úmida carne cor de rosa pendiam de cordas, esperando para serem transformadas em carne seca. O chão de terra era avermelhado por causa do sangue. As paredes cobertas de fotografias de mulheres nuas. Algumas delas arreganhavam-se bastante. Outras estavam sendo seguradas e penetradas. Uma outra estava amarrada e seus olhos brilhavam. Seus seios, de tão esticados, exibiam veias enquanto um homem a tomava por trás. Eu era capaz de sentir o cheiro de todos eles naquele ar denso e ensanguentado.

Naquela noite, em casa, escorreguei um dedo para dentro da calcinha e me masturbei pela primeira vez, ofegante e com náuseas.



Capítulo 2

Happy Hour. Desisti da busca e parei no Footh's, o discreto bar country da cidade, antes de ir até o número 1665 da Rua Grove, lar de Betsy e Robert Nash, pais de Ashleigh, de doze anos; Tiffanie, onze; da falecida Ann, eternamente com nove anos; e de Bobby Jr., seis.

Três meninas até, enfim, um filho homem. Conforme bebia meu uísque e comia amendoins despedaçados, ponderava a respeito do crescente desespero que os Nash devia sentir a cada vez que saía uma criança sem pênis. Houve a primeira, Ashleigh. Não foi um garoto, mas era doce e saudável. Eles sempre quiseram dois de qualquer maneira... Ashleigh ganhou um nome bonito, de grafia extravagante, e um armário repleto de vestidos bordados. Eles cruzaram os dedos e tentaram de novo, mas mesmo assim tiveram Tiffanie. Naquele momento eles ficaram nervosos. As boas-vindas da criança a casa foram menos triunfantes. Quando a Sra. Nash engravidou pela terceira vez, seu marido comprou uma pequenina luva de beisebol para dar ao calombo da barriga dela um empurrãozinho na direção certa. Imagine o justificado desalento quando Ann chegou... Ela acabou recebendo um nome qualquer da família, que nem sequer ganhou um "e" no final para ornamentá-lo um pouquinho.

Graças a Deus, Bobby chegou três anos após a decepção que Ann trouxera. Será que sua concepção foi acidental ou uma briosa última tentativa? A Bobby foi dado o nome de seu pai e muito amor, e as meninas logo perceberam o quanto eram insignificantes. Sobretudo Ann. Ninguém precisa de uma terceira filha. Mas agora, ela recebia alguma atenção...

Tomei meu segundo uísque em um único e suave gole, soltei os ombros, dei rápidos tapinhas nas bochechas, entrei em meu grande Buick azul, desejando tomar um terceiro drinque. Não sou daquelas repórteres que têm predileção por fuxicar a privacidade dos outros. É provavelmente por isso que sou uma jornalista do segundo escalão. Uma delas, pelo menos.

Ainda me lembrava de como fazer para chegar à Rua Grove. Ficava dois quarteirões atrás da minha escola, que recebia todas as crianças em um raio de 112 quilômetros. A escola de segundo grau Millard Calhoon foi fundada em 1930. O último suspiro de Wind Gap antes de afundar na Depressão. O primeiro prefeito da cidade foi um herói da Guerra Civil. Embora pertencesse ao grupo dos Confederados, isso não fazia diferença - não deixava de ser herói por causa disso. O Sr. Calhoon fez parte de toda uma tropa de ianques no primeiro ano da Guerra Civil, em Lexington, e salvou aquela cidadezinha do Missouri praticamente sozinho (ou pelo menos é o que diz a placa ornamental que fica à entrada da escola). Ele disparava por entre as fazendas como um raio, passando por casas com cercas estacadas, alertando educadamente as delicadas moças para que saíssem da frente e não se machucassem com as ações dos ianques. Vá hoje em dia até Lexington e peça para ir à Casa Calhoon, um belo exemplo da arquitetura do período, e ainda será capaz de ver as balas setentrionais em seu assoalho. Presume-se que as balas meridionais do Sr. Calhoon tenham sido enterradas com os homens que mataram.

Calhoon morreu em 1929, quando se aproximava de seu aniversário de cem anos. Encontrava-se sentado em um mirante que já não existe mais, na praça da cidade que fora pavimentada com festejos e até uma grande orquestra de instrumentos de metal, quando subitamente encostou-se em sua esposa de 52 anos de idade e disse:

- Está tudo alto demais. - Então, teve um ataque fulminante do coração e tombou para frente na cadeira, manchando afarda da Guerra Civil nos bolinhos para chá que foram decorados com estrelas e listras apenas para ele.

Tenho uma predileção especial por Calhoon. Às vezes, tudo está mesmo alto demais.

A casa dos Nash era bem como eu esperava, um exemplo do fim dos anos 70 da América genérica, como todas as casas da zona oeste da cidade. Uma daquelas casas de rancho bastante acolhedoras cujo ponto central era uma garagem. Conforme eu subia a rua, um menino loiro e todo sujo estava sentado à entrada da garagem em um triciclo daqueles com uma roda imensa à frente. Pequeno demais para ele, fazia com que grunhisse de tanto esforço empregado para pedalá-lo. As rodinhas não faziam mais do que girar sem sair do lugar sob o peso do garoto.

Quer um empurrãozinho? - perguntei enquanto saía do carro. Como regra, não sou muito boa com crianças, mas pareceu-me que uma tentativa não faria mal. Ele passou um tempo olhando para mim em silêncio, e enfiou o dedo na boca. A blusinha que usava subiu, e a barriguinha arredondada pulou para fora a fim de me receber. A aparência de Bobby Jr. era a de um garoto burro e amedrontado. Um filho para os Nash, mas um garoto deprimente.

Dei um passo em sua direção. Ele pulou do triciclo, que permaneceu grudado a seu corpo por alguns passos de tão pequeno que era, e então caiu ruidosamente para o lado.

- Papai! - Ele saiu gritando e choramingando na direção da casa como se eu lhe tivesse dado um beliscão.

Quando cheguei à porta da frente, surgiu um homem. Meus olhos atentaram para o que estava atrás dele, a miniatura de uma fonte que gorgolejava no corredor. Ela possuía três fileiras em forma de concha, com a estátua de um garotinho empoleirada em cima. Até do outro lado da porta de tela dava para sentir o cheiro de água velha.

- O que posso fazer por você?

- O senhor é Robert Nash?

Subitamente, sua expressão foi de prudência. Deve ter sido a primeira coisa que a polícia lhe perguntou ao dar a notícia da morte de sua filha.

- Meu nome é Bob Nash.

Lamento incomodá-lo em casa. Meu nome é Camille Preaker. Sou de Wind Gap.

-Hum.

- Mas agora trabalho para o Daily Post, de Chicago. Estamos fazendo a cobertura da matéria... Viemos por causa dos homicídios de Natalie Keene e de sua filha.

Preparei-me para gritos, batidas de porta, xingamentos, um soco... Bob Nash guardou as mãos no fundo dos bolsos da frente e inclinou-se para trás sobre os saltos dos sapatos.

- Podemos conversar no quarto.

Ele abriu a porta segurando-a para que eu passasse. Então comecei a desbravar cuidadosamente um caminho pela bagunça que estava a sala de estar daquela casa, repleta de cestos de roupas sujas com lençóis amarrotados e blusas pequeninas. Depois, passei por um banheiro com um rolo vazio de papel higiênico no chão como peça central e segui por um corredor pontuado por fotos amareladas cobertas com plastificações encardidas: meninas loirinhas amontoadas e cheias de cuidados ao redor de um recém-nascido; um jovem Nash com o braço envolvendo firmemente sua noiva e os dois segurando o cabo de uma faca de cortar bolo. Quando cheguei ao quarto - cortinas e roupas de cama combinavam-se; o guarda-roupas estava organizado... - percebi o porquê de Nash ter escolhido aquele cômodo para ser o local de nossa entrevista. Era o único cômodo da casa que apresentava um mínimo de civilização, como um posto avançado à saída de uma selva desesperadora.

Nash sentou-se a uma ponta da cama e eu, à outra. O quarto não tinha cadeiras. Não fosse pelo fato de cada um estar com seu copo de refresco de cereja, que ele havia preparado, pareceríamos até artistas contratados para fazer um filme pornô caseiro.

Nash era um homem bem arrumado: bigode devidamente aparado, cabelos loiros, já rareando, arrumados com gel, e uma reluzente blusa pólo verde presa dentro da calça jeans. Presumi que era ele quem mantinha a ordem daquele cômodo. O local que passava uma noção de organização

sem muito enfeite, bem típica de um solteirão que emprega bastante esforço naquilo.

Ele não precisou de preliminares para a entrevista, e me senti grata. É como tentar usar conversa mole com uma namorada quando os dois já sabem que vão acabar indo para a cama.

- Ann passou o último verão passeando de bicicleta. — Ele logo começou, sem que eu precisasse incitar. - Durante todo o verão, ela ficou dando voltas e voltas no quarteirão. Minha esposa e eu não deixávamos que saísse desse limite, ela tinha só nove anos. Somos pais bastante protetores. Só que pouco antes de morrer, prestes a começar na escola, Ann vinha reclamando, então minha esposa permitiu que fosse até a casa de Emily, uma amiguinha. Não chegou a ir até lá. Só fomos perceber depois das oito horas.

- Que horas eram quando ela saiu?

- Cerca de sete. Em algum ponto no meio do caminho, naqueles dez quarteirões, eles pegaram-na. Minha nunca conseguirá se perdoar. Nunca.

- Como assim, eles pegaram-na?

- Eles, ele, tanto faz. Esse cretino. Esse doente assassino de crianças. Enquanto minha família e eu dormimos, enquanto você dirige por aí e faz sua matéria, tem alguém por aí procurando crianças para matar. Porque nós dois sabemos que a menina dos Keene não está só desaparecida.

Ele terminou de beber o resto de seu refresco em um só gole, e depois limpou a boca. As declarações seriam boas se fossem bastante trabalhadas. Isso acontece com frequência, e em proporção direta à quantidade de tempo

que a pessoa gasta assistindo à televisão. Não faz muito tempo, entrevistei uma mulher cuja filha de 22 anos havia acabado de ser assassinada pelo namorado, e ela me disse uma frase tirada diretamente de uma série jurídica dramática que, por acaso, eu assisti na noite anterior: Gostaria de dizer que sinto pena dele, mas agora receio que nunca mais volte a sentir pena de uma pessoa.

- Mas Sr. Nash, não tem ideia de ninguém que possa querer causar sofrimento ao senhor ou à sua família matando Ann?

- Senhorita, sou vendedor de cadeiras. Ganho a vida vendendo cadeiras ergonômicas pelo telefone. Meu local de trabalho é um escritório que fica em Hayti, e trabalho com outros dois sujeitos. Nunca conheço gente nova. Minha esposa trabalha em meio período na administração da escola elementar. Não é uma história dramática. Alguém simplesmente resolveu matar nossa garotinha. - Ele falou esse trecho final meio importunado, como se houvesse aderido à ideia.

Bob Nash caminhou até a porta de correr de vidro que ficava na lateral do quarto. Ela levava a uma pequenina saleta. Ele abriu-a, mas não saiu.

- Deve ter sido coisa de bicha - disse. O termo usado até que foi um eufemismo por estas áreas.

- Por que acha isso?

- Ele não a violentou. Todo mundo diz que isso não é normal em um homicídio como esse. Para mim, foi a única bênção que tivemos. Acho melhor que a tenha matado do que se tivesse violentado.

- Não houve sinal algum de violência sexual? — perguntei, murmurando, no que esperei que parecesse um jeito simpático.

- Não. E não havia nenhuma marca roxa, cortes, nenhum sinal de qualquer espécie de... tortura. Foi um mero estrangulamento. E arrancou-lhe os dentes. E não falei sério quando disse antes que seria melhor matá-la do que violentá-la. Foi muita burrice dizer isso. Mas você entende o que eu quis dizer.

Não repliquei, deixei meu gravador rodando, e fiquei recuperando o fôlego. O tinir do gelo de Nash, os ruídos surdos de uma partida de voleibol acontecendo na casa ao lado, aproveitando o finalzinho da luz do dia.

- Papai? - Uma linda loirinha, com os cabelos em um rabo-de-cavalo até a cintura, observava pela fresta da porta do quarto.

- Agora não, meu amor.

- Estou com fome.

- Pode aprontar alguma coisa - disse Nash. — Deixei panquecas no congelador. Faça com que Bobby coma também.

Ela demorou-se ali por mais alguns segundos, olhando para o carpete à sua frente, e então, em silêncio, fechou a porta. Onde será que estaria a mãe deles?

- O senhor estava em casa quando Ann saiu pela última vez?

Ele agitou a cabeça para os lados, olhando para mim, e sugou os próprios dentes.

- Não, estava vindo para casa vindo de Hayti. Leva uma hora de carro. Não fui eu que machuquei minha filha.

- Não quis dizer isso. - Era mentira minha. - Estava só me perguntando se o senhor conseguiu vê-la naquela noite.

- Tinha visto de manhã - respondeu. - Não consigo me lembrar se conversamos ou não. Provavelmente não. Quatro crianças, de manhã, às vezes é um pouco demais, entende?

Nash girou seu gelo, agora derretido em uma massa sólida, e passou os dedos por baixo do bigode eriçado.

-Ninguém conseguiu ajudar muito até agora - disse, -Vickery anda muito prepotente. Tem um detetive importante que Kansas City mandou vir para cá. É um garoto, também prepotente. Fica contando os dias para poder ir embora. Quer ver uma fotografia de Ann? - Ele enrolou o erre naquela pronúncia bem típica do interior. Se eu não tomar cuidado, também faço a mesma coisa. Tirou da carteira uma foto escolar de uma garotinha com um sorriso largo e arqueado, e de cabelos castanho-claros cortados de forma desigual acima do queixo.

- Minha esposa queria encher os cabelos dela de bobes na noite anterior às fotos da escola. Em vez disso, Ann os cortou ela mesma. Era bastante teimosa. Um homenzinho. Fico até surpreso que tenham levado logo ela. Ashleigh sempre foi amais bonita. Para quem todos olham. - Ele olhou a foto mais uma vez. - Ann deve ter infernizado lhe a vida.

Quando fui embora, Nash me deu o endereço da amiga que Ann iria visitar na noite em que foi levada. Dirigi até lá devagar, passando por

alguns quarteirões perfeitamente quadrados. A zona oeste era a área mais moderna da cidade. Dava para perceber porque a grama tinha um verde mais claro, plantada em metros quadrados pré-pagos há apenas trinta verões. Não era como aquela coisa escura, dura e espinhosa que crescia à frente da casa de mamãe. Aquela grama assoviava melhor. Era possível cortar uma ao meio, assoprá-la, e então saía um som parecido com um chilreio até que os lábios da pessoa comesçassem a coçar.

Ann Nash teria levado apenas cinco minutos para ir pedalando até a casa da amiguinha. Adicione mais dez caso ela tenha resolvido ir por um caminho maior e esticar as canelas na primeira oportunidade de usar de verdade sua bicicleta naquele verão. Com nove anos, a criança já está velha demais para ficar pedalando em círculos em volta do mesmo quarteirão. O que aconteceu com a bicicleta?

Passei devagar pela casa de Emily Stone. Conforme o azul da noite escurecia, vi uma menininha passar correndo por uma janela iluminada. Aposto que os pais de Emily dizem aos amigos frases como: “Agora abraçamos nossa filha com um pouco mais de força todas as noites.” Aposto que Emily se pergunta onde Ann foi levada para morrer.

Eu me perguntava. Arrancar vinte-e-poucos dentes, independentemente do quanto sejam pequenos, independentemente do quanto a vítima esteja sem vida, é uma tarefa complicada. Teria que ser feito em um lugar especial, um lugar seguro, para que a pessoa pudesse, volta e meia, parar por alguns minutos para respirar.

Olhei para a foto de Ann. As pontas curvadas para dentro, como se quisessem protegê-la. Aquele corte desafiador e o sorriso largo me faziam recordar Natalie. Gostei dessa garota também. Guardei a foto dela em meu

porta-luvas. Então, levantei a manga da blusa e escrevi seu nome completo, Ann Marie Nash, com uma caneta esferográfica azul, na parte de dentro do braço.

Não cheguei à entrada da garagem de ninguém para retornar caso precisasse. Notei que a gente daqui já era reticente o bastante sem precisar de carros desconhecidos rodando pela vizinhança. Em vez disso, virei à esquerda no final do quarteirão, e peguei o caminho mais longo até a casa de minha mãe. Discuti comigo mesma se ligaria para ela antes, e resolvi não fazê-lo quando faltavam três quarteirões para chegar à casa. Já estava tarde demais para ligar, seria uma cortesia muito fingida. A partir do momento em que você atravessa a fronteira entre dois estados, não liga mais para perguntar se pode fazer uma visita.

A enorme casa de minha mãe fica no ponto mais ao sul de Wind Gap, a área abastada, caso seja possível considerar aproximadamente três quarteirões como uma área da cidade. Ela mora, como também já morei, em uma bem elaborada casa no estilo vitoriano, com uma plataforma de observação, uma varanda que envolve a casa inteira, um alpendre que se projeta em direção aos fundos da casa e uma pequena torre saindo pelo topo.

E repleta de cubículos e recantos, curiosamente tortuosa. Os vitorianos, sobretudo os do sul, precisam de bastante espaço para manter distância uns dos outros, esquivar-se de tuberculose e gripe, evitar a luxúria voraz e criar muros onde eles próprios possam esconder-se de emoções confusas. Espaço sobrando é sempre bom.

A casa fica bem no topo de uma colina bastante íngreme. Em primeira marcha, é possível subir a velha e quebradiça estrada até o ponto mais alto,

onde um alpendre para carruagens evita que os carros se molhem. Ou então pode-se estacionar ao pé da colina e subir os sessenta e três lances de escada até lá em cima segurando-se ao corrimão com a finura de um cigarro e localizado à esquerda. Quando criança, sempre subia as escadas a pé, e na hora de descer, corria pela estradinha. Presumi que o corrimão ficasse à esquerda de quem sobe porque sou canhota e alguém achou que eu fosse gostar daquilo. E estranho imaginar que um dia alimentei tais suposições.

Estacionei ao pé da colina para não parecer tão intrometida. Molhada de suor quando cheguei ao topo, levantei os cabelos, abanei a nuca e agitei a blusa algumas vezes. Manchas vulgares de suor nas axilas de minha blusa azul. Estava fedendo. Nas palavras de minha mãe, estaria “cheirando mal”.

Toquei a campainha, que fora um grito estridente quando eu era bem jovem, e agora estava reprimida e truncada, como o blim que se escuta em discos infantis quando chega a hora de trocar o lado. Eram 21:15h, tarde o bastante para que pudessem ter ido dormir.

- Quem é, por favor? - Era a voz aguda de minha mãe atrás da porta.

- Oi, mamãe. E a Camille. - Tentei manter a voz inalterada.

- Camille. - Ela abriu a porta e ficou ali parada. Não fez cara de surpresa e sequer me ofereceu um abraço, nem mesmo o abraço frouxo que eu estava esperando. - Algum problema?

- Não, mãe, problema algum. Vim para a cidade a trabalho.

- Trabalho. Trabalho? Minha Nossa! Lamento, querida. Venha, entre. Receio que a casa não esteja em condições de receber visitas.

A casa estava em perfeito estado, com dúzias de tulipas cortadas nos vasos do saguão de entrada. O ar chegava a incomodar tamanha quantidade de pólen, e meus olhos lacrimejavam. E claro que minha mãe não me perguntou que espécie de trabalho poderia me fazer parar lá. Era raro ela perguntar algo que tivesse intensidade. Ou era pela preocupação exagerada com a privacidade dos outros, ou ela simplesmente não se importava o bastante com muita coisa. Tente adivinhar qual das duas eu escolhi.

- Quer beber alguma coisa, Camille? Alan e eu estávamos bebendo licor de amêndoa. - Ela fez um gesto, exibindo o copo em sua mão. - Coloco só um pouquinho de refrigerante de limão para deixá-lo mais doce. Mas também tenho suco de manga, vinho, e chá doce, ou água gelada. Ou água com gás. Onde vai ficar?

- Engraçado a senhora perguntar isso. Queria passar um tempo aqui. Só alguns dias.

Uma pausa rápida. Suas unhas compridas, de um cor-de-rosa transparente, batiam em seu copo.

- Ora, tenho certeza de que não há problema. Seria melhor se tivesse ligado. Só para me deixar ciente. Teria lhe deixado o jantar preparado ou algo assim. Venha falar com Alan. Estamos na varanda de trás.

Ela começou a afastar-se de mim, descendo o corredor - salas de leitura, salas de visita e salas de estar brancas e iluminadas desabrochavam por todos os lados e eu a estudá-la. Não nos víamos há quase um ano. A cor de meu cabelo estava diferente, era vermelho e agora é castanho, mas fiquei com a impressão de que ela não percebeu. Ela estava exatamente igual, apesar de não ser muito mais velha do que eu agora, embora já esteja

chegando aos cinquenta. Pele pálida e luminosa, longos cabelos loiros, e olhos de um azul bem claro. Ela era como a boneca preferida de uma menina, do tipo com que nunca se brinca. Seu vestido era de algodão, comprido e cor-de-rosa, e calçava pequenos chinelos brancos. Mexia seu licor de amêndoa sem deixar pingar uma gota sequer.

- Alan, Camille está aí. - Ela sumiu ao entrar na cozinha dos fundos (menor que a outra da casa) e a escutei soltar o gelo de uma bandeja de metal.

-Quem?

Dei uma olhadela por detrás do canto, e ofereci um sorriso.

- Camille. Lamento aparecer assim, de surpresa.

Imagina-se que uma mulher linda como minha mãe tenha nascido para casar-se com um grande ex-astro do futebol americano. Pela aparência dela, combinaria perfeitamente com um bigodudo gigantesco e truncado. Alan era, se tanto, mais magro que ela. Suas maçãs do rosto eram tão salientes que os olhos transformavam-se em lascas de amêndoa. Quando o vi, minha vontade foi colocá-lo no soro. Ele sempre exagerava no traje, até mesmo para passar uma noite regada a drinques com minha mãe. Agora estava ali sentado. Suas pernas pontiagudas projetavam-se de um short branco estilo safári, com um suéter azul-bebê por cima de uma enrugada blusa social. Dele não pingava sequer uma gota de suor. Alan é o oposto da umidade.

- Camille. É um prazer. Um prazer dos grandes — murmurou em sua monótona fala arrastada. - Desceu tanto para vir a Wind Gap... Achei que

tivesse uma moratória contra qualquer coisa ao sul de Illinois.

- Na verdade, vim a trabalho.

- Trabalho. - Ele sorriu. Seria o mais próximo de uma pergunta a sair dele. Minha mãe ressurgia agora, com os cabelos presos por um arco azul-claro. Uma Wendy, do Peter Pan, já crescida. Ela apertou um copo gelado de um crepitante licor de amêndoa em minha mão, deu dois tapinhas em meu ombro, sentando-se afastada de mim, próxima a Alan.

- As tais meninas, Ann Nash e Natalie Keene... — dei a partida. - Estou fazendo a matéria para o meu jornal.

- Ah, Camille. - Mamãe me silenciou, olhando para o outro lado. Quando mamãe está ressentida, uma coisa bastante peculiar a denuncia: ela puxa os cílios. As vezes, consegue tirá-los. Durante alguns anos particularmente difíceis da minha infância, chegava a nem tê-los, e seus olhos eram de um cor-de-rosa constante e viscoso, vulneráveis como os de um coelho de laboratório. No inverno, vazavam filões de lágrimas sempre que ela saía de casa, o que não acontecia muito.

- E a minha obrigação.

- Meu Deus, que obrigação! - exclamou, com os dedos pairando próximos aos olhos. Então coçou a pele que ficava logo abaixo e deitou a mão sobre o colo. — Os pais delas já não estão enfrentando uma barra sem você ter que vir até aqui para registrar e divulgar para o mundo todo? "Wind Gap assassina suas crianças!" E o que quer que os outros pensem?

- Uma menininha foi assassinada e outra desapareceu. É minha obrigação fazer com que todos saibam, sim!

- Essas crianças eram conhecidas minhas, Camille. A barra que estou enfrentando já é bastante grande, como pode imaginar. Menininhas mortas... Quem faria uma coisa dessas?

Tomei um trago de meu drinque. Grânulos de açúcar prenderam-se à minha língua. Não estava preparada para conversar com minha mãe. Minha pele zunia.

- Não ficarei por muito tempo. De verdade.

Alan dobrou novamente os punhos do suéter e passou a mão no vinco do short para desenrugá-lo. Ele contribuía com nossa conversa, geralmente com ajustes: uma gola para dentro, uma perna cruzada...

- Não posso ficar ouvindo essas conversas — disse minha mãe. - Sobre crianças sofrendo. Não me diga nada a respeito do que esteja fazendo. Se descobrir alguma coisa, não me conte. Vou fingir que veio passar as férias de verão. - Ela passava a ponta do dedo pelo vime trançado da cadeira de Alan.

- Como Amma está? - perguntei para mudarmos de assunto.

- Amma? - Mamãe fez cara de susto como se, de repente, recordasse que deixara a filha em algum lugar qualquer. - Está bem. Está dormindo lá em cima. Por que pergunta?

Dava para saber, pelos passos que escutei subindo e descendo do segundo andar, indo do salão de jogos para a sala de costura, e para a janela do hall, de onde melhor se via a varanda de trás, que Amma certamente não estava dormindo, mas eu não a censuraria por me evitar.

- Estou apenas sendo educada, mãe. Nós lá do norte também somos assim. - Sorri para mostrar que era provocação, mas ela enterrou o rosto em seu drinque. Quando ele ressurgiu, estava cor-de-rosa e determinado.

- Fique quanto tempo quiser, Camille. De verdade — disse ela. - Mas terá de pegar leve com sua irmã. As meninas eram colegas da escola dela.

- Estou ansiosa para conhecê-la melhor - murmurei. — Lamento muito a perda que ela teve. - Não consegui resistir nas últimas palavras, mas mamãe não percebeu o toque mordaz.

- Ficará no quarto ao lado da sala de visita, que era seu antigamente. Tem uma banheira.

Comprarei frutas frescas e pasta de dente. E bife. Você come carne?

Quatro horas de um sono inquieto, como se tivesse me deitado em uma banheira e submergido até a metade das orelhas. Acordava assustada de vinte em vinte minutos, e meu coração batia tão forte que comecei a imaginar se não era o som de suas batidas que me despertava. Sonhei que estava fazendo as malas para sair em uma viagem, e então percebi que havia separado as roupas erradas. Suéteres para férias de verão... Sonhei que enviara a matéria errada para Curry antes de sair. Em vez da reportagem contando a história da infeliz Tammy Davis e suas quatro crianças trancafiadas, publicamos uma matéria ridícula sobre tratamento de pele.

Sonhei que mamãe fatiava uma maçã em cortes espessos e me dava para comer, vagarosa e carinhosamente, porque eu estava morrendo.

Logo que passou das 5 da manhã, enfim, joguei as cobertas para o outro lado. Lavei o nome de Ann de meu braço, mas de alguma maneira, entre o intervalo de me vestir, escovar os cabelos e salpicar um pouco de batom, escrevi “Natalie Keene” em seu lugar. Decidi deixá-lo ali, para dar sorte. Lá fora o sol ainda começava a surgir, mas o trinco da porta de meu carro já estava quente. Meu rosto estava dormente devido à falta de sono, e abri bastante os olhos e a boca - como uma daquelas mulheres especializadas em gritos de pânico em filmes B. O grupo de busca voltaria a reunir-se às 6 da manhã para seguir com os trabalhos na mata; eu queria tirar uma declaração de Vickery antes que o dia começasse. Ficar de tocaia do lado de fora da delegacia me pareceu uma boa aposta.

A avenida Central, a princípio, parecia vazia, mas quando saí do carro, vi duas pessoas a alguns quarteirões dali. Tal cena não fazia sentido algum. Uma mulher mais velha estava sentada no meio da calçada, com as pernas abertas, fitando a lateral de um prédio, enquanto um homem inclinava-se sobre ela. Ela agitava a cabeça loucamente, como uma criança que recusa comida. Suas pernas estavam caídas em um ângulo que certamente lhe causaria dor. Uma queda feia? Ataque cardíaco, talvez. Andei rapidamente até eles e consegui escutar seus murmúrios desconexos.

O homem, de cabelos brancos e rosto acabado, olhou em minha direção com os olhos turvos.

- Chame a polícia - pediu, com a voz embargada. - E uma ambulância.

- O que houve? - comecei, quando então vi o que havia acontecido.

Espremido em um espaço da largura de um pé entre a loja de ferragens e o salão de beleza, um corpo pequenino virado para a calçada como se estivesse apenas ali sentado, à nossa espera, com os olhos castanhos bem arregalados. Reconheci os cachos desarranjados, mas o sorriso desaparecera. Os lábios de Natalie Keene haviam cedido ao redor das gengivas, formando um pequeno círculo. Parecia um bebê de plástico, daqueles que vêm com um buraco para a mamadeira. Natalie já não tinha os dentes.

O sangue logo subiu ao meu rosto, e o suor veio rapidamente, recobrando minha pele. Pernas e braços ficaram moles, e por um momento achei que fosse me arrebentar no chão bem ao lado daquela mulher, que agora rezava, bastante quieta. Recuei, recostei-me em um carro estacionado, e pus os dedos no pescoço, desejando que a frequência de minha pulsação, que já golpeava sem dó, diminuísse. Meus olhos capturavam imagens em lampejos sem sentido algum: a ponta encardida de borracha da bengala do velho senhor, uma verruga cor-de-rosa na nuca da mulher, o curativo no joelho de Natalie Keene... Dava para sentir o nome dela ardendo, incandescente, sob minha manga.

Então, mais vozes, e o xerife Vickery correndo em nossa direção junto a outro homem.

- Mas que droga! - grunhiu Vickery quando a viu. — Mas que droga! Minha Nossa! - Ele colocou o rosto contra os tijolos do salão de beleza, e respirava com dificuldade. O outro sujeito tinha mais ou menos a minha idade, e curvou-se próximo a Natalie. Em volta do pescoço dela era tudo uma marca roxa circular, acima da qual ele pressionou os dedos para ver se lhe sentia a pulsação. Uma tática para ganhar tempo enquanto recuperava a

compostura. A criança estava obviamente morta. O detetive importante de Kansas City, presumi. O tal garoto prepotente.

Mas ele era bom, persuadindo a mulher a sair de suas orações para contar, calmamente, como descobriram o cadáver. Os dois eram marido e mulher, donos do restaurante cujo nome eu não conseguia lembrar no dia anterior. Broussard. Iam abri-lo para o café-da-manhã quando a encontraram. Na hora em que cheguei, já estavam ali, talvez, há uns cinco minutos.

Um guarda uniformizado chegou e levou as mãos à frente dos olhos quando viu para que havia sido chamado.

- Pessoal, seria bom se pudessem ir até a delegacia com o nosso guarda aqui para colhermos alguns depoimentos — disse Kansas City. - Bill. - Era possível reconhecer em sua voz uma austeridade paternal. Vickery estava ajoelhado ao lado do corpo, imóvel. Seus lábios moviam-se como se também estivesse rezando. Foi necessária uma segunda chamada para que ele desse atenção.

- Estou ouvindo, Richard. Tenha humanidade por um segundo. - Bill Vickery envolveu a Sra. Broussard em seus braços e murmurou palavras para ela até que lhe afagasse a mão.

Durante duas horas fiquei sentada em uma sala da cor de gema de ovo enquanto o guarda anotava o que eu tinha a dizer. Passei o tempo inteiro pensando que Natalie iria para a autópsia, e em como eu iria gostar de entrar lá clandestinamente e colocar um curativo novo em seu joelho.



Capítulo 3

Mamãe foi ao funeral vestindo azul. Preto seria desespero, e qualquer outra cor seria indecente. No funeral de Marian, ela também vestira azul, assim como a própria Marian. Ela impressionou-se por eu não me lembrar disso. O que eu lembrava era de Marian sendo enterrada com um vestido rosa-claro. Não era surpresa. Era com minha mãe e eu discordarmos de tudo que se referia à minha irmã morta.

Adora passou a manhã do dia do velório entrando e saindo de salas, e fazendo barulho com seus saltos. Em uma, espirrava perfume. Em outra, fixava um brinco. Fiquei assistindo àquilo, bebendo café preto quente, queimando a língua.

- Não os conheço bem - dizia ela. - Eram bastante reservados. Mas acho que toda a comunidade deveria lhes dar apoio. Natalie era uma graça. Todos foram tão gentis comigo quando... - Uma olhadela melancólica para baixo. É possível que tenha sido genuína.

Já estava há cinco dias em Wind Gap e ainda não havia visto Amma. Mamãe não falava nela. Eu também ainda não havia conseguido tirar uma declaração dos Keene. Tampouco tive permissão da família para comparecer ao funeral, mas Curry queria aquela matéria como eu jamais ouvira ele querer qualquer coisa que fosse. E eu desejava provar que era capaz de dar conta. Cheguei à conclusão de que os Keene nunca descobririam. Ninguém lê o nosso jornal.

Saudações lamuriosas e abraços perfumados na Nossa Senhora das Dores. Algumas mulheres acenaram para mim educadamente com a cabeça depois de terem consolado minha mãe de maneira tão amorosa (Adora foi tão corajosa em vir), e se acotovelaram para criar espaço para ela. A Nossa Senhora das Dores é uma exuberante igreja católica dos anos 70: seu ouro é da cor do bronze e ela é toda ornada com joias, como um anel barato. Wind Gap é um pequenino recanto do catolicismo em uma região onde cada vez mais crescem Batistas do Sul, já que a cidade fora fundada por um bando de irlandeses. Todos os McMahan e Malone chegaram a Nova York no meio da grande escassez de alimentos ocorrida na Irlanda à época. Foram generosamente maltratados e - os que foram espertos - rumaram para o oeste. Os franceses já reinavam em St. Louis, então eles foram para o sul e criaram suas próprias cidades. No entanto, foram expulsos de lá sem qualquer cerimônia anos depois, durante a Reconstrução. O Missouri, sempre um local repleto de conflitos, tentava desfazer-se de suas raízes sulistas e reinventar-se como um estado que aboliu a escravidão, e os vergonhosos irlandeses foram varridos, junto com outros indesejáveis. Mas deixaram sua religião por aqui.

Ainda faltavam dez minutos para o início do velório, e uma fila se formava para dar entrada à igreja. Fui pesquisar quem já estava sentado lá dentro. Alguma coisa estava errada. Não havia uma criança sequer na igreja. Nada de meninos de calças escuras andando com caminhõezinhos sobre as pernas das mães ou menininhas ninando bonecas de trapo. Nenhum rosto ali tinha menos de quinze anos. Não entendi se havia sido por respeito aos pais ou por uma defesa provocada por medo. Um instinto para evitar que seus filhos sejam a próxima presa. Imaginei centenas de filhos e filhas de Wind Gap escondidos em saletinhas escuras, chupando as costas da mão enquanto assistem à TV e permanecem despercebidos.

Sem ter de cuidar de crianças, os fiéis pareciam estáticos, como pedaços de papelão assumindo os lugares de pessoas de verdade. Nos fundos, vi Bob Nash de terno escuro. Ainda sem a esposa. Ele me recebeu com um aceno de cabeça, e depois franziu a testa.

Os tubos do órgão exalaram os tons surdos de Be Not Afraid e a família de Natalie Keene, até então chorando, abraçando-se, e provocando um rebuliço

próximo à porta, como um grande coração enfraquecido, perfilou-se unidade apertada. Bastavam dois homens para carregar o ataúde branco e lustroso. Mais que isso e um ficaria esbarrando no outro.

A mãe e o pai de Natalie iam à frente da procissão. Ela era quase dez centímetros mais alta que ele. Uma mulher grande e de aparência afável com cabelos amarelados presos para trás por uma besteira. Seu rosto era expressivo, do tipo que levariam um estranho a perguntar alguma instrução de caminho, ou a hora. O sr. Keene era pequeno, magro, e tinha um rosto arredondado de criança que assim ficava ainda mais com seus óculos de armadura bem fina, parecendo dois aros dourados de bicicleta. Atrás deles andava um menino lindo de uns dezoito ou dezenove anos com a cabeça morena curvada sobre o peito, soluçando. Era o irmão de Natalie, segundo uma mulher que murmurou atrás de mim.

Lágrimas desciam do rosto de minha mãe e pingavam ruidosamente sobre a bolsa de couro que ela abrigava no colo. A mulher ao seu lado afagava-lhe a mão. Tirei com cuidado meu bloquinho de notas do bolso da jaqueta e comecei a rascunhar anotações até mamãe bater em minha mão e sussurrar:

- Está faltando com o respeito e me fazendo passar vergonha. Pare, ou eu a faço sair.

Parei de escrever, mas não guardei o bloquinho, e me sentia agressivamente desafiadora. Mas ainda corava.

A procissão nos deixou para trás. O caixão era ridiculamente pequeno. Imaginei Natalie lá dentro e voltei a ver suas pernas. Uma leve penugem, joelhos arredondados, o curativo...Senti apenas uma dor, forte, como um ponto digitado ao final de uma frase.

Enquanto o padre murmurava as orações iniciais em suas melhores vestimentas, levantávamo-nos e sentávamo-nos e voltávamos a nos levantar, ao mesmo tempo em que prospectos com orações nos eram entregues. À Frente, a Virgem Maria direcionava seu coração vermelho e radiante para baixo, sobre o menino Jesus. Atrás, a inscrição:

Natalie Jane Keene

Querida filha, irmã e amiga

O paraíso ganhou um novo anjo

Havia uma grande foto de Natalie próxima ao caixão. Essa era mais formal comparada àquela que eu vira. Era uma menina doce e simples, com um queixo pontudo e olhos ligeiramente arredondados. O tipo de garota que poderia, depois de crescida, ter se tornado estranhamente estonteante. Poderia ter deliciado homens com histórias de patinho feio que realmente teriam acontecido. ou poderia ter permanecido uma menininha doce e simples. Aos dez a aparência de uma menina é instável.

A mãe de Natalie foi até o púlpito segurando um pedaço de papel. Seu rosto estava molhado, mas a voz estava firme quando começou a falar.

- Isto é uma carta para Natalie, minha única filha. - Ela respirou, tremendo, e as palavras saíram meio desconexas. - "Natalie, você era a minha menina mais preciosa. Não consigo acreditar que tenha sido arrancada de nós. Não voltarei a cantar até que você durma. Não voltarei a acariciar-lhe as costas com meus dedos. Seu irmão não voltará a girar suas tranças, ou seu pai, a segurar-lhe no colo. Seu pai não terá a oportunidade de entrar com você na igreja. Seu irmãos nunca será tio. Sentiremos sua falta em nossos jantares de domingo e em nossas férias de verão. Sentiremos falta de sua alegria. Sentiremos falta de suas lágrimas. Mas acima de tudo, minha querida filha, sentiremos falta de você. Nós a amamos, Natalie."

Quando a sra. Keene começou a voltar até onde estava sentada, seu marido foi rapidamente ao seu encontro, mas ela não passava a impressão de que precisava de apoio. Tão logo ela sentou-se, o garoto voltara a seus braços, chorando na curva de seu pescoço. O Sr. Kenne pestanejava furiosamente na direção dos bancos da igreja que estavam atrás dele, como se procurasse alguém para agredir.

- Perder uma criança é uma tragédia horrível - entoou o padre. - A tragédia ainda é duplamente horrível quando acontece em ações tão malignas. Malignos é o que eles são. Diz a Bíblia: "olho por olho, dente por dente." Mas não nos atenhamos a vinganças. Em vez disso, pensemos nas palavras

de Jesus: "Ame o próximo." Que sejamos bons com nossos próximos nesta hora difícil. Elevem seus corações a Deus.

- Preferia a história do olho por olho - rosnou um sujeito que estava atrás de mim.

Fiquei me perguntando se a parte do "dente por dente" incomodou mais alguém.

Quando saímos da igreja para o clarão do dia, consegui definir quatro meninas sentadas, uma ao lado da outra, ao longo de um muro de tocos do outro lado da rua. Pernas compridas, típicas de meninas novinhas, balançavam ao ar. Seus seios ganhavam contornos mais bonitos com a ajuda de sutiãs meia taça. Eram as mesmas que eu encontrara logo à entrada da floresta. Estavam juntas, rindo, até que uma delas, novamente a mais bonita, fez um gesto em minha direção. Então, todas fingiram baixar as cabeças, porém as barrigas ainda saracoteavam.

Natalie foi sepultada junto a sua família, ao lado de uma lápide que já trazia os nomes dos pais. Conheço o que se diz, que nenhum pai deveria ver o filho morrer, e quando isso acontece é como se a natureza passasse a andar para trás. Mas é a única maneira de, verdadeiramente, não deixar sua criança ganhar o mundo. Quando elas crescem, formam alianças mais potentes. Arrumam um cônjuge ou um namorado. Não serão enterradas com os pais. A família Keene, no entanto, permanecerá em sua forma mais pura de família. A sete palmos.

Apos o funeral, todos se reuniram na residência dos Keene, uma enorme casa de fazenda de pedra. Aquela era uma perspectiva dos endinheirados da América pastoral. Era diferente de tudo o que havia em Wind Gap. No Missouri, quem tem dinheiro procura manter distância do bucólico, da grande esquisitice do campo. Imagine só: na América colonial, as ricas vestiam matizes sutis de azul e cinza para oporem-se à grosseira imagem do Novo Mundo que elas tinham à sua frente, enquanto as mulheres finas da Inglaterra se emperiquitavam todas e ficavam parecendo pássaros exóticos. Resumindo a aparência do lar dos Keene era típica demais do Missouri para alguém imaginar que seu donos seriam daqui.

A mesa do bufê continha as carnes mais populares: peru, pernil, carne de vaca e de veado. Ainda havia picles, azeitonas e ovos com tempero forte; pães firmes e lustrosos; e um guisado com fatias de pão. Os convidados segregaram-se em dois grupos, os lacrimosos e os secos. Os impassíveis ficaram na cozinha bebendo café a álcool, conversando a respeito das eleições para o conselho da cidade, que já estava por ocorrer, e do futuro das escolas. Às vezes, paravam para sussurrar furiosamente sobre o progresso insuficiente nos casos de homicídio.

- Juro que se eu vir alguém que não conheço se aproximando das minhas meninas, mato o desgraçado antes que possa dizer "oi" - disse um negro enquanto preparava um sanduíche de rosbife. Seus amigos agitaram as cabeças em concordância.

- Não sei por que Vickery não acabou de uma vez com a droga daquela floresta. Que droga, arrasa logo com aquilo tudo! Todo mundo sabe que ele está lá - disse um sujeito mais jovem, de cabelos alaranjados.

- Donnie, vamos juntos até lá amanhã - disse o negro. - Podemos dar cabo daquilo hectare por hectare. A gente encontra o filho-da-puta. Vamos todos? - Os homens resmungaram em concordância e beberam mais álcool de seus copos descartáveis. Escrevi um lembrete para passar pelas estradas próximas à floresta pela manhã a fim de ver se as ressacas transformaram-se em ações ou não. Mas já imaginava as encabuladas ligações pela manhã.

Você vai?

Bem, não sei, acho que sim. Você vai?

Bom, tinha prometido a Maggie que tiraria as janelas externas...

Concordariam em encontrar-se para beber cerveja mais tarde, e comprimiriam os fones bem devagar para abafar o clique da culpa.

Quem chorava, mulheres em sua maioria, o fazia no cômodo da frente, em sofás acolchoados e atomanas de couro. O irmão de Natalie tremia nos braços de sua mãe conforme ela o embalava e chorava silenciosamente,afagando-lhe os cabelos escuros. Que criança meiga,

chorando tão abertamente... Nunca vi nada assim. Aproximavam-se mulheres oferecendo comida em pratos de papel, mas mãe e filho apenas rejeitavam com gestos de cabeça. Minha mãe agitava-se ao redor dos dois como um gaio-azul maníaco, mas eles não percebiam, e logo ela voltava para seu círculo de amigas. O sr. Keene ficou em um canto com o sr. Nash. Os dois fumavam em silêncio.

Evidências recentes de Natalie ainda se faziam perceber, espalhadas pela sala. Um pequeno suéter cinza dobrado sobre o encosto de uma cadeira, e um par de tênis, com cadarços de um azul cintilante, próximo à porta. Em uma das prateleiras de livros, um caderno com um unicórnio na capa. Em uma estante de revistas, uma cópia repleta de orelhas de Uma dobra no tempo.

Meu papel era nojento. Não abordei a família e não mostrei que tinha comparecido. Fiquei andando pela casa deles e espiando com a cabeça enfiada no copo de cerveja, como um fantasma envergonhado. Vi Katie Lacey, minha antiga melhor amiga da escola, em seu próprio círculo de mulheres de cabelos bem arrumados, um reflexo perfeito do grupo de minha mãe com vinte anos a menos. Ela me beijou a bochecha quando me aproximei.

- Soube que havia chegado à cidade. Fiquei esperando que me ligasse - disse ela, franzindo as sobrancelhas finas de tanto fazê-las. Depois, liberou-me para as outras três, que se amontoaram para me dar abraços sem firmeza. Acredito que todas tenham sido amigas minhas a certa altura. Trocamos condolências e murmuramos a respeito da tristeza daquilo tudo. Angie Papermaker (nascida Knightley) parecia ainda lutar contra a bulimia que a açoitara na época da escola. Seu pescoço era fino e enrugado como o de uma idosa. Mimi, uma riquinha mimada - seu pai tinha hectares e hectares de galinheiros em Arkansas - que nunca gostara muito de mim, perguntou a respeito de Chicago, e imediatamente virou-se para conversar com a pequenina Tish, que decidira segurar-me a mão em um gesto reconfortante, porém peculiar.

Angie me contou que tinha uma filha de cinco anos. Seu marido estava em casa, de arma em punho, a protegê-la.

- O verão vai demorar a passar para os pequenos - murmurou Tish. - Acho que todos vão trancafiar suas crianças dentro de casa. - Pensei nas meninas que vi do lado de fora do funeral, não muito mais velhas que Natalie, e fiquei curiosa para saber o motivo de seus pais não estarem preocupados.

- Tem filhos, Camille? - Angie perguntou, com a voz tão fina quanto seu corpo. - Nem sei se você se casou.

- Não e não - respondi, e tomei um gole bem ruidoso de minha cerveja, recordando-me da imagem de Angie vomitando em minha casa depois da escola, e saindo do banheiro toda cor-de-rosa, e em triunfo. Curry enganara-se: ter feito parte da história da cidade era mais motivo de distração do que de utilidade.

- Moças, não podem monopolizar a forasteira a noite toda. - Virei-me e vi uma das amigas de minha mãe, Jackie O'Neele - nascida O'Keefe -, que claramente acabara de passar por uma plástica. Seus olhos ainda estavam inchados, e seu rosto, úmido, avermelhado e esticado como o de um bebê raivoso saindo todo espremido de um útero. Brilhavam diamantes em seus dedos bronzeados, e ela cheirava chiclete e talco quando me abraçou. A noite estava por demais parecida com uma festa social de reencontro. E eu me sentia excessivamente de volta à infância. Nem sequer havia ousado tirar meu bloquinho da bolsa, com mamãe ainda aqui, alvejando-me com olhadelas de advertência.

- Minha menina, você está tão linda! - Jackie ronronou. A cabeça dela parecia um melão, e os cabelos que a cobriam estavam descoloridos demais. Seu sorriso era malicioso. Jackie era maldosa e superficial, mas sempre e totalmente ela mesma. Também comportava-se mais à vontade comigo que minha própria mãe. Foi Jackie, e não Adora, que me deu a minha primeira caixa de absorventes internos, piscando e me dizendo para telefonar-lhe caso precisasse de instruções. E era Jackie que sempre brincava comigo, com bom humor, a respeito de rapazes. Gestos pequenos e enormes. - Como vai, querida? Sua mãe não me disse que estava na cidade. Mas ela não está falando comigo no momento. De alguma forma, voltei a decepcioná-la. Você sabe como são essas coisas. Eu sei que sabe! - Ela riu alto, uma risada típica de uma fumante, apertou-me o braço. Presumi que já estivesse bêbada.

- Devo ter me esquecido de enviar um cartão a ela por alguma ocasião. - Ela seguiu balbuciando e gesticulando demais com a mão que segurava uma taça de vinho. - Ou talvez aquele jardineiro que recomendei a ela não tenha agradado... Fiquei sabendo que está escrevendo uma matéria sobre as mesmas; que coisa complicada... - Ela falou de uma forma tão áspera e abrupta que precisei de um minuto para processar tudo. Quando comecei a falar, ela já estava acariciando o meu braço e olhando para mim com os olhos marejados. - Camile, meu amor, já faz tanto tempo que não a vejo.. E agora... Olho para você, e a vejo com a mesma idade delas. E fico tão triste! Tanta coisa deu errado... Não consigo ver sentido em nada disso. - Uma lágrima desceu-lhe a face. - Procure meu telefone na lista, tá? Podemos conversar. Deixe a casa dos Keene sem qualquer declaração. Já estava farta de tanta falação - eu mesma havia falado muito pouco.

Liguei para os Keene mais tarde, depois de beber mais um pouco - um copo de vodka para viagem da coleção deles - e seguramente isolada por linhas telefônicas. Então, me expliquei, e contei sobre o que escreveria. Não terminou bem.

Redigi o seguinte naquela noite:

Na pequenina Wind Gap, no Missouri, cartazes apelando pela volta de Natalie Jane Keene, de dez anos de idade, ainda povoavam a cidade quando a menina foi sepultada, terça-feira. na missa vibrante que se seguiu, o padre falou sobre perdão e redenção, mas não conseguiu acalmar os nervos ou curar as chagas. Isso porque a menina saudável e de rosto meigo fora a segunda vítima do que a polícia presumia ser um serial killer. Um serial killer cujo alvo eram crianças.

- Todos os pequeninos daqui são uns amores - disse Ronald J. Kamens, um fazendeiro local que auxiliou a busca de Keene. - Não imagino o porquê disto estar acontecendo conosco.

O corpo estrangulado de Keene foi encontrado no dia 14 de maio, preso em um espaço entre dois prédios da avenida Central de Wind Gap.

- Sentiremos falta de seu sorriso - disse Jeannie Keene, de 52 anos, mãe de Natalie. - Sentiremos falta de suas lágrimas. Acima de tudo, sentiremos

falta de Natalie.

Essa, no entanto, não foi a primeira tragédia que Wind Gap, localizada no extremo sul do estado, vivenciou. No dia 27 de agosto do ano passado, Ann Nash, de nove anos, fora encontrada em um córrego local, também estrangulada. Andara de bicicleta por alguns quarteirões para ir visitar uma amiga quando foi sequestrada. As duas vítimas, de acordo com o que dizem, tiveram os dentes removidos pelo assassino.

Os homicídios deixaram a força policial de Wind Gap, de cinco homens, boquiaberta. Sem experiência em crimes de tamanha brutalidade, solicitaram o auxílio da divisão de homicídios de Kansas city, que enviou um policial treinado na definição de perfis psicológicos de assassinos. Os 2.120 habitantes da cidade estão, contudo, certos de uma coisa: o responsável pelas mortes está agindo sem qualquer motivo especial.

- Há um sujeito qualquer por aí caçando bebês para matar - disse o pai de Ann, Bob Nash, um vendedor de cadeiras de 41 anos. - Não há nenhum drama oculto nessa história. Nenhum segredo. Alguém, simplesmente, acabou de matar a nossa menina.

A retirada dos dentes continua sendo um mistério, e as pistas até o momento foram mínimas. A polícia local não quis dar qualquer declaração. Até que os homicídios tenham solução, Wind Gap protege seus habitantes. Estabeleceu-se um horário de toque de recolher, e grupos de segurança multiplicaram-se nos bairros da cidade, que já foi serena.

Os habitantes também tentam curar-se.

- Não quero falar com ninguém - disse Jeannie Keene. - Quero apenas que me deixem em paz. Todos nós só queremos que nos deixem em paz.

Trabalhinho bem picareta. Ninguém precisa me dizer. Mesmo enviando o arquivo para Curry por e-mail, já me arrependia de quase tudo que havia escrito. Publicar que a polícia achava que os homicídios eram obra de um serial Killer era exagero. Vickery não chegou a dizer nada parecido. A primeira declaração de Jeannie Keene, essa roubei do que ela disse no sepultamento. A segunda, tirei dos desaforos que cuspiu em mim quando

percebeu que minhas condolências pelo telefone eram um pretexto. Ela sabia que minha intenção era dissecar o assassinato de sua filhinha e publicar a história em um jornal sanguinário para ser mastigado por estranhos.

- Todos nós só queremos que nos deixem em paz! - ela gritou. - Enterramos nossa bebê hoje. Devia se envergonhar.- De qualquer forma, era um declaração. E eu precisava de uma, já que Vickery estava me excluindo.

Curry considerou a matéria "firme". "Ótima" não, mas um começo "firme". Ele nem tirou minha frase já bastante exagerada: "Um serial Killer cujo alvo eram crianças." Deveria tê-la cortado, eu mesma tinha essa consciência, mas ele adorava uma encheção de linguiça dramática. Deve ter lido o texto de cara cheia.

Curry pediu um artigo maior a respeito das famílias o mais rápido possível. Mais uma chance para me redimir. Eu estava com sorte. Parecia que Daili Post de Chicafo ainda teria exclusividade em Wind Gap por mais algum tempo. Um escandalo sexual no congresso desenrolava-se deliciosamente destruindo não somente um membro austero da Câmara, mas três, entre os quais, duas mulheres. Um negócio suculento e sensacional. E o mais importante: outro serial killer ameaçava uma cidade encantadora: Seattle. Em meio à neblina e aos cafés, alguém andava trinchando grávidas, abrindo-lhes as barrigas, e arrumando o que tinha dentro em tableaux aviltantes para sua própria satisfação. Portanto, foi sorte nossa que os repórteres para esse tipo de notícia já tivessem seus compromissos. Eu estava ali sozinha, abandonada desgraçadamente em meu berço.

Dormi até tarde na quarta-feira com lençóis e cobertores cheios de suor, puxados até a cabeça. Acordei diversas vezes ao som de telefones tocando, da empregada passando o aspirador de pó em frente a minha porta, e de um cortador de grama. Estava desesperada para continuar dormindo, mas o dia não desistia de se fazer presente. Mantive os olhos fechados e me imaginei de volta a Chicago, em minha cama estreita e prestes a desmoronar, em meu mini apartamento que fica de frente para a parede de tijolos de um supermercado. Eu tinha uma cômoda de compensado que comprei naquele supermercado quando me mudei, há quatro anos, e uma mesa de plástico sobre a qual comia usando um conjunto de leves pratos amarelos e talheres

de estanho curvados. Fiquei preocupada por não ter molhado minha única planta, uma samambaia ligeiramente amarelada que eu encontrara junto ao lixo de meu vizinho. Foi então que me lembrei de ter jogado fora aquela coisa morta há uns dois meses. Tentei pensar em outras imagens de minha vida em Chicago: minha baia no trabalho, o zelador do meu prédio que ainda não sabe meu nome, as fracas luzes verdes de Natal que o supermercado ainda iria tirar...E alguns simpáticos conhecidos que provavelmente não perceberam que eu estava ausente.

Detestava estar em Wind Ga, mas meu lar também não transmitia nenhum conforto.

Tirei um canil de vodca quente da mochila e voltei para a cama. Então, sorvendo goles, fiquei avaliando o que me cercava. Achei que minha mãe fosse pôr meu quarto abaixo assim que eu fosse morar em outro lugar, mas ele permanecia exatamente igual ao que era há mais de uma década. Arrependia-me do quanto fui séria quando adolescente: não tinha nenhum pôster de pop stars ou de algum filme predileto. Nenhuma coleção de fotos de meninas ou corpetes. Em vez disso, quadros de veleiros, imagens bucólicas em tons pastéis e um retrato de Eleanor Roosevelt. Esse último era particularmente estranho, já que eu conhecia muito pouco a respeito da sra. Roosevelt, exceto que era boa - o que, na época, acho que devia bastar. Hoje em dia, preferiria um retrato da esposa de Warren Harding, "a duquesa", que registrava todas as ocasiões em que se sentia ofendida, por menores que fossem, em um caderninho vermelho, e se vingava de cada uma. Atualmente prefiro minhas primeiras damas com um pouco de crueldade.

Bebi mais vodca. Não havia nada que eu quisesse mais do que voltar a ficar inconsciente, envolta na escuridão, e não mais ali. Sentia-me em frangalhos. Inchada com lágrimas latentes como um balão d'água que, de tão cheio, está prestes a estourar. Implorando por uma alfinetada. Wind Gap não me fazia bem. Essa casa não me fazia bem.

Uma batida bem fraca a porta, pouco mais que uma rajada de vento ruidosa.

- Pois não? - Guardei meu copo de vodca ao lado da cama.

- Camille? É sua mãe.

- Pois não?

- Trouxe-lhe um pouco de creme.

Andei até a porta com o olhar um pouco anuviado. A vodca me dava aquele primeiro estrato necessário para lidar com esse lugar naquele dia em especial. Vinha me comportando bem em relação à bebida nos últimos seis meses, mas aqui nada valia. Mamãe andava parala e para cá em frente à porta de meu quarto, tentando olhar para dentro com muita cautela, como se fosse o salão de troféus de uma criança morta. Quase. Ela me entregou um grande tubo verde-claro.

- Tem vitamina E. Comprei hoje de manhã.

Minha mãe acredita nos efeitos paliativos da vitamina E - bastaria eu me emplastar com o creme e minha pele voltaria a ficar lisa e sem marcas. Ainda não funcionou.

- Obrigada.

Seus olhos percorreram-me o pescoço, braços, pernas, todos nus devido à blusa, a única coisa que eu usava para dormir. Depois, voltou a olhar-me o rosto com uma expressão de desaprovação. Suspirou, e agitou levemente a cabeça para os lados. Então, ficou ali, parada.

- O funeral foi muito difícil para a senhora, mamãe? - Nem agora eu conseguia resistir a fazer uma pequena oferta de conversa.

- Foi. Teve coisa igual demais. Aquele caixãozinho...

- Para mim também foi difícil - aproximei-me. - Fiquei até surpresa com o quanto foi difícil. Sinto saudades dela. Ainda. Não é estranho?

- Estranho seria se não sentisse. Ela é sua irmã. É quase tão doloroso quanto perder uma filha. Mesmo que na época você fosse tão jovem. - Lá embaixo, Alan assoviava laboriosamente, mas minha mãe parecia não escutar. - Não gostei muito daquela carta aberta que Jeannie Keene leu - ela continuou. - É

um funeral, não um comício. E por que estavam todos vestidos de maneira tão informal?

- Achei a carta simpática. Sincera - respondi.- A senhora não leu nada no funeral de Marian?

- Não, não. Mal conseguia ficar de pé, quanto menos fazer um discurso. Não acredito que não se lembre dessas coisas, Camille. Achei que fosse ter vergonha de esquecer-se de tantas coisas.

- Eu só tinha treze anos quando ela morreu, mamãe. Lembre-se, eu era pequena. - Há quase vinte anos. Será que é isso mesmo?

- É verdade. Já chega. Gostaria de fazer alguma coisa hoje? As rosas estão desabrochado o parque Daly, se quiser dar um passeio.

- Preciso ir à delegacia.

- Não diga isso enquanto estiver aqui - repreendeu-me. - Diga que precisa resolver alguma coisa, ou visitar alguma amiga.

- Preciso resolver uma coisa.

- Tudo bem. Divirta-se.

Ela foi embora, descendo o extravagante corredor, e fazendo barulho ao andar. Escutei os rangidos descendo escada abaixo e rapidamente.

Tomei um banho fresco na banheira rasa com as luzes apagadas e mais um copo de vodca equilibrando à borda. Depois me vesti e entrei no saguão. A casa estava silenciosa tanto quanto sua estrutura secular permitia. Escutei um ventilador girando na cozinha e fiquei do lado de fora para garantir que não havia ninguém ali. Então, entrei devagar, peguei uma maçã verde bem clara, e a mordi conforme saía da casa. O céu estava limpo.

Do lado de fora, na varanda, vi a criança que veio substituir a que fora pedida. Uma garotinha com o rosto direcionado atentamente para uma enorme casa de bonecas de 1,20m projetada para ser exatamente igual à casa de mamãe. Cabelos compridos e loiros flutuavam em arroios

disciplinados descendo-lhe as costas viradas para mim. Quando ela virou-se, percebi que era a menina com quem conversara à entrada da floresta. A mesma que ria com as amigas do lado de fora do funeral de Natalie. A mais bonita delas.

- Amma? - perguntei, e ela riu.

- Naturalmente. Quem mais estaria brincando na varanda da frente de Adora, com uma pequena casa de Adora?

Ela trajava um vestido de verão quadriculado bem infantil, e ao seu lado havia um chapéu de palha que combinava com sua roupa. Sua aparência era totalmente típica para sua idade, treze anos, pela primeira vez. Na verdade, não. Agora ela parecia mais nova. Tais roupas eram mais apropriadas para uma menina de dez anos. Ela fez uma careta quando viu que eu a analisava.

- Uso este vestidinho por causa de Adora. Quando estou em casa, sou a bonequinha dela.

- E quando não está?

- Sou outras coisas. Você é Camille, minha meia-irmã. A primeira filha de Adora, antes de Marian. Você é pré e eu sou pós. Você não me reconheceu.

- Passei tempo demais longe daqui. E Adora parou de enviar fotos de Natal há cinco anos.

- Só se foi para você. Nós ainda tiramos a droga da foto. Todo ano Adora me compra um vestidinho axadrezado verde e vermelho especialmente para tirá-la. E assim que termina, eu o atiro no fogo.

Ela puxou um banquinho do tamanho de uma tangerina da sala principal da casa de bonecas e me entregou.

- Agora está precisando ser re-estofado. Adora mudou seu plano de cores de pêssego para amarelo. Ela me prometeu que me levaria à loja de tecidos para que eu faça novas coberturas que combinem. Esta casa de bonecas é a minha obsessão. - Quando ela disse minha obsessão, aquilo quase soou

como uma coisa natural. As palavras fluíram doces e arredondadas de sua boca como balas de caramelo, e murmuradas com um mero meneio da cabeça, mas a frase, com toda certeza, era de minha mãe. A bonequinha dela... Aprendendo a falar igualzinho a Adora.

- Parece que faz um belo trabalho com ela - falei, e fiz um leve gesto de despedida.

- Obrigada - disse ela, concentrando o olhar em meu quarto na casa de bonecas. Um pequeno dedo cutucou a cama. - Espero que aproveite bem sua estadia aqui. - Ela sussurrou para dentro daquele quarto como se falasse com uma pequenina Camille que ninguém conseguia ver.

Encontrei o xerife Vickery desamassado uma placa de "pare" na esquina da rua 2 com a Ely, uma rua silenciosa e de casas pequenas a alguns quarteirões da delegacia. Ele usava um martelo e tremia a cada pancada metálica. As costas de sua blusa já estavam molhadas e seus óculos bifocais haviam escorregado até a ponta de seu nariz.

- Não tenho nada a dizer, senhorita Preaker. - Pou!

- sei que é fácil ofender-se com esse tipo de coisa, xerife Vickery. Eu nem sequer queria este trabalho. Fui forçada a aceitá-lo porque vivi a infância aqui.

- Há anos que não aparecia, pelo que andei ouvindo. - Pou!

Não falei nada. Fiquei olhando para o capim-da-roça que se fazia notar por uma rachadura na calçada. O senhorita me incomodou um pouco. Não consegui definir se era uma cortesia à qual não estava acostumada, ou uma provocação por permanecer solteira. Uma mulher descasada, com um minuto a mais que fosse além dos trinta anos, era uma coisa estranha nestas áreas.

- Uma pessoa decente se demitiria, mas não viria fazer uma matéria falando de crianças mortas. - Pou! - Oportunismo, srta. Preaker.

Do outro lado da rua, um senhor idoso com um litro de leite na mão andava devagar e arrastando os pés em direção a uma casa branca de ripas de madeira.

- Não me sinto muito decente no momento, tem razão. - Não me importei em fazer um pouco a felicidade de Vickery. Queria que ele gostasse de mim, não só porque isso facilitaria meu trabalho, mas porque sua tempestuosidade me fazia lembrar de Curry, de quem sentia falta. - Mas pode ser que um pouco de notoriedade traga alguma atenção ao caso, e ajude-nos a solucioná-lo. Não seria a primeira vez.

- Que droga! - ele atirou o martelo no chão, produzindo um som surdo, e olhou para mim. - Já solicitamos ajuda. Tem um tal de detetive especial de Kansas City indo e vindo já faz meses. E ainda não conseguiu descobrir droga nenhuma. Disse que deve ter sido algum carroceiro maluco que fora deixado à margem da estrada daqui, gostou da aparência da cidade, e ficou por cerca de um ano. Bom, esta cidade não é lá tão grande assim, e pode estar certa de que não vi ninguém que parecesse não ser daqui. - Ele me lançou um olhar penetrante.

- Esta mata que temos aqui é bastante grande e densa - sugeri.

- Isso não é coisa de estranhos, e acho que a senhorita sabe disso.

- Achei que o senhor preferisse que fosse um estranho.

Vickery suspirou, acendeu um cigarro, e envolveu o poste da placa com a mão de maneira protetora.

- Caramba, é claro que prefiro! - ele respondeu. - Mas não sou tão burro assim. Nunca investiguei um homicídio mas não sou idiota, caramba!

Foi então que desejei não ter bebido tanta vodca. Meus pensamentos se esvaíam. Não conseguia me ater ao que ele dizia. Não consegui formular as perguntas apropriadas.

- Acha que isso é obra de algum habitante de Wind Gap?

- Nada a declarar.

- Em off, por que alguém de Wind Gap mataria crianças?

- Uma vez, fui chamado porque Ann matara o pássaro de estimação de um vizinho com um graveto. Ela mesma havia afiado com uma das facas de caça de seu pai. A família de Natalie mudou-se para cá há dois anos porque ela perfurara o olho de uma das coleguinhas com uma tesoura, na Filadélfia. O papai dela largou o emprego em alguma dessas grandes empresas só para que pudessem recomeçar do zero. No estado em que o avô dele cresceu. Em uma cidadezinha. Como se uma cidadezinha já não tivesse seus próprios problemas...

- E todo mundo já saber quem são as ervas daninhas não é o menos deles.

- Não mesmo.

- Então o senhor acha que pode ser coisa de alguém que não gostava das crianças? Especificamente daquelas crianças? Talvez tenham aprontado alguma para ele, que tenha se vingado.

Vickery puxou a ponta do nariz e coçou o bigode. Voltou a olhar para o martelo que estava no chão e deu para ver que estava indeciso entre pegá-lo e me mandar embora, ou continuar conversando. Logo, um sedan negro aproximou-se de nós com a janela do lado do carona descendo até mesmo que o carro parasse. O rosto do motorista, coberto por óculos de sol, apareceu para olhar para nós.

- Oi, Bill. Achei que tínhamos combinado de nos encontrarmos no seu escritório mais ou menos a essa hora.

- Precisei trabalhar um pouco.

Era Kansas City. Ele olhou para mim, abaixado os óculos de um jeito treinado. Uma mecha de seus cabelos castanhos-claros insistia em cair-lhe sobre o olho esquerdo. Azul. Ele me mostrou um sorriso, exibindo dentes que pareciam chicletes perfeitos.

- Oi. - Ele olhou para Vickery, que abaixou-se intencionalmente para pegar o martelo, e voltou a olhar para mim.

- Oi - respondi. Puxei as mangas até que cobrissem minhas mãos, apertei as extremidades, e me apoiei em uma perna.

- E ai, Bill, quer uma carona? Ou gosta de andar? Eu podia comprar um café para nós e nos encontraríamos lá.

- Não bebo café. Já devia ter percebido isso. Chegarei lá dentro de quinze minutos.

- Veja se consegue chegar em dez, tá? Já estamos atrasados. - Kansas City olhou para mim mais uma vez. - Tem certeza de que não quer carona, Bill?

Vickery ficou em silêncio e apenas negou com a cabeça.

- Quem é a sua amiga, Bill? Achei que já tivesse conhecido todos os Windgapeiros pertinentes. Ou seriam... Windgapianos? - Ele abriu um sorriso largo. Fiquei em silêncio, como uma colegial, esperando que Vickery me apresentasse.

Pou! Vickery escolhia não escutar. Se estivesse em Chicago, já teria estendido a mão, me apresentado com um sorriso, e desfrutado da reação. Aqui, fiquei olhando para Vickery, muda.

- Tudo bem, então. Nos vemos na delegacia.

A janela voltou a subir, e o carro foi embora.

- É o detetive de Kansas City? - perguntei.

Em resposta, Vickery acendeu outro cigarro e foi embora. Do outro lado da rua, o senhor havia acabado de chegar ao último degrau.



Capítulo 4

Alguém pichara rabiscos azuis nas pernas da torre d'água do parque construído em memória de Jacob J. Garrett, que ficou estranhamente delicada, como se estivesse usando meias de crochê. O parque em si, último local em que Natalie Keene fora vista com vida, estava vazio. A terra do campo de beisebol flutuava a alguns metros do chão. Eu a senti lá no fundo da garganta como um chá que ficara tempo demais em água quente. A grama crescia bem alta nos extremos da mata. Fiquei surpresa por ninguém ter mandado cortá-la. Eliminá-la, como fizeram com as pedras que prenderam Ann Nash.

Quando eu estudava, o parque Garrett era onde todos se reuniam nos finais de semana para beber cerveja, fumar maconha ou bolinarem-se um metro mata adentro. Foi onde fui beijada pela primeira vez, aos trezes anos, por um jogador de futebol americano com um punhado de tabaco preso na gengiva. O tabaco foi mais incisivo do que o beijo; atrás do carro dele, vomitei vinho diluído com pedaços pequeninos e brilhantes de frutas.

- James Capisi estava aqui.

Virei-me e vi um garotinho loiro de cabelos raspados, que devia ter uns dez anos, segurando uma bola felpuda de tênis.

- James Capisi? – perguntei.

- Um amigo meu. Estava aqui quando ela pegou Natalie – disse a criança. – Jamais a viu. Ela trajava sua camisola. Eles estavam jogando frisbee perto da mata e ela pegou Natalie. Teria levado ele, mas James quis ficar aqui no campo. Por isso, foi Natalie que acabou ficando perto das árvores. James ficou aqui por causa do sol. Ele não pode ficar exposto ao sol porque a mãe dele teve câncer de pele, mas fica de qualquer maneira. Ou ficava. – O menino quicou a bola de tênis e uma nuvem de terra subiu à sua volta.

- Ele não gosta mais de sol?

- Ele não gosta mais de nada.

- Por causa de Natalie?

Ele deu de ombros de forma hostil.

- Porque James é uma bichinha.

O menino me olhou de cima a baixo, e de repente atirou a bola em mim, forte. Ela atingiu-me o quadril e caiu ao chão.

Ele deixou escapar uma risadinha.

- Desculpa. – Veio correndo atrás da bola, mergulhou sobre ela de maneira bastante dramática, levantou-se com um salto, e arremessou-a com

violência no chão. Ela quicou e subiu uns três metros, e então foi quicando até parar.

- Não sei muito bem se entendi o que disse. Quem é que trajava a camisola? – Fixei meu olhar na bola que quicava.

- A mulher que pegou Natalie.

- Espere aí. Como assim? – A história que eu soube dava conta de que Natalie ficou brincando aqui com alguns amiguinhos que foram, de um em um, indo para casa – acredita-se que tenha sido sequestrada no meio do curto caminho de volta para casa.

- James viu a mulher levar Natalie. Os dois estavam sozinhos, jogando frisbee. Natalie deixou o disco passar, e ele foi parar na mata, à entrada da floresta. Daí, ela simplesmente apareceu e a agarrou. E elas sumiram. E James foi correndo para casa. Desde então, não saiu mais.

- Então, como sabe o que houve?

- Fui visitá-lo um dia. Ele me contou. Sou seu amigo.

- Esse James mora por aqui?

- Ele que se dane. Devo ir passar o verão na casa da minha avó, em Arkansas, de qualquer maneira. É melhor do que aqui.

O menino atirou a bola no alambrado que cercava o campo de beisebol, e ela ficou presa lá, fazendo o metal balançar.

- Você é daqui? – Ele começou a chutar terra para o alto.

- Sou. Já fui. Não moro mais aqui. Estou só visitando.

Voltei a tentar:

- Esse James mora por aqui?

- Está no segundo grau? – Seu rosto era fortemente bronzeado. Parecia um fuzileiro infantil.

- Não.

- Faculdade? – O queixo dele estava cheio de saliva.

- Mais velha.

- Vou embora. – Ele saiu saltitando para trás e arrancou a bola do alambrado como se fosse um dente podre. Depois virou-se, voltou a olhar para mim, e sacudiu o quadril em uma dança nervosa. – Vou embora. – Atirou a bola em direção à rua. Ela quicou em meu carro, e o barulho produzido pelo choque foi impressionante. Ele correu atrás dela e sumiu.

Fui procurar Capisi, James, em uma lista telefônica que chegava a parecer uma revista de tão fina, na única loja de conveniência de Wind Gap. Depois, enchi uma garrafinha plástica com refrigerante de morango, e dirigi até o número 3.617 da rua Holmes.

O lar dos Capisi ficava bem no limite da área de aluguel barato, no extremo oriente da cidade. Um bando de casas acabadas de dois quartos cuja maioria dos moradores trabalha na fazenda-fábrica de porcos que fica ali perto. Uma iniciativa particular que fornece quase 2% da carne de porco que o país consome. Qualquer pobre de Wind Gap quase sempre dirá que

trabalha na fazenda, assim como seus pais o faziam. Na ala da criação, os porcos são tosquiados e encaixotados, as porcas são inseminadas e mantidas em cercados, e os funcionários têm de cuidar das fossas de esterco. A ala do abate é pior. Alguns funcionários “carregam” os porcos, forçando-os a andar por um corredor onde aguardam-lhes os imobilizadores. Eles seguram-lhes as pernas de trás, envolvem-nos com uma rede bem apertada, e soltam o animal para que seja erguido, guinchando e se debatendo de ponta-cabeça. Cortam-lhes as gargantas com facas de açougueiro pontiagudas, e o sangue se espalha, espesso como tinta, pelo chão de ladrilhos. Dali, vão para o tanque de escaldo. Os guinchos eternos, metálicos e frenéticos levam a maioria dos funcionários a usar tapalouvidos, e eles passam os dias em uma fúria surda. À noite, bebem e tocam música alta. O bar local, intitulado Heelah’s, não serve nada que tenha relação com carne de porco, apenas frango, que deve ser produzido pelo funcionário igualmente furioso em alguma outra fábrica, em algum outro lixo da cidade.

Para que nada fique oculto, deve informar que minha mãe é dona do abatedouro, e recebe aproximadamente 1,2 milhão de dólares em rendas anuais. Ela deixa que outras pessoas o gerenciem.

Um gato uivava na varanda de frente da casa dos Capisi, e conforme eu me aproximava, ouvia o ruído contínuo de um programa diurno de entrevistas. Bati na porta de tela e esperei. O gato passou, roçando por minhas pernas. Mesmo por cima da calça, pude sentir suas costelas. Voltei a bater, e a TV desligou. O gato andou, todo pomposo, para baixo do banco do balanço da varanda e miou. Delineei a palavra *Caim* na palma da minha mão direita com a unha, e voltei a bater.

- Mãe? – Uma voz de criança soou pela janela aberta.

Fui até lá, e em meio à terra presa à tela, vi um menino magro, de cachos escuros e olhos arregalados.

- Oi, rapaz. Lamento incomodá-lo. Seu nome é James?

- O que quer?

- Oi, James. Desculpe o incômodo. Estava assistindo a algum programa legal?

- Você é da polícia?

- Estou tentando ajudar a descobrir quem machucou a sua amiga. Posso conversar com você?

Ele não foi embora, apenas correu o dedo ao longo da borda da janela. Eu me sentei no banco de balanço, que ficava no extremo oposto de onde ele estava.

- Meu nome é Camille. Um amigo seu me contou o que você viu. Um loirinho de cabelos bem curtos.

- Dee.

- É o nome dele? Eu o vi no parque. No mesmo em que você e Natalie brincavam.

- Ela a levou. Ninguém acredita em mim. Não estou com medo. Só preciso ficar dentro de casa, só isso. Minha mãe tem câncer. É doente.

- Foi o que Dee me disse. Não culpo você. Espero não tê-lo assustado aparecendo assim. – Ele começou a raspar a unha, que estava comprida demais, tela abaixo. O barulho me dava coceira nos ouvidos.

- Você não se parece com ela. Se parecesse, eu chamaria a polícia. Ou lhe daria um tiro.

- Como ela era?

Ele deu de ombros.

- Já falei isso. Umas cem vezes.

- Mais uma.

- Era velha.

- Velha como eu?

- Velha como uma mãe.

- Que mais?

- Vestia uma camisola branca e tinha cabelos brancos. Era toda branca, mas não como um fantasma. É o que venho sempre dizendo.

- Branca, como?

- Como se nunca tivesse saído na rua.

- E agarrou Natalie quando ela foi entrar na mata? – perguntei com a mesma voz adúladora que minha mãe usava com empregados protegidos.

- Não estou mentindo.

- É claro que não. Ela agarrou Natalie enquanto todos brincavam?

- Bastante rápido – ele disse, agitando a cabeça em sinal afirmativo. – Natalie estava entrando pelo mato para procurar o frisbee. Daí, eu vi a mulher sair de dentro da mata, observando-a. Eu a via antes de Natalie. Mas não fiquei com medo.

- É provável que não.

- Nem seque quando ela a agarrou, a princípio, não fiquei com medo.

- Mas ficou depois?

- Não. – A voz dele baixou. – Não fiquei.

- James, pode me contar o que acontece quando ela agarrou Natalie?

- Ela a puxou para junto de seu corpo como se a estivesse abraçando. Depois, olhou para mim. E ficou me encarando.

- A tal mulher?

- Isso. Ficou olhando para mim e sorrindo. Por um instante, achei que tudo estivesse bem. Mas ela não falou nada. Daí, parou de sorrir, e pôs o dedo nos lábios como se me mandasse não contar nada. E sumiu para dentro da mata. Com Natalie. – Ele voltou a dar de ombros. – Já contei isso tudo.

- Para a polícia?

- Primeiro para minha mãe, depois para a polícia. Minha mãe me obrigou. Mas a polícia não deu a mínima.

- Por quê?

- Acharam que era mentira. Mas eu não inventaria isso. Seria burrice.

- Natalie tentou fazer alguma coisa enquanto isso tudo acontecia?

- Não. Só ficou parada. Acho que não sabia o que fazer.

- Essa tal mulher se parecia com alguém que você já tenha visto?

- Não. Já falei. – Ele se afastou da tela e começou a olhar para trás, por sobre o ombro, para a sala de estar.

- Bem, lamento ter incomodado. Talvez fosse melhor chamar algum amiguinho para lhe fazer companhia. – Ele voltou a chacoalhar os ombros em sinal de desdém, e roeu uma unha.

- Talvez sintasse-se melhor se sair de casa.

- Não quero. De qualquer maneira, nós temos uma arma. – Ele apontou para trás, por sobre o ombro, para uma pistola equilibrada sobre o braço do sofá, próxima a um sanduíche de pernil comido pela metade. Nossa!

- Tem certeza de que isso deveria estar ao seu alcance, James? É melhor não usá-la. Armas são bastante perigosas.

- Não são tão perigosas assim. Minha mãe não liga. – Ele olhou diretamente em meus olhos pela primeira vez. – Você é bonita. Seus cabelos

são bonitos.

- Obrigada.

- Tenho que ir.

- Está bem. Tenha cuidado, James.

- É justamente o que estou fazendo. – Ele soltou um suspiro determinado e afastou-se da janela. Um segundo depois, escutei a TV voltar a falar.

Em Wind Gap há onze bares. Acabei indo parar em um que não conhecia, Sensors, que deve ter florescido em meio a algum lampejo burro de alguém que gosta demais dos anos 80 a julgar pelos sinais em néon nas paredes e pela minúscula pista de dança no centro. Eu bebia um uísque e rascunhava algumas anotações do decorrer do dia quando a Força Policial de Kansas City aboletou-se no assento acolchoado à minha frente e pousou ruidosamente sua cerveja sobe a mesa entre nós dois.

- Tinha a impressão de que repórteres não podiam conversar com menores sem permissão. – Ele sorriu e tomou um gole. A mãe de James deve ter telefonado.

- Os repórteres precisam ser mais contundentes quando a polícia faz de tudo para sonegar-lhes informações a respeito de alguma investigação. – Respondia sem erguer o olhar.

- A polícia não tem como fazer o trabalho dela quando há repórteres detalhando suas investigações em jornais de Chicago.

O joguinho era antigo. Voltei às minhas anotações, empapadas devido ao suor do copo.

- Tentemos uma nova abordagem. Meu nome é Richard Willis. – Ele tomou outro gole e emitiu um estalo com os lábios. – Pode fazer sua piada com o meu nome agora. Há várias possíveis, e de diversas maneiras.

- É tentador.

- E você é Camille Preaker, a menina de Wind Gap que chegou ao sucesso na cidade grande.

- Ah, sou eu mesma...

Ele abriu seu inquietante sorriso de chiclete e passou a mão nos cabelos. Não usava aliança. Fiquei me perguntando quando havia começado a perceber essas coisas.

- Muito bem, Camille, o que acha de estabelecermos um acordo de cooperação? Pelo o menos por ora. Vejamos no que vai dar. Presumo que não tenha de explicar-lhe sobre o filho dos Capisi.

- Presumo que perceba que não há o que explicar. Por que a polícia não deu importância às declarações da única testemunha ocular do sequestro de Natalie Keene? – Peguei a caneta para mostrar a ele que poderia publicar qualquer coisa que dissesse.

- Quem disse que não demos importância?

- James Capisi.

- Ah, claro! Que ótima fonte... – ele riu. – Vou revelar-lhe um detalhezinho importante, senhorita Preaker. – Sua imitação de Vickery era ótima, ele até incorporara e girara um anel imaginário no dedo mínimo. – Não permitimos que um garoto de nove anos fique tão a par dos rumos de uma investigação em andamento, seja ele quem for, e isso independe de acreditarmos ou não no que nos contou.

- Você acreditou?

- Não posso revelar.

- Ao que me parece, se fosse possível ter uma descrição bem detalhada de um suspeito de homicídio, talvez fosse melhor deixar o povo da área ciente para todos ficarem de olhos abertos. Mas não foi isso que vocês fizeram. Então, tive que presumir que não deram importância ao que o garoto contou.

- Repito, não posso falar nada.

- Pelo que sei, Ann Nash não teve sua sexualidade molestada – continuei. – Com Natalie Keen também foi assim?

- Senhorita Preaker. Não posso revelar nada no momento.

- Então por que veio sentar-se aqui para conversar comigo?

- Bem, em primeiro lugar, sei que passou uma boa quantidade do seu tempo, provavelmente do seu tempo de trabalho, com nosso guarda outro dia, dando sua versão da aparição do corpo de Natalie. Queria agradecer-lhe.

- Minha versão?

- Cada pessoa tem sua própria versão de uma lembrança – ele disse. – Por exemplo: você nos contou que os olhos de Natalie estavam abertos. Os Broussard disseram-lhes fechados.

- Não posso revelar. – Eu estava querendo dar o troco.

- Tenho uma inclinação maior por acreditar em uma mulher que ganha a vida como repórter do que em dois idosos donos de uma restaurantezinho – disse Willis. – Mas gostaria de saber o quanto tem certeza do que viu.

- Natalie foi violentada sexualmente? Em off. – Deitei a caneta sobre a mesa.

Ele permaneceu sentado por um instante, em silêncio, girando a garrafa de cerveja.

- Não.

- Tenho certeza de que os olhos dela estavam abertos. Mas você presenciou.

- Presenciei – disse ele.

- Então, não precisa que eu diga. Qual é a outra coisa?

- O quê?

- Você disse “em primeiro lugar”.

- Ah, certo... Bem, meu outro motivo para querer conversar com você, para ser sincero, uma qualidade que me parece ser de seu agrado, é que estou desesperado para conversar com alguém que não seja daqui. – Os dentes apareceram subitamente. – Quer dizer, sei que você é daqui. E não sei como conseguia. Fico indo e vindo desde agosto do ano passado e estou enlouquecendo. Não que Kansas City seja uma metrópole agitada, mas há vida noturna. Uma cultura... alguma cultura. Tem gente.

- Tenho certeza de que está se saindo bem.

- É melhor que esteja mesmo. Pode ser que desta vez eu tenha que ficar mais tempo.

- Certo. – Apontei meu bloquinho na direção dele. – E então, qual é a sua teoria, sr. Willis?

- Na verdade, é “detetive Willis”. – Ele voltou a abrir seu sorriso largo. Terminei meu drinque com mais um gole e comecei a mastigar o mirrado canudinho de coquetel. – E então, Camille, posso oferecer-lhe uma rodada?

Agitei meu copo e concordei com um meneio.

- Uísque sem gelo.

- Ótimo.

Enquanto ele ia até o bar, peguei a caneta e escrevi o nome Richard em meu pulso em letras cursivas arredondadas. Ele voltou com dois Wild Turkeys.

- Então... – Ele olhou para mim, agitando as sobrancelhas. – Minha proposta é que talvez possamos apenas conversar um pouquinho. Como gente normal, que tal? Estou louco por isso. Bill Vickery não está exatamente morrendo de vontade de saber coisas sobre mim.

- Então somos dois.

- Certo. Então, você é de Wind Gap, mas agora trabalha para um jornal de Chicago. É o Tribune?

- Daily Post.

- Não conheço esse.

- E nem devia.

- É tão bom assim, hein?

- É legal. Apenas legal. – Não estava no clima para bancar a agradável. Nem sei direto se me lembrava de como fazê-lo. Adora é a boa de papo da família. Até o sujeito que aplica o veneno contra cupim uma vez por ano envia cartões carinhosos no Natal.

- Não está me dando muito com o que trabalhar, Camille. Se quiser que eu vá embora, eu vou.

Para falar a verdade, não queria. Ele tinha boa aparência e sua voz fazia com que eu me sentisse um pouco melhor. Também não o prejudicava o fato de não ser daqui.

- Perdão. Estou sem rude. Esse retorno tem sido complicado. Escrever a respeito disso tudo também não melhora em nada.

- Há quanto tempo não vinha aqui?

- Anos. Oito, para ser exata.

- Mas sua família ainda mora aqui.

- Ah, sim. Windgapianos fervorosos. Acho que esse é o termo preferido, em resposta à pergunta que fez mais cedo.

- Ah, obrigado. Detestaria insultar esta boa gente daqui. Mais do que já tenho insultado. Seus pais gostam daqui?

- Ahn-hã. Nunca sonhariam em sair. Amigos demais. A casa também é perfeita demais. Etcetera...

- Então, tanto sua mãe quanto seu pai nasceram aqui mesmo?

Um pessoal conhecido meu, mais ou menos da minha idade, aboletou-se em uma mesa próxima. Todos deixavam espirrar cerveja de suas grandes canecas. Rezei para que não me vissem.

- Minha mãe nasceu. Meu padrasto é do Tennessee. Mudou-se para cá quando se casaram.

- E quando foi isso?

- Há quase trinta anos, acho. – Tentei diminuir a velocidade com que estava bebendo para não passar do ritmo dele.

- E seu pai?

Sorri forçadamente.

- Foi criado em Kansas City?

- Fui. Nunca sonharia em sair. Amigos demais. A casa também é perfeita demais. Etcetera...

- E ser policial por lá é... bom?

- Dá para se exercitar bastante. O suficiente para não me transformar em um Vickery. Ano passado fiz uns trabalhos importantes. Homicídios, na maioria. E pegamos um sujeito que vinha atacando mulheres em série pela cidade.

- Estuprando-as?

- Não. Ele subia em cima delas, enfiava a mão lá dentro de suas bocas, e arranhava-lhes a garganta até que se despedaçassem.

- Nossa!

- Nós o pegamos. Era um vendedor de bebidas alcoólicas de meia-idade que morava com a mãe, e ainda tinha tecido da garganta da última mulher sob as unhas. Dez dias depois de atacá-la.

Não ficou claro se ele estava censurando a burrice do sujeito, ou sua falta de higiene.

- Que bom.

- E agora estou aqui. A cidade é menor, mas meu campo de provas cresceu. Da primeira vez que Vickery nos telefonou, o caso ainda não havia atingido essa magnitude toda, então enviaram um sujeito que está no meio da escala hierárquica. Eu. – Ele sorriu, quase se retraindo. – Depois, virou

caso de serial killer. Estão me deixando permanecer na investigação do caso por ora, deixando claro que é melhor que eu não faça besteira.

A situação dele me pareceu bem familiar.

- É estranho ter sua grande oportunidade com base em uma coisa tão horrível – ele continuou. – Mas você já deve conhecer isso. Que espécie de matérias cobre em Chicago?

- Minha seção é a policial mesmo, portanto, provavelmente a mesma espécie de lixo que você vive: violência, estupros, homicídios... –Queria que ele soubesse que eu também tinha histórias de terror. É besteira, mas era o que eu queria. – Mês passado, foi um sujeito de 82 anos. O filho o matou e o colocou em uma banheira cheia com um produto para desentupir ralos para que o corpo se dissolvesse. Ele confessou mas, é claro, não consegui descobrir o motivo do homicídio.

Estava arrependida de ter usado a palavra “lixo” para ilustrar violência, estupros e homicídios. É um desrespeito.

- Parece que nós dois já vimos umas coisas bem feinhas – disse Richard.

- Pois é. – Fiquei girando meu drink, sem nada para dizer.

- Sinto muito.

- Eu também.

Ele ficou me estudando. O barman diminuiu a iluminação da casa, um sinal oficial de que já era noite.

- Podemos pegar um cinema qualquer dia desses. – Ele usou um tom conciliatório, como se uma noite no cinema da cidade fosse fazer tudo ficar certo para mim.

- Talvez. – Bebi o resto do meu drinque. – Talvez.

Ele tirou o rótulo da garrafa de cerveja vazia à qual estava próximo e o colocou sobre a mesa. Sujismundo. Um sinal evidente de que nunca havia trabalhado em um bar.

- Bem, Richard, obrigada pelo drinque. Tenho que ir para casa.

- Foi legal conversar com você, Camille. Posso acompanhá-la até o seu carro?

- Não, tudo bem?

- Está bem para dirigir? Juro que não estou bancando o policial.

- Estou bem.

- Está bem. Tenha bons sonhos.

- Você também. Da próxima vez, quero que me diga alguma coisa que eu possa publicar.

Quando cheguei, Alan, Adora e Amma estavam todos reunidos na sala. A cena foi alarmante. Parecia-se bastante com a época de Marian. As duas sentadas no sofá, e mamãe com Amma em seu colo vestida com uma camisola de lã, apesar do calor. Ela segurava um cubo de gelo junto aos lábios de Amma. Minha meia-irmã olhou para mim com uma satisfação inexpressiva, e voltou a brincar com uma cintilante mesinha de jantar de

mogno, igualzinha à que ficava no cômodo ao lado, só que com cerca de dez centímetros de altura.

- Não precisa se preocupar – disse Alan, olhando para cima do jornal.
– Amma apenas sentiu calafrios devido ao calor.

Senti um sobressalto súbito, e depois um incômodo: estava voltando a me afundar em rotinas antigas, prestes a correr para a cozinha para fazer um chá, com sempre fazia quando Marian adoecia. Estava quase me sentando perto de minha mãe, esperando que me abraçasse também. Mamãe e Amma não disseram nada. Minha mãe sequer olhou para mim, apenas aninhou Amma junto a si e ficou falando baixinho em seu ouvido.

- Nós, os Crellin, somos um pouco frágeis. – Alan falou com certa dose de culpa. É bem provável que os médicos de Woodberry atendessem um Crellin por semana. Tanto mamãe quanto Alan costumavam agir com gravidade exagerada em relação a sua saúde. Lembro-me de, em minha infância, mamãe tentar me empurrar unguentos, óleos, remédios caseiros e besteiras homeopáticas. Às vezes eu tomava aquelas soluções turvas, mas era mais comum eu recusar. Foi então que Marian adoeceu bastante e Adora passou a ter coisas mais importantes a fazer do que me persuadir a engolir extrato de germe de trigo. Agora senti uma aflição: todos aqueles xaropes e comprimidos que ela me oferecia e eu rejeitava... Foi a última vez que tive toda a atenção dela como mãe. Inesperadamente, minha vontade foi ter sido mais suscetível.

Os Crellin. “Todos aqui são Crellin, menos eu”, pensei infantilmente.

- Lamento que esteja doente, Amma – falei.

- O desenho das pernas está errado. – Amma resmungou bruscamente e levantou a mesa, mostrando-se para minha mãe, indignada.

- Seus olhos são incríveis, Amma – disse Adora, apertando os olhos para ver a miniatura. – Mas mal se percebe, meu amor. Ninguém nunca vai saber além de você. – Ela alisou para trás os cabelos que caíam sobre a úmida frente de Amma.

- Não posso ficar com ela errada assim – disse Amma, olhando furiosamente para a peça. – Temos que mandar de volta. Qual é o objetivo de se mandar fazer especialmente se não é para ficar do jeito certo?

- Meu amor, juro para você que nem dá para perceber. – Mamãe deu leves tapinhas nas bochechas de Amma, mas ela já estava de pé.

- Você disse que tudo sairia com perfeição. Você prometeu! – A voz dela oscilava e as lágrimas começaram a descer-lhe o rosto. – Agora não tem mais serventia. Está tudo estragado. É a sala de jantar! Não pode ter uma mesa que não combine. Detestei!

- Amma... – Alan dobrou seu jornal e foi abraçá-la, mas ela o repeliu violentamente.

- É a única coisa que eu quero. Não pedi mais nada além disso e você nem se importa por estar errado! – Agora ela chorava e gritava ao mesmo tempo. Uma malcriação das grandes. Seu rosto já estava todo vermelho de tanta raiva.

- Amma, acalme-se – Alan disse friamente, tentando novamente contê-la.

- É a única coisa que eu quero! – Amma emitiu um grito curto e atirou a mesa ao chão, partindo-a em cinco cacos. Ela seguiu batendo até que o objeto ficasse reduzido a fragmentos, e então enterrou o rosto na almofada do sofá e continuou a chorar.

- Bem – disse mamãe -, agora parece que teremos que comprar uma nova.

Refugiei-me em meu quarto, longe daquela garotinha horrível, nem um pouco parecida com Marian. Meu corpo estava transtornado. Acalmei-me um pouco e procurei lembrar-me de como respirar direito, de como acalmar minha pele. Mas ela já gritava comigo. Às vezes, minhas cicatrizes têm vontade própria.

Eu me corto, sabe? Também retallo, fatio, gravo, espeto... Sou um caso bem especial. Tenho uma razão. A minha pele, sabe, ela grita. É repleta de palavras – cozinhar, bolinho, bichano, cachos – como se uma criança da primeira série manuseando uma faca tivesse aprendido a escrever em minha pele.

Eu, às vezes, mas apenas às vezes, rio. Saindo do banho e vendo, de rabo de olho, do lado de uma das pernas: bonequinha. Vestindo um suéter e, em uma olhadela rápida em meu pulso: nociva. Por que tais palavras? Milhares de horas de terapia resultaram em algumas, porém poucas, ideias dos bondosos médicos. A maioria é tipicamente feminina em estilo cor-de-rosa vs. Azul. Outras são totalmente negativas. Quantidade de sinônimos de “ansiosa” marcados em minha pele: onze. Minha única certeza à época é que era crucial ver tais letras em mim. E não apenas vê-las, mas senti-las. Queimando à esquerda de meu quadril: anágua.

Perto dela, minha primeira palavra, talhada em um dia ansioso de verão, aos trezes anos: perversa. Acordara naquela manhã cheia de calor e tédio, preocupada com as horas à frente. Como uma pessoa se mantém em segurança quando o seu dia inteiro fica tão amplamente aberto e vago quanto o céu? Tudo é possível. Lembro-me de sentir aquela palavra, pesada e levemente viscosa, atravessando minha bacia. A faca de cortar carne da mamãe. Cortando como uma criança ao longo de linhas vermelhas imaginárias. Limpando-me. Rasgando mais fundo. Limpando-me. Lavando a faca com alvejante e voltando sorrateiramente à cozinha para devolvê-la. Perversa. Alívio. Passei o resto do dia tratando a ferida, afundando nas curvas do P um cotonete ensopado com álcool. Fiquei acariciando minha bochecha até parar de latejar. Creme. Curativo. De novo.

O problema já havia começado bem antes, é claro. Os problemas sempre começam bem antes que a pessoa os perceba de verdade. Como nove anos eu já usava um grosso lápis enfeitado com bolinhas para copiar toda a série de livros de Laura Ingalls Wilder, palavra por palavra, em cadernos com capas de um verde brilhante.

Com dez, escrevia cada palavra dita pela professora em meu jeans com uma esferográfica azul. Depois, sentindo-me culpada, lavava-o secretamente na pia do meu banheiro com xampu de bebê. As palavras, borradas e manchadas, deixaram hieróglifos cor-de-índigo de cima a baixo das pernas da calça, como se um pequenino pássaro encharcado de tinta tivesse saltitado por elas todas.

Aos onze, já escrevia compulsivamente tudo que qualquer um me dissesse em um pequenino bloco azul. Já era uma mini repórter. Cada frase precisava ser registrada no papel ou não era real. Fugia. Eu via as palavras

flutuando pelo ar: “Camille, passe o leite.” E a ansiedade me envolvia conforme elas começavam a esvair-se como fumaça que saía de um jato. Se comesse a escrevê-las, contudo, as teria comigo. Não precisaria me preocupar com que se extinguissem. Era uma conservacionista, linguística. A CDF da turma. Uma aluna da oitava série contida e nervosa que copiava frases em frenesi (“O sr.Feeney é muito viado”, “Jamie Dobson é feio”, “Aqui nunca tem leite achocolatado”) com uma avidez que beirava a religiosidade.

Marian morreu em meu aniversário de treze anos. Eu acordei, desci o corredor procurando não fazer barulho para dar bom-dia – sempre a primeira coisa que eu fazia – e a encontrei, de olhos abertos e cobertor puxado até o queixo. Lembro-me de não ter ficado muito surpresa. Não consigo me lembrar de alguma época em que ela não estivesse morrendo.

Outras coisas aconteceram naquele verão. Bastante inesperadamente fiquei inequivocamente muito bonita. Era tão provável quanto ficar muito feia. Era Marian que todos tinham certeza que seria bonita: grandes olhos azuis, um nariz pequenino, um perfeito queixo pontudo... Meus atributos mudavam de acordo com o dia, como se nuvens flutuassem sobre mim lançando matizes elogiosos ou repugnantes sobre meu rosto. Mas assim que veio para ficar – e parece que todos os demos conta disso naquele verão, o mesmo em que, pela primeira vez, encontrei sangue salpicado em minhas coxas e em que comecei a me masturbar furiosamente e compulsivamente -, eu já estava fígada. Não conseguia tirar os olhos de mim mesma. Um flerte incrível em qualquer espelho que encontrasse. Impassível como um potro. E todos me adoravam. Havia deixado de ser digna de pena (a garota da, que estranho, irmã falecida). Começava a ser a menina bonita (a garota da, que triste, irmã falecida). Então, passei a ser popular.

Também foi naquele verão que comecei a me cortar. Passei a ser quase tão fiel a isso quanto à minha recém-descoberta beleza. Adorava tratar a minha mesma, passar uma toalha úmida na rasa poça vermelha formada por meu sangue para revelar magicamente, logo acima do umbigo: enjoada. Aplicar álcool com leves toques de um pedaço de algodão, com finos fios agarrando-se às linhas ensanguentadas de: petulante. No último ano da escola, tive surto de termos chulos, os quais emendaria mais tarde. Alguns talhos rápidos e boceta virou boneca, pica transformou-se em doida, e grelo virou um cabelo bastante incomum, aproveitando a curva do g para puxar um a antes do r transformando em b.

A última palavra que gravei em meu corpo, dezesseis anos depois de ter começado, foi desaparecer.

Às vezes escuto as palavras brigando entre si por meu corpo. No ombro, calcinha briga com virgem, do lado de dentro do tornozelo direito. Debaixo do dedão do pé, coser proferindo ameaças silenciosas em direção a bebê, logo abaixo do meu seio esquerdo. Eu as aquieto ao pensar em desaparecer, sempre em silêncio e soberana, servindo como a maioral sobre as outras palavras, lá na segurança da minha nuca.

Inclusive, no meio das minhas costas, um lugar difícil demais de se alcançar, um círculo de pele intocada do tamanho de um punho.

Com o passar dos anos, criei minhas próprias piadas particulares. Sou um livro aberto. Quer que eu mostre como se escreve? Minhas palavras não estão só na ponta da língua. Engraçado, né? Não suporto mais me olhar sem estar totalmente coberta. Pode ser que chegue um dia em que eu vá me consultar com um cirurgião, e ver o que ele pode fazer para me deixar lisa de novo, mas agora, não conseguiria suportar a reação. Em vez disso, eu

bebo para não acabar pensando demais no que fiz com meu corpo, e para não fazer mais. Ainda assim, na maior parte do tempo em que estou acordada, minha vontade é me cortar. E agora não são mais palavras pequenas. Duplos sentidos. Incoerente. Duas caras. O pessoal do hospital lá de Illinois não aprovaria esse desejo ardente.

Para os que precisam de um nome, há uma variedade bem grande de termos médicos. Só sei que os cortes faziam com que me sentisse segura. Era a prova. Pensamentos e palavras aprisionados onde eu podia vê-los e encontrá-los. A verdade ardendo em minha pele com uma taquigrafia de gente doente. Se você me disser que vai ao médico, vou querer entalhar a palavra aflitivo no braço. Se me disse que está apaixonado, sinto sussurrarem os contornos de tragédia em meu seio. Não queria necessariamente uma cura, mas o espaço para escrever estava acabando. Já estava me cortando entre os dedos dos pés – má, pranto – como uma viciada em heroína à caça da última veia. Desaparecer bastou para mim. Havia guardado o pescoço, um espaço de tanta qualidade, para uma última boa fatiada. Então, me entreguei. Passei três meses no hospital. Era uma clínica só para quem gostava de se cortar, quase todas as mulheres, a maioria com menos de vinte e cinco anos. Quando fui, já tinha trinta. Havia completado há seis meses. Época delicada.

Curry foi me visitar uma vez e levou rosas amarelas. O hospital tirou-lhes todos os espinhos antes de deixarem-no entrar na recepção, e depositaram-nos em recipientes plásticos – para Curry, pareciam frascos de remédios controlados – que mantinham trancados até a chegada do caminhão do lixo. Nos sentamos na sala de estar diurna cujas quinas eram todas arredondadas, e os sofás, acolchoados. Conforme conversávamos a respeito do jornal, de sua esposa e das últimas de Chicago, fiquei

procurando em seu corpo alguma coisa pontiaguda. Uma fivela de cinto, um alfinete de segurança, uma corrente de relógio...

- Sinto muito, minha menina – disse ele ao final da visita, e percebi que foi de coração, por causa da sua voz úmida.

Assim que ele foi embora, senti tanto nojo de mim mesma que fui vomitar no banheiro, e enquanto o fazia, percebi os parafusos cobertos por borrachas na parte de trás do vaso sanitário. Tirei com dificuldade a cobertura de um deles e afundei a palma da mão – eu – até que assistentes hospitalares tivessem que me tirar arrastada com o sangue jorrando do ferimento como das chagas de Cristo.

A menina que dividia o quarto comigo suicidou-se alguns dias depois. Não foi se cortando, o que, é claro, soou com uma ironia. Ela engoliu todo o conteúdo de um recipiente de limpa-vidros que um faxineiro esquecera. Tinha dezesseis anos. Uma ex-líder de torcida que se cortava acima da coxa para que ninguém percebesse. Seus pais me olharam com raiva quando vieram levar as coisas dela.

Sempre chamam de depressão de tristeza, mas eu teria ficado feliz em acordar e ter a perspectiva de vida de uma planta. Para mim, a depressão é urina amarela. Quilômetros e quilômetros de um mijo fraco, diluído e exausto.

As enfermeiras me davam remédios para aliviar nossas peles doloridas. E mais remédios para acalmar nossos cérebros ardentes. Revistavam nossos corpos duas vezes por semana para ver se achavam algum objeto pontiagudo, e nos sentavam juntos, nos purificando, teoricamente, da ira e do ódio contra nós mesmos. Aprendemos a não nos

responsabilizarmos. Aprendemos a culpar. Depois de um mês de bom comportamento ganhávamos massagens e banhos sedosos. Ensinavam-nos o bem que fazia o toque.

Só mais uma pessoa foi me visitar, minha mãe, que eu já não via há meia década. Ela trazia o odor de flores púrpuras e usava uma pulseira barulhenta que eu cobiçava quando criança. Enquanto estávamos sozinhas, ela falou sobre as flores e sobre as novas leis municipais que exigiam a retirada das luzes de Natal até 15 de janeiro. Quando os médicos se juntaram a nós, ela chorou, me acariciou e se martirizou. Ficou mexendo em seus cabelos e perguntando-se o porquê de eu fazer aquilo comigo mesma.

Então, inevitavelmente, vieram as histórias de Marian. Ela já havia perdido uma criança. Aquilo por pouco não a matara. Por que a mais velha (embora necessariamente menos amada) iria deliberadamente causar mal a si mesma? Eu era tão diferente da menina que ela perdera, que – imaginem só – estaria com quase trinta caso estivesse viva. Marian abraçava a vida, da qual acabou sendo poupada. Senhor, ela havia absorvido o mundo. Se lembra, Camille, como até de cama no hospital ela ria?

Eu detestava explicar para minha mãe que agir assim era da natureza de uma menina de dez anos moribunda e desnorteada. Para que me dar tal trabalho? É impossível competir com os mortos. Queria conseguir parar de tentar.



Capítulo 5

Alan vestia uma calça branca, com pregas que pareciam papéis dobrados, e uma blusa social verde-clara quando descí para o café-da-manhã. Estava sentado, só, à mesa do grande conjunto de mogno de sala de jantar, e sua sombra clara brilhava na madeira lustrada. Espiei intencionalmente as pernas da mesa para ver qual havia sido a razão de toda aquela confusão de ontem à noite. Alan preferiu não perceber. Ele comia ovos fritos ao leite em um prato fundo com uma colher de chá. Quando olhou para mim, um fio de gema de ovo pendia de sua boca até abaixo de seu queixo, parecendo cuspe.

- Camille. Sente-se. O que quer que Gayla lhe traga para comer? - Ele tilintou o sino de prata que estava a seu lado e Gayla apareceu, saindo da porta de vaivém da cozinha. Gayla, há dez anos, era uma menina do campo que trabalhava diariamente limpando e cozinhando na casa de minha mãe e recebia porcos em troca. Era da minha altura - alta mas eu achava impossível que pesasse muito mais do que 45 quilos. Trajava um engomado uniforme branco de enfermeira que flutuava livremente à sua volta, parecendo um sino.

Mamãe passou por ela, deu um beijo na bochecha de Alan, e pôs uma pêra em frente à sua cadeira, sobre um guardanapo branco de algodão.

- Gayla, deve lembrar-se de Camille.

- É claro que me lembro, sra. Crellin — ela respondeu, apontando o rosto vulpino em minha direção. Então, sorriu mostrando os dentes desalinhados e os lábios escamados e quebradiços. - Oi Camille. Temos ovos, torradas, frutas...

- Apenas café, por favor. Creme e açúcar.

- Camille, compramos comida só para você - disse minha mãe, mordiscando a pêra em sua parte mais rechonchuda. - Pelo menos coma uma banana.

- E uma banana. - Gayla voltou para a cozinha com um sorriso malicioso.

- Camille, devo-lhe desculpas pelo que houve ontem à noite. - Alan começou. - Amma está passando por uma daquelas fases...

- Ela se apega demais a certas coisas - disse minha mãe. - Na maioria das vezes é de um jeito meigo, mas tem hora que ela exagera um pouco.

- Ou mais que um pouco - falei. - Foi uma mal criação bastante forte para uma garotinha de treze anos. Um pouco assustador. - Era a Camille de Chicago voltando, mais confiante, e certamente mais loquaz. Estava aliviada.

- É verdade, mas você também não era exatamente tranqüila na idade dela. - Não entendi muito bem a que minha mãe se referia, se aos cortes, se aos acessos de choro por causa de minha irmã perdida, ou se à vida sexual extremamente ativa que eu assumira. Decidi apenas oferecer-lhe um gesto conciliatório com a cabeça.

- Bem, espero que esteja melhor - falei como se estivesse colocando um ponto final na conversa e me levantei para sair.

- Por favor, Camille, sente-se de novo. - Alan pediu com a voz fraca, enquanto limpava os cantos da boca. - Conte-nos a respeito da Cidade dos Ventos. Dê-nos um minuto.

- Está tudo bem lá na Cidade dos Ventos. O trabalho ainda é bom, tenho recebido bons resultados.

- Em que consistem esses bons resultados? - Alan inclinou-se em minha direção com as mãos cruzadas, como se visse a pergunta como uma coisa encantadora.

- Bem, tenho trabalhado em matérias mais importantes Cobri apenas três homicídios desde o início do ano.

- E isso é bom, Camille? - Mamãe parou de mordiscar Nunca vou entender de onde tirou essa sua predileção por tudo o que é feio. A meu ver, você já viu feiúra suficiente em sua vida sem que precisasse correr atrás deliberadamente. - Ela soltou uma risada tão alegre quanto estridente, como um balão alçando vôo em uma rajada de vento.

Gayla voltou com meu café e uma banana apertados desajeitadamente em um prato fundo. Assim que saiu, Amma apareceu, como se fossem duas

atrizes em uma tragédia de teatro. Minha meia-irmã deu um beijo na bochecha de mamãe, cumprimentou Alan, e sentou-se à minha frente, do outro lado da mesa. Chutou-me uma vez sob a mesa, e riu. - Ah, chutei você?

- Lamento que tenha me visto daquela maneira, Camille - disse Amma. - Sobretudo por ainda não nos conhecermos tão bem assim. Estou apenas passando por uma fase. - Ela abriu um sorriso forçado demais. - Mas agora voltamos a nos reunir. Você é como a pobre da Cinderela, e eu, sua irmã perversa. Meia-irmã.

- Não há nada de perversa em você, meu amor - disse Alan.

- Mas Camille foi a primeira. A primeira costuma ser a melhor. Agora que ela voltou, vocês a amarão mais do que a mim? - perguntou Amma. Ela começou a pergunta como uma provocação, mas corou as bochechas enquanto esperava pela resposta de minha mãe.

- Não - disse Adora, sem muito alarde. Gayla pôs um prato de pernil à frente de Amma, sobre o qual ela verteu mel em círculos.

- Porque vocês me amam - disse Amma, enchendo a boca de pernil. Aquele cheiro enjoativo de carne misturada com açúcar preenchia o ambiente. - Minha vontade era ser assassinada.

- Amma, não diga besteira! — disse minha mãe, empalidecendo. Seus dedos subiram tremendo até seus cílios e voltaram determinadamente para cima da mesa.

- Assim, nunca mais teria de me preocupar. Quando você morre, vira uma pessoa perfeita. Eu seria como a princesa Diana. Agora todo mundo a

venera.

- Você é a menina mais popular de toda a sua escola e é idolatrada em sua casa, Amma. Não seja gananciosa.

Amma voltou a me chutar sob a mesa e sorriu enfaticamente, como se alguma questão importante tivesse sido resolvida. Ela atirou uma ponta da vestimenta por sobre o ombro, quando percebi que o que eu achava que fosse um vestidinho para ficar em casa era um lençol azul habilmente enrolado. Mamãe também percebeu.

- Mas o que é isso que está vestindo, Amma?

- E o meu manto de pureza. Vou para a floresta brincar de Joana d'Arc. As meninas vão atear fogo em mim.

- Não vai não, querida — minha mãe repreendeu-a, tirando o mel de Amma, prestes a encharcar ainda mais o seu pernil. - Duas meninas da sua idade morreram e acha que vai brincar na floresta?

"As crianças nas matas fazem brincadeiras travessas e secretas." Começava assim um poema que já soube de cor.

- Não se preocupe, não vai acontecer nada com a gente. - Amma sorriu com um exagero enfasteante.

- Vai ficar em casa.

Amma golpeou seu pernil e murmurou palavras ofensivas. Minha mãe virou-se em minha direção de cabeça erguida com o diamante de sua aliança emitindo clarões para meus olhos como um SOS.

- Agora, Camille, podemos ao menos fazer alguma coisa agradável enquanto a temos conosco? — ela perguntou. - Podemos fazer um piquenique no quintal. Ou poderíamos sair com o conversível, dar um passeio, talvez jogar golfe em Wood-berry... Gayla, traga-me um pouco de chá gelado, por favor.

- Isso tudo seria ótimo. Só preciso saber quanto tempo mais vou ficar por aqui.

- Claro, também seria bom que soubéssemos. Não que não tenha liberdade de ficar quanto tempo quiser - disse ela -, mas seria bom que soubéssemos para que também pudéssemos fazer os nossos planos.

- Claro - dei uma mordida na banana, cujo gosto era de um nada verde-claro.

- Ou talvez eu possa ir com Alan para lá durante este ano. Nunca chegamos a ver Chicago direito. — Meu hospital ficava uns noventa minutos ao sul da cidade. Mamãe pousou no O'Hare e pegou um táxi até lá. Saiu por US\$ 128. Com a gorjeta, US\$ 140.

- Também seria legal. Temos museus lindos. Vocês adorariam o lago.

- Não sei se algum dia vou voltar a gostar de qualquer coisa que tenha água.

- Por quê? - Eu já sabia.

- Depois que aquela menina, a pequena Ann Nash, foi abandonada no córrego para morrer afogada... - Ela fez uma pausa para dar um gole em seu chá gelado. — Eu a conhecia, sabe...

Amma resmungou e começou a remexer-se impacientemente em sua cadeira.

- Mas ela não morreu afogada - falei, sabendo que a correção a incomodaria. - Morreu estrangulada. Só foi parar no córrego.

- Depois, a menina dos Keene. Eu gostava das duas. Gostava bastante.
- Ela desviou o olhar de maneira pensativa e Alan segurou-lhe a mão. Amma levantou-se, emitiu um grito curto igual ao de um filhote de cachorro, e subiu a escada correndo.

- Pobrezinha... - disse minha mãe. - A barra que ela está enfrentando é quase tão grande quanto a minha.

- Ela, de fato, via as meninas todos os dias, então tenho certeza de que é - falei impertinentemente, indo contra minha natureza. - Como à senhora as conhecia?

- Não preciso relembrá-la de que Wind Gap é uma cidade pequena. Eram menininhas lindas e meigas. Muito lindas.

- Mas a senhora não as conhecia de verdade...

- Conhecia sim. Eu as conhecia bem.

- Como?

- Camille, por favor, experimente não se comportar assim. Acabei de contar-lhe que estou perturbada e desalentada, e em vez de me consolar, está me atacando.

- Então, a senhora eliminou da sua vida todos os cursos d'água para sempre?

Minha mãe emitiu um ruído chiado e rápido.

- É melhor que fique calada agora, Camille. — Ela dobrou o guardanapo em volta dos restos de sua pêra e saiu. Alan a acompanhou com sua mania de assovios como um pianista dos velhos tempos, do tipo que colocava emoções em filmes mudos.

Toda tragédia que acontece no mundo, acontece com minha mãe, e isso, mais que qualquer outra coisa em sua personalidade, me irrita. Ela se preocupa com gente que nunca viu na vida, mas que teve um momento de azar. Chora ao ouvir notícias do outro lado do mundo. Tudo isso é demais para ela, a crueldade do ser humano.

Depois que Marian morreu, ela passou um ano sem sair de dentro do quarto. Um quarto deslumbrante. Uma cama com dossel do tamanho de um navio. Uma penteadeira salpicada de vidros foscos de perfume. Um piso tão glorioso que fora fotografado por diversas revistas de decoração. Feito de marfim puro e cortado em quadrados, iluminando o quarto. Aquele quarto e seu piso decadente me deixavam cheia de pavor, sobretudo por me ser proibido. Celebidades como Truman Winslow, o prefeito de Wind Gap, visitavam-na semanalmente e traziam flores frescas e romances clássicos. Consegui olhar minha mãe de relance uma vez que a porta estava aberta para que as pessoas entrassem. Ela vivia sempre deitada, escorada sobre uma montanha de travesseiros, e vestida com diversos robes finos e floridos. Nunca cheguei a entrar lá.

Faltavam apenas dois dias para acabar o prazo que Curry havia me dado para entregar a matéria, e eu tinha pouca coisa para enviar. Em meu quarto, esparramada com toda a formalidade sobre a cama e com as mãos enganchadas como um cadáver, recapitulei o que sabia e forcei-me a colocar tudo sob uma boa construção. Ninguém testemunhara o seqüestro de Ann Nash em agosto do ano passado. Ela simplesmente desaparecera, e seu corpo surgira a alguns quilômetros de distância, em Falis Creek, dez horas depois. Fora estrangulada cerca de quatro horas após ser levada. A bicicleta nunca foi encontrada. Se eu tivesse que adivinhar, diria que ela conhecia a pessoa. Agarrar uma criança e sua bicicleta contra sua vontade provocaria bastante barulho naquelas ruas serenas. Será que foi alguém da igreja, ou até mesmo da vizinhança? Alguém com aparência inofensiva...

Mas com o primeiro crime cometido com tanta cautela, por que seqüestrar Natalie à luz do dia e na frente de um amiguinho? Não fazia sentido. Se James Capisi estivesse perto da mata, em vez de absorvendo culposamente os raios de sol, será que agora estaria morto? Ou será que Natalie Keene fora um alvo calculado? Também houve o fato dela ter sumido por mais tempo: ficou desaparecida por mais de dois dias até seu corpo surgir espremido naqueles trinta centímetros entre a loja de ferragens e o salão de beleza na tão pública avenida Central.

O que será que James Capisi viu? Aquele garoto me deixou apreensiva. Não achei que fosse mentira sua, mas crianças digerem o medo de maneira diferente. O garoto viu um terror, e tal terror virou a bruxa perversa dos contos de fadas, a cruel Rainha da Neve. Mas e se a pessoa que ele viu tinha apenas uma aparência feminina? Um sujeito cabeludo e magricela, um travesti, um rapaz andrógino... Mulheres não matam dessa maneira, simplesmente não o fazem. Dá para contar nos dedos de uma das

mãos a lista de serial killers do sexo feminino, e suas vítimas eram quase sempre homens. Geralmente alguma história sexual que terminava mal. Mas, as meninas não haviam sido atacadas sexualmente, o que também não se encaixava no padrão de comportamento.

A escolha das duas meninas também não parecia fazer sentido. Se não fosse por Natalie Keene, acreditaria que tinham sido vítimas de pura falta de sorte. Porém, se aquilo tudo não era mentira de James Capisi, foi feito um esforço para pegá-la no parque. E se era ela exatamente que o assassino queria, então Ann também não foi puro capricho. Nenhuma das duas era tão bonita a ponto de estimular uma obsessão. Como Bob Nash dissera, Ashleigh é a mais bonita. Natalie vinha de uma família endinheirada, ainda razoavelmente nova em Wind Gap. Ann era de classe média baixa, e a família Nash habita Wind Gap há gerações. Elas não eram amigas. A única coisa que as ligava era uma malevolência compartilhada, caso as histórias de Vickery servissem de base. Também havia a teoria do caroneiro. Será que Richard Willis considerava isso realmente? A cidade ficava próxima a uma estrada importante, usada para transporte de mercadorias por caminhões que iam e saíam de Memphis. Mas nove meses é tempo demais para que não se perceba a presença de uma pessoa que ninguém conhece. E a mata que cercava Wind Gap ainda não havia revelado nada, nem mesmo muitos animais. Esses foram caçados até a extinção há anos.

Eu sentia meus pensamentos chocando-se contra si mesmos, sujos devido a preconceitos antigos e conhecimento demais de quem vê a coisa de dentro. De repente, senti uma necessidade desesperadora de conversar com Richard Willis, um sujeito que não era de Wind Gap, cuja perspectiva do que vinha acontecendo na cidade era a de um serviço, um projeto a ser

colocado em ordem e finalizado. O último prego a ser martelado, deixando tudo organizado e controlado. Era como eu precisava pensar.

Tomei um banho fresco com as luzes apagadas. Depois, sentei-me à borda da banheira e passei o creme que mamãe me entregara por toda a pele, uma vez, rapidamente. As cicatrizes altas e enrugadas me davam arrepios.

Vesti uma leve calça de algodão, e uma blusa de gola olímpica e mangas compridas. Escovei os cabelos e fui me olhar no espelho. Tirando o que eu fizera com o resto do corpo, meu rosto ainda era belo. Não de forma que alguém pudesse ressaltar uma única característica que chamasse mais a atenção, mas de forma que tudo estivesse em equilíbrio perfeito. Fazia um sentido formidável. Olhos grandes e azuis, e maçãs do rosto altas, emoldurando um pequeno nariz triangular. Lábios carnudos que curvavam-se levemente para baixo nos cantos. Eu era uma coisa linda de se ver, contanto que estivesse completamente coberta. Se as coisas tivessem tomado rumos diferentes, eu poderia ter passado a vida me entretendo com diversos amantes de corações infelizes. Talvez tivesse namorado homens brilhantes. Talvez tivesse me casado.

Lá fora, nossa parte do céu do Missouri estava, como sempre, na cor azul-ferrete. Apenas pensar nisso já fazia meus olhos encherem-se d'água.

Encontrei Richard no restaurante dos Broussard comendo panquecas sem melado, e com uma pilha de pastas sobre a mesa que quase lhe chegava aos ombros. Estatelei-me à mesa, à frente dele, e senti-me estranhamente contente. Conspiradora e confortável.

Ele ergueu o olhar e sorriu.

- Srta. Preaker. Coma uma torrada. Sempre que venho aqui digo que não quero torrada. Parece que nunca ouvem. É como se estivessem tentando atingir uma determinada meta.

Peguei uma torrada e espalhei um pouco de manteiga por cima. O pão estava frio e duro, e minha mordida cobriu a mesa de flocos. Limpei-os para baixo do prato e fui ao que me interessava.

- Escute, Richard. Conte-me alguma coisa. Não precisa nem ser para publicar. Não consigo chegar a conclusão alguma. Não consigo atingir um nível satisfatório de imparcialidade.

Ele deu tapinhas na pilha de pastas a seu lado e abanou seu bloco de folhas amarelas em minha direção.

- Tenho aqui toda a imparcialidade que deseja, pelo menos, de 1927 em diante. Ninguém sabe o que houve com os registros anteriores a 1927. É bem provável que tenham ido para o lixo, jogados por alguma recepcionista que só queria “organizar a bagunça da delegacia”.

- Que tipo de registros?

- Venho compilando um perfil criminal de Wind Gap, um histórico da violência na cidade — disse ele, olhando para mim e sacudindo uma das pastas. - Sabia que, em 1975, duas adolescentes foram encontradas mortas às margens de Falis Creek, bem perto de onde Ann Nash apareceu, com os pulsos cortados? Segundo a polícia, elas cortaram a si mesmas. As meninas eram “amigas excessivamente próximas e de tanta intimidade que não havia como se ter uma relação saudável para a idade delas. Suspeita-se que

tivessem uma relação homossexual”. Mas a faca nunca foi encontrada. Estranho.

- O sobrenome de uma delas era Murray.

- Ah, então você sabia...

- Ela tinha acabado de dar à luz.

- Isso, uma menininha.

- O nome dela era Faye Murray. Frequentávamos a mesma escola. Os meninos a chamavam de Faye “Macha”. Eles saíam com ela depois da escola, levavam-na para a mata, e cada um transava com ela de cada vez. A mãe dela se suicidou e, dezesseis anos depois, Faye era obrigada a dar para todos os meninos da escola.

- Não entendi.

- Para provar que não era lésbica. Tal mãe, tal filha, entendeu? Se não desse para eles, ninguém faria nada com ela. Mas ela deu, assim, provando que não era lésbica, mas que era uma vadia. Para que ninguém fizesse nada com ela. Wind Gap é assim. Todos conhecemos os segredos uns dos outros, e todos os usamos.

- Que beleza de lugar...

- Exato. Dê-me uma declaração.

- Acabei de fazê-lo.

Aquilo me fez rir, surpreendendo-me. Já me imaginava entregando a matéria a Curry: Polícia não tem pistas, mas acredita que Wind Gap seja "uma beleza de lugar".

- Escute, Camille, proponho um trato. Dou-lhe uma declaração que possa publicar e você me ajuda a solucionar estas histórias do passado. Preciso que alguém me conte como esta cidade é de verdade e Vickery se recusa. Ele é bastante... protetor.

- Dê-me declarações que eu possa publicar, mas colabore comigo me dizendo coisas que não posso. De tudo o que me disser, só vou usar o que permitir, mas você vai poder usar tudo o que eu lhe contar. - Não era o trato mais justo do mundo, mas teria que servir.

- Que declaração quer de mim? - Richard sorriu.

- Acredita mesmo que os homicídios são obra de um forasteiro?

- Para publicar?

- É.

- Não descartamos ninguém. — Ele deu uma última mordida na panqueca e ficou pensando, olhando para o teto. - Estamos prestando bastante atenção em potenciais suspeitos pertencentes à comunidade, mas também levamos cuidadosamente em consideração a possibilidade de que os homicídios tenham sido obra de um forasteiro.

- Então, não têm pista alguma...

Ele abriu um sorriso largo e encolheu os ombros.

- Já lhe dei minha declaração.

- Está bem. Em off, não têm pista alguma?

Ele fechou e abriu algumas vezes a tampa do vidro grudento de melado e cruzou os talheres sobre o prato.

- Em off, Camille, acha mesmo que esses crimes parecem coisa de um forasteiro? Você é repórter policial...

- Não acho. — Dizer aquilo em voz alta me deixou agitada.

Tentei não olhar para os dentes do garfo à minha frente.

- Moça inteligente...

- Foi Vickery que me disse que você achava que era coisa de um caroneiro ou alguma coisa parecida.

- Ah, mas que droga... Falei aquilo como uma possibilidade, assim que cheguei aqui... há nove meses. Ele insiste nisso como se fosse prova da minha incompetência. Tenho dificuldade em me comunicar com Vickery.

- Tem algum suspeito de verdade?

- Saia comigo para bebermos esta semana. Quero que entregue tudo o que sabe a respeito de cada habitante de Wind Gap.

Ele pegou a conta e arrastou o vidro de melado de volta para junto da parede. Deixou um círculo açucarado sobre a mesa. Sem pensar, passei o dedo nele e levei à boca. As cicatrizes ameaçaram aparecer sob a manga da

blusa. Richard ergueu o olhar bem na hora em que eu voltava as mãos para baixo da mesa.

Não me importaria em revelar as histórias de Wind Gap a Richard. Não sentia qualquer fidelidade especial para com a cidade. Foi aqui que minha irmã morreu. Foi o lugar onde comecei a me cortar. Uma cidade tão sufocante e pequena que todos os dias você esbarra com alguém que detesta. Gente que sabe de coisas a seu respeito. E o tipo de lugar que deixa marcas.

No entanto, é verdade que, superficialmente, eu não poderia ter sido mais bem tratada quando morava aqui. Mamãe fez com que isso fosse possível. A cidade a adorava. Ela era como uma cobertura de bolo: a cria mais linda e meiga de Wind Gap. Os pais dela, meus avôs, eram donos da fazenda de criação e abate de porcos e de metade das casas ao redor. Minha mãe tinha que obedecer às mesmas regras rigorosas que eles cobravam dos funcionários: nada de beber, fumar ou xingar, e obrigatoriedade de comparecimento à missa na igreja. Imagino como devem ter recebido a notícia quando minha mãe engravidou aos dezessete. Um sujeito qualquer de Kentucky que a conhecera em uma excursão da igreja veio visitá-la no Natal e me deixou em seu ventre. De tanta ira, tanto meu avô quanto minha avó tiveram tumores que foram se expandindo conforme a barriga de minha mãe também crescia. Os dois morreram de câncer antes que eu completasse um ano.

Meus avós tinham amigos no Tennessee, e o filho deles começou a cortejar Adora antes que eu começasse a comer sólidos, visitando-a praticamente todo fim de semana. O melhor termo que consigo encontrar

para definir tal namoro é “constrangedor”. Alan, todo elegante, falando sem parar sobre o clima. Minha mãe, sozinha e sem ninguém para vigiá-la pela primeira vez na vida, precisando de um bom partido, rindo de... piadas? Não sei se em algum momento de sua vida Alan fez alguma piada, mas tenho certeza de que mamãe encontrara algum motivo para soltar risadinhas, típicas de uma menina, para ele. E onde eu estava nesse cenário? Provavelmente em algum cômodo isolado com alguma criada me fazendo ficar quieta. Adora devia dar-lhe umas cinco pratas a mais pelo transtorno. Imagino Alan pedindo minha mãe em casamento enquanto fingia olhar para o que estava ocorrendo atrás dela, ou mexendo em alguma planta. Qualquer coisa para evitar o olho-no-olho. Mamãe deve ter aceitado graciosamente, servido-lhe mais chá. Talvez tenha havido um beijo seco.

Não importa. Quando comecei a falar, os dois se casaram. Não sei quase nada a respeito de meu pai verdadeiro. O nome na certidão de nascimento é falso: Newman Kennedy, respectivamente o ator e o presidente prediletos de minha mãe. Ela se recusava a me contar o nome verdadeiro dele, com receio de que eu fosse procurá-lo. Não, eu deveria ser considerada filha de Alan. Seria difícil, pois ela logo teve a filha dele, oito meses depois de terem se casado. Ela tinha vinte anos, ele, trinta e cinco. A família de Alan tinha muito dinheiro, mas minha mãe não precisava, já que também tinha bastante. Nenhum dos dois jamais trabalhou. Com o passar dos anos, aprendi pouca coisa a mais a respeito de Alan. É um premiado equitador que não monta mais porque isso deixa Adora nervosa. É bem freqüente encontrá-lo doente, e mesmo quando não está, passa a maior parte do tempo imóvel. Lê livros incontáveis sobre a Guerra Civil, e passa a impressão de estar satisfeito em deixar a maior parte da conversa a cargo de minha mãe. E tão polido e superficial que chega a parecer vidro. Pensando bem, Adora nunca tentou criar um elo entre nós. Era para eu ser

considerada filha de Alan, mas nunca para tê-lo como pai. Nunca me incentivaram a chamá-lo de qualquer coisa que não fosse seu nome próprio. Alan não me deu seu sobrenome, e também nunca o pedi. Lembro-me de ter experimentado uma vez chamá-lo de pai, quando criança, mas sua expressão de choque foi suficiente para que nunca mais voltasse a tentar fazê-lo. Para ser sincera, creio que Adora prefira que nos consideremos estranhos. Sua vontade é que todas as relações da casa passem por ela.

Ah, mas voltemos à bebê. Marian foi uma meiga sucessão de enfermidades. Desde o início, teve dificuldade para respirar. Acordava no meio da noite buscando ar desesperadamente, toda cinza e repleta de manchas vermelhas. De meu quarto, em um extremo do corredor, eu a escutava como um vento sofrido no outro extremo, no quarto que ficava ao lado do de minha mãe. As luzes se acendiam e mamãe a tratava com todo amor. Ou, às vezes, chorava ou gritava. Foram idas freqüentes ao pronto-socorro que ficava a quarenta quilômetros, em Wood-berry. Depois, teve problemas de digestão e ficava sentada murmurando com suas bonecas, em um leito hospitalar montado em seu quarto, enquanto mamãe a sustentava com soro intravenoso e tubos de alimentação.

Nos últimos anos de Marian, mamãe tirou todos os cílios. Não conseguia deixá-los em paz. Abandonava pequenas pilhas deles sobre as mesas da casa. Eu tentava me convencer de que eram ninhos de fadas. Lembro-me de ter encontrado dois cílios loiros e compridos presos na lateral do meu pé, e de ter passado semanas guardando-os junto a meu travesseiro. A noite, eu os usava para fazer cócegas em minhas bochechas e em meus lábios, até que um dia acordei e vi que provavelmente os tinha jogado longe durante a noite.

Quando aconteceu, enfim, de minha irmã morrer, senti-me grata de certa maneira. Sempre tive a impressão de que ela fora cuspidada para este mundo sem estar lá tão bem formada. Não estava preparada para o peso dele. As pessoas sussurravam e tentavam confortar-nos dizendo que Marian havia sido convocada para voltar ao Paraíso, mas mamãe não se permitia distrair-se de seu sofrimento. Continua fazendo disso um hobby até hoje.

Meu carro, de azul desbotado e todo coberto de cocô de passarinho, com seus bancos de couro que certamente estariam quentíssimos, não me atraía exatamente, então, resolvi dar uma volta a pé pela cidade. Na avenida Central, passei pelo aviário em que os campos de massacre do Arkansas entregam frangos frescos. O odor queimou-me as narinas. Umas doze ou mais aves depenadas estavam penduradas de maneira lasciva na vitrine, e algumas penas brancas forravam a prateleira que ficava logo abaixo delas.

Na direção do final da rua, onde brotara um santuário paliativo para Natalie, enxerguei Amma e suas três amigas. Elas espalharam-se por entre os balões e os artigos de farmácia, as três montando guarda enquanto minha meia-irmã pegava duas velas, um buquê de flores e um ursinho de pelúcia. Ela colocou tudo dentro de sua bolsa exageradamente grande, menos o ursinho, que levou na mão, e todas deram-se os braços e vieram saltitando, em zombaria, na minha direção. Na verdade, vieram direto para cima de mim, e só pararam quando chegaram a uns dois centímetros, enchendo o ar com

aquele perfume pesado que as revistas dão de brindes.

- Nos viu fazer aquilo? Vai denunciar na sua matéria do jornal? - Amma perguntou, gritando alto. Com certeza ela já superara a mal criação em relação à casa de bonecas. Características tão infantis claramente foram deixadas em casa. Não mais usava o vestidinho de verão, mas uma minissaia, sandálias plataforma, e um bustiê tomara-que-caia colado ao corpo. - Se for, escreva meu nome direito: Amity Adora Crellin. Meninas, esta é... minha irmã. De Chicago. A bastarda da família.- Amma olhou para mim, agitando as sobrancelhas, e as meninas soltaram risadinhas. - Camille, estas são minhas amigas que eu adoooooro, mas não precisa mencioná-las. Eu sou a líder.

- Ela só é a líder porque é a que fala mais alto - disse uma menina baixinha e de cabelos cor de mel com a voz rouca.

- E porque é a mais peituda - disse uma das outras, com cabelos da cor de um sino de bronze.

A terceira menina, uma loira de cabelos ruivo-amarelados, agarrou o seio esquerdo de Amma e o apertou.

- Metade é de verdade. A outra metade é enchimento.

- Vá se danar, Jodes - disse Amma, como se estivesse disciplinando um gato, e depois deu-lhe um tapa no rosto. A menina logo enrubesceu e murmurou um pedido de desculpas.

- Enfim, qual é a sua, irmã?—Amma interpelou-me, olhando para baixo, para seu ursinho. - Por que escrever uma matéria a respeito de duas meninas mortas que, para começar, eram insignificantes? Como se ser

assassinada fosse fazer alguém ficar popular...- Duas delas forçaram risadas altas; a terceira ainda olhava para o chão. Uma lágrima pingou na calçada.

Eu reconhecia aquele jeito provocador de falar, bem típico de meninas. Era o equivalente verbal de cultivar o meu jardim. E enquanto parte de mim gostava da demonstração, eu me sentia a protetora de Natalie e Ann, e o desrespeito agressivo de minha irmã fazia os pêlos de minha nuca eriçarem-se. Para ser sincera, devo admitir que também estava com ciúmes de Amma. (O nome do meio dela era Adora?)

- Aposto que Adora não ficaria nada satisfeita em saber que sua filha roubara coisas de um tributo a uma de suas colegas da escola — repreendi-a.

- Colega da escola não é igual a amiga — disse a mais alta, olhando em volta, e buscando confirmação da minha burrice.

- Ah, Camille, estamos apenas brincando - disse Amma. - É horrível como me sinto. Elas eram legais. É bizarro.

- Bizarro, com certeza - uma delas repetiu.

- Ah, gente, e se ele estiver matando todas as esquisitonas? - Amma soltou risadinhas. - Não seria perfeito? - A chorosa ergueu o olhar e sorriu. Amma ignorou-a propositalmente.

- “Ele”? - perguntei.

- Todo mundo sabe quem foi - disse a loira rouca.

- O irmão de Natalie. Doença é coisa de família - decretou Amma.

- Ele gosta de garotinhas - disse, amuada, a menina de nome Jodes.

- Sempre procura pretextos para conversar comigo - disse Amma. - Pelo menos agora sei que ele não vai me matar. Muito bom. - Ela jogou-me um beijo, entregou o ursinho a Jodes, passou os braços ao redor das outras e, com um - Licença - insolente, passou por mim e me deu um esbarrão. Jodes a acompanhou.

Naquela postura maliciosa de Amma, percebi um ar de desespero e de retidão. Como ela reclamara durante o café-da-manhã: Minha vontade era ser assassinada. Amma não queria que ninguém atraísse mais atenção que ela. Certamente, muito menos meninas incapazes de competir quando estavam vivas.

Telefonei para a casa de Curry quando já era quase meia-noite. Ele enfrenta um trânsito infernal todos os dias. Noventa minutos para ir de casa até o nosso escritório suburbano. Ele mora em uma residência unifamiliar que seus pais lhe deixaram, em Mt. Greenwood, um enclave irlandês da classe trabalhadora na zona sul. Ele e a esposa Eileen não têm filhos. Curry sempre apregoa que nunca os quiseram, mas já reparei como olha à distância as crianças de seus funcionários, e na intensa atenção que presta quando um bebê faz uma rara aparição em nosso trabalho. Curry e a esposa casaram-se tarde. Para mim, alguém ali é estéril.

Eileen é uma ruiva sardenta de lindas curvas que Curry conhecera no lava-rápido de seu bairro quando já tinha 42 anos. Mais tarde, ficaram sabendo que ela era prima distante do melhor amigo dele durante a infância.

Casaram-se exatamente três meses depois de se conhecerem. Já estão juntos há 22 anos. Curto o fato de Curry gostar de contar essa história.

Eileen atendeu o telefone calorosamente, justo o que eu precisava. É claro que não estavam dormindo, ela riu. Curry, na verdade, estava trabalhando em um de seus quebra-cabeças de 4.500 peças que tomara quase toda a sala de estar deles, e ela lhe dera uma semana para terminá-lo.

Escutei Curry vir retumbante até o telefone, e quase consegui sentir o odor de tabaco.

- Preaker, minha garota, quais são as novas? Tudo bem com você?

- Tudo bem. Não está havendo quase nenhum progresso por aqui. Ainda tive que esperar até hoje só para conseguir uma declaração oficial da polícia.

- E qual foi?

- Que todos são suspeitos.

- Ah... É mentira. Deve haver mais coisa. Corra atrás. Já falou com os pais de novo?

- Ainda não.

- Pois fale com eles. Se não conseguir descobrir nada, vou querer o perfil das meninas mortas. Isso é coisa de interesse humano, não é só reportagem estritamente policial. Entreviste outros pais, veja se têm teorias. Pergunte-lhes se têm tomado mais cuidados. Entreviste chaveiros e negociantes de armas, veja se têm trabalhado mais ultimamente. Fale com

algun clérigo daí ou com professores. Talvez um dentista, pergunte sobre a dificuldade de se arrancar tantos dentes assim, que espécie de ferramenta se usaria, se precisaria ter alguma experiência na área... Converse com algumas crianças. Quero vozes. Quero rostos. Quero setenta centímetros para o jornal de domingo; vamos botar isso para funcionar de uma vez, enquanto ainda é exclusividade nossa.

A princípio tomei nota em um bloco, depois na cabeça e comecei a contornar as cicatrizes de meu braço direito com uma caneta hidrográfica.

- Quer dizer, antes que haja outro homicídio?

- A não ser que a polícia saiba muito mais coisa do que lhe disse, me parece claro que haverá outro. Gente desse quilate não pára depois de dois, não quando a coisa segue um ritual desses.

Curry não sabe nada especificamente sobre assassinatos ritualísticos, mas se ocupa, toda semana, com alguns livros de qualidade discutível sobre histórias de crimes reais. Livros amarelados, com capas brilhosas, que compra em seu sebo predileto. Dois por um barão, Preaker, é isso que chamo de entretenimento.

- E então, foquinha, alguma teoria sobre o assassino ser do local?

Curry passava a impressão de ter gostado de me dar aquele apelido, sua foca predileta. Eu sempre achava graça de sua voz quando me chamava assim. Parecia que a palavra em si causava vergonha. Eu o imaginava em sua sala de estar, observando seu quebra-cabeças, e Eileen dando uma tragada rápida em seu cigarro enquanto misturava salada de atum com

picles doces para o almoço dele, que comia esse prato três vezes por semana.

- Em off, dizem que é.

- Ora, caramba, faça com que digam fora do off. A gente precisa disso. É uma boa declaração.

- Escute um negócio estranho, Curry. Conversei com um garoto que disse ter estado com Natalie quando ela foi levada. Ele diz que foi uma mulher.

- Mulher? Não é mulher. O que a polícia acha?

- Nada a declarar.

- Quem é o moleque?

- Filho de um operário da fazenda de criação e abate de porcos. Uma doçura de menino. Parecia bastante apavorado, Curry.

- A polícia não deve acreditar nele, ou você teria ouvido falar na história antes, certo?

- Para ser sincera, não sei. Este pessoal daqui é bem reservado.

- Caramba, Preaker, dobre essa gente! Consiga alguma coisa que possamos publicar.

- Falar é fácil. Sinto que é quase um defeito ser daqui. Eles se ofendem por eu ter voltado para cá só para cobrir a história.

- Faça com que gostem de você. Você é uma pessoa fácil de se gostar.
Sua mãe garante o seu lado.

- Ela também não está lá tão satisfeita por eu ter vindo.

Silêncio, e um suspiro de Curry que fez meus ouvidos zunirem. Meu braço direito era um mapa rodoviário em um azul forte.

- Você está bem, Preaker? Está se cuidando direitinho?

Não falei nada. De repente, senti que talvez fosse chorar.

- Estou bem. Este lugar me faz mal. Eu me sinto... inadequada.

- Fique firme, garota. Está se saindo muito bem. Vai ficar tudo bem.
Se sentir que não está legal, me ligue. Eu tiro você daí.

- Está bem, Curry.

- Eileen está dizendo para ter cuidado. Caramba, eu digo para que tenha cuidado!



Capítulo 6

Cidades pequenas, normalmente, atendem aos desejos de uma espécie de bebedor. Essa espécie pode variar: há as cidades das espeluncas, que colocam seus bares às cercanias e fazem com que seus fregueses sintam-se um pouco fora-da-lei. Há também as cidades de gente endinheirada, que toma seus drinques aos golinhos, com bares que cobram alto demais por qualquer bebida para que os pobres tenham que beber em casa. E, por fim, as cidades classe média de shoppings horizontais, onde a cerveja vem com cebolas fritas à milanesa e sanduíches de nomes pomposos.

Por sorte, todo mundo em Wind Gap bebe. Portanto, temos todos esses bares, além de outros. Podemos até ser pequenos, mas deixamos a maioria das cidades para trás quando o assunto é beber. O bar mais próximo da casa de minha mãe era uma caixa sem vida e bem cara, especializada em saladas e em vinho branco com água gaseificada, o único restaurante fino de Wind Gap. Estávamos entre a hora do café e a do almoço, e eu não sentia a mínima vontade de presenciar Alan com seus ovos ensopados. Então fui andando até o "La Mère". Meu francês não é dos melhores, mas a julgar pelo tema agressivamente náutico do restaurante, creio que a intenção dos donos era chamá-lo de "La Mer", "O Mar", e não "La Mère", "A Mãe".

Mesmo assim, o nome era apropriado, já que A Mãe, minha mãe, frequentava o local, assim como suas amigas. Todas elas absolutamente adoram o frango Ceasar, que nem é francês, e tampouco é um fruto do mar, mas não serei eu a questionar essas coisas.

– Camille! – Uma loira com um uniforme de tênis atravessou o salão trotando e brilhando com seus colares dourados e anéis bem grossos. Era a melhor amiga de Adora, Annabelle Gasser, nascida Anderson, cujo apelido era Annie-B. Era de conhecimento geral que Annabelle detestava com todas as forças o sobrenome do marido, e até torcia o nariz ao dizê-lo. Nunca deve ter lhe ocorrido que não era obrigada a adotá-lo.

– Oi, meu amor, sua mãe me contou que havia chegado à cidade. – Diferentemente da pobre Jackie O'Neele, excluída por Adora, que também estava à mesa, tão ligeiramente embriagada quanto no funeral. Annabelle beijou-me as duas bochechas e recuou um pouco para me olhar mais detalhadamente. – Continua linda, linda. Venha sentar-se conosco. Estamos bebendo umas garrafas de vinho e fofocando. Sua presença vai diminuir a média de idade do grupo.

Annabelle puxou-me até a mesa em que Jackie papeava com outras duas mulheres mais loiras e bronzeadas. Ela sequer parou de falar enquanto Annabelle me apresentava às outras duas, simplesmente seguiu falando em seu tom sonolento a respeito de seu novo jogo de quarto, e depois, derrubou um copo d'água quando virou para falar comigo.

– Camille? Você por aqui! Fico tão feliz em revê-la, querida! – Ela pareceu sincera. Continuava cheirando a chiclete.

– Já faz cinco minutos que ela está aqui – repreendeu-a uma das outras loiras, jogando o gelo e a água para o chão com um golpe de sua mão escura. Brilhavam diamantes em dois dedos.

– Claro, agora me lembrei. Veio cobrir os homicídios, menina levada ... – Jackie prosseguiu. – Adora deve detestar isso. Você dormir na casa dela, com esse seu cerebrozinho mal-comportado. – Ela abriu um sorriso que há vinte anos devia ser sedutor. Agora, parecia ligeiramente insano.

– Jackie! – disse uma das loiras, apontando olhos claros e arredondados em sua direção.

– É claro que, antes de Adora assumir o comando, éramos nós que dormíamos na casa de Joya com nossos cerebrozinhos mal-comportados. A mesma casa, porém, com uma outra louca no leme – ela disse, apalpando a carne de trás das orelhas. Os pontos da plástica?

– Não chegou a conhecer sua avó Joya, não é mesmo, Camille? – Annabelle murmurou.

– Nossa! Ela era uma coisa de doido, queridinha! – disse Jackie. – Baita mulherzinha assustadora!

– Como assim? – perguntei. Nunca ouvira tais detalhes a respeito da minha avó. Adora reconhecia que ela era severa, mas nunca se estendera muito no assunto.

– Ah, Jackie está exagerando – disse Annabelle. – Ninguém gosta da própria mãe quando está no segundo grau. E Joya não demorou muito a morrer depois que Adora o concluiu. Elas não chegaram a ter um tempo de verdade para firmar um relacionamento adulto.

Por um segundo, senti uma deplorável onda de esperança, que aquela era a razão de minha mãe e eu sermos distantes: ela não tinha prática. Tal pensamento já sumia antes que Annabelle terminasse de reabastecer minha taça.

– É isso mesmo, Annabelle? – disse Jackie. – Tenho certeza de que, se Joya ainda fosse viva, as duas se divertiriam bastante. Joya se divertiria, pelo menos. Simplesmente adoraria unha Camille. Lembram-se daquelas unhas compridíssimas que ela tinha? Nunca as pintava. Sempre achei aquilo bizarro.

– Mudemos de assunto. – Annabelle sorriu, pronunciando cada palavra como o tilintar de um daqueles sinos de prata que servem para avisar que o jantar está servido.

– Acho que o trabalho de Camille deve ser tão fascinante! – disse uma das loiras, obedientemente.

– Sobretudo este serviço. – disse a outra.

– Pois é, Camille, conte-nos quem é o assassino – Jackie deixou escapar. Ela voltou a sorrir de soslaio e deu rápidas piscadelas com os arredondados olhos castanhos. Parecia-se com um fantoche de ventríloquo que ganhara vida – a pele seca e manchada.

Precisava dar alguns telefonemas, mas resolvi que ficar ali poderia ser melhor. Um quarteto de donas de casa bêbadas, entediadas e que gostam de falar mal da vida dos outros, conhecedoras de todas as fofocas de Wind Gap? Poderia classificar como um almoço de negócios.

– Na verdade, tenho bastante interesse em saber o que as senhoras acham. – Uma frase impossível de ser escutada por elas com frequência.

Jackie molhou seu pão em um pratinho de molho ranch, e deixou-o pingar à sua frente.

– Bem, todas aqui já sabem a minha opinião. Bob Nash, o papaizinho de Ann. É um tarado. Fica sempre olhando para os meus seios quando nos esbarramos no mercado.

– Se é que tem alguma coisa aí para se ver – disse Annabelle, cutucando-me com o cotovelo zombeteiramente.

– Estou falando sério, é muito inconveniente. Há algum tempo venho pensando em contar a Steve.

– tenho novidades deliciosas – disse a quarta loira. Dana ou Diana? Esqueci assim que Annabelle nos apresentou.

– Ah, DeeAnna está sempre bem informada, Camille – disse Annabelle, apertando-me o braço. DeeAnna fez uma pausa dramática, passou a língua nos dentes, serviu-se de mais uma taça de vinho, e olhou para todas por cima.

– John Keene foi embora da casa dos pais – anunciou.

– O que? – disse uma das loiras.

– Tá de brincadeeeeira! – disse a outra.

– Minha nossa... – falou uma terceira, efusivamente.

– É... – disse DeeAnna, em triunfo, sorrindo como uma apresentadora de televisão prestes a conceder um prêmio. – Para a casa de Julie Wheeler. Para a cachoeira que fica nos fundos.

– Essa é boa demais! – opinou Melissa ou Melinda.

– Ah, agora é óbvio que os dois estão transando. – Annabelle riu. – Agora não tem mais como Meredith continuar bancando a perfeitinha. Sabe, Camille... – ela virou-se para mim – John Keene é o irmão mais velho de Natalie, e quando a família deles veio morar aqui, a cidade inteira ficou maluquinha por ele. Quer dizer, ele é lindo. Ele. É. Lindo. Julie Wheeler é amiga nossa e de sua mãe. Só foi ter filhos quando tinha trinta anos, e então ficou simplesmente insuportável. Uma daquelas mães cujos filhos nunca fazem nada de errado. Então, quando Meredith, sua filha agarrou John, ai meu Deus! Achamos que nunca fosse parar de falar no assunto. Meredith, uma virgenzinha que só tira dez, namorando o maioral do campus. Mas não é possível que um rapaz lindo daqueles, com a idade que ele tem, namore uma menina que não dê para ele. Simplesmente não é assim que as coisas são. E agora é conveniente demais para eles. Deveríamos colar câmeras sob os limpadores de pára-brisa de Julie.

– Ora, mas vocês sabem o enfoque que ela vai dar ao assunto – interrompeu Jackie. – Vai enfatizar o quanto foram legais, aceitando John, e dando-lhe um pouco de espaço para respirar enquanto chora sua perda.

– Mas por que ele foi embora da casa dos pais? – perguntou Melissa/Melinda, que começou a me parecer a voz do bom senso. – O que estou questionando é o seguinte: será que não deveria passar momentos como esses ao lado dos pais? Por que precisaria de espaço para respirar?

– Porque é ele o assassino. – DeeAnna deixou escapar, e a mesa começou a rir.

– Ah, mas que delícia seria se Meredith Wheeler estivesse dando para um serial killer... – disse Jackie. Subitamente, nossa mesa parou de rir. Annabelle soltou um soluço misturado com um espirro e olhou para o relógio. Jackie apoiou o queixo com a mão e soltou o ar pelo nariz com tanta força que as migalhas de pão em seu prato chegaram a mexer.

– Não acredito que isso esteja mesmo acontecendo – disse DeeAnna, olhando para as unhas. – Em nossa cidade, onde fomos criadas... Aquelas garotinhas... Só de pensar já me dá nojo. Muito nojo.

– Fico tão satisfeita que minhas meninas já estejam crescidas! – disse Annabelle – Acho que não seria capaz de suportar. Pobre Adora, deve estar morrendo de preocupação por causa de Amma.

Peguei um pedaço de pão da mesma maneira feminina e cheia de afetação de minhas anfitriãs, e afastei a conversa a respeito de Adora.

– Será que tem gente que acha mesmo que John Keene poderia ter alguma coisa a ver com a história? Ou são meras fofocas maldosas? – Deu para sentir que pus ênfase demais na última parte. Tinha esquecido o quanto essas mulheres tinham a capacidade de tornar Wind Gap um lugar inabitável para quem elas não gostavam. – Só estou perguntando porque umas meninas, colegiais provavelmente, disseram-me a mesma coisa ontem. – Achei melhor não dizer que Amma estava entre elas.

– Permita-me adivinhar: quatro coisinhas loiras e linguarudas que se acham mais bonitas do que são na verdade. – disse Jackie.

– Jackie, minha querida, está percebendo para quem acabou de falar isso? – disse Melissa/Melinda, dando-lhe um tapa no ombro.

– Ah, que droga. Sempre me esqueço que Amma e Camille são parentes. Vidas diferentes, sabe? – Jackie sorriu. Um forte estalo soou atrás dela, que ergueu sem sequer olhar para o garçom. – Camille, é até bom que fique sabendo por nós: sua pequena Amma é problemaática...

– Fiquei sabendo que elas vão a todas as festas do segundo grau – disse DeeAnna – e lá ficam com todos os garotos. Fazem coisas que só fomos fazer depois de casadas há bastante tempo... e também, só depois de ganharmos alguns belos exemplares de joalherias. – Ela girou uma pulseira de diamantes.

Todas riram e Jackie, inclusive, socou a mesa com as duas mãos como uma criança fazendo malcriação.

– Mas será...

– Não sei se alguém acha mesmo que John é o assassino. Só sei que a polícia o interrogou – disse Annabelle. – Com certeza eles formam uma família estranha.

– Ah, eu achei que fossem íntimas da família – falei. – Lembro-me de tê-las visto na casa deles depois do enterro – suas malditas infelizes. Essa última parte eu só pensei, não falei.

– Todo mundo que é importante na cidade de Wind Gap estava naquela casa depois do enterro – disse DeeAnna. – Até parece que iríamos perder uma solenidade daquelas. – Ela tentou dar início a uma nova risada coletiva, mas Jackie e Annabelle faziam gestos de concordância com a cabeça.

Melissa/Melinda percorreu o restaurante com uma olhadela abrangente, como se fosse capaz de transportar-se para outra mesa apenas com o pensamento.

– Cadê sua mãe? – perguntou Annabelle, repentinamente, falou sem pensar.
– Ela precisava vir aqui. Faria bem a ela. Tem agido de maneira tão estranha desde que isso tudo começou...

– Também vinha agindo de maneira estranha antes de tudo começar – disse Jackie, mexendo o maxilar. Fiquei pensando se iria vomitar.

– Ora, por favor, Jackie.

– É sério. Camille, permita-me dizer-lhe uma coisa: no momento, do jeito que andam as coisas na vida da sua mãe, você estaria melhor em Chicago. Deveria voltar para lá o mais rápido possível. – O rosto dela perdera a afetação. Sua aparência estava completamente solene. E com uma preocupação genuína. Senti que havia voltado a gostar dela.

– De verdade, Camille...

– Jackie, cale a boca – disse Annabelle. Com força, atirou um pão no rosto de Jackie, que atingiu-lhe o nariz e caiu sobre a mesa. Um lampejo bobo de violência, como quando Dee atirou sua bola de tênis em mim. O impacto não tanta surpresa quanto o fato daquilo sequer ter acontecido. Jackie acusou o choque agitando a mão e continuou a falar.

– Eu digo o que quiser, e vou dizer. Adora pode causar mal...

Annabelle levantou-se, foi até onde Jackie estava sentada, agarrou-lhe pelo braço e a levantou, puxando-a.

– Jackie, está precisando ir forçar o vômito – disse ela. Sua voz era uma mistura de suavidade e ameaça. – Já bebeu além da conta e vai acabar passando bastante mal se não o fizer. Permita-me levá-la ao banheiro feminino e ajudá-la a se sentir melhor.

A princípio, Jackie tentou tirar a mão dela estapeando-a, mas Annabelle forçou ainda mais o aperto, e logo estavam indo embora, cambaleando. Silêncio à mesa. Minha boca permanecia aberta.

– Isso não é nada – disse DeeAnna. – Nós, as senhoras, temos briguinhas do mesmo jeito que vocês, as jovens. E então, Camille, ficou sabendo que talvez montem uma Gap por aqui?

As palavra de Jackie ficaram comigo. Do jeito que andam as coisas na vida de sua mãe, você estaria melhor em Chicago. Será que eu precisava de um sinal maior que esse para ir embora de Wind Gap? Qual seria o motivo verdadeiro que fizera com que ela e Adora parassem de se falar? Tinha que ser mais do que um esquecimento de enviar um cartão. Coloquei na cabeça que iria à casa de Jackie quando ela estivesse menos embriagada. Se é que estaria, em algum momento. Mas, pensando bem, não iria eu reprovar uma beberona.

Imbuída de uma bela sensação de entusiasmo provocada pelo vinho, liguei para Nash da loja de conveniência. Uma voz estremecida de menina disse alô e emudeceu. Eu escutava sua respiração, mas não havia resposta a meus pedidos para falar com mamãe ou papai. Então, um clique lento, e a ligação caiu. Resolvi tentar a sorte em pessoa.

À entrada da garagem dos Nash, vi um minifurgão da era das discotecas – chegava a parecer uma caixa ao lado de um Pontiac Firebird amarelo e

enferrujado, o que presumi demonstrar que Bob e Betsy estavam em casa. A filha mais velha atendeu à campainha, mas apenas ficou de pé do outro lado da porta de tela, fitando minha barriga, quando perguntei se seus pais estavam em casa. Os Nash eram pequenos desde cedo. Esta, chamada Ashleigh, eu sabia que tinha doze anos, mas assim como o menino atarracado que eu conhecera na primeira visita, passava a impressão de ser mais nova. A maneira com que comportava também demonstrava isso. Ficava chupando os próprios cabelos e quase não piscava, até que o pequeno Bobby chegou cambaleando ao lado dela, e começou a berrar. Passou-se um bom minuto até que Betsy Nash viesse à porta. Parecia tão pasma quanto seus filhos, e confusa quando me apresentei.

– Não há jornal local diário em Wind Gap – disse ela.

– Eu sei, sou do Daily Post, de Chicago – falei – Lá de cima, de Chicago, Illinois.

– Bem, quem cuida dessas aquisições é o meu marido. – disse ela, começando a passar os dedos pelos cabelos loiros de seu filho.

– Não estou vendendo assinaturas nem nada assim... O sr. Nash está em casa? Será que eu poderia trocar uma palavrinha bem rápida com ele?

Os três Nash saíram da frente da porta todos de uma vez, e depois de mais alguns minutos, Bob Nash pediu que me fizessem entrar. Estava tirando a roupa suja do sofá para abrir espaço para que eu me sentasse.

– Mas que droga, esta casa está um inferno! – resmungou em voz alta em direção à esposa. – Peço desculpas pelo estado de nossa casa, srta. Preaker. As coisas perderam o rumo desde o que houve com Ann.

– Ah, de maneira alguma, não se preocupe com isso – tranquilizei-o, puxando uma cuequinha de criança sobre a qual havia me sentado. – Minha casa é assim o tempo todo. – Era o contrário da verdade. Se houve uma qualidade que herdei de minha mãe foi sua compulsão por asseio. Preciso me controlar para não passar minhas meias à ferro. Quando voltei do hospital para casa, até passei um período em que fervia tudo: pinças, curvadores de cílios, grampos de cabelo, escovas de dente... Era um prazer que eu me concedia. No entanto, acabei jogando fora as pinças. Pensava demais à noitinha em suas pontas brilhosas e prazerosas. De fato, uma mocinha sórdida.

Fiquei esperando que Betsy Nash desaparecesse. Literalmente. Ela era tão insignificante que eu era capaz de imaginá-la evaporando-se lentamente, deixando apenas uma área úmida à ponta do sofá. Mas ela prolongava-se, lançando olhares como se fossem dardos entre mim e seu marido antes que sequer começássemos a conversar. Como se estivesse se preparando para a conversa. As crianças também andavam para lá e para cá. Pequenos fantasmas loiros aprisionados em um limbo entre a indolência e a estupidez. A bonitinha até que deve se dar bem. Mas o do meio, tão pequenino, o que agora entrava cambaleante e todo confuso naquele cômodo, teria em seu destino sexo por carência e consumo descontrolado de açúcar. Seria do tipo que terminaria bebendo em estacionamentos de postos de gasolina. Bem o tipo de moleques nervosos e entediados que eu vira quando cheguei à cidade.

– Sr. Nash, preciso conversar mais um pouco com o senhor a respeito de Ann. Para uma matéria mais abrangente – comecei – O senhor tem sido bastante generoso com o seu tempo e eu esperava conseguir um pouquinho mais.

– Não nos importamos em fazer qualquer coisa que venha a trazer o mínimo de atenção ao caso – disse ele. – O que quer saber?

– De que brincadeiras ela gostava? Quais comidas ela apreciava? Quais palavras escolheriam para descrevê-la? Ela levava jeito para ser uma líder ou uma seguidora? Tinha muitos amigos ou apenas alguns mais íntimos? Gostava da escola? O que fazia aos sábados? – Os Nash passaram um instante olhando para mim, em silêncio. – Só para começarmos. – abri um sorriso.

– Minha esposa tem mais condições de responder à maioria dessas perguntas – disse Bob Nash. – É ela quem ... toma conta. – Ele virou-se e olhou para Betsy Nash, que dobrava e redobrava o mesmo vestido sobre o colo.

– Ela gostava de pizza e de tiras de carne de peixe – disse ela. – E se dava bem com muitas meninas, mas suas amigas eram poucas e íntimas, se é que me entende. Ela brincava bastante sozinha.

– Veja só, mamãe, a Barbie precisa de roupas – disse Ashleigh, agitando uma boneca nua de plástico à frente do rosto de sua mãe. Nós três a ignoramos. Ela atirou o brinquedo ao chão e começou a rodopiar pela sala imitando os passos de bailarina. Ao ver uma oportunidade tão rara, Tiffanie agarrou a Barbie e começou a abrir e fechar, e abrir e fechar, as emborrachadas pernas bronzeadas.

– Ela era forte. Era a minha mais forte – disse Bob Nash. – Poderia ter jogado futebol americano se fosse um garoto. às vezes, chegava a ficar tonta de tanto correr por aí, e sempre tinha arranhões e marcas roxas.

– Ann era a minha voz – disse Betsy, bem baixinho. Então calou-se.

– Como assim, sra. Nash?

– Ela falava bastante, e dizia o que viesse à mente. De maneira simpática. Quase sempre. – voltou a passar alguns instantes em silêncio, mas eu via que rememorava o passado, então não falei nada. – Sabe, eu achava que talvez algum dia ela viesse a ser advogada, oradora de faculdade, ou alguma coisa assim, porque ela era simplesmente... nunca parava para medir as palavras. Exatamente como eu. Para mim, tudo o que digo é burrice. Para Ann, todos deveriam escutar qualquer coisa que tivesse a dizer.

– A senhorita lembrou a escola srta. Preaker. – Bob Nash interrompeu-a. – Ela enfrentou problemas na escola por causa de sua loquacidade. Às vezes era um pouco mandona. Chegamos até a receber alguns telefonemas das professoras nos últimos anos reclamando que ela não se comportava lá tão bem nas aulas. Era um pouco arredia.

– Mas, às vezes acho que ela era assim por ser tão sabida. – acrescentou Betsy Nash.

– Isso é verdade, ela era inteligente à beça. – Bob Nash concordou. – Às vezes eu até achava que ela era mais inteligente que o velho dela. Às vezes até ela mesma se achava mais inteligente que o velho dela.

– Olhe para mim, mamãe! – a pequenina Tiffanie, que até agora estava mordendo descuidadamente os dedos dos pés da Barbie, correu para o centro da sala e começou a dar cambalhotas. Ashleigh, tomada por uma aparente fúria, deu um grito ao perceber a atenção da mãe na segunda filha e deu-lhe um forte empurrão. E ainda, enfaticamente, puxou-lhe os cabelos.

O rosto de Tiffanie rompeu-se em um pranto avermelhado, o que levou Bobby Jr. a voltar a chorar.

– A culpa é da Tiffanie! – gritou Ashleigh, que também começou a choramingar.

Eu havia perturbado uma dinâmica delicada . Uma casa com várias crianças é um poço de ciúmes mesquinhos, disso eu sabia, e os filhos de Nash estavam entrando em pânico com o fato de competirem não somente uns com os outros, como também contra uma irmã morta. Senti uma certa afinidade com eles.

– Betsy... – Bob Nash murmurou, bem baixinho, com as sobrancelhas ligeiramente erguidas. Bobby Jr. foi rapidamente resgatado e apoiado sobre o quadril. Tiffanie, içada do chão com uma das mãos. O outro braço envolveu a agora inconsolável Ashleigh, e logo os quatro iam embora.

Bob Nash ainda passou um tempo olhando enquanto se retiravam.

– Essas meninas já estão assim há quase um ano – disse ele. – Comportando-se como bebezinhos. Para mim, deveriam estar ansiosas para crescerem. A ausência de Ann muda este lar mais do que... – ele mudou de posição no sofá. – É que ela era uma pessoa de verdade, sabe? É normal não se dar nada por uma criança de nove anos, mas Ann tinha personalidade. Dava para saber a opinião dela sobre o que acontecia. Dava para saber, quando assistíamos a televisão, o que ela acharia engraçado e o que acharia besteira. Com meus outros filhos eu não consigo. Caramba, não consigo nem com a minha mulher! Com Ann, dava para sentir sua presença. Eu só... – A garganta de Bob Nash travou. Ele levantou-se e me deu as costas. Virou-se de novo, e voltou a me dar as costas. Andou em círculos atrás do

sofá, e veio ficar de pé à minha frente. – Que droga, eu a quero de volta! Quer dizer, e agora? Só me restou isso? – E apontou para a porta por onde a esposa e as crianças saíram. – Porque se for, não há muito o que esperar, não é? Mas que droga, alguém precisa encontrar esse sujeito, porque ele vai ter de me dizer. Por que Ann? Preciso saber. Sempre achei que seria a única a se dar bem.

Permaneci sentada em silêncio por um instante. Dava para sentir a pulsação em meu pescoço.

– Sr. Nash, já ouvi sugerirem que talvez a personalidade de Ann, que o senhor reconhece que era bastante forte, possa ter desagradado algumas pessoas. O senhor acha que isso teve alguma influência?

Dava para perceber que ele estava ficando cauteloso comigo pelo jeito com que se sentou: deliberadamente reclinou-se sobre o encosto do sofá, estendendo os braços e fingindo informalidade.

– A quem ela teria desagradado?

– Bem, fiquei sabendo de um problema que envolveu Ann e o pássaro de um vizinho. Que ela talvez tenha ferido o animal.

Bob Nash esfregou os olhos e olhou para baixo.

– Nossa, como a gente dessa cidade faz fofoca! Nunca chegaram a provar que Ann fizera coisa alguma. Ela já vivia às turras com os vizinhos. É o Joe Duke que mora aí na frente. As filhas dele eram mais velhas e mexiam bastante com Ann, provocavam-na com frequência. Então um dia, convidaram-na para brincar. Não sei direito o que houve, mas quando Ann voltou para casa, todos estavam gritando e dizendo que ela matara aquele

maldito pássaro deles. – Ele riu, e deu de ombros. – Se matou mesmo, eu não via problema. era um bicho velho e barulhento mesmo...

– O senhor considera provável que Ann pudesse fazer uma coisa dessas caso fosse provocada?

– Bom, se alguém a provocou, deve ter sido um idiota – ele respondeu. – Ela não lidava bem com provocações. Não era exatamente uma menina de classe.

– Acredita que ela conhecia quem a matou?

Nash recolheu uma blusa cor-de-rosa do sofá e dobrou-a em quadrados, como um lenço.

– Antes eu achava que não. Agora, acho que sim. Acho que acompanhou algum conhecido.

– Seria mais provável ela acompanhar um homem ou uma mulher? – perguntei.

– Então, já ficou sabendo da história de James Capisi...

Confirmei com um maneio de cabeça.

– Bem, uma garotinha é mais propensa a confiar em uma pessoa que seja parecida com sua mãe, certo?

Depende de como seja a mãe, pensei.

– Mas ainda assim, acho que foi um homem. Não consigo imaginar que uma mulher faça tudo ... aquilo com uma criança. Fiquei sabendo que John

Keene não tem álibi. Talvez ele tivesse vontade de matar uma garotinha. Via Natalie o dia inteiro, todos os dias, e não conseguiu resistir àquela necessidade incontrolável. Então, resolveu matar outra menina que tivesse jeito de menino, mais ou menos como Natalie. Mas daí, por fim, não conseguiu resistir e matou Natalie também.

– É o que se diz por aí? – perguntei?

– Suponho que seja, sim.

De repente, Betsy Nash apareceu à porta. Olhando para os próprios joelhos, ela disse:

– Bob, Adora veio nos visitar. – eu estômago contraiu-se sem que eu permitisse.

Minha mãe chegou de surpresa, exalando um odor como as claras águas do oceano. Aparentava estar mais à vontade na casa dos Nash do que a própria sra. Nash. Era um dom natural de Adora fazer com que outras mulheres se sentissem secundárias. Betsy Nash retirou-se da sala como uma empregada em um filme dos anos 30. Mamãe recusou-se a olhar para mim e dirigiu-se diretamente a Bob Nash.

– Bob, Betsy me avisou que havia uma repórter aqui, e logo entendi que seria minha filha. Sinto muitíssimo. Por mais que eu peça desculpas pela intromissão, não seria o suficiente para traduzir o pesar que estou sentindo.

Bob Nash ficou olhando para Adora, e depois para mim.

– Ela é filha da senhora? Não fazia ideia.

- Não, é provável mesmo que não. Camille não faz o tipo familiar.
- Por que não disse nada? – Nash me perguntou.
- Falei que era de Wind Gap. Não fazia ideia de que teria interesse em quem era minha mãe.
- Ah, não estou irritado, não me entenda mal. Só que temos sua mãe como uma grande amiga – disse Bob, como se ela fosse uma generosa benfeitora.
- Sua mãe deu aulas de inglês e ortografia para Ann. As duas eram bastante íntimas. Ann tinha muito orgulho de ter uma amiga adulta.

Minha mãe sentou-se com as mãos entrelaçadas sobre o colo, a saia estendida ao longo do sofá, e piscou para mim. Senti como se estivesse sendo alertada para não dizer alguma coisa, mas não sabia o quê.

- Não fazia ideia... – falei, enfim. Verdade. Tinha achado que mamãe estivesse exagerando em seu sofrimento, fingindo conhecer as meninas. Agora estava surpresa com a sutileza que ela demonstrara. Mas por que razão iria querer ajudar Ann? Ela fizera parte do programa de participação das mães na minha escola quando eu era criança – com o objetivo primordial de conviver com outras donas de casa de Wind Gap – mas eu não conseguia imaginar sua responsabilidade social estendendo-se a passar tardes com uma menina não refinada da zona oeste da cidade. Às vezes eu subestimava Adora. Creio que sim.

- Camille, acho melhor que vá embora – disse Adora– Vim fazer uma visita social, e ultimamente venho encontrando dificuldade em relaxar estando perto de você.

- Ainda não terminei de conversar com o sr. Nash.

– Terminou sim. – Adora olhou para Nash, buscando confirmação. Ele sorriu sem jeito, como se estivesse desviando o olhar do sol.

– Talvez uma outra hora possamos seguir de onde paramos, srta... Camille.

– De forma inesperada, uma palavra ardeu subitamente na parte de baixo do meu quadril: castigo. Sentia-a ficando cada vez mais quente.

– Obrigada pelo seu tempo, sr. Nash – agradei e saí a passos largos sem olhar para minha mãe. Comecei a chorar antes mesmo de chegar ao carro.



Capítulo 7

Um dia eu estava de pé em uma esquina gélida de Chicago esperando o sinal ficar verde, quando em minha direção veio um cego batendo sua bengala. Quais são as ruas que formam este cruzamento?, ele perguntou. E quando não respondi, ele virou-se para mim e disse: Tem alguém aí?.

Estou aqui, respondi, e tais palavras tomaram-se surpreendentemente consoladoras. Quando entro em pânico, digo em voz alta para mim mesma: Estou aqui. Não costumo sentir que estou. Sinto como se uma acalorada rajada de vento pudesse me dissipar, e eu desapareceria para sempre sem deixar sequer uma lasca de unha. Há dias em que considero essa reflexão aquietante; em outros, ela me deprime.

Minha sensação de insignificância, creio eu, vem do fato de saber pouquíssima coisa a respeito de meu passado. Ou pelo menos essa foi a teoria costurada pelos psicólogos da clínica. Já há muito tempo desisti de tentar descobrir qualquer coisa a respeito de meu pai; quando o imagino, penso na figura genérica de um “pai”. Não consigo pensar nele especificamente, nem imaginá-lo fazendo compras no mercado, bebendo uma xícara de café de manhã ou voltando para casa, para os filhos. Será que

algun dia vou esbarrar em uma menina parecida comigo? Em minha infância, senti dificuldade de encontrar uma semelhança forte entre minha mãe e eu. Algun elo que pudesse provar que saí de dentro dela. Eu a estudava quando ela não estava olhando, roubava os retratos emoldurados de seu quarto e tentava me convencer de que tinha seus olhos. Ou talvez algun traço que não fosse no rosto. A curva da panturrilha, a cavidade em meu pescoço...

Ela nunca sequer me contou como conhecera Alan. Tudo que sei a respeito da vida deles, fiquei sabendo pelos outros. Perguntas são desencorajadas, consideradas indiscretas. Lembro-me do quanto fiquei surpresa ao escutar minha colega de quarto da faculdade conversar com a mãe ao telefone: tudo em seus mínimos detalhes aquela falta de censura passando uma impressão decadente. Dizia coisas sem importância, como por exemplo, de que maneira se esqueceu de que havia se matriculado em uma matéria - esqueceu-se completamente que deveria comparecer à aula de geografia 101 três dias por semana — e o fazia com aquela entonação orgulhosa de uma aluna do jardim de infância que ganhara uma estrelinha dourada.

Lembro-me de conhecer a mãe dela depois de algum tempo e de como ela percorrera nossa suíte fazendo tantas perguntas, apesar de já saber tanto a meu respeito. Ela deu a Alison uma grande sacola plástica de alfinetes de fraldas que achava úteis, e quando elas saíram para almoçar, surpreendi-me ao me debulhar em lágrimas. Aquele gesto tão fortuito e gentil deixou-me perplexa. E isso que as mães fazem, ficam pensando se você está precisando de alfinetes para fraldas? A minha telefonava uma vez por mês e sempre fazia as mesmas perguntas práticas (notas, aulas, despesas futuras...).

Quando criança, não me lembro de algum dia ter dito a Adora minha cor predileta, ou que nome gostaria de dar à minha filha quando crescesse. Acho que ela nunca soube qual era o meu prato preferido, e com certeza nunca fui até o quarto dela durante a madrugada, chorosa devido a algum pesadelo. Sempre sinto tristeza pela menina que fui, porque nunca me ocorreu que minha mãe pudesse me confortar. Ela nunca disse que me ama, e nunca presumi tal coisa. Ela zelava por mim. Administrava minha vida. Ah, claro, e uma vez comprou para mim um creme com vitamina E.

Passei um tempo tentando me convencer de que o distanciamento de Adora era uma defesa erguida depois do que houve com Marian. Mas, na verdade, acho que ela sempre teve mais problemas com crianças do que jamais admitiria. Acredito que, na verdade, as detesta. Existe uma inveja, um ressentimento que até hoje em dia sou capaz de sentir em minhas lembranças. A princípio, é provável que ela tenha gostado da ideia de ter uma filha. Aposto que, quando era novinha, ficava sonhando acordada em ser mãe, em dar amor, em lambar sua criança como uma gata inchada de tanto leite. Ela tem essa voracidade em relação a crianças. Cai direto em cima delas. Até mesmo eu, diante de todos, era uma criança amada. Quando deu fim a seu luto por Marian, passou a desfilar comigo pela cidade, sorrindo e mexendo comigo, e fazendo cócegas em mim enquanto cumprimentava as pessoas nas calçadas. Quando chegávamos em casa, desviava-se para o quarto como uma frase pela metade, e eu me sentava do lado de fora, com o rosto colado à porta dela, revivendo o dia em minha cabeça, procurando pistas do que havia feito para desagradá-la.

Vivo com uma lembrança que não me larga por nada deste mundo. Já se passavam cerca de dois anos da morte de Marian, e mamãe convidara algumas amigas para bebericarem uns drinques à tarde. Uma delas trouxe

um bebê. A criança passou horas sendo tratada com amor, sufocada com beijos de batons vermelhos, limpada com lenços, e novamente beijada de batom. Eu deveria estar lendo em meu quarto, mas fiquei sentada lá em cima, no último degrau da escada, apenas observando.

Enfim, deram o bebê para minha mãe, que o abraçou ferozmente. Ah, que coisa maravilhosa, voltar a dar colo a um bebe! Adora balançou-o sobre seu joelho, passeou com ele pelos cômodos da casa, cochichou em seu ouvido, e eu observando aquilo tudo lá de cima como uma pequena deusa perversa, com as costas da mão contra o rosto, imaginando qual seria a sensação de estar de rosto colado com minha mãe.

Quando as senhoras foram para a cozinha ajudar a lavar os pratos, alguma coisa mudou. Lembro-me de mamãe, sozinha na sala de estar, fitando a criança de maneira quase lasciva. Ela apertou bem forte os lábios contra a bochecha do bebê, que mais parecia uma maçã. Então, abriu ligeiramente a boca, agarrou um pedacinho de carne entre os dentes, e deu-lhe uma pequena mordida.

O bebê começou a choramingar. A marca logo desapareceu conforme Adora aconchegava a criança e dizia às outras que ele só estava fazendo manha. Corri para o quarto de Marian e enfiei-me debaixo das cobertas.

Voltei ao Fooths's para beber um pouco depois do que houve com minha mãe e Nash. Andava bebendo demais, mas não ao ponto de ficar bêbada, argumentei comigo mesma. Só precisava de um gole. Sempre gostei da imagem do álcool como lubrificante, uma camada que me protegia de todos os pensamentos pontiagudos em minha mente. O barman era um sujeito de rosto arredondado que estudara duas séries depois de

mim, cujo nome eu tinha quase certeza de que fosse Barry, mas “quase” não era suficiente para que eu chegasse a chamá-lo assim. Ele murmurou:

- Bem-vinda de volta — conforme enchia dois terços do copo com uísque e um esguicho de Coca-cola por cima. — Por conta da casa - disse ele, para o porta-guardanapos. — Aqui não aceitamos dinheiro de mulheres bonitas. — Seu pescoço rapidamente ficou vermelho, e subitamente ele fingiu ter negócios urgentes a tratar no outro extremo do balcão.

Peguei a rua Neeho para voltar para casa. Muitos amigos meus moraram naquela rua, que cortava a cidade, e cada vez ia ficando mais “bacana” quanto mais perto se chegava da casa de Adora. Avistei a antiga casa de Katie Lacey, uma mansão fútil que seus pais construíram quando tínhamos dez anos depois de colocarem abaixo a velha casa vitoriana.

Um quarteirão à minha frente, uma garotinha passou em um carrinho de golfe decorado com adesivos floridos. Seus cabelos tinham tranças bem trabalhadas. Amma. Ela se aproveitara da visita de Adora à casa dos Nash para dar uma escapada. Meninas sozinhas passeando por aí era uma coisa rara em Wind Gap desde o assassinato de Natalie.

Em vez de seguir na direção de casa, fez uma curva e foi para o leste, onde havia a fazenda dos porcos e outras casas miseráveis. Também fiz a curva e passei a segui-la tão vagarosamente que quase atolei.

A estrada oferecia uma bela ladeira íngreme para Amma, e o carrinho deslizava tão rápido que suas tranças chegavam a voar para trás. Depois de dez minutos, já estávamos na região rural. Grama alta e amarela, e vacas entediadas. Celeiros curvados como anciões. Parei o carro por alguns minutos para dar a ela uma boa vantagem, e depois fui dirigindo com

velocidade suficiente para mantê-la em meu campo de visão. Segui-a lentamente, passando por casas de fazendas e por uma barraquinha de nozes de beira de estrada, vigiada por um garoto, que segurava seu cigarro de maneira elegante, parecendo um astro de cinema. Logo o ar passou a cheirar a estrume e a saliva envelhecida, e então percebi onde estávamos indo. Mais dez minutos e as caixas metálicas em que são presos os porcos fizeram-se perceber, compridas e reluzentes como fileiras de grampos. Os guinchos faziam minhas orelhas transpirarem. Pareciam rangidos estridentes de uma bomba de poço enferrujada. Meu nariz dilatou-se involuntariamente e meus olhos começaram a lacrimejar. Se você já passou perto de uma fábrica de processamento de animais, sabe do que estou falando. O odor não é como água ou ar; é sólido. Como se desse para abrir um buraco no meio do fedor para se ter algum alívio. Mas não dá.

Amma passou direto pelos portões da fábrica. O sujeito que estava na cabine apenas acenou para ela. Comigo foi mais complicado mas só até eu dizer a palavra mágica: Adora.

- Claro. Adora tem uma filha adulta. Eu me lembro - disse o velho. O nome em sua identificação era Jose. Tentei ver se lhe faltava algum dedo. Mexicanos só conseguem esses empregos em cabines confortáveis como pagamento de uma dívida. As coisas são assim nas fábricas daqui: os mexicanos ficam com os piores empregos, e os mais perigosos, e ainda assim os brancos reclamam.

Amma estacionou o carrinho próximo a uma picape e limpou-se da terra da estrada. Então, tomando o rumo mais curto e eficiente, passou direto pelo matadouro, pelas fileiras de porcos aprisionados com os úmidos focinhos cor-de-rosa contorcendo-se entre as ripas para respirar, e foi até o

grande celeiro metálico onde acontece a amamentação. A maioria das porcas são seguidamente inseminadas, produzindo ninhada atrás de ninhada, até que seus corpos cedam e elas sejam conduzidas para o abate. Mas enquanto ainda são úteis, são forçadas a amamentar, atadas de lado em uma caixa cheia de leitõezinhos com as pernas abertas e os mamilos expostos. Porcos são criaturas extremamente inteligentes e sociáveis, mas essa intimidade forçada, típica de uma linha de montagem, faz com que essas desejem morrer, o que acontece assim que secam.

A simples ideia dessa prática me dá nojo. Mas ver acontecer provoca uma coisa em você, faz de você uma pessoa menos humana. E como ver um estupro e não fazer nada. Vi Amma lá no fundo do celeiro, bem perto de uma das caixas metálicas de amamentação. Alguns homens tiravam da baia uma manada de filhotes, que não paravam de guinchar, e a substituíam por outra. Posicionei-me no outro extremo do celeiro para ficar atrás de Amma, sem que ela me visse. A porca estava deitada de lado, quase em coma, seu ventre exposto entre barras de metal, e os mamilos, vermelhos e ensangüentados, chegavam a parecer dedos de tão rígidos. Um dos empregados passou óleo no mamilo que mais sangrava, deu-lhe uma leve pancadinha e soltou risadinhas. Eles não prestavam atenção alguma em Amma, como se tal presença fosse bastante normal. Ela olhou para um deles e deu uma piscadela enquanto prendiam mais uma porca em outra caixa e iam buscar mais manadas.

Os filhotes atropelavam-se para chegar à porca como formigas em uma gota de geléia. Os mamilos eram alvo de uma luta frenética, entrando e saindo das bocas dos filhotes que, retesados, sacolejavam como se fossem de borracha. A porca enrolava os olhos, que pareciam entrar por sua cabeça. Amma sentou-se, cruzou as pernas, e ficou assistindo atentamente,

fascinada. Cinco minutos passaram-se, e ela permanecia na mesma posição, só que agora ainda sorria e se contorcia. Tive que ir embora dali. Fui andando, devagar a princípio, até que saí em disparada em direção ao meu carro. Com a porta fechada, o rádio berrando, e uísque quente queimando minha garganta, fugi daquele fedor e daquela barulheira. E daquela criança.



Capítulo 8

Amma. Todo esse tempo eu tivera pouco interesse verdadeiro por ela. Mas agora me interessara. O que vi na fazenda me deixou com um nó na garganta.

Mamãe disse que ela era a mais popular da escola, no que acreditei. Jackie disse que era a mais mesquinha, no que também acreditei. A vivência no olho do furacão da amargura de Adora não podia deixar de tornar a pessoa um pouco estranha. Perguntei-me o que Amma achava de Marian. Como deve ser desconcertante viver à sombra de uma sombra. Mas Amma era uma menina inteligente. Longe de casa, era ela mesma. Perto de Adora, era dócil, meiga e carente. Justo o que precisava ser para ter o amor de minha mãe.

Mas essa veia violenta... a malcriação, o tapa na amiga, e agora essa coisa horrível. Uma predileção por fazer e ver coisas feias. De repente, me veio à mente as histórias de Ann e Natalie. Amma não era como Marian, mas talvez fosse um pouquinho como elas.

Fim de tarde, pouco antes do jantar, e resolvi repetir a visita à casa dos Keene. Precisava de uma declaração para minha matéria de destaque, e

se não a conseguisse, Curry ria me tirar da reportagem. Deixar Wind Gap, pessoalmente, não me causaria qualquer sofrimento. Mas eu precisava provar que dava conta, sobretudo com minha credibilidade em jogo. Uma mulher que se corta não é a primeira da lista para trabalhos complicados.

Passei com o carro pelo local onde o corpo de Natalie fora encontrado. O que Amma considerara que não valeria a pena roubar, estava em um torrão deprimente: três tocos de vela, já apagados há muito tempo, junto a flores baratas, ainda em suas embalagens de supermercado. Um balão já vazio de gás hélio em formato de coração agitava-se, indiferente.

À entrada da garagem da casa dos Keene, o irmão de Natalie estava sentado no banco do carona de um conversível vermelho, conversando com uma loira cuja beleza quase igualava-se à dele. Estacionei atrás deles, vi que me lançaram olhadelas rápidas, embora fingissem não me notar. A loira começou a rir com bastante ânimo, trançando suas unhas de laca vermelha na parte de trás dos cabelos escuros do menino. Olhei para eles e fiz um aceno rápido e desajeitado, que tenho certeza que não viram, e passei pelos dois, chegando à porta da frente.

A mãe de Natalie veio atender. Atrás dela, a casa estava escura e silenciosa. Sua expressão permanecia receptiva; ela não me reconhecera.

- Sra. Keene, lamento muito incomodá-la em um momento desses, mas preciso conversar com a senhora.

- A respeito de Natalie?

- Isso. Posso entrar? – foi um truque vil para entrar de fininho em sua casa sem me identificar. Repórteres são como vampiros, é o que Curry

gosta de dizer. Não podem entrar em sua casa sem serem convidados, mas depois que já entraram, só saem depois de terem sugado todo o seu sangue. Ela abriu a porta.

- Ah, aqui dentro está bem fresco, obrigada – agradei. – Disseram que hoje ia dar pico de 32°C, mas acho que já passamos disso.

- Ouvi dizerem 35°C.

- Acredito. Seria muito incômodo pedir um copo d'água? – Mas uma manobra que o tempo consagrou: é menos provável que uma mulher expulse uma pessoa a quem já tenha oferecido sua hospitalidade. Se você é alérgica, ou está resfriada, pedir um lenço de papel é melhor ainda. Mulheres adoram vulnerabilidade; a maioria delas.

- É claro que não. – Ela parou e olhou para mim como se sentisse que deveria saber quem eu era, mas tinha vergonha de perguntar. Agentes funerários, padres, polícias, médicos, enlutados... Ela deve ter conhecido mais gente nos últimos dias que no ano passado inteiro.

Enquanto a sra. Keene desaparecia ao entrar na cozinha, examinei o que havia ao meu redor. A sala estava totalmente diferente, com a mobília de volta a seu lugar. Sobre uma mesa não muito longe de mim, uma foto das duas crianças dos Keene. Os dois recostavam-se em um grande carvalho e vestiam calças jeans e suéteres vermelhos. Ele sorria com desconforto, como se estivesse fazendo uma coisa que melhor seria não registrar. Ela tinha, talvez, metade da altura dele, e sua expressão estava determinadamente séria, como se fosse o tema de um velho da guerreótipo.

- Como se chama o filho da senhora?

- John. É um menino muito meigo e comportado. Sempre tive muito orgulho disso. Acabou de concluir o ensino médio.

- A escola antecipou um pouco. Quando eu estudava aqui, nos faziam esperar até junho.

- Hum. É bom ter o verão mais longo.

Eu sorri. Ela sorriu. Sentei-me e sorvi um gole da minha água. Não conseguia me lembrar do conselho de Curry para quando já tivéssemos conseguido adentrar a sala de estar da pessoa.

- Não chegamos a ser apresentadas adequadamente. Meu nome é CamillePreaker. Do Daily Post de Chicago. Conversamos brevemente ao telefone uma noite dessas.

O sorriso dela desapareceu, e o maxilar entrou em ação.

- Deveria ter dito antes.

- Entendo os momentos horríveis que a senhora tem passado, mas se me permitisse apenas algumas perguntas...

- Não permito.

- Sra. Keene, queremos ser justos com sua família. É para isso que estou aqui. Quanto mais pudermos informar as pessoas...

- Mais jornais vão vender. Já estou farta de tudo isto. Escute bem, pois vou dizer pela última: não volte aqui. Não tente entrar em contato conosco. Não tenho absolutamente nada a lhe dizer. – Ela estava de pé sobre mim, inclinada para baixo. Usava, como no enterro, um colar de contas feito de

madeira com um grande coração vermelho no centro que sacudia para a frente e para trás abaixo de seus seios como o relógio de um hipnotizador. – Para mim, você é um parasita – ela cuspiu em mim. – Tenho nojo de você. Espero que chegue o dia em que olhe para trás e veja o quanto é horrível. Agora, por favor, vá embora.

Ela me acompanhou até a porta como se acreditasse que eu só iria embora de verdade se me visse colocar o pé para fora de sua casa. Depois que saí, bateu a porta com força suficiente para fazer a campainha soar levemente.

Fiquei de pé em frente à entrada da casa, envergonhada, pensando comigo mesma que aquele colar de coração daria um belo detalhe em minha matéria. Foi quando vi a moça no conversível vermelho olhando para mim. O menino já não estava mais com ela.

- Você é Camille Preaker, não é verdade? – ela perguntou.

- Sou.

- Eu me lembro de você – disse ela. – Era criança quando você morava aqui, mas todas nós a conhecíamos.

- Qual é o seu nome?

- Meredith Wheeler. Não tem como se lembrar de mim. Eu era só uma menininha boba quando você estudava em Millard Calhoon.

A namorada de John Keene. Eu conhecia seu nome graças às amigas de minha mãe, mas não teria conseguido me lembrar dela se passasse à minha frente. Caramba, ela devia ter uns seis ou sete anos quando fui

embora. Ainda assim, o fato de saber quem eu era não me causava surpresa. As meninas de Wind Gap estudam obsessivamente as mais velhas: quem são as namoradas dos astros do time de futebol americano, quem é a rainha do baile, quem é importante... Elas trocam suas favoritas como figurinhas de um álbum. Ainda me lembro de CeeCee Wyatt, a rainha do baile de formatura da escola na época em que eu era criança. Uma vez, comprei onze batons da farmácia para tentar encontrar o tom exato de cor-de-rosa que ela usava ao me cumprimentar num dia de manhã.

- Eu me lembro de você – falei – Não acredito que já está dirigindo!

Ela riu passando a impressão de que havia gostado da minha mentira.

- Agora você é repórter, não é?

- Isso, em Chicago.

- Farei com que John converse com você. Voltaremos a nos falar.

Meredith foi embora. Tenho certeza de que ficou bastante satisfeita consigo mesma. – Voltaremos a nos falar – reforçando seu brilho para lábios, sem consideração alguma pela menina morta que seria o assunto de nossa conversa.

Telefonei para a principal loja de ferragens da cidade, a mesma em que o corpo de Natalie fora encontrado. Sem me identificar, comecei com uma conversa mole a respeito de uma reforma de banheiro, azulejos novos... não foi nada difícil levar o diálogo para os assassinatos. Suponho que muita gente venha reconsiderando a segurança de suas casas ultimamente, sugeri.

- É isso mesmo, senhora. Tivemos muitos pedidos de correntes com cadeados e trancas mais resistentes nos últimos dias – disse a voz rouca.

- É mesmo? Quantos o senhor vendeu?

- Acho que cerca de umas três dúzias.

- Mais para famílias? Gente com criança?

- Isso mesmo. São os que têm motivo para se preocupar, não é verdade? Coisa horrível. Queremos ver se conseguimos fazer alguma doação para a família da pequena Natalie – ele fez uma pausa. – Não queremos fazer uma visita para ver amostras de azulejos?

- É acho que vou sim, obrigada.

Mais um dado para a matéria que posso cortar da lista, e nem tive que aturar desaforo de uma mãe sofrida.

Para nosso jantar de negócios, Richard escolheu o Gritty's, um “restaurante familiar” cujo bufê de saladas tinha todo tipo de comida, menos salada. A alface ficava sempre em um pequeno recipiente ao final das bandejas, jogada para escanteio, molenga e pálida. Richard enchia de elogios a hostess gorda e alegre do local quando cheguei, agitada e doze minutos atrasada. A moça, cujo rosto combinava com as tortas que revolviam na bandeja atrás de si, pareceu não perceber minha presença. Estava imersa nas possibilidades de Richard: em sua imaginação, já tinha o título para o que escreveria em seu diário.

- Preaker – disse ele, ainda olhando para ela. – Seu atraso é um escândalo. Sorte sua que JoAnn estava aqui para me fazer companhia. – Ela

soltou risadinhas e me submeteu a seu olhar penetrante. Depois, nos levou para uma mesa de canto, e atirou de qualquer jeito um cardápio engordurado à minha frente. Sobre a mesa, ainda era possível ver o contorno da louça utilizada pelo cliente anterior.

A garçonete chegou, deslizou pela mesa em minha direção um copo d'água do tamanho daqueles de uma dose, e entregou na mão de Richard uma tina de isopor de refrigerante.

- Ei, Richard... me lembrei, viu?

- É por isso que você é minha garçonete predileta, Kathy. – Que graça.

- Oi Camille. Fiquei sabendo que estava na cidade. – Nunca mais queria voltar a escutar aquela frase. Olhando a garçonete com mais atenção, vi que havíamos estudado juntas. Fomos amigas durante um semestre no segundo ano porque meu namorado, Phil, era o melhor amigo de Jerry, namorado dela. Dois sujeitos com porte atleta que jogavam futebol americano no outono, faziam luta no inverno, e davam festas o ano inteiro no salão de jogos do porão de Phill. Lembrei-me de nós duas de mãos dadas para não nos desequilibrarmos enquanto urinávamos sobre a neve logo à frente das portas de vidro de correr, bêbadas demais para subir e dar de cara com a mãe dele. Lembro-me dela me falando a respeito de transar com Jerry sobre a mesa de sinuca, o que explicava a viscosidade do feltro.

- Que legal reencontrá-la, Kathy! Como vai?

Ela abriu os braços e olhou ao redor do restaurante.

- Ah, acho que deve dar para adivinhar. Mas é isto que ganha quem não vai embora daqui, não é mesmo? Bobby mandou lembranças. Kidder.

- É mesmo? Nossa... – Tinha me esquecido de que se casaram. – Como ele está?

- Não mudou nada. Apareça lá em casa qualquer dia desses. Se tiver tempo. Moramos na Fisher.

Já imaginava o relógio marcando os segundos bem alto comigo sentada na sala de estar de Bobby e Kathy Kidder tentando pensar em alguma coisa para dizer. Apenas Kathy falaria, como sempre. Era daquele tipo de gente que preferia ler em voz alta as placas da rua a sofrer em silêncio. Se ele continuava sendo o mesmo Bobby de sempre, era um sujeito quieto, porém cortês, com poucos interesses e olhos de um azul-acinzentado que concentravam-se apenas quando a conversa era sobre caça. Na época da escola, ele guardava os cascos de todos os veados que matava, sempre trazia o par mais recente nos bolsos, e os usava para batucar em qualquer superfície rígida que desse sopa. Sempre vi aquilo como o código Morse do animal morto. Um pedido atrasado de socorro da carne que será servido amanhã.

- Mas enfim, vocês vão se servir do bufê?

Pedi uma cerveja, o que gerou um momento de silêncio. Kathy deu uma olhadela para trás, por cima do ombro, para o relógio da parede.

- Hum, não devemos servir até as oito. Mas vou ver se consigo trazer uma escondida. Pelos velhos tempos, esta bem?

- Não quero que se complique por minha causa. – Bem típico de Wind Gap, regras arbitrárias em relação a bebida. Cinco horas faria sentido, no mínimo. Oito horas era só uma maneira de fazer as pessoas sentirem culpa.

- Por Deus, Camille, seria a coisa mais interessante a acontecer comigo em um bocado de tempo.

Enquanto Kathy foi roubar uma cerveja para mim, Richard e eu enchemos os pratos com bife de frango frito, canjica, purê de batata e, no caso de Richard, um tijolo saracoteante de gelatina que já se derretia e invadia sua comida ao voltarmos para mesa. Kathy deixara uma garrafa de cerveja discretamente sobre o estofado de onde eu estava sentada.

- Sempre bebe tão cedo assim?

- Só estou bebendo uma cerveja.

- Logo que chegou, já percebi o cheiro de álcool em seu hálito, disfarçado por um odor de pastilhas. Gaultéria? – Ele ficou olhando para mim e sorrindo, como se fora uma mera curiosidade, sem julgamentos. Aposto que ardia em brasa naquela salinha de interrogatório.

- Acertou nas pastilhas. Errou no álcool.

Na verdade, foi por isso que me atrasei. Quando já estava entrando no estacionamento, percebi que precisava disfarçar rapidamente o ligeiro trago que eu bebera depois de sair da casa dos Keene, e dirigi mais uns quarteirões até a loja de conveniência para comprar as pastilhas. De gaultéria.

- Tudo bem, Camille – disse ele, com leveza. – Não se preocupe. Não é da minha conta. – Comeu um pouco do purê de batata tingido de vermelho por causa da gelatina e permaneceu em silêncio. Passava a impressão de estar ligeiramente envergonhado.

- E então, o que quer saber de Wind Gap? – Senti que o havia decepcionado sutilmente, como um pai negligente que trai a promessa de presente de aniversário do filho: levá-lo ao jardim zoológico. Nessa hora, estava disposta a contar-lhe a verdade, a responder sinceramente à próxima pergunta que ele fizesse, para compensar. De repente, fiquei pensando se foi por isso que ele começou me perguntando se eu havia bebido. Guardinha esperto...

Ele me fez desviar o olhar.

- Quero saber da violência da cidade. Em cada local ela ocorre a seu próprio modo. É aparente? É oculta? Acontece em grupo – brigas em bares, gangues de estupradores – ou é específica, individual? Quem são os responsáveis? Quem são as vítimas?

- Bom, acho que não sou lá muito capaz de lhe dar uma idéia abrangente de todo o histórico de violência da cidade.

- Cite um incidente verdadeiramente violento que tenha visto quando criança.

Minha mãe com o bebê.

- Vi uma mulher machucar uma criança.

- Palmadas? Ou batendo com força?

-Mordendo.

- Muito bem. Menino ou menina?

- Acho que era menina.

- Era filha dela?

- Não.

- Certo, certo, isso é ótimo. Portanto, um ato de violência bastante pessoal com uma menininha. Quem foi? Quero investigar.

- Não sei o nome da pessoa. Era parente de alguém, não era da cidade.

- E quem poderia saber o nome dela? Quer dizer, se tem vínculo com alguém daqui, vale a pena investigar.

Sentia que meus membros deixavam-me, boiando próximos como madeira em um lago repleto de óleo. Pressionei as pontas dos dedos contra os dentes de meu garfo. Contar aquela história em voz alta já era o suficiente para me causar pânico. Eu nem se quer achava que Richard fosse querer tantos detalhes.

- Ei, estava achando que era só para ser um perfil da violência da cidade. – falei com a voz fraca por causa do sangue em meus ouvidos. – Não sei de detalhes. Foi uma mulher que eu não conhecia, e também não sei com quem ela estava. Apenas presumi que não fosse daqui.

- Pensei que repórteres não presumissem. – Ele havia voltado a sorrir.

- Na época, eu não era repórter, era apenas uma menina...

- Camille, estou sendo deselegante. Perdão. – Ele puxou o garfo de meus dedos, colocou-o deliberadamente em seu lado da mesa. Ergueu minha mão, e beijou-a. Eu via a palavra batom querendo sair, rastejando por debaixo da manga do braço direito. – Perdoe-me, não tive intenção de pressioná-la. Estava bancando o policial do pavio curto.

- Acho difícil enxergá-lo como sendo o do pavio curto.

Ele abriu um sorriso largo.

- Verdade, fica forçado demais. Culpa desta linda cara de garoto!

Cada um deu um gole no que estava bebendo. Ele girou o saleiro e disse:

- Posso fazer mais umas perguntas? – Agitei a cabeça em sinal de afirmativo. – Depois desse, lembra-se de mais algum incidente?

O cheiro esmagador da salada de atum em meu prato fazia meu estômago contorcer. Procurei Kathy para pedir mais uma cerveja.

- Na quinta série. Dois garotos encurralaram uma menina durante o recreio e fizeram-na enfiar um talo dentro de si mesma.

- Contra a vontade dela? Eles a forçaram?

- Hum... acho que sim, um pouco. Eram daqueles valentões. Mandaram que fizesse, e ela fez.

_ Você viu ou ficou sabendo?

- Eles ordenaram que alguns de nós assistíssemos. Quando a professora descobriu, tivemos que pedir desculpas.

- Para a menina?

- Não, ela também teve que pedir desculpas, para a turma. “Jovenzinhas devem ter controle sobre o próprio corpo, porque os jovenzinhos não têm.”

- Nossa! Às vezes a gente se esquece do quanto as coisas eram diferentes, e nem se passou tanto tempo assim. Quanta... falta de informação. – Richard tomou nota em seu bloquinho e jogou mais um pouco de gelatina garganta abaixo. – De que mais se lembra?

- Certa vez, uma menina da oitava série embebedou-se em uma festa da escola e quatro ou cinco sujeitos do time de futebol americano transaram com ela, meio que foram-na passando de mão em mão. Isso conta?

- Camille. É claro que conta. Sabe disso, não sabe?

- É que não sabia se contava como uma violência direta ou...

- É claro que conta como violência direta um bando de pivetes violentar uma menina de treze anos. É claro que conta.

- Como está tudo? – subitamente, Kathy já sorria acima de nós.

- Será que consegue disfarçar de novo e me trazer mais uma cerveja?

- Duas – disse Richard.

- Tudo bem, mas desta vez é só um favor que faço para Richard, já que ele é o sujeito mais generoso da cidade nas gorjetas.

- Obrigada, Kathy. – Richard sorriu.

Inclinei-me sobre a mesa.

- Não estou discutindo se é errado ou não, Richard. Só estou tentando entender o que você julga como violência.

- Certo, e tenho aqui uma boa perspectiva de com que tipo de violência exatamente estamos lidando pelo simples fato de você me perguntar se essa conta. A polícia foi informada?

- É claro que não.

- Para começar, fico surpreso por ela não ter sido forçada a pedir desculpas por permitir que a violentassem. Oitava série. Isso me dá nojo. – Ele tentou voltar a pegar em minha mão, mas escondi no colo.

- Então, é violência sexual por causa da idade dela?

- Seria violência sexual em qualquer idade.

- E se hoje eu acabasse bebendo um pouco demais, ficasse incoseqüente e transasse com quatro caras, seria violência?

- Juridicamente, não sei, iria depender de várias coisas, Do seu advogado, por exemplo. Mas eticamente, é claro que sim!

- Você é um preconceituoso.

- Você é sexista. Estou tão farta de vocês, homens liberais de esquerda. Adeptos da discriminação sexual disfarçada e que na aparência protegem as mulheres contra a discriminação sexual.

- Posso lhe garantir que não estou fazendo nada do tipo.

- Tem um sujeito lá no escritório... sensível. Quando perdi uma promoção para outra pessoa, sugeri que eu processasse o jornal por discriminação. Eu não tinha sido alvo de discriminação, era uma repórter medíocre. E, às vezes, mulheres bêbadas não são violentadas, apenas tomam decisões estúpidas. E dizer que merecemos tratamento especial quando estamos bêbadas só porque somos mulheres, dizer que precisamos que cuidem de nós, isso eu considero um insulto.

Katy reapareceu com nossas cervejas e ficamos tomando goles em silêncio até que se acabassem.

- Caramba, Parker, tudo bem, eu desisto.

- Está bem.

- Mesmo com isso tudo, enxerga um padrão de comportamento, não enxerga? Nos ataques contra as mulheres. Na forma como vocês veem esses ataques.

- Só que em a menina dos Nash e nem a dos Keene tiveram sua sexualidade molestada. Não é verdade?

- Acredito que, na mente do nosso homem, arrancar os dentes é o equivalente da violência sexual. O que interessa é o poder. É uma coisa invasiva, exige bastante força, e a cada dente que sai... alívio.

- Posso publicar?

- Se eu vir no seu jornal, se eu vir sequer uma linha dessa nossa conversa bob a sua manchete, nunca mais voltaremos a conversar.

E isso seria péssimo, porque gosto de conversar com você. Saúde. – Richard bateu o copo vazio contra o meu Permaneci em silêncio.

- Pensando melhor, permita-me levá-la para sair – disse ele. - Vamos apenas nos divertir. Nada de falar de negócios. Meu cérebro precisa desesperadamente de uma noite de folga de tudo isso. Podíamos fazer alguma coisa bem típica de uma cidadezinha.

Arregalei os olhos.

- Fazer bala puxa-puxa? Agarrar um porco escorregadio? – Ele começou a lista atividades com os dedos. - Fazer nosso próprio sorvete? Descer a avenida Central em um daqueles carrinhos miniatura? Ah, será que não tem nenhuma feira agrícola bem esquisita aqui por perto? Eu podia fazer uma proeza com a minha força só para você.

- Essa postura deve mesmo fazer com que o pessoal daqui o admire.

- Kathy gosta de mim.

Por causa das gorjetas.

Fechamos a noite no parque Garret, esmigalhados em balanços apertados para nós, balançando-nos para frente e para trás em meio às quentes nuvens de terra da noite. O mesmo local em que Natalie Keene fora vista com vida pela ultima vez, mas nenhum de nós abordou o assunto No

outro extremo do campinho, um velho bebedouro de pedra jorrava água infinitamente, e só parava quando chegava o Dia do Trabalho.

- Vejo muito a garotada do segundo grau já era assim. Bebida não é o fim do mundo por aqui á noite - disse Richard. - Vickery anda ocupado demais ultimamente para espantá-los.

- Mesmo em meus dias de segundo grau já era assim. Bebida não é o fim do mundo por aqui. Menos, ao que parece, no Grtty's.

- Queria tê-la visto aos dezesseis. Permita-me adivinhar: era como a indomável filha do pastor. Beleza, riqueza e cérebro. Eis uma receita para complicações por aqui. Sou capaz de imaginá-la bem ali – disse, apontando para as arquibancadas. - Bebendo mais que os meninos.

O menor dos excessos que já cometi neste parque. Não apenas meu primeiro beijo, com também a primeira vez em que fiz sexo oral, aos treze anos de idades. Um aluno do ultimo ano, do time do beisebol, passou o braço por cima de mim e me levou para dentro da mata. Só me beijaria depois que eu o satisfizesse. Depois, não quis me beijar devido ao que havia feito com a boca. Amor juvenil. Não demorou muito até que chegasse a minha noite desenfreada na festa do time de futebol americano, a história que deixara Richard tão irritado. Oitava série, quatro homens. Vivenciei mais coisas naquele dia do que nos últimos dez anos, Senti a palavra pecaminosa arder em minha pélvis.

- Vivi minha cota de diversão – falei. _Beleza e riqueza levam a pessoa longe em Wind Gap.

- E cérebro?

- O cérebro você esconde. Eu tinha varias amigas, mas nenhuma delas era realmente intima, sabe?

- Imagino. Você e sua mãe eram amigas intimas?

- Não muito. - Já havia bebido demais; sentia meu rosto obstruído e quente.

- Por quê? – Richard girou em seu balaço para olhar para mim.

- É que acho que certas mulheres não nasceram para ser mães. E certas mulheres não nasceram para ser filhas.

- Ela já a machucou alguma vez? – A pergunta me deixou desanimada, sobretudo depois de nossa conversa durante o jantar. Ela não havia me machucado? Eu tinha certeza de que algum dia sonharia com ela arranhando, mordendo ou beliscando. Sentia como se aquilo houvesse acontecido. Imaginei-me tirando a blusa para mostrar-lhe as cicatrizes, berrando, é claro, veja! Indulgente.

- Que pergunta bizarra, Richard!

- Lamento, mas é que passou a impressão de estar tão... triste. Irritada. Alguma coisa.

- É a marca registrada de uma pessoa cuja relação com os pais é saudável.

- Culpado – ele riu. _Que tal mudarmos de assunto?

- Isso.

- Esta bem, velamos... um assunto tranquilo. Assunto para conversa de balanço. – Richard franziu o rosto até parecer que estava pensando. _Tudo bem, então, qual sua cor preferida, seu sabor de sorvete predileto, e sua estação de ano favorita?

- Azul, café e inverno.

- Inverno, ninguém gosta do inverno.

- A noite chega mais cedo. Gosto disso.

- Por quê?

Porque significa que o dia terminou. Gosto de riscar os dias no calendário – 151 dias riscados e nada verdadeiramente horrível aconteceu. 152 e o mundo não está em ruínas. 153 e não destruí a vida de ninguém. 154 e o mundo me odeia para valer. Às vezes acho que só vou conseguir sentir-me em segurança quando for capaz de contar meus últimos dias em uma das mãos. Mais três dias a serem vencidos até que eu não precise mais me preocupar com a vida. _É que gosto da noite. – Estava presta a dizer mais. Não muito mais, porem mais, quando um Camaro amarelo todo arreventado chegou fazendo escândalo, parou do outro lado da rua, e Amma e suas loiras saíram por trás. Amma entrou com a cabeça pela janela do motorista, provocando com seu decote o garoto, cujos compridos cabelos loiros, sujos e besuntados eram exatamente o que se esperaria de uma pessoa que ainda dirigisse um Camaro amarelo. As três meninas ficaram atrás dela, projetando os quadris, e a mais alta deu-lhes as costas, abaixou-se, magra e longilínea, e fingiu amarrar o tênis, Belas manobras.

Ela vieram fazendo escândalos em nossa direção, e Amma agitava as mãos de forma bem extravagante, reclamando da nuvem negra deixada pelo cano de descarga. Eu tinha que admitir, elas eram uns

tesões de meninas. Cabelos loiros e compridos, rostos em formato de coração, e pernas esqueléticas, minissaias e camisetas minúsculas exibindo as magras barriguinhas de meninas. Exceto pela menina Jodes, cujos peitos eram altos e firmes demais, deixando obvio que não eram nada de enchimento, as outras tinham seios abundantes, bamboleantes, e que amadureceram extremamente cedo. Toda a infância passada a leite, carne de porco e carne de boi. Tantos hormônios a mais que injetamos nasceram seios em crianças que estão aprendendo a andar.

- E aí, Dick? – Amma gritou. Ela chupava um pirulito vermelho exageradamente grande.

- Oi mocinhas.

- Oi Camille, já fez de mim uma estrela? – Amma perguntou, enrolando a língua ao redor do pirulito. Já não trazia mais tranças, tampouco as roupas que vestia quando foi à fábrica, que só podiam estar impregnadas de um odor fétido de os tipos e espécies. Agora, vestia uma blusinha curta e uma saia que só descia até dois centímetros abaixo de seu gancho.

- Ainda não. – A pele era formidável, tão livre de manchas e rugas. Seu rosto, tão perfeito e desprovido de personalidade que poderia ter acabado de ser cuspidada do útero. Todas pareciam inacabadas. Minha vontade era que fossem embora.

- Dick, quando vai nos levar para passear? – Amma perguntou, estatelando-se sobre o chão de terra à nossa frente com as pernas dobradas verticalmente, revelando um ligeiro e rápido lampejo de sua calcinha.

- Para isso, teria que prendê-las. Talvez eu tenha que prender esses meninos com quem vocês insistem em andar. Garotos do segundo grau são velhos demais para vocês.

- Não são do segundo grau – disse mais alta.

- É. – Amma e suas risadinhas. _ Largaram a escola.

- Amma, qual é a sua idade? – Richard perguntou.

- Acabei de fazer treze.

- Por que sempre se preocupa tanto com Amma? – interrompeu a loira-acinzentada. _ Também estamos aqui, sabia? Voce nem deve saber os nossos nomes.

- Camille, já foi apresentada a Kylie, Kelsey e Kelsey? – disse Richard, apontando para a alta, para a acinzentada e para que minha irmã chamava de...

- O nome dela é Jodes- disse Amma. _ Há duas Kelsey, então ela usa o sobrenome. Para evitar confusão. Não é mesmo, Jodes?

- Eles podem me chamar de Kelsey, se quiserem – disse a menina, cuja a posição de inferioridade na hierarquia social era provavelmente um castigo por ser menos bonita delas. Tinha um queixo feio.

- E Amma é sua meia-irmã, certo? – Richard continuou. _Não estou tão por fora quanto vocês acham.

- Não, parece que está por dentro – disse Amma, dando uma conotação sexual à frase, embora eu não conseguisse ver naquilo um duplo sentido. _Então, vocês dois estão namorando ou o que? Fiquei sabendo que nossa pequena Camille é bastante popular. Ao menos, era.

Richard soltou uma risada que mais parecia um arroteio, um coçar repentino. Indigna fulgurou em minha perna.

- É verdade, Richard. Eu era uma coisa do outro mundo na minha época.

- Do outro mundo. – Amma zombou e as duas meninas riram. Jodes traçava linhas frenéticas no chão de terra com um graveto. _Deveria conhecer as histórias, Dick. Iriam deixá-lo bastante excitado. Ou talvez já tenha executado...

- Mocinhas, temos que ir andando, mas como sempre, sem dúvida, foi uma coisa do outro mundo – disse Richard, tomando minha mão para me ajudar a descer do balanço. Não a soltou, e apertou-a duas vezes enquanto andávamos em direção ao carro.

- Não é um cavalheiro? Disse Amma. As quatro levantaram-se e começaram a nos seguir. _Não consegue solucionar um crime, mas arruma tempo para levar Camille até seu carro de merda. –

Estavam coladas em nós, Amma e Kylie pisavam em nossos calcanhares. Literalmente. Eu sentia doentia arder onde a sandália de

Amma roçava em meu calcanhar-de-aquiles. Então, ela pegou seu pirulito molhado e o enrolou em meus cabelos.

- Pare com isso – resmunguei, girando e agarrando seu pulso com tanta força que cheguei a sentir-lhe a pulsação. Mais lenta que a minha. Ela não se debateu, muito pelo contrário, aproximou mais de mim. Eu sentia seu hálito de morango preencher a cavidade em meu pescoço.

- Ande, tome alguma providencia – Amma sorriu. _Poderia me matar neste minuto, e ainda assim, Dick não conseguiria desvendar o crime. – Soltei-a empurrando-a para longe de mim. Richard e eu fomos até o carro, arrastando os pés, mais rápido do que eu gostaria.



Capítulo 9

Caí em um sono pesado, sem querer, às nove da noite e acordei com um sol furioso às sete da manhã seguinte. Uma árvore seca roçava seus galhos contra a tela de minha janela como se quisesse entrar e deitar-se ao meu lado para sentir-se confortável.

Vesti meu uniforme - mangas compridas, saia comprida - e desci a escada perambulando. Gayla brilhava intensamente no quintal com seu vestido branco de enfermeira reluzindo contra a folhagem. Segurava uma bandeja de prata sobre a qual mamãe colocava rosas imperfeitas. Adora trajava um vestido de verão cor de manteiga que combinava com seus cabelos. Andava a passos largos e pomposos em meio às moitas de flores amarelas e cor-de-rosa com um alicate. Examinava cada flor com voracidade, arrancando pétalas, apertando e tagarelado.

- Precisa molhá-las mais, Gayla. Veja o que fez com elas.

Ela separou de um arbusto uma rosa de um cor-de-rosa claro, levou-a ao chão, firmou-a elegantemente com o pé, e cortou-a pela raiz. Devia haver umas duas dúzias de rosas na bandeja de Gayla. Na minha opinião, havia pouca coisa de errado nelas.

- Camille, vá hoje às compras comigo em Woodberry - mamãe intimou sem erguer o olhar. - Vamos? - Ela nada disse a respeito do que havia ocorrido na casa dos Nash no dia anterior. Seria direto demais.

- Tenho alguns compromissos — falei. - A propósito, não sabia que a senhora era amiga dos Nash. De Ann. - Eu sentia uma ponta de culpa pela alfinetada que dera nela quando falou da menina durante o café na outra manhã. Não estava me sentindo tão mal por tê-la tirado do sério. O problema é que detesto qualquer débito com ela.

- Hum-hum, Alan e eu daremos uma festa no próximo sábado. Já a havíamos planejado muito antes de saber que você apareceria. Embora eu acredite que não tínhamos a mínima idéia de que você viria até a hora em que chegou.

Mais uma rosa cortada.

- Para mim, a senhora mal conhecia as meninas. Não sabia...

- Está bem. Será uma agradável festa de verão. Muita gente fina e você vai precisar de um vestido. Tenho certeza de que não deve ter trazido vestidos.

- Não.

-Então está resolvido. Será uma boa oportunidade para compartilharmos as novidades. Já está aqui há mais de uma semana. Já está na hora. — Ela depositou um último caule sobre a bandeja. - Muito bem, Gayla, pode jogá-las no lixo. Mais tarde colheremos rosas decentes para a casa.

- Quero colocar essas aí no meu quarto, mãe. Para mim, estão boas.

- Não estão não.

- Eu não ligo.

- Camille, acabei de examiná-las e não são flores bonitas. - Ela deixou o alicate cair ao chão e começou a puxar com força um caule, com as mãos.

- Mas para mim estão boas. Para o meu quarto.

- Ai, veja só o que fez agora. Estou sangrando, — Mamãe ergueu as mãos feridas por espinhos, e traços de um vermelho forte começaram a descer por seus pulsos. Fim de papo. Ela foi andando na direção da casa, Gayla atrás dela, e eu atrás de Gayla.

A maçaneta da porta dos fundos ficou viscosa devido ao sangue.

Alan enfaixou as mãos de minha mãe de forma extravagante, e quando quase tropeçamos em Amma, que voltara a brincar com sua casa de bonecas na varanda, Adora, para provocá-la, deu um puxão em sua trança e ordenou que viesse conosco. Amma obedeceu serviçalmente, e fiquei esperando os cutucões em meus calcanhares. Não com mamãe por perto.

Adora quis que eu dirigisse seu conversível azul-bebê até Woodberry, que ostentava duas butiques da última moda, mas não queria a capota abaixada.

- Sentimos frio - disse ela, olhando para Amma com um sorriso conspiratório. A menina estava sentada bem quieta atrás de minha mãe, e torceu a boca em um sorriso espertalhão quando a flagrei olhando

fixamente para mim pelo retrovisor. De minutos em minutos ela roçava as pontas dos dedos nos cabelos de minha mãe. Levemente, para que ela não percebesse.

Depois que estacionei o Mercedes à frente de sua loja predileta, Adora pediu bem baixinho que eu abrisse a porta do carro para ela. Ela não falara comigo nos últimos vinte minutos. É bom compartilharmos as novidades. Também abri a porta da butique para ela, e o delicado sino combinou com a saudação bastante satisfeita da vendedora.

- Adora! - E uma careta. — Minha Nossa Senhora, querida, o que houve com suas mãos?

- Foi apenas um acidente. Cuidando de algumas coisas pela casa. Irei ao médico à tarde. - É claro que iria. Iria até se tivesse se cortado com uma folha de papel.

- O que houve?

- Ah, não quero mesmo falar sobre isso. Mas quero apresentar-lhe à minha filha, Camille. Veio visitar-nos.

A vendedora olhou para Amma e me ofereceu um sorriso hesitante.

- Camille? — Recuperação rápida. — Acho que me esqueci que a senhora tinha uma terceira filha. - Ela diminuiu o tom de voz na palavra “filha”, como se fosse um juramento. — Deve ter puxado ao pai - disse a mulher, examinando-me o rosto como se eu fosse um cavalo que estivesse pensando em comprar. — Amma se parece tanto com a senhora, e Marian também, pelas fotos. Mas essa aí...

- Ela não puxou muito a mim - disse mamãe. - Tem o tom de pele do pai, e suas maçãs do rosto. E seu temperamento

Foi a vez que escutei minha mãe falar mais detalhes a respeito de meu pai. Fiquei imaginando quantas outras vendedoras pudessem ter escutado detalhes tão fortuitos a respeito dele. Tive uma fantasia rápida de papear com todas as funcionárias de lojas do sul do Missouri e reunir informações para fazer um vago perfil desse homem.

Mamãe afagou-me os cabelos com as mãos envoltas em gaze.

- Precisamos arrumar um vestido novo para a minha queridinha. Bem colorido. Ela abusa demais dos pretos e cinza. Tamanho 36.

A mulher, que de tão magra tinha os ossos de seu quadril salientes sob a saia, começou a ir e voltar de estantes circulares, criando um buquê de chamativos vestidos verdes, azuis e cor-de-rosa.

- Esta ficaria linda na senhora — disse Amma, mostrando uma brilhante blusa dourada para mamãe.

- Pare com isso, Amma — disse minha mãe. — Que coisa cafona!

- É verdade que faço a senhora lembrar-se de meu pai? - Não consegui deixar de perguntar. Senti as bochechas esquentarem com tamanha audácia.

- Sabia que não deixaria essa passar — disse ela, retocando o batom em um espelho da loja. As gazes em suas mãos permaneciam inacreditavelmente limpas.

- Fiquei curiosa. Nunca havia escutado a senhora dizer que minha personalidade a fazia lembrar de...

- Sua personalidade me faz lembrar de uma pessoa bastante diferente de mim. E é certo que você não puxou a Alan, então, presumo que deva ser seu pai. Agora chega.

- Mas mãe, só queria saber...

- Camille, está me fazendo sangrar mais. — Ela ergueu as mãos envoltas pelas gazes, agora manchadas de vermelho. Minha vontade era arranhá-la.

A vendedora voltou com diversos vestidos.

- Este aqui você, com toda a certeza, vai querer levar - disse ela mostrando um vestido de verão azul-celeste. Sem alças.

- E quanto a esse nosso amorzinho de menina? — disse a mulher, tentando ser simpática com Amma. - E bem provável que já possa usar alguma coisa da nossa linha para adolescentes.

- Amma tem apenas treze anos. Ainda não está pronta para essas roupas - disse minha mãe.

- Apenas treze? Mãe do Céu! Sempre me esqueço, ela já aparenta ser tão mais velha... A senhora deve morrer de preocupação, com tudo o que anda acontecendo ultimamente em Wind Gap.

Mamãe envolveu Amma com um dos braços e beijou-lhe o cocuruto.

- Tem dia que acho que não vou conseguir suportar tanta preocupação. Minha vontade é deixá-la trancada em algum lugar.

- Como as esposas mortas do Barba Azul. - Amma resmungou.

- Como a Rapunzel - disse minha mãe. — Ande logo, Camille. Mostre a sua irmã o quanto você pode ficar bonita.

Ela me acompanhou até a seção dos provadores, silenciosa e empertigada. Dentro da pequenina saleta espelhada, com mamãe aboletada em uma cadeira do lado de fora, avaliei minhas opções. Sem alças, alças finas, mangas cavadas... Mamãe estava me castigando. Encontrei um vestido cor-de-rosa com mangas três-quartos e, despindo-me rapidamente da calça e da blusa, experimentei-o. O decote mostrava mais do que eu imaginara. As palavras em meu tórax pareciam inchadas sob a iluminação fluorescente como se vermes passassem sob minha pele. Lamúria, leite, dor, sangria.

- Camille, deixe-me ver.

- Ah, não caíram bem.

- Deixe-me ver. — Depreciar ardia à direita de meu quadril.

- Deixe-me experimentar outro. - Olhei bem rápido outros vestidos. Todos tão reveladores quanto aquele. Voltei I olhar-me no espelho. Eu era horripilante.

- Camille, abra a porta.

- O que há com a Camille? - Amma e sua voz melodiosa.

- Não caíram bem. - O zíper lateral não queria correr. Meus braços nus exibiam cicatrizes intensamente roxas e cor-de-rosa. Nem sequer precisava me olhar diretamente no espelho para vê-las refletidas em mim, um grande borrão de pele ressecada.

- Camille! - mamãe falou, enfática.

- Por que ela não quer nos mostrar?

- Camille.

- Mãe, a senhora viu os vestidos. Sabe por que digo que não caíram bem - frisei.

- Deixe-me ver de uma vez.

- Eu experimento um deles, mamãe. - Amma tentou persuadi-la.

- Camille...

- Está bem. - Abri a porta com força. Minha mãe, com o rosto à altura de meu decote, estremeceu.

- Meu Deus do Céu! - Senti o hálito dela sobre mim. Ela ergueu uma mão enfaixada como se fosse tocar-me o peito, mas deixou-a desabar. Atrás dela, Amma choramingava como um filhotinho. - Veja só o que fez consigo mesma - disse Adora. - Veja só.

- Já vi.

- Espero que tenha simplesmente adorado isso. Espero que seja capaz de suportar-se.

Ela bateu a porta e dei um puxão no vestido, cujo zíper permanecia emperrado. Meus puxões irados separaram-lhe os dentes o bastante para que descesse até o quadril, de onde consegui tirá-lo, retorcendo-me. Deixara marcas de arranhões cor-de-rosa em minha pele. Enrolei o algodão do vestido na boca e urrei.

Dava para escutar a voz compassada de minha mãe no cômodo ao lado. Quando saí, a vendedora embrulhava uma blusa de renda de mangas compridas e gola alta, e uma saia vermelho- coral que desceria até meus tornozelos. Amma não tirou os olhos rosados e penetrantes de mim, até que saiu para esperar ao lado do carro, lá fora.

De volta à casa, fui andando atrás de Adora pela passagem da entrada, onde Alan assumira uma pose falsamente fortuita com as mãos socadas nos bolsos da calça de linho. Ela passou por ele, alvoroçada, em direção à escada.

- Como foi o passeio de vocês? — ele perguntou depois que ela passou.

- Horrível - mamãe queixou-se. Escutei, lá em cima, a porta dela bater. Alan me olhou de cara feia e foi dar atenção a ela. Amma já havia desaparecido.

Fui até a cozinha, à gaveta de talheres. Só queria olhar as facas que usava para me talhar. Não queria me cortar, apenas permitir-me aquela pressão pontiaguda. Já conseguia sentir a ponta da faca pressionada suavemente contra as pontas rechonchudas de meus dedos. Aquela tensão sutil pouco antes do corte.

A gaveta saiu apenas uns dois centímetros e travou. Minha mãe a trancara. Continuei a tentar puxá-la. Dava para escutar os tinidos de prata de todas aquelas lâminas deslizando umas sobre as outras — como peixes metálicos de mau humor. Minha pele ardia. Já estava indo ligar para Curry quando a campainha insinuou-se com seus timbres refinados.

Arriscando uma olhadela pelo canto, vi Meredith Wheeler e John Keene lá fora.

Senti-me como se fosse flagrada me masturbando. Mordendo o interior da boca, abri a porta. Meredith foi entrando e analisando os cômodos, deixando escapar exclamações com odor de hortelã sobre como tudo era tão lindo, e exalando um perfume tenebroso, mais adequado a uma dama da sociedade que a uma adolescente de uniforme verde e branco de líder de torcida. Ela me flagrou observando-a.

- Já sei, já sei. O ano letivo já acabou. Para falar a verdade, é a última vez que estou usando este uniforme. Faremos uma demonstração para as meninas do ano que vem. É algo como passar o bastão. Você foi líder de torcida, não é verdade?

-Fui sim, se é que dá para acreditar. - Não era muito boa por assim dizer, mas ficava bonita de saia. Em um passado em que limitava meus cortes ao tronco.

-Eu acredito. Você era a mais bonita da cidade. No seu último ano, meu primo era calouro. Dan Wheeler? Não parava de falar em você. Bonita e inteligente, bonita e inteligente. E simpática. Ele me mata se souber que lhe contei isso. Agora ele mora em Springfield. Mas não se casou.

Seu tom lisonjeiro me lembrava bem o tipo de menina cuja proximidade nunca me deixava à vontade, do tipo que transmite uma espécie de intimidade artificial, que me contava fatos a respeito de si mesma que só suas amigas deveriam saber, que se considerava "fã" de gente”.

-Este é John - disse ela, como se estivesse surpresa em vê-lo ao seu lado.

Era a primeira vez que eu o via de perto. Era mesmo bonito, quase andrógino, alto, elegante, de lábios indecentemente carnudos e olhos cor de gelo. Prendeu alguns fios dos cabelos negros detrás da orelha e sorriu, olhando para a própria mão ao estendê-la em minha direção, como se fosse um amado bichinho de estimação mostrando um truque novo.

-Então, onde preferem conversar? — Meredith perguntou. Pensei por um instante em me livrar dela, preocupada se ela saberia quando ou como calar a boca. Mas ele transmitia a impressão de que precisava de companhia, e não quis assustá-lo.

- Sentem-se lá na sala de estar - falei. - Vou preparar um chá doce para nós.

Primeiro, subi correndo a escada, empurrei com força uma fita nova em meu mini gravador e parei para bisbilhotar em frente à porta do quarto de minha mãe. O silêncio só era quebrado pelo ruído de um ventilador. Será que ela estava dormindo? Se sim, estaria Alan deitado a seu lado, ou aboletado na cadeira da penteadeira dela, apenas a observá-la? Mesmo depois desse tempo todo, eu não tinha sequer uma conjectura a respeito da vida privada de Adora e seu marido. Ao passar pelo quarto de Amma, vi-a

sentada com extrema correção à ponta de uma cadeira de balanço, lendo um livro intitulado Deusas gregas. Desde que cheguei, ela já se comparara a Joana d'Arc, à esposa do Barba Azul e à princesa Diana. Todas mártires, constatei. Até mesmo entre as deusas ela era capaz de encontrar modelos doentios de comportamento. Deixei-a entretida com aquilo.

Na cozinha, servi as bebidas. Então, aproveitando cada um dos dez segundos seguintes, pressionei os dentes de um garfo na palma da mão. Minha pele começou a sossegar.

Voltei à sala e vi as pernas de Meredith dependuradas sobre o colo de John. Ela beijava-lhe o pescoço. Intencionalmente, pousei ruidosamente a bandeja com os chás sobre a mesa, mas ela não parou. John olhou para mim e, bem devagar, tirou-a de cima dele.

- Hoje você está chato... — ela fez bico.

- Então, John, fico muito contente que tenha resolvido conversar comigo - comecei.—Sei que sua mãe tem estado relutante...

- É verdade. Ela não anda querendo falar com quase ninguém, sobretudo com... imprensa. É bastante reservada.

- E você não vê problema? - instiguei. — Presumo que já tenha seus dezoito anos...

- Acabei de completá-los. - Ele dava goles em seu chá de maneira bastante formal, como se medisse colheres de sopa com aboca.

- Porque o que quero mesmo é poder detalhar sua irmã para os nossos leitores — expliquei. - O pai de Ann Nash tem falado sobre a filha e não

quero que Natalie se perca nesta história. A sua mãe sabe que veio conversar comigo?

- Não, mas não há problema. Creio que teremos que respeitar nossa discordância em relação a este assunto. - Sua risada veio em um rápido balbuciar.

- A mãe dele é meio maluca quando se trata de mídia — disse Meredith, bebendo no copo de John. - É uma pessoa extremamente reservada. Quer dizer, acho que mal deve saber quem sou, e John e eu já estamos juntos há mais de um ano, não é verdade? - Ele fez um sinal de concordância com a cabeça. Ela fez uma careta de desgosto, decepcionada, presumi, com o fato de ele não ter dito nada sobre a história do romance dos dois. Depois tirou as pernas do colo dele, cruzou-as, e começou a dedilhar a ponta do sofá.

- Fiquei sabendo que agora foi morar com os Wheeler. - disse Meredith. - Minha irmã menor está fula da vida; ela a usava para receber as amiguinhas desagradáveis. Menos a sua irmã. Ela é legal. Conhece a minha irmã, não conhece? Kelsey?

Claro, a peça rara tinha ligação com Amma.

- Kelsey alta ou Kelsey baixa? - perguntei.

- É mesmo. Esta cidade tem Kelseys demais. A minha é a alta.

- Já a conheci. Elas parecem amigas.

- É bom que sejam — disse Meredith, firme. — A pequena Amma manda naquela escola. Só uma idiota arrumaria problema com ela.

Chega de falar de Amma, pensei, mas imagens dela provocando meninas inferiores em frente aos guarda-volumes povoaram minha cabeça. Essa idade é bastante feia.

- E então, John, está se adaptando bem à casa delas?

- Está sim - Meredith cortou. - Providenciamos um cestinho de coisas de homem. Minha mãe até comprou um discman para ele.

- É mesmo? - Joguei um olhar penetrante na direção de John. Hora de subir o tom, meu chapa. Não seja capacho da mulher na minha hora.

- Só preciso de distancia de casa no momento — ele disse. - Todos estamos um pouco nervosos, sabe... Tem coisas de Natalie por todos os lados e minha mãe não quer que ninguém encoste nelas. Os sapatos no corredor, o maiô pendurado no banheiro que dividimos, e sou obrigado a vê-lo todas as manhãs em que vou tomar banho. É demais para mim.

-Imagino. - E imaginava mesmo. Lembro-me do pequenino casaco cor-de-rosa de Marian pendurado no armário do saguão até o dia em que saí de casa para a faculdade. Ainda deve estar por lá.

Liguei o gravador e o empurrei em direção ao rapaz do outro lado da mesa.

-Conte-me como era sua irmã, John.

-Ah, era uma boa menina. Extremamente inteligente. Inacreditável.

-Inteligente, como? Boa na escola ou espertinha?

-Bom, ela não se saía tão bem assim na escola. Tinha um certo problema disciplinar — disse ele. — Mas acho que isso foi só porque ela ficou entediada. Deveriam tê-la avançado uma ou duas séries, na minha opinião.

-A mãe dele achou que fosse estigmatizá-la - Meredith insinuou. - Sempre foi uma de suas preocupações que Natalie não chamasse atenção.

Olhei para ele e arregalei os olhos.

- É verdade. Mamãe queria muito que Natalie se encaixasse. Ela era uma criança meio desajeitada, meio masculina, e bastante estranha. - Ele riu, olhando para os pés.

- Lembrou-se de alguma coisa que tenha acontecido de fato?- perguntei. Curry considera anedotas valiosíssimas. Além do que, eu estava interessada.

-Ah, uma vez, por exemplo, ela inventou um idioma todo diferente, sabe? E se fosse uma criança comum, quer dizer, a coisa não faria sentido algum. Mas Natalie inventou um alfabeto inteiro. Parecia russo. Chegou até a ensiná-lo a mim. Tentou, pelo menos. Ela ficava frustrada bem rápido comigo. - Ele voltou a rir com aquele mesmo coaxar, como se subisse dos subterrâneos.

-Ela gostava da escola?

- Ser a criança nova na escola é sempre difícil, e as meninas daqui... bom, acho que as meninas de qualquer lugar às são um pouco arrogantes.

- Johnny! Seu grosso! - Meredith fingiu empurrá-lo. Ele a ignorou.

- Quer dizer, a sua irmã... Amma, não é? - agitei a cabeça em sinal de confirmação. — Ela e Natalie até foram amigas durante um tempo. Costumavam brincar de correr pela mata. Natalie voltava para casa toda arranhada e toda boba.

- É mesmo? - Considerando o desdém com que ela falara o nome de Natalie, aquilo era uma coisa que eu não conseguia imaginar.

- Passaram uma época bastante unidas, mas acho que Amma entediou-se por Natalie ser alguns anos mais nova. Não sei. Tiveram um desentendimento qualquer.—Amma aprendeu isso com a mãe, perder amigas com frequência. — Mas ficou tudo bem — disse John, como se quisesse me tranquilizar. Ou tranquilizar a si mesmo. — Ela tinha um amiguinho com quem brincava bastante. James Capisi. Um caipirinha mais ou menos um ano mais novo com quem ninguém mais conversava. Mas os dois pareciam se dar bem.

- Ele afirma ter sido o último a ver Natalie com vida - falei.

- É um mentiroso - disse Meredith. - Também fiquei sabendo dessa história. Ele sempre inventou mentiras. Quer dizer, a mãe está morrendo de câncer, ele não tem pai... Ninguém lhe dá atenção alguma, por isso criou essa história bizarra. Não dê ouvidos a nada do que ele disser.

Voltei a olhar para John, que deu de ombros.

- A história dele é bastante estranha, sabe? Uma doida qualquer agarra Natalie em plena luz do dia - disse John. - Além disso, por que uma mulher faria uma coisa dessas?

- Por que um homem faria uma coisa dessas? — perguntei.

- Quem sabe os motivos que os homens têm para fazer coisas tão doentias? - Meredith acrescentou. - É genético.

-Preciso perguntar-lhe uma coisa, John: a polícia já o interrogou?

-Tanto a mim quanto a meu pai e minha mãe.

-E tem álibi para as noites dos dois homicídios? - Esperei uma reação, mas ele continuou a dar goles em seu chá, calmamente.

-Não. Estava dirigindo por aí. É que às vezes preciso sair deste lugar, sabe? - Ele lançou uma olhadela rápida na direção de Meredith, cujos lábios franziram-se ao flagrá-lo olhando. - É que a cidade é pequena demais em comparação ao que estou acostumado. Às vezes a pessoa precisa desaparecer. Sei que não compreende isso, Mer. - Meredith manteve-se em silêncio.

-Entendo - ofereci meu apoio. - Lembro-me de sentir uma grande claustrofobia quando vivia aqui. Não consigo imaginar como deve ser sair de algum lugar e vir morar nessa cidade.

-Johnny está sendo generoso — Meredith interrompeu. — Ele passou as duas noites comigo. Só não quer me causar problemas. Pode publicar isso. — Meredith oscilava, sentada à ponta do sofá, retesada, ereta, e ligeiramente desconexa, como se estivesse recebendo alguma entidade que a usasse para se comunicar em uma língua estranha.

-Meredith... — John murmurou. — Não.

-Não vou aceitar que fiquem pensando que meu namorado é um matador de crianças, droga! Muito obrigada, mas não, John.

-Se contar isso à polícia, saberão da verdade no instante seguinte. A coisa vai ficar ainda pior para mim. Ninguém acha de verdade que eu seria capaz de matar minha própria irmã. - John pegou uma única madeixa dos cabelos de Meredith e trouxe os dedos bem suavemente da raiz até a ponta. A palavra cócegas ardeu fortuitamente à direita de meu quadril. Acreditei nele. Aquele rapaz chorava em público, contava histórias bobinhas a respeito da irmã, brincava com os cabelos da namorada, e eu acreditei nele. Quase conseguia escutar Curry bufando, criticando minha ingenuidade.

- Por falar em histórias - recomecei - preciso perguntar lhe sobre uma delas. E verdade que Natalie feriu uma coleguinha quando vocês moravam na Filadélfia?

John congelou, virou-se para encarar Meredith, e pela primeira vez passou a impressão de estar incomodado. Ele me deu uma autêntica imagem para a expressão fazer beijo. Seu corpo inteiro parecia sofrer choques e achei que fosse disparar em direção à porta, quando então voltou a se recostar e respirou.

- Que ótimo... É por isso que mamãe detesta a mídia - ele rosnou. - Publicaram um artigo sobre o episódio no jornal de lá. Uns poucos parágrafos. Fizeram Natalie parecer um animal.

- Então, conte-me o que houve.

Ele deu de ombros e ficou cutucando a unha. - Foi na aula de educação artística. As crianças estavam cortando e pintando, e uma menininha saiu ferida. Natalie era uma criança sem paciência e a menina vivia tentando bancar a valentona para cima dela. Só que aconteceu de,

numa dessas vezes, Natalie estar com uma tesoura à mão. Não foi uma agressão premeditada. Quer dizer, ela tinha nove anos quando aconteceu.

Vi uma imagem de Natalie, a criança séria da foto familiar dos Keene, brandindo lâminas contra os olhos de uma garotinha. Outra imagem de um sangue vermelho e vivo misturando-se inesperadamente a aquarelas pastéis.

- Que fim levou a menina?

- Conseguiram salvar-lhe o olho esquerdo. O direito ficou, ah, acabado.

- Natalie atacou-lhe os dois olhos?

Ele se pôs de pé e apontou o dedo para mim quase no mesmo ângulo que sua mãe o fizera.

- Natalie passou um ano indo ao psiquiatra depois daquilo para aprender a lidar com o que fez. Meses acordando no meio da noite, sofrendo com os pesadelos. Ela tinha só nove anos. Foi um acidente. Todos nos sentíamos muito mal. Meu pai criou um fundo de reserva monetária para a menina. Tivemos que ir embora para que Natalie pudesse recomeçar do zero. Foi por isso que viemos para cá. Papai aceitou o primeiro emprego que lhe ofereceram. Tivemos que nos mudar em plena madrugada, como criminosos. Para este lugar. Para esta cidade maldita.

- Nossa, John, não tinha percebido que estava passando por momentos tão ruins! - Meredith murmurou.

Ele então começou a chorar e voltou a sentar-se, apoiando a cabeça com as mãos.

- Não quis dizer que me arrependo de ter vindo para cá. Quis dizer que me arrependo por ela ter vindo para cá, porque agora está morta. Só estávamos tentando ajudá-la. E ela morreu.

- Ele emitia um pranto bem baixinho e Meredith o envolveu em seus braços, relutante. - Alguém matou minha irmã.

Não haveria mais o jantar formal daquela noite, já que a srta. Adora não estava se sentindo bem, Gayla informou-me. Presumi que tivesse sido afetação de minha mãe solicitar o srta.à frente de seu nome e tentei imaginar como havia sido o diálogo. Gayla, os melhores criados dos melhores lares chamam suas patroas por seus nomes formais. Queremos figurar entre as melhores, não queremos? Deve ter sido mais ou menos assim.

Não sabia ao certo se a causa do problema fora minha discussão com mamãe ou a de Amma. Deu para ouvi-las discutindo como lindos pássaros no quarto de Adora, que acusava Amma corretamente de ter saído com o carrinho de golfe sem permissão. Como toda cidade rural, Wind Gap tem obsessão por maquinaria. A maioria das casas tem um carro e meio para cada morador (o meio pode ser uma antigüidade, item de colecionador, ou uma sucata velha sobre blocos de pedra, dependendo da renda familiar), além de barcos, jetskis, lambretas, tratores e, entre a elite da cidade, carrinhos de golfe que crianças mais novas, sem carteira de motorista, usavam para cruzar a cidade. Uma ação tecnicamente ilegal, mas nunca eram detidas por isso. Mamãe deve ter tentado negar esse pouco de liberdade a Amma depois dos assassinatos. Eu o teria feito. A discussão das

duas seguiu estridente como uma gangorra velha por quase meia hora. Não minta para mim, garotinha... O aviso era tão familiar que me veio uma antiga sensação de desconforto. Pelo menos às vezes Amma era flagrada.

Quando o telefone tocou, atendi só para que nada interrompesse o que acontecia entre as duas, e fiquei surpresa ao escutar a melodiosa voz de líder de torcida de minha amiga de infância, Katie Lacey. Angie Papermaker iria receber as meninas para uma reunião de compadecimento. Encher a cara de vinho, assistir a um filme triste, chorar, fofocar... Seria legal se eu fosse. Angie morava na área dos novos ricos da cidade. Mansões enormes nas cercanias de Wind Gap. Praticamente no Tennessee. Não dava para definir pela voz dela se aquilo a deixara desconfiada ou presunçosa. Por conhecê-la apostaria em um pouco dos dois. Ela sempre fora uma daquelas meninas que querem o que os outros têm, mesmo quando não querem.

Assim que vi Katie e as amigas na casa dos Keene, já sabia que teria de me sujeitar a pelo menos uma noite com elas. Era isso ou terminar de transcrever minha conversa com John, o que já me deixava perigosamente triste. E além disso, assim como fora com Annabelle, Jackie e aquela turma maliciosa de amigas de mamãe, era bem provável que o encontro me rendesse mais informações do que conseguiria com uma dúzia de entrevistas formais.

Tão logo estacionou à frente de casa, percebi que Katie Lacey, agora Katie Brucker, previsivelmente se dera bem na vida. Notei tanto por ter levado apenas cinco minutos para vir me buscar (depois, me disse que morava a um quarteirão dali) quanto pelo que usou para fazê-lo: uma daquelas caminhonetes enormes e absurdas que custam mais que as casas

de algumas pessoas e oferecem tanto conforto quanto. Atrás de minha cabeça, dava para escutar o DVD player rindo com um programa infantil qualquer, a despeito da ausência das crianças. À minha frente, o navegador no painel fornecia instruções desnecessárias de direção.

Seu marido, Brad Brucker, estudava para seguir os passos do pai dela e assumir o comando dos negócios assim que ele se ° sentasse. Eles vendiam um hormônio polêmico utilizado para fazer os galináceos engordarem e crescerem com uma rapidez estupenda. Mamãe sempre desdenhou de tal procedimento. Nunca usaria nada que aumentasse de forma tão assombrosa o processo de crescimento. O que não quer dizer que ela não use hormônios. Os porcos de mamãe eram inoculados com produtos químicos até ficarem gordos e vermelhos como cerejas inchadas, até que suas pernas não fossem capazes de suportar tal circunferência succulenta. Mas era feito em um ritmo mais lento.

Brad Brucker era o tipo de marido que moraria onde Katie mandasse, a engravidaria quando ela ordenasse, lhe compraria o sofá que ela quisesse, e ficaria calado quanto ao resto. Era bonito se você passasse um tempo a mais olhando para ele, e seu pênis era do tamanho de meu dedo anelar. Isso eu descobri antes dela, graças a uma permuta ligeiramente mecânica em meu ano de caloura. Mas aparentemente a tal coisinha funcionava bem: Katie vivia o final do primeiro trimestre do terceiro filho. A intenção era seguir tentando até que tivessem um menino. Queremos muito um bagunceirozinho correndo pela casa.

Falamos de mim, de Chicago, ainda sem marido, mas com os dedos cruzados! Falamos dela, de seus cabelos, de seu novo regime de vitaminas, de Brad, de suas duas filhas, Emma e Mackenzie, da Associação

Beneficente das Mulheres de Wind Gap, e de quão horrível ficou o que elas fizeram na Parada do Dia de São Patrício. Então, um suspiro: coitadas daquelas menininhas... Sim, um suspiro: eu publicar a história das coitadas daquelas menininhas. Aparentemente, ela não se importava tanto assim, porque voltou rapidamente a falar da associação beneficente e de como se tomara dispersa agora que Becca Hart (nascida Mooney) assumira a diretoria de atividades. Becca foi uma garota de popularidade mediana em nossa época que projetou-se para o estrelato social há cinco anos, depois de segurar Eric Hart, cujos pais eram donos de uma armadilha para turistas que tinha um minigolfe, uma enorme pista de corrida de kart e um toboágua na área mais feia do platô de Ozark. A situação era bastante reprovável. Ela iria comparecer à reunião e eu poderia ver com meus próprios olhos. Ela simplesmente não se adaptava.

A casa de Angie parecia uma mansão desenhada por uma criança: de tão genérica, mal chegava a ser tridimensional. Ao entrar na sala, me dei conta do quanto não queria estar ali. Lá estava Angie, que perdera sem necessidade alguma quase cinco quilos desde o segundo grau. Ela sorriu acanhada olhando para mim, e voltou a preparar o fondue. Lá estava Tish, que fora a mamãezinha da turma até mesmo naquelas épocas, a que segurava nossos cabelos quando vomitávamos, e que às vezes tinha dramáticos acessos de choro quando não se sentia amada. Fiquei sabendo que se casara com um sujeito de Newcastle, um cara ligeiramente desastrado (Katie contou-me baixinho e em segredo) que ganhava bem. Mimi sentou-se cuidadosamente sobre um sofá de couro que tinha cor de chocolate. Estonteante quando adolescente, sua beleza não se traduziu para a vida adulta. Tive a impressão de que fui a única a perceber. Todas ainda referiam-se a ela como “a bonitona”. Dando sustentação àquilo: a gema gigante em sua mão, cortesia de Joey Johansen, um menino meigo, alto,

magricela e desajeitado que desenvolveu-se tremendamente rápido e acabou entrando para o time de futebol americano no penúltimo ano da escola, e de repente passou a exigir que o chamassem de Jo-ha. (Isso é, de verdade, tudo que me lembro sobre ele.) Coitada de Becca, sentada entre elas, aparentando ânsia e constrangimento, vestida quase comicamente igual à anfitriã. (Será que Angie levava Becca às compras?) Ela abria sorrisos para qualquer uma que a olhasse, mas ninguém conversava com ela.

Assistimos a Amigas para sempre.

Tish chorava quando Angie acendeu a luz.

- Voltei a trabalhar. — Anunciou em pranto e esfregou os olhos com as unhas amarelo-rosadas. Angie serviu mais vinho, afagou- lhe o joelho, e ficou olhando para ela com evidente preocupação.

- Mãe do Céu, meu amor, por quê? - Katie murmurou. Até murmurando parecia tinir como uma menina. Como mil camundongos mordiscando biscoitos.

- Com Tyler no jardim de infância, achei que era o que eu queria - disse Tish, entre soluços. - Como se precisasse de um propósito. - Enfatizou a última palavra cuspiendo como se estivesse contaminada.

- Mas você tem um propósito - disse Angie. - Não permita que a sociedade lhe diga como criar sua família. Não deixe que essas feministas (nessa hora ela olhou para mim) façam-na se sentir culpada por ter o que elas não podem ter.

- Ela tem razão, Tish, ela está cheia de razão.—Becca ofereceu apoio.
- O feminismo luta para que a mulher possa fazer a escolha que achar

melhor.

As mulheres olharam em dúvida para Becca, quando de repente os soluços de Mimi aceleraram-se em seu canto, fazendo com que a atenção, e Angie-com-o-vinho, atraíram-se para ela.

- Steven não quer mais filhos. — Ela chorava.

- Por que não? - perguntou Katie, com uma indignação comoventemente ruidosa.

- Disse que já bastam três.

- Bastam para ele ou para você? — Katie perdeu a paciência.

- Foi o que eu disse. Quero uma menina. Quero uma filha.

- As mulheres afagavam-lhe os cabelos. Katie afagava-lhe a barriga. - E eu quero um filho — queixou-se olhando fixamente para a fotografia do filho de Angie, de três anos, sobre a parte superior da lareira.

Tish e Mimi alternavam-se entre a choradeira e as lamúrias. Sinto falta dos meus bebês... Sempre sonhei com uma casa grande e repleta de crianças, é o que sempre quis... qual é o grande problema em apenas ser mãe? Senti pena delas. Passavam a impressão de estarem verdadeiramente perturbadas. E eu com certeza me identificava com uma vida que não se desenrolara dentro do planejado Mas após balançar bastante a cabeça em sinal de concordância, e de vários murmúrios de aquiescência, não conseguia pensar em mais nada de útil para dizer - assim, fugi para a cozinha para fatiar queijo e não atrapalhar. Já conhecia este ritual da época do segundo grau e sabia que não precisava de muito mais para que a coisa

ficasse feia. Não demorou muito e Becca juntou-se a mim na cozinha e começou a lavar a louça.

- Isso acontece praticamente toda semana - ela falou, meio que revolvendo os olhos, fingindo estar mais preocupada que aborrecida.

- Imagino que seja catártico — ofereci apoio. Senti que ela queria que eu continuasse a falar. Eu conhecia tal sensação. Quando estou bem perto de conseguir uma boa declaração, parece que quase sou capaz de colocar a mão dentro da boca da pessoa e arrancá-la de sua língua.

- Não fazia a mínima idéia de que minha vida era tão infeliz até começar a vir às reuniõezinhas de Angie. — Becca cochichou, pegando uma faca recém-lavada para fatiar um queijo gruyère. Tínhamos queijo suficiente para alimentar Wind Gap inteira satisfatoriamente.

- Ah, ora, viver em conflito significa que você pode ter uma vida superficial sem precisar ser uma pessoa superficial.

- É verdade mesmo — disse Becca. — Também era assim quando vocês estudavam? — ela perguntou.

- Quase a mesma coisa. Quando não estávamos esfaqueando as costas umas das outras.

- Acho que foi bom, então, que eu fosse uma zero à esquerda - disse ela, rindo. - Como será que consigo ficar menos legal agora? - depois de ouvir isso eu também ri, e servi-lhe uma taça de vinho, ligeiramente aturdida com o absurdo de me encontrar novamente estatelada em minha vida de adolescente.

Ao voltarmos à sala, ainda rindo um pouco, todas elas choravam. Então, olharam para nós simultaneamente, como um horrível retrato vitoriano que ganhara vida.

- Ora, que bom que as duas estão se divertindo tanto... - Katie nos repreendeu.

- Levando em consideração o que anda acontecendo na cidade - Angie acrescentou. O assunto havia claramente se ampliado.

- Qual é o problema com o mundo? Por que uma pessoa machucaria meninas? - Mimi chorava. - Coitadinhas...

- E lhes arrancaria os dentes? Não consigo aceitar isso — disse Katie.

- A vontade que fica é de que tivessem sido mais bem tratadas em vida - Angie soluçou. - Por que meninas são tão cruéis umas com as outras?

- As garotas implicavam com elas? — perguntou Becca.

- Encurrallaram Natalie no banheiro depois da aula um dia... e cortaram-lhe os cabelos. — Mimi soluçava com o rosto acabado, inchado e borrado. Arroios escuros de rímel manchavam-lhe a blusa.

- Fizeram Ann mostrar sua... intimidade aos meninos - disse Angie.

- Elas sempre implicaram com aquelas duas, só porque eram um pouco diferentes — disse Katie, enxugando as lágrimas delicadamente com o punho da manga.

- Quem são “elas”? — Becca perguntou.

- Pergunte a Camille. E ela que está investigando esta história toda — disse Katie, erguendo o queixo, um gesto do qual eu me lembrava da época do segundo grau. Queria dizer que estava virando-se contra você, e achando plenamente justificável. — Sabe o quanto sua irmã é antipática, não sabe, Camille?

- Sei a que nível de maldade meninas podem chegar.

- Então, vai defendê-la? — Katie olhava-me furiosamente. Eu me sentia sendo puxada para dentro da política de Wind Gap e entrei em pânico. Briga de mulheres começou a latejar em minha panturrilha.

- Ah, Katie, nem sequer a conheço direito para defendê-la ou não defendê-la - falei, fingindo enfado.

- Chegou a chorar ao menos uma só vez pelo que aconteceu com as meninas? - Angie perguntou. Agora estavam todas reunidas, olhando-me com desdém.

- Camille não teve filhos - disse Katie, piedosamente Não creio que seja capaz de sentir a dor que sentimos.

- Saber o que houve com elas me entristece bastante - falei, mas saiu de um jeito artificial, como uma candidata de concurso de beleza fazendo um apelo pela paz mundial. Eu estava triste de verdade, mas colocar tal sentimento em palavras me parecia mesquinha.

- Não tenho intenção de ser cruel ao falar uma coisa - Tish começou. - Mas parece que uma parte do coração da pessoa nunca funciona se ela não tem filhos. Como se ficasse sempre desligada.

- Concordo - disse Katie. - Só fui me tornar mulher de verdade quando senti Mackenzie dentro de mim. Quer dizer, hoje em dia há toda uma discussão de Deus contra ciência, mas a impressão que fica é que, em relação a filhos, os dois lados concordam. A Bíblia diz para que demos frutos e nos multipliquemos, e a ciência, bem, no frigar dos ovos, é para isso que as mulheres foram criadas, não é verdade? Para dar à luz.

- O poder da mulher. - Becca murmurou baixinho.

Becca levou-me para casa porque Katie quis dormir na casa de Angie. Acho que a babá ia ter de se virar pela manhã com os amores das filhas dela. Becca fez algumas piadinhas espirituosas a respeito da obsessão daquelas mulheres pela maternidade, e eu demonstrava ouvir com discretas risadinhas roucas. Para você é fácil dizer, teve duas crianças... Sentia-me desesperadamente mal-humorada.

Vesti uma camisola limpa e sentei - me ereta ao centro da cama. Chega de álcool para você por hoje, sussurrei. Dei tapinhas em minha bochecha e relaxei os ombros. Chamei-me de “meu amor”. Tive vontade de entalhar: docinho fulgurante em minha coxa e sórdida ardendo perto do joelho. Quis talhar estéril por baixo da pele. Era assim que eu ficava, com as partes de dentro sem terem sido utilizadas. Virgens e imaculadas. Imaginava minha pélvis aberta, revelando uma concavidade limpa como o ninho de um animal desaparecido.

Aquelas meninas. Qual é o problema com o mundo? Mimi chorara, mas o fato passara praticamente despercebido, já que o pranto era uma coisa tão trivial. Mas agora eu sentia. Havia alguma coisa errada, bem aqui, bastante e horivelmente errada. Eu imaginava Bob Nash, sentado à ponta da cama de Ann, tentando lembrar-se da última coisa que disse à filha.

Imaginava a mãe de Natalie enxugando as lágrimas com uma de suas blusas velhas. Lembrava-me de mim, uma menina desesperada de treze anos, soluçando sobre o chão do quarto de minha irmã morta, segurando um pequeno sapato florido. Ou Amma, também com treze anos, uma menina-mulher com um corpo deslumbrante e um desejo inquietante de ser a bebezinha por quem mamãe sofria. Minha mãe chorando por Marian. Mordendo aquele bebê. Amma afirmando seu poder sobre criaturas inferiores. Rindo enquanto ela e as amigas cortavam os cabelos de Natalie, cujos cachinhos caíam ao chão de ladrilhos. Natalie golpeando com a tesoura os olhos de uma garotinha. Minha pele gritava. Meus ouvidos latejavam com as batidas de meu coração. Fechei os olhos, envolvi-me em meus próprios braços, e chorei.

Depois de passar dez minutos soluçando em meu travesseiro, comecei a recuperar-me do acesso de choro e pensamentos mundanos passaram a pipocar em minha cabeça: as declarações de John Keene que iria usar em meu artigo, o fato de meu aluguel vencer semana que vem em Chicago, e o cheiro da maçã que azedava no cesto de lixo ao lado da cama.

Então, do lado de fora da porta de meu quarto, Amma cochichou meu nome bem baixinho. Abotoei a parte de cima da camisola, estendi as mangas e a deixei entrar. Ela vestia uma florida camisola cor-de-rosa, os cabelos loiros caíam-lhe sobre os ombros, e seus pés estavam descalços. De fato, era uma aparência adorável, não havia palavra melhor para descrevê-la

- Você andou chorando — disse ela, ligeiramente perplexa.

- Um pouco.

- Por causa dela?—Ela colocou peso na última palavra. Dava para imaginá-la arredondada e pesada, emitindo um baque profundo em um travesseiro.

- Pois é, um pouco.

- Eu também. - Ela olhou-me as extremidades: a gola da camisola e os punhos das mangas. Estava tentando ver minhas cicatrizes. - Não sabia que você se machucava - disse ela, enfim.

- Já parei.

- Que bom, acho eu. — Ela hesitou à beira de minha cama.

- Camille, alguma vez já sentiu que coisas ruins vão acontecer, mas não consegue impedi-las? Que não pode fazer nada e tem apenas que esperar?

- Como um acesso de angústia? — Não conseguia deixar de olhar para a pele dela, que parecia um sorvete morno de tão lisa e fulva.

- Não. Não é bem assim. — Ela falou como se eu a houvesse decepcionado, fracassado na missão de solucionar um enigma engenhoso. — Mas, de qualquer forma, eu lhe trouxe um presente. — Ela me estendeu uma caixa quadrada envolta em papel de presente e me disse para abri-la com cuidado. Dentro dela: um cigarro de maconha meticulosamente enrolado.

- É melhor que aquela vodca que você bebe - disse Amma, automaticamente na defensiva. — Você bebe demais. Isso é melhor. Não a deixará tão triste.

- Amma, falando sério...

- Posso ver seus cortes de novo? — ela sorriu timidamente.

- Não.—Silêncio. Mostrei-lhe o baseado. — E Amma, acho que não devia...

- Mas eu não acho, portanto, aceite ou não aceite. Estava só tentando ser simpática.—Ela franziu a testa e torceu uma ponta da camisola.

- Obrigada. É um amor você querer ajudar a fazer com que eu me sinta melhor.

- Também sei ser simpática, sabia? - disse ela, com a fronte franzida. Também parecia estar à beira das lágrimas.

- Sei disso. Apenas me pergunto por que resolveu ser simpática comigo só agora.

- Às vezes não posso. Mas agora posso. Quando está todo mundo dormindo e tudo está em silêncio fica mais fácil. — Ela estendeu a mão como uma borboleta diante de meu rosto, deixou-a cair, afagou-me o joelho, e foi embora.



Capítulo 10

-Arrependo-me por ela ter vindo para cá, pois agora está morta – disse John Keene, de dezoito anos, em pranto sobre sua irmã menor, Natalie, de dez. - Alguém matou minha irmãzinha.

-O corpo de Natalie Keene foi encontrado no dia 14 de maio, espremido verticalmente em um espaço entre o salão de beleza Cortes & Cachos e a loja de ferragens Bifty's, na cidadezinha de Wind Gap, no Missouri. Há nove meses, outra menina foi assassinada nesta cidade. Ann Nash, de nove anos, fora encontrada em um córrego próximo em agosto do ano passado. Ambas foram estranguladas. Ambas tiveram os dentes arrancados pelo assassino.

-Era uma criança meio desajeitada - disse John Keene, chorando sem fazer alarde.—Meio masculina.—Keene, que viera morar na cidade com a família há dois anos vindo da Filadélfia e acabara de concluir o segundo grau, descreveu a irmã menor como uma menina criativa e inteligente. Ele conta que, certa vez, ela até inventou seu próprio idioma, inclusive com um alfabeto operacional. — Se fosse uma criança comum, a coisa não faria sentido algum — disse Keene, rindo com tristeza.

O que realmente não faz sentido algum até agora é o trabalho da polícia. Os policiais de Wind Gap e Richard Willis, um detetive especializado em homicídios emprestado pela polícia de Kansas City, admitem que há poucas pistas.

-Não descartamos ninguém - disse Willis. - Estamos prestando bastante atenção em potenciais suspeitos pertencentes á comunidade, mas também levamos cuidadosamente em consideração a possibilidade de que os homicídios tenham sido obra de um forasteiro.

A polícia recusa-se a tecer comentários a respeito de uma testemunha em potencial, um menino que afirma ter visto a pessoa que seqüestrou Natalie Keene: uma mulher. Segundo uma fonte próxima à polícia, eles acreditam que o assassino seja, na verdade, provavelmente um homem pertencente à comunidade local. James L. Jellard, o dentista da cidade, 56 anos, concorda e acrescenta que, para se extrair dentes, “deve-se ter uma certa força. Eles não saem com facilidade”.

Enquanto a polícia trabalha no caso, Wind Gap vive uma busca desenfreada por trancas mais resistentes e armas de fogo. A loja de ferragens da cidade já vendeu três dúzias de trancas especiais; o despachante de armas e rifles da cidade já legalizou mais de trinta solicitações de porte de arma de fogo desde o assassinato de Keene.

- Para mim, a maioria da população já tinha rifles, para caçar - disse Dan R. Sniya, 35 anos, dono da maior loja de armas de fogo da cidade. - Mas acho que agora quem não tinha arma... bem, vai arrumar uma.

Um dos moradores de Wind Gap que ampliou seu arsenal foi o pai de Ann Nash, Robert, de 41 anos.-Tenho mais duas filhas e um filho e vou

tratar de protegê-los — disse. Nash descreveu a filha falecida como sendo bastante inteligente: - Às vezes eu até achava que ela era mais inteligente que o velho dela. As vezes até ela mesma se achava mais inteligente que o velho dela. - Disse ainda que a filha era um pouco masculina, como Natalie. Uma menina que gostava de subir em árvores e de andar de bicicleta, justamente o que fazia ao ser sequestrada em agosto do ano passado.

O padre Louis D. Bluell, da paróquia católica da cidade, diz que já percebeu como os assassinatos afetaram a população. O comparecimento à missa de domingo cresceu perceptivelmente, e vários fiéis procuraram-lhe em busca de aconselhamento espiritual.

- Quando uma coisa assim acontece, as pessoas sente grande necessidade de um alento espiritual - disse ele - Querem saber como uma coisa assim foi acontecer.

A polícia também quer.

Antes da matéria ser impressa, Curry zombou de tantas iniciais de nomes do meio. Deus do Céu, esse povo do sul adora suas formalidades! Chamei atenção para o fato de que o Missouri ficava tecnicamente no meio-oeste, e ele riu de mim zombeteiramente. E eu sou tecnicamente um homem de meia-idade, mas vá dizer isso à coitada da Eileen quando ela tem de tratar a minha bursite. Também cortou quase toda a entrevista com James Capisi, deixando apenas os detalhes mais genéricos. Faz com que pareçamos idiotas se dermos atenção demais ao garoto, sobretudo se a polícia não mordeu a isca. Curry também meteu a faca em uma declaração pouco convincente a respeito de John, de sua mãe: “É um menino muito meigo e comportado.” Foi à única declaração que consegui tirar dela antes que me expulsasse de lá, a única coisa que fez aquela visita infeliz quase

valer a pena, mas Curry considerou que distrairia o leitor. É provável que tivesse razão. Ele estava bastante satisfeito por termos, enfim, um suspeito em quem nos concentrarmos, o meu “homem pertencente à comunidade local”. A minha “fonte próxima à polícia” era invenção, ou abusando do eufemismo, um amálgama. Todo mundo, desde Richard até o padre, achava que era coisa de alguém do local. Não revelei a Curry minha mentira.

Na manhã do dia em que a matéria foi publicada, fiquei na cama olhando para o telefone branco de discar e esperando ouvir repreensões quando tocasse. Seria a mãe de John, bastante irritada ao descobrir que cheguei a seu filho. Ou Richard, por eu deixar vaziar a história da suspeita sobre um morador do local.

Várias horas silenciosas se passaram conforme eu ficava cada vez mais suada. As mutucas rondavam, zumbindo, a tela de minha janela. Gayla passava toda hora por minha porta, ansiosa para ter acesso ao meu quarto. Nossas roupas de cama e galhas de banho sempre foram trocadas diariamente; a máquina de lavar funciona sem parar no porão. Acho que foi um hábito que perdurou desde a época de Marian. Roupas limpíssimas para nos fazer esquecer de todos os odores desagradáveis que nossos corpos exalam. Já estava na faculdade quando percebi que gostava de cheiro de sexo. Entrei no quarto de uma amiga minha em uma daquelas manhãs, depois de um rapaz passar por mim como uma flecha, sorrindo de lado e enfiando as meias no bolso de trás. Ela estava estatelada sobre a cama, toda manchada e nua, e uma de suas pernas saía por sob as cobertas. Aquele odor belo e impuro era inteiramente animal, como o canto mais profundo da caverna de um urso. Era quase desconhecido para mim esse resistente odor de pernoite. O meu aroma de infância mais evocativo era de alvejante.

Enfim, a primeira ligação furiosa não foi de ninguém que achei que seria.

- Não acredito que tenha me deixado totalmente de fora da matéria!—
A voz de Meredith Wheeler ressoou pelo telefone.

- Você não usou nada do que eu disse. Nem dá para saber que eu estava presente. Fui eu que consegui o contato com John, se lembra?

- Meredith, nunca prometi que usaria suas declarações - falei, irritada com tamanha amolação. - Lamento se havia entendido isso. - Espremi um ursinho de pelúcia azul e já velho sob a cabeça, sentindo-me culpada, e o devolvi ao pé da cama. Todos devemos ser leais às nossas coisas da infância.

- Só não sei por que não quis me incluir - ela continuou. - Se o que importava era ter uma idéia de como era Natalie, você precisava de John. E se precisava de John, precisava de mim. Sou a namorada dele. Quer dizer, sou praticamente a dona dele. Pergunte a qualquer um.

- Ora, você e John não eram bem o tema da matéria - falei. Por trás da respiração de Meredith, dava para ouvir uma balada country-rock tocando, um baque surdo e um chiado ritmados.

- Mas você citou outras pessoas de Wind Gap na matéria. Até o idiota do padre Bluell. Por que não eu? John está sofrendo demais e tenho sido muito importante para ele, enfrentando isto tudo a seu lado. Ele vive chorando. Sou eu que faço com que não enlouqueça.

- Quando eu for fazer outra matéria que precise de mais vozes de Wind Gap, vou me lembrar de entrevistá-la. Caso tenha alguma coisa a

acrescentar.

Baque. Chiado. Ela estava passando roupa.

- Sei de muita coisa daquela família. Muita coisa a respeito de Natalie que John sequer imaginaria. Ou diria.

Ótimo, então. Entrarei em contato. Em breve. - Desliguei. Não foi particularmente fácil depois daquela oferta. Quando olhei para baixo, percebi que havia escrito "Meredith" em letras cursivas arredondadas, bem típicas de menina, por cima das cicatrizes de minha perna esquerda.

Na varanda, Amma estava envolta em uma manta de seda cor-de-rosa e trazia uma pequena toalha úmida sobre a testa. Mamãe segurava uma bandeja de prata com chá, torradas e vários frascos, e pressionava as costas da mão de Amma contra seu rosto em movimentos circulares.

- Meu amor, meu amor, meu amor... — Adora murmurava, embalando a si e a filha no balanço.

Amma refestelava-se sonolenta como uma recém-nascida em seu cobertor, e às vezes estalava os lábios. Não via mamãe desde nossa ida a Woodberry. Fiquei passando de um lado para o outro à frente dela, que não tirava os olhos de Amma.

- Oi, Camille. — Amma enfim sussurrou, olhou para mim, e abriu um sorriso discreto.

- Sua irmã está doente. Contraiu uma febre por se preocupar tanto desde que você chegou - disse Adora, ainda fazendo o mesmo círculo com a

mão de Amma. Imaginei seus dentes rangendo-se uns contra os outros dentro da boca.

Alan, eu percebera, perto da entrada, observava-as pela tela da janela, sentado no sofá de dois lugares da sala de estar.

- Precisa fazê-la sentir-se mais à vontade perto de você, Camille; ela é só uma garotinha - mamãe falou graciosamente com Amma.

Uma garotinha de ressaca. Amma deixou meu quarto ontem à noite e desceu para beber um pouco sozinha. Era assim que a casa funcionava. Deixei-as sussurrando entre si. Preferida vibrava em meu joelho.

Oi, mulher do furo jornalístico. — Richard parou ao meu lado em seu sedã. Eu caminhava até o local em que o corpo de Natalie fora encontrado para colher detalhes específicos a respeito dos balões e dos recados lá colocados. Curry queria um artigo no estilo "cidade de luto". Isto é, se não houvesse pistas sobre os assassinatos. Com a ressalva de que seria melhor haver alguma, e logo.

- Olá, Richard.

- Bela matéria. — Droga de internet. — Fico contente em saber que tenha encontrado uma fonte próxima à polícia. - Ele sorria ao falar.

- Eu também.

- Entre, temos trabalho a fazer.—Ele abriu a porta do carona.

- Tenho meu próprio trabalho a fazer. Até agora, trabalhar com você não me rendeu nada além de “nada-a-declarar” impublicáveis. Logo meu

editor vai me mandar voltar.

- Ora, não podemos deixar que isso aconteça. Daí, não terei mais distração alguma - disse ele. - Venha comigo. Preciso de uma guia turística em Wind Gap. Como recompensa, responderei a três perguntas sem rodeios e com sinceridade. Em off, é claro, mas falarei a verdade. Ande, Camille. A não ser que tenha um encontro com a sua fonte próxima à polícia.

-Richard...

-Não, sem brincadeira. Não quero atrapalhar um romance que está florescendo tão rapidamente. Aposto que você e o tal sujeito misterioso formam um lindo casal.

-Calado. - Entrei no carro. Ele inclinou-se sobre mim, puxou o cinto de segurança do meu lado e travou-o, parando por um instante com os lábios próximos aos meus.

-Tenho que me preocupar com a sua segurança. – Ele apontou para um balão de filme PET que se agitava na brecha onde o corpo de Natalie fora encontrado, e que trazia escrito Melhor Logo.

-Isso, para mim — disse Richard — resume Wind Gap perfeitamente.

Richard queria que eu o levasse a todos os locais secretos da cidade, aos recantos que apenas os moradores do local conheciam. Lugares onde as pessoas se encontram para transar ou fumar maconha, onde os adolescentes vão beber, e onde os pais sentam-se a sós para descobrir onde suas vidas desenredaram-se. Todo mundo passa por um momento na vida em que ela sai dos trilhos. O meu foi quando Marian morreu. O dia em que peguei aquela faca fica em segundo, mas perde por pouco.

-Ainda não descobrimos o matadouro usado para assassiná-las - disse Richard, com uma das mãos no volante, e a outra disposta na parte de trás do meu banco. - Suspeitamos apenas das áreas dos lixões, que já são bastante contaminadas. — Ele fez uma pausa.—Lamento. “Matadouro” é um termo desagradável.

-Mais adequado a um abatedouro.

-Nossa! Palavrinha difícil, hein, Camille? Mas difícil ainda em Wind Gap.

-É mesmo, sempre me esqueço do quanto vocês de Kansas City são cultos.

Levei Richard a uma estradinha de cascalho que não existe nos mapas, e estacionamos sobre as ervas daninhas que chegavam-nos á altura dos joelhos. Ficavam cerca de dezesseis quilômetros ao sul de onde o corpo de Ann fora encontrado. Abanei a nuca naquele ar úmido e puxei as pontas das mangas compridas que estavam grudadas em meus braços. Fiquei me perguntando se Richard sentira o cheiro da bebida de ontem à noite, que agora saía pelas gotas de suor em minha pele. Entramos pela mata, descemos, e voltamos a subir. As folhas de choupo- do-Canadá emitiam uma luz trêmula, como sempre, com a brisa imaginária. Às vezes ouvíamos algum animal fugir rapidamente, e um ou outro pássaro, de surpresa, alçar voo. Richard caminhava com confiança atrás de mim, arrancando folhas e despedaçando-as vagarosamente ao longo do caminho. Quando chegamos ao nosso destino, nossas roupas estavam ensopadas e meu rosto pingava de suor. Era uma escola bem antiga, de apenas um cômodo, levemente tombada para um dos lados. Tinha videiras entremeadas para dentro e para fora de seus sarrafos.

Em seu interior havia metade de um quadro-negro preso à parede, com desenhos bem trabalhados de vários pênis penetrando vaginas, sem seus respectivos corpos. O chão estava repleto de folhas mortas e garrafas de bebidas alcoólicas, além de antigas latas enferrujadas de cerveja da época em que os abridores saíam na mão da gente. Restavam por ali algumas carteiras pequeninas. Uma delas estava forrada com uma toalha de mesa, e um vaso com rosas mortas habitava seu centro. Um local deplorável para um jantar romântico. Rezei para que houvesse se desenrolado bem.

- Muito bem-feito — disse Richard, apontando para um dos desenhos. A blusa social azul-clara grudava-se a seu corpo. Faziam-se perceber as formas de um tórax bem torneado.

- Este lugar é mais utilizado pela criançada, obviamente — falei. — Mas fica próximo ao córrego, então, achei que deveria vê-lo.

- Hum, hum. - Ele olhou para mim em silêncio. - O que faz lá por Chicago quando não está trabalhando? - Ele inclinou-se sobre a mesa, retirou uma rosa sem vida do vaso e começou a esmigalhar suas folhas.

- O que faço?

- Tem namorado? Aposto que deve ter.

- Não. Há tempos que não tenho um namorado.

Começou a tirar as pétalas da rosa. Não deu para definir se havia se interessado pela resposta. Ele olhou para mim e abriu um sorriso largo.

- Você é complicada, Camille. Não é muito de dar nada de mão beijada. Você me dá trabalho. Eu gosto, é diferente. Com a maioria das

mulheres, é difícil fazê-las calar a boca. Sem intenção de ofender.

- Não estou tentando bancar a difícil. Só não é a pergunta que estava esperando - falei, recuperando a compostura no diálogo. Conversa fiada e gracejos. Isso eu sei fazer. - Você tem namorada? Aposto que deve ter duas. Uma loira e uma morena, para combinar com suas gravatas.

- Errou em tudo. Não tenho namorada e a última era ruiva. Não combinava com nada que eu tinha. Tive que dispensá-la. Uma pena, ela era bem legal.

Normalmente, Richard era o tipo de sujeito de quem eu não gostava, um cara que nasceu e cresceu na extravagância: bonito, charmoso, inteligente e provavelmente endinheirado. Nunca achei tais homens muito interessantes; são bastante comedidos e, costumeiramente, covardes. Fogem imediatamente de qualquer situação que possa vir a envergonhá-los ou constrangê-los. Mas Richard não me deixava entediada. Talvez porque seu sorriso fosse um pouco torto. Ou porque ganhava a vida lidando com coisas desagradáveis.

- Vinha aqui quando era criança, Camille? — A voz dele era baixa, quase tímida. Olhou de esguelha e o sol da tarde fez com que seus cabelos reluzissem dourados.

- Claro. É o lugar perfeito para atitudes impróprias.

Richard veio até onde eu estava, entregou-me o que restava da rosa, e acariciou com um dedo minha bochecha suada.

-Estou vendo - disse ele. - Pela primeira vez, bateu uma vontade de ter crescido em Wind Gap.

- É bem provável que nos déssemos bem - respondi, falando sério. Fiquei subitamente triste por nunca ter conhecido um garoto como Richard em minha infância. Uma pessoa que, ao menos, me desse algum desafio, por menor que fosse.

-Você sabe que é bonita, não sabe? - ele perguntou. - Eu lhe diria, mas me parece o tipo de coisa que você descartaria. Em vez disso, pensei em...

Ele inclinou-me a cabeça para cima e me beijou, começando devagar, e então, vendo que não houve rejeição, me abraçou e enfiou a língua em minha boca. Eu não beijava ninguém há quase três anos. Corri as mãos por entre suas omoplatas, descendo-lhe as costas com a rosa em pedaços. Puxei-lhe a gola do pescoço e dei-lhe uma lambida.

-Acho que você é a mulher mais linda que já vi — disse ele, correndo o dedo por meu maxilar. — Quando a vi da primeira vez, não consegui sequer pensar o resto do dia. Vickeryme mandou voltar para casa. - Ele riu.

-Também acho você muito bonito — falei, segurando-lhe as mãos para que não perambulassem por meu corpo. Minha blusa era fina, não queria que sentisse as cicatrizes.

-Também acho você muito bonito?—Ele riu. — Caramba, Camille, você não entra mesmo no clima do romance, hein?

-Só fui pega desprevenida. Quer dizer, para começo de conversa, um envolvimento entre nós dois é uma péssima idéia.

-Horível. — Ele beijou-me o lóbulo da orelha.

-E... quero dizer... não quer dar uma olhada no local?

- Senhorita Preaker, revirei este lugar na minha segunda semana aqui. Só queria dar uma caminhada com você.

Richard me disse então que também já havia investigado os outros dois locais que eu imaginara. Um galpão de caça abandonado no trecho sul da mata rendera uma faixa de cabelos amarela com estampa xadrez que não fora identificada pelos pais de nenhuma das duas meninas. As costas íngremes a leste de Wind Gap, de onde era possível sentar-se e ver o distante rio Mississippi lá embaixo, ofereceram uma pegada de tênis de criança que não correspondia ao que nenhuma das duas calçava. Um pouco de sangue seco fora encontrado em pingos pelas folhas da grama; mas o tipo sanguíneo não correspondia ao de nenhuma delas. Mais uma vez, eu não estava tendo utilidade alguma. Mesmo assim, Richard passava a impressão de que não se importava com isso. Fomos de carro até o alcantil, compramos seis garrafas de cerveja e nos sentamos sob o sol, vendo o rio Mississippi luzir cinza como uma cobra indolente.

O lugar fora um dos que Marian mais gostava de visitar quando podia sair da cama. Por um instante, senti o peso dela como quando era criança às minhas costas, suas risadinhas entusiasmadas em meus ouvidos, e os bracinhos magros envolvendo meus ombros e apertando-me fortemente.

- Para onde levaria uma garotinha para que pudesse estrangulá-la? - Richard perguntou.

- Para meu carro ou minha casa — falei, inclinando-me para trás.

- E para arrancar-lhe os dentes?

- Para um lugar em que pudesse me lavar bem. Um porão. Uma banheira. Elas morreram primeiro, não é?

- É uma das perguntas?

- Claro,

- As duas já estavam mortas.

- Já estavam mortas há tempo o bastante para que não saísse sangue ao arrancarem-lhes os dentes?

Uma barça que descia o rio começou a desviar-se de seu curso, sendo levada pela correnteza; apareceram homens a bordo com mastros compridos para fazê-la voltar ao rumo certo.

- Com Natalie houve sangue. Os dentes foram arrancados imediatamente após o estrangulamento.

Imaginei Natalie Keene, com seus olhos castanhos arregalados e imóveis, mergulhada em uma banheira enquanto alguém os arrancava-lhe os dentes da boca. Sangue no queixo de Natalie. Uma mão segurando um alicate. Uma mão de mulher.

- Acredita em James Capisi?

- Não sei mesmo, Camille, não estou tentando despistá-la. O garoto está se borrando de medo. A mãe dele vive nos pedindo para colocar um segurança para protegê-lo. Ele tem certeza de que a tal mulher irá atrás dele. Coloquei uma pressãozinha em cima do menino, chamei-o de mentiroso, tentei ver se mudaria a versão. E nada. — Ele virou-se para olhar para mim.

— Vou falar uma coisa para você: James Capisi acredita no que contou, mas não vejo como possa ser verdade. Não se encaixa em qualquer espécie de perfil de que eu já tenha ouvido falar. Não me parece verdade. Intuição de policial. Quer dizer, você conversou com ele, o que achou?

- Concordo com você. Fico me perguntando se não está apenas apavorado com o câncer da mãe, e projetando o medo assim. Sei lá. E quanto a John Keene?

- Em termos de perfil: da idade certa, da família de uma das vítimas, e passa a impressão de estar talvez um pouquinho arrasado demais com a coisa toda.

- Ele teve a irmã assassinada.

- É verdade. Mas... Eu sou homem e posso lhe dizer que um adolescente prefere se matar a chorar em público. E ele anda abrindo o berreiro pela cidade inteira. — Richard emitia um assovio rouco com sua garrafa de cerveja, um chamado de acasalamento para um rebocador que passava.

A lua exibia-se e as cigarras pulsavam em uníssono com a selva quando Richard deixou-me em casa. A cantoria delas acompanhava o latejar que eu sentia entre as pernas, onde permiti que ele me tocasse. Com o zíper aberto, guiei-lhe a mão até o meu clitóris e a mantive ali para que não tivesse uma idéia súbita de explorar a área e acabar esbarrando nos quelóides de minhas cicatrizes. Um fez o outro gozar como dois moleques de escola (corpulenta latejando forte e cor-de-rosa em meu pé esquerdo enquanto eu gozava). Eu estava grudenta e cheirando a sexo quando abri a

porta e vi mamãe sentada no primeiro degrau da escada com um jarro de licor de amêndoa.

Ela trajava uma camisola cor-de-rosa com mangas bufantes bem femininas e uma renda de cetim ao redor do decote. Suas mãos estavam desnecessariamente reempacotadas naquelas gazes branquíssimas que ela conseguia manter imaculadas apesar de estar profundamente embriagada. Ela agitou-se levemente quando entrei pela porta, como um fantasma indeciso entre desaparecer ou não. Ela ficou.

- Camille. Sente-se aqui. - Ela acenou com as mãos como nuvens em minha direção. - Não! Primeiro apanhe um copo na cozinha dos fundos. Pode beber um pouco com mamãe. Com a sua mãe.

Isso vai ser uma droga, murmurei enquanto apanhava um copo. Mas por trás daquilo, um pensamento: passar um tempo sozinha com ela! Um guizo remanescente de minha infância. Conserte logo isso.

Mamãe serviu sem cuidado algum, porém perfeitamente, enchendo meu copo até pouco antes de transbordar. Aquele era um mero truque para fazê-lo chegar-me à boca sem derramar. Ela sorria maliciosamente enquanto me observava. Apoiada contra o pilar do corrimão, prendeu os pés sob si mesma, bebericando.

- Acho que, enfim, percebi por que não amo você - disse ela.

Já sabia daquilo, mas nunca a ouvira admiti-lo. Tentei me convencer de que estava intrigada, como um cientista prestes a fazer uma descoberta revolucionária, mas minha garganta travou e tive que me obrigar a respirar.

- Você faz com que eu me lembre de minha mãe. Joya. Fria, distante, e tão, mas tão esnobe! Minha mãe também nunca me amou. E se vocês duas não me amam, não sou eu que vou amar vocês.

Uma onda de fúria me fez tremer.

- Nunca disse que não amo a senhora. Que coisa ridícula! Que porra ridícula! Foi a senhora que nunca gostou de mim, nem mesmo quando criança. Nunca senti nada além de frieza vindo da senhora, portanto, não ouse virar isso contra mim. - Comecei a esfregar bem forte a palma da mão na quina da escada. Mamãe abriu um semi-sorriso quando viu, e parei.

- Você foi sempre tão teimosa, nunca foi meiga. Lembro-me de quando tinha uns seis ou sete anos. Eu queria colocar bobes nos seus cabelos para o dia da foto da sua turma. Em vez disso, você cortou tudo com as minhas tesouras de tecido. - Não me lembrava de ter feito aquilo. Lembrei-me de ter ouvido falarem que Ann o fizera.

- Não sei não, mamãe.

- Teimosa. Igual àquelas meninas. Também tentei me aproximar daquelas duas, as que morreram.

- Como assim, se aproximar?

- Elas faziam com que eu me lembrasse de você, correndo desenfreadamente pela cidade. Como animaizinhos lindos. Achei que se conseguisse me aproximar delas, a entenderia melhor. Se conseguisse gostar delas, talvez conseguisse gostar de você. Mas não consegui.

- Não, eu não esperava que conseguisse. - O relógio de meu avô bateu as onze horas. Quantas vezes será que minha mãe ouviu aquilo ao crescer nesta casa?

- Quando a tinha dentro de mim, quando era uma menina muito mais nova do que você é agora, achei que tivesse vindo para me salvar. Achei que tivesse vindo para me amar. E assim, minha mãe passaria a me amar. Que piada... — A voz de minha mãe saía estridente e áspera - como um cachecol vermelho em uma tempestade.

- Eu era só um bebê.

- Desde o início você foi desobediente, não comia... Como se estivesse me castigando por dar-lhe à luz. Fazia-me parecer uma idiota. Uma criança.

- A senhora era uma criança.

- E agora que voltou, só consigo pensar “por que Marian e não ela?”.

A raiva nivelou-se imediatamente em um desespero tenebroso. Meus dedos encontraram uma lasca de madeira na tábua do assoalho. Espetei-a sob a unha de meu dedo. Não ia chorar por causa dessa mulher.

- Se faz com que a senhora se sinta ao menos um pouquinho melhor, mamãe, também não estou nada satisfeita por ter sido mandada para cá.

- Você é tão cheia de ódio.

- Aprendi com a senhora.

Mamãe, então, deu o bote e me agarrou os dois braços. Depois, pôs a mão em minhas costas e, com a unha, circundou o trecho sem cicatrizes de minhas costas.

- O único ponto que lhe restou - cochichou em meu ouvido. Seu hálito estava enfastante e almiscarado como o ar que sai de uma fonte.

- Isso.

- Algum dia vou entalhar meu nome aí. — Ela me sacudiu uma vez, soltou, e deixou-me ali na escada, com as sobras ainda quentes de nossas bebidas.

Bebi o resto do licor e tive sonhos sinistros e confusos. Minha mãe me abria e tirava os órgãos de dentro de mim, empilhando-os um após o outro sobre a cama enquanto minha carne se espalhava para os lados. Ela costurava suas iniciais em todos eles e voltava a colocá-los dentro de mim, junto com um grande número de objetos esquecidos: uma bola laranja de borracha que ganhei de uma máquina de chicletes aos dez anos; um par violeta de meias de lã que eu usava aos doze; e um anel barato tingido de dourado que um garoto comprou para mim em meu ano de caloura. Com cada objeto inserido, um alívio de que não estaria mais perdido.

Quando acordei, desorientada e apavorada, já havia passado do meio-dia. Dei um gole em meu cantil de vodca para acalmar o pânico, corri para o banheiro e vomitei, junto com fios de saliva marrom açucarada do licor de amêndoa.

Tirei a roupa e entrei na banheira, sentindo a gélida porcelana em minhas costas. Deitei estirada, abri a água, e deixei-a subir lentamente por

mim, enchendo-me os ouvidos até que ficassem inundados com o recompensador whulp de um navio quase inteiramente submerso. Será que algum dia eu teria disciplina o bastante para deixar a água cobrir meu rosto e me afogar com os olhos abertos? Basta apenas me recusar a subir cinco centímetros e tudo estará acabado.

A água fez meus olhos arderem, cobriu meu nariz, e me envolveu. Fiquei imaginando ser observada de cima: pele açoitada e rosto imóvel reluzindo sob uma película d'água. Meu corpo recusava-se a ficar quieto. Corpete, sórdida, insistente, privação!, ele gritava. Estômago e garganta entravam em convulsões, desesperados por ar. Dedo, vadia, fútil! Alguns instantes de disciplina. Que maneira pura de morrer! Florescer, exuberância, linda.

Subi de arranco a superfície e engoli o ar. Ofegante e com a cabeça inclinada na direção do teto. Calma, calma, eu me dizia. Calma, doce menina, tudo ficará bem. Afaguei-me a bochecha e falei comigo mesma como se fosse um bebezinho - que patético -, mas minha respiração aquietou-se.

Então, um pânico repentino. Levei a mão às costas para encontrar o círculo de pele. Ainda estava intacto.

Nuvens negras pairavam baixas sobre a cidade e o sol fazia-se notar por suas extremidades, transformando tudo em um amarelo mingado, como se fôssemos insetos sob luzes fluorescentes. Ainda fraca devido ao confronto com mamãe, aquela luz tênue me parecia adequada. Havia marcado de ir à casa de Meredith Wheeler para entrevistá-la a respeito dos Keene.

Não estava certa se iria render muita coisa importante, mas pelo menos obteria uma declaração do que precisava, já que não havia escutado sequer uma palavra dos Keene após meu último artigo. A verdade era que, com John passando a morar atrás da casa de Meredith, a única maneira que eu tinha para chegar a ele era por meio dela. E tenho certeza de que ela adorava isso.

Caminhei até a avenida Central para pegar meu carro onde o havia abandonado ontem para acompanhar Richard. Sentei-me debilmente no banco do motorista. Ainda consegui chegar à casa de Meredith meia hora adiantada. Já sabendo que ela iria enfeitar toda a casa e preparar as melhores iguarias para esperar minha visita, presumi que arrumaria o local da entrevista nos fundos, no pátio, e lá eu teria a oportunidade de falar com John.

Só que ela nem sequer estava em casa. Escutei uma música que vinha lá dos fundos e a segui até ver As Quatro Loirinhas, de biquínis fluorescentes, em uma das bordas da piscina compartilhando um baseado. John estava sentado à sombra na borda oposta, observando-as. Amma estava bronzeada, loira e deliciosa, sem mostrar sequer um traço da ressaca de ontem. Estava tão pequenina e pitoresca quanto um aperitivo.

Confrontada com toda aquela carne macia, senti que minha pele começava a trepidar. Não conseguiria lidar com contato direto ainda sentindo os efeitos de minha ressaca de pânico. Então, fiquei espiando junto à cerca da casa. Qualquer um deles poderia ter me visto, mas ninguém se importou. Logo as três amigas de Amma estavam em uma espiral de maconha-e-calor, estateladas de barriga para baixo sobre seus cobertores.

Amma permaneceu de pé, olhando para John, e passando óleo de bronzear nos ombros, tórax e seios, deslizando as mãos por sob a parte de cima do biquíni, assistindo a John observá-la. John não tinha qualquer reação, como uma criança já na sexta hora de televisão. Quanto mais lascivamente Amma se untava, menos ele se mexia. Um triângulo do biquíni saiu do lugar, revelando o seio abundante que escondia. Treze anos, pensava comigo mesma, mas sentia uma ponta de admiração por ela.

No passado, quando eu ficava triste, eu me machucava. Amma machucava os outros. Quando eu queria atenção, entregava-me aos rapazes: faça o que quiser; assim como eu. As ofertas sexuais de Amma pareciam uma forma de agressão. Pernas compridas e magricelas, pulsos elegantes e uma voz fina de bebê, bem aguda, tudo mirado como uma arma. Faça o que eu quero; quem sabe assim eu goste de você.

- Ei, John, de quem eu faço você lembrar? - Amma perguntou.

- De uma menininha mal-comportada e que se considera mais bonita do que é. - John respondeu, sentado à sua beira da piscina de short e camiseta, com os pés mergulhados na água. Suas pernas tinham uma camada bem fina, quase feminina, de pelos negros.

- É mesmo? Então por que não para de me olhar de seu esconderijozinho? - disse ela, apontando uma perna na direção da coqueira, com sua pequenina janela do sótão ostentando cortinas azuis quadriculadas. — Meredith vai ficar com ciúmes.

- Gosto de ficar de olho em você, Amma. Saiba que estou sempre de olho em você.

Meu palpite: minha meia-irmã entrara no quarto dele sem permissão e roubara suas coisas. Ou esperara-o em sua cama.

- Agora está mesmo - disse ela, rindo com as pernas bem abertas. Ganhava uma aparência repulsiva com os raios lançando sombras em seu rosto.

- Um dia chegará a sua vez, Amma - disse ele. - Logo.

- Valentão. Fiquei sabendo. - Amma retrucou. Kylie olhou para cima, focou os olhos na amiga, sorriu e voltou a deitar-se.

- Paciente também.

- Vai precisar ser. — Ela jogou-lhe um beijo.

O licor de amêndoa se revirava em meu estômago e já estava farta daquela brincadeira. Não gostei de ver John Keene flertando com Amma, independentemente do quanto ela o estivesse provocando. Ela ainda tinha só treze anos.

- Olá? - chamei, despertando Amma, que abanou os dedos para mim. Duas das três loiras olharam para cima e voltaram a deitar-se. John pegou um pouco d'água da piscina com as mãos e passou-a no rosto antes de olhar para mim e curvar os cantos da boca para cima. Estava recordando a conversa, tentando adivinhar quanto eu ouvira. Eu estava equidistante dos dois lados e caminhei na direção de John, parando a quase dois metros de distância.

-Leu a matéria? - perguntei. Ele agitou a cabeça em sinal afirmativo.

- Li, obrigado, ficou boa. A parte sobre Natalie, ao menos. 1

- Vim hoje conversar um pouco com Meredith a respeito de Wind Gap; talvez falemos de Natalie - falei. - Tudo bem I por você?

Ele deu de ombros.

- Claro. Ela ainda não chegou. Tinha pouco açúcar para o chá doce. Então foi à loucura e saiu correndo sem maquiagem para ir ao mercado.

- Um escândalo.

- Para Meredith, é.

- Como está tudo por aqui?

- Ah, tudo bem — disse ele, começando a bater de leve na mão direita. Auto consolo. Voltei a sentir pena dele. — Acho que nada estaria bom em lugar nenhum, portanto, é complicado julgar se está melhor ou pior, entende?

- Por exemplo: esta cidade é desprezível e minha vontade é morrer, mas não consigo imaginar nenhum lugar em que preferisse estar - ofereci apoio. Ele se virou e ficou olhando para mim com os olhos azuis refletindo a piscina oval.

- É exatamente o que quis dizer - Acostume-se, pensei.

- Já pensou em procurar ajuda, consultar-se com algum terapeuta? - perguntei. — Pode ser de grande ajuda.

- Isso mesmo, John, talvez acalme alguns de seus impulsos.

Às vezes eles são fatais, sabia? Não queremos que surjam mais garotinhas sem os dentes. - Amma entrara na piscina e boiava a três metros de distância.

John levantou-se como um raio e por um segundo achei que fosse mergulhar na piscina e estrangulá-la. Em vez disso, apontou o dedo para ela, abriu a boca, fechou, e foi caminhando para seu quarto no sótão.

-Isso foi bastante cruel - falei para ela.

-Mas engraçado - disse Kylie, em cima de uma bóia rosa- choque.

-Que doente... - Kelsey contribuiu, nadando e passando por ela.

Jodes estava sentada sobre seu cobertor com as pernas dobradas verticalmente, os joelhos junto ao queixo, e os olhos apontados para a cocheira.

-Você foi tão meiga comigo noite dessas... E agora está tão mudada...
- murmurei para Amma. - Por quê?

Ela passou a impressão de ter sido pega de surpresa por uma fração de segundo.

-Não sei. Queria conseguir melhorar. Queria mesmo. - Ela nadou, afastando-se de mim e indo em direção às amigas, quando Meredith surgiu à porta e, irritadiça, convidou-me para entrar.

A aparência da casa dos Wheelerme era bastante familiar: um sofá luxuosamente estofado, uma mesa de centro com a réplica de um veleiro em cima, uma vistosa otomana de veludo verde-musgo e uma fotografia em

preto-e-branco da Torre Eiffel vista por um ângulo exagerado. O catálogo de primavera da Pottery Barn. Tudo, até os pratos amarelo-limão que agora Meredith colocava sobre a mesa com tortas de frutas e suas coberturas lustrosas ao centro.

Ela usava um vestido de verão de linho da cor de um pêssgo que ainda não havia amadurecido. Seus cabelos estavam penteados para baixo, caindo sobre as orelhas, e presos à nuca em um rabo-de-cavalo frouxo que não deve ter levado menos de vinte minutos para ficar perfeito como estava. Ela estava subitamente, a cara da minha mãe. Seria mais verossímil que ela fosse a filha de Adora e não eu. Senti uma crise de ciúme chegando e tentei mantê-la sob controle enquanto Meredith! servia dois copos de chá doce e sorria.

- Não faço a mínima idéia do que minha irmã estava falando do para você, mas acredito que tenha sido alguma coisa intolerante ou sórdida, portanto, peço perdão - disse ela. - Embora eu tenha certeza de que saiba que Amma é a líder de verdade entre elas. - Ela olhava para a torta, mas não parecia propensa a comê-la. Bonita demais.

- É bem provável que você conheça Amma melhor que eu - falei. - Parece que ela e John não se...

- Ela é uma criança muito carente - disse ela, cruzando as pernas, descruzando-as, e endireitando o vestido. - Amma acha que vai murchar e desaparecer caso não esteja sempre recebendo atenção de todos. Sobretudo de homens.

- Por que ela não gosta de John? Estava insinuando que foi ele que matou Natalie. - Peguei meu gravador e liguei-o, por não querer desperdiçar

tempo com joguinhos de ego e, também, por ter esperança de que ela dissesse algo a respeito de John digno de ser publicado. Se era ele o principal suspeito, pelo menos nas mentes do povo de Wind Gap, eu precisava de declarações.

- Amma é assim. Tem uma veia violenta. John gosta de mim e não dela, portanto, ela o ataca. Isso quando não tenta roubá-lo de mim. Até parece que isso vai acontecer...

- Parece que muita gente anda dizendo, contudo, que acha que John pode ter alguma coisa a ver com a história. A que atribui isso?

Ela deu de ombros, projetou o lábio inferior e passou alguns segundos vendo a fita girar no gravador.

- Sabe como são as coisas. Ele não é daqui, é inteligente, vivido, e oito vezes mais bonito que qualquer um da cidade. Todos gostariam que tivesse sido ele o responsável porque significaria que esta... crueldade não é coisa de Wind Gap. Que veio de fora. Coma a sua torta.

- Acredita na inocência dele? - Dei uma mordida e a cobertura pingou do meu lábio.

- Claro que sim. Isso é tudo fofoca, conversa fiada. Só porque uma pessoa sai para dirigir por aí... muita gente faz isso aqui na cidade. John só escolheu a hora errada.

- E a família? O que pode me dizer das duas meninas?

- Eram uns amores, muito bem comportadas e uns doces de crianças. É como se Deus tivesse escolhido as melhores meninas de Wind Gap para

levar para o céu e ficarem a seu lado. - Ela andou treinando, as palavras tinham um ritmo ensaiado. O próprio sorriso parecia planejado: pequeno demais é insuficiente, grande demais é uma satisfação inadequada. Aquele sorriso estava na medida certa. Corajosa e esperançosa, era o que ele dizia.

- Meredith, sei que não era isso o que pensava das meninas.

- Ora, e que espécie de declaração você quer? - ela falou rispidamente.

- Uma que seja verdadeira.

- Não posso fazer isso. John iria me odiar.

- Não preciso mencioná-la na matéria.

- Daí, de que serviria eu lhe dar esta entrevista?

- Se sabe de coisas a respeito delas que ninguém mais está dizendo, deveria me contar. Dependendo de qual seja a informação, pode ajudar a desviar a atenção de John.

Meredith tomou um gole acanhado do chá e limpou levemente o canto de seus lábios de morango com o guardanapo.

- Mas ainda pode colocar meu nome em outro trecho da matéria?

- Posso publicar uma declaração sua em outro trecho, atribuindo-a a seu nome.

- Quero que seja o que falei de Deus levá-las para o céu. — Meredith falou com voz de criança, apertou as mãos, sorriu, e olhou para mim de

soslaio.

- Não. Isso não. Vou usar o que disse sobre John não ser da cidade e que é esse o motivo pelo qual os outros fofocam tanto a respeito dele.

- Por que não pode usar a que eu quero? - Eu enxergava Meredith como uma criança de cinco anos, vestida como uma princesa, e reclamando por sua boneca predileta não gostar de seu chá de mentira.

- Porque vai de encontro a muita coisa que escutei, e porque ninguém fala assim de verdade. Parece falso.

Foi o diálogo mais patético que já travei com um entrevistado, e uma maneira totalmente antiética de fazer meu trabalho. Mas eu queria o que ela tinha a me dizer, porra! Meredith girou a corrente prateada que lhe envolvia o pescoço e me estudou.

- Você poderia ter sido modelo, sabia? - disse ela, subitamente.

- Duvido. - Agora fui eu que usei de rispidez. Sempre que alguém falava da minha beleza, eu imaginava tudo de feio que apinhava-se sob minhas roupas.

- Poderia sim. Sempre quis ser você quando era menor. Eu penso em você, sabia? Quer dizer, nossas mães são amigas e tudo mais, daí, quando fiquei sabendo que havia ido para Chicago, imaginei-a em uma mansão enorme, com alguns pequeninos de cabelos cacheados e um garanhão de marido, dono de algum banco de investimentos. Vocês dois na cozinha, bebendo suco de laranja, e ele entrando em seu carrão para ir trabalhar. Mas creio que imaginei errado.

- Imaginou mesmo. Mas seria legal se fosse assim. - Dei mais uma mordida na torta. -Então, conte-me sobre as meninas.

- Só quer saber de trabalho, hein? Você nunca foi mesmo das mais agradáveis... Sei o que houve com sua irmã. Teve uma irmã sua que morreu.

- Meredith, qualquer dia desses podemos conversar. Eu adoraria. Depois da entrevista. Mas vamos registrar esta história, e então, talvez possamos nos divertir. - Eu não tinha intenção de ficar nem sequer mais de um minuto depois que concluísse a entrevista.

- Está bem... Então lá vai. Acho que sei a razão... dos dentes... - Ela disse a palavra “extração” por gestos.

- E qual é?

- Não acredito que todos se recusem a dar conta disso - disse ela.

Meredith olhou rapidamente ao redor da sala.

- Não ficou sabendo disso por mim, está bem? - ela continuou. - As meninas, Ann e Natalie, eram mordedoras.

-Mordedoras, como assim?

- As duas. Eram bastante irritadiças. Tinham explosões assustadoras de raiva. Parecia coisa de menino. Mas não batiam. Mordiam. Veja só.

Ela estendeu a mão direita. Logo abaixo do polegar, três cicatrizes brancas que brilhavam sob a luz vespertina.

- Esta foi Natalie. E esta também. - Ela puxou os cabelos para trás e revelou uma orelha esquerda com somente metade de seu lóbulo.—Ela mordeu-me a mão enquanto eu pintava suas unhas. Quando já estávamos na metade, ela resolveu que não havia gostado, mas pedi que me deixasse terminar e, quando preendi sua mão, ela afundou os dentes em mim.

- E a orelha?

- Certa vez dormi na casa deles já que meu carro não queria ligar. Eu dormia no quarto de hóspedes e, quando vi, os lençóis estavam cheios de sangue e minha orelha parecia em brasa. Eu queria fugir, mas o fogo estava grudado à minha cabeça. E Natalie gritava como se ela estivesse em chamas. Os gritos dela eram mais apavorantes que a mordida. O sr. Keene teve de agarrá-la e prendê-la. A menina tinha problemas sérios. Tentamos encontrar o lóbulo para ver se poderia ser costurado, mas não achamos. Ela deve tê-lo engolido. - Ela soltou uma risada que parecia a devolução de uma tragada de ar. - O que mais senti foi pena dela.

Mentira.

- E Ann era tão ruim quanto ela? - perguntei.

- Pior. Muita gente na cidade ostenta suas marcas de mordida. Inclusive sua mãe.

- Como? – Minhas mãos começaram a suar e minha nuca congelou.

- Sua mãe estava tentando ensinar-lhe alguma coisa, mas Ann não conseguia entender. Ela foi à loucura, puxou um bocado dos cabelos de sua mãe até arrancá-los, e depois mordeu-lhe o pulso. Forte. Com certeza ela teve que levar pontos. – Imagens do braço fino de mamãe preso entre

dentes pequeninos, Ann agitando a cabeça como um cão, e sangue afluorando sobre a manga de minha mãe. Cobrindo os lábios de Ann. Um grito, e o livramento.

Um pequeno círculo de linhas denteadas, e em seu interior, a pele perfeita.



Capítulo 11

Telefonemas quando da volta a meu quarto, sem sinal de minha mãe. Dava pra ouvir Alan lá embaixo, repreendendo Gayla por ter cortado errado os filés.

-Sei que parece uma coisa trivial, Gayla, mas pense o seguinte: são os detalhes triviais que diferenciam uma boa refeição de um jantar de verdade. – Gayla emitiu um som como se estivesse entendendo. Ate os mm-hhmm dela têm um som metálico.

Liguei para o telefone celular de Richard, um dos poucos em Wind Gap a ter um desses, embora eu não devesse criticá-lo, já que sou uma das únicas resistentes em Chicago, é que não quero nunca ser facilmente encontrada.

-Detetive Willis. – Escutava-se um alto-falante chamando um nome ao fundo.

-Está ocupado, detetive? – enrubesci. Frivolidade como flerte, flerte como tolice.

-Pois não – soou uma voz formal. –Estou concluindo aqui; posso retornar a ligação mais tarde?

-Claro, meu telefone é...

-Meu celular registra o numero.

-Chique.

-Bem verdade.

Vinte minutos depois:

-Desculpe-me, estava no hospital de Woodberry com Vickery.

-Alguma pista?

-Não dá para saber.

-Alguma declaração?

-Gostei bastante de ontem à noite.

Eu escrevera Richard policial Richard policial doze vezes, descendo minha perna, e tive que me obrigar a parar porque ansiava por uma navalha.

-Eu também. Escute, preciso perguntar-lhe uma coisa bem direta e preciso que me conte. Em off. Depois, preciso de uma declaração que possa publicar em minha próxima matéria.

-Está bem. Tentarei ajudá-la, Camille. Qual é a pergunta?

-Podemos nos encontrar naquele bar onde bebemos nosso primeiro drinque? Preciso perguntar pessoalmente, e preciso sair desta casa e... está bem, vou dizer: preciso de uma bebida.

Três rapazes que estudaram comigo estavam no Sensors quando cheguei. Eram simpáticos. Um deles até havia ficado famoso por ter conquistado uma fita azul na Feira Estadual por sua porca: chegava a ser obscena de tão imensa e dela até pingava leite. Um estereótipo sociável de Richard teria adorado. Trocamos gentilezas – eles me pagaram as duas primeiras rodadas – e fotografias de seus filhos, oito no total. Um deles, Jason Turnbough, ainda era tão loiro e tinha um tosto tão arredondado quanto o de uma criança. Um pouco de sua língua aparecia pelo canto da boca, bochechas rosadas, e olhos redondos bem azuis bem redondos que passaram a maior parte da conversa alterando-se entre meu rosto e meus seios. Ele parou assim que peguei o gravador e perguntei a respeito dos assassinatos. A partir de então, toda a atenção dele foi direcionada para as duas rodinhas giratórias. As pessoas sentem uma emoção tão grande ao verem seus nomes publicados... Prova de existência. Imaginei um monte de fantasmas rasgando pilhas de jornais e apontando para um nome na página. Está vendo? Olha aqui. Eu avisei que vivi. Avisei que fui.

-Quem imaginaria, na época da escola, que estaríamos sentados aqui, conversando sobre homicídios em Wind Cap? – admirou-se Tommy Ringer, que agora era um sujeito de cabelos negros e barba densa.

-É mesmo, quer dizer, eu trabalho em um supermercado, pelo amor de Deus! – disse Ron Laird, um sujeito amável com cara de camundongo e voz estrondosa. Os três ardiam com um orgulho cívico mal-aplicado. A infâmia havia chegado a Wind Gap e eles estavam dispostos a assumirem-na.

Poderiam continuar trabalhando no supermercado, na drogaria, na incubadora... Quando morressem, isso – junto com o casamento e os filhos – estaria na lista de coisas que fizeram. E foi uma coisa que meramente aconteceu com eles. Não, mais precisamente, foi uma coisa que aconteceu na cidade deles. Eu não tinha lá tanta certeza quanto ao que Meredith dissera. Tem gente que adoraria que o assassino fosse alguém nascido e criado em Wind Gap. Alguém com quem eles foram pescar um dia, alguém que foi lobinho junto com eles... A história ficaria mais interessante.

Richard abriu a porta de maneira violenta – era surpreendentemente leve para a sua aparência. Quem não era freguês costumeiro usava força demasiada, daí, a cada intervalo de alguns minutos, a porta batia violentamente contra a parede do prédio, o que oferecia uma pontuação interessante às conversas.

Enquanto ele entrava, jogando o terno sobre o ombro, os três suspiraram.

-Esse sujeitinho...

-Porra, estou impressionado, meu chapa...

-Poupe alguns neurônios para o caso, meu irmão. Precisa deles.

Saltei do banquinho, lambi os lábios, e sorri.

-Bem, amigos, preciso ir trabalhar. Hora da entrevista. Agradeço os drinques.

-Estaremos aqui quando ficar entediada. – Jason anunciou. Richard apenas sorriu, olhando pra ele, e murmurou idiota por entre os dentes.

Bebi o que restava do meu terceiro uísque e agarrei a garçonete para que arrumasse uma mesa para nós dois. Quando já tínhamos os drinques à nossa frente, descansei o queixo sobre as mãos e fiquei me perguntando se queria mesmo discutir negócios. Ele tinha uma cicatriz logo acima de sua sobrancelha direita e uma pequenina covinha no queixo. Bateu o pé sobre o meu duas vezes onde ninguém poderia enxergar.

-O que foi, jornalista dos furos?

-Escute, preciso saber de uma coisa. Preciso muito, e se não puder me contar, tudo bem, mas por favor, faça um esforço. – Ele fez um sinal de concordância com a cabeça.

-Quando pensa em quem cometeu os homicídios, pensa especificamente em alguém? – perguntei.

-Em algumas pessoas.

-Homem ou mulher?

-Por que está me perguntando isso com tanta urgência agora, Camille?

-só preciso saber.

Ele fez uma pausa, deu um gole em sua bebida, e passou a mão na barba que crescia em seu queixo.

-Não acredito que uma mulher viesse a matar as meninas de tal maneira. – Ele voltou a cutucar-me com o pé. – Ei, o que está havendo conte-me a verdade agora.

-Não sei, estou apenas indo à loucura. Só precisava saber onde concentrar minhas energias.

-Deixe-me ajudar.

-Sabia que elas eram conhecidas por morder os outros?

-Fiquei sabendo na escola que houve um incidente em que Ann feriu o pássaro de um vizinho – disse ele. – Mas a coleira de Natalie era muito mais curta devido ao que houve em sua última escola.

- Não. Não tenho qualquer queixa dada contra Natalie desde que veio morar aqui.

-Então não deram queixa. Eu vi a orelha, Richard. Não tinha lóbulo. E a pessoa não tem motivo para mentir. E Ann também atacou outra pessoa. Também a mordidas. Mas cada vez mais me pergunto se elas não se envolveram com a pessoa errada. Parece até que foram sacrificadas. Como um animal ruim. Talvez seja a razão para terem lhe arrancado os dentes.

-Vamos começar devagar. Primeiro, quem foi que elas morderam?

-Não posso revelar.

-Mas que droga, Camille, não estou de sacanagem. Conte-me.

-Não. – Fiquei surpresa com aquela fúria toda. Esperava que ele risse e me dissesse que eu ficava bonita com uma pessoa desafiante.

-Essa merda é um caso de homicídio, entendeu? Se tiver alguma informação, preciso dela.

-então, cumpra o seu dever.

-Estou tentando, Camille, mas você ficar me sacaneando não ajuda.

-Agora você conheceu a sensação – murmurei infantilmente.

-Tudo bem. – Ele esfregou os olhos. – Tive um dia bastante exaustivo, portanto... boa noite. Espero ter lhe sido útil. – ele se levantou e empurrou o copo pela metade em minha direção.

-Preciso de uma declaração para publicar.

-Depois. Preciso olhar as coisas por um outro prima. Devia ter razão quando disse que nós dois seríamos uma péssima idéia. – Ele foi embora e os rapazes me chamaram para me juntar a eles novamente. Neguei com a cabeça, terminei meu drinque e fingi fazer anotações ate que fossem embora. Mas só fiquei escrevendo lugarzinho doente lugarzinho doente sem parar, por doze páginas.

Desta vez era Alan que me esperava quando cheguei em casa. Sentado no sofá vitoriano de dois lugares, feito de brocado branco e nogueira negra, vestia uma calça branca folgada e uma blusa de seda, e calçava delicados chinelos brancos, também de seda. Se fosse uma fotografia, seria impossível determinar sua época. Cavalheiro vitoriano? Janota eduardiano? Almofadinha dos anos 50? Dono de casa do século XXI, que nunca trabalhara, bebia freqüentemente e , as vezes, fazia amor com mamãe.

Era bonito e raro que eu e Alan conversássemos sem estarmos na presença de minha mãe. Em minha infância, esbarrei nele uma vez no corredor, ele curvou-se rijamente até ficar da minha altura e disse: “Olá,

espero que esteja bem.” Já morávamos na mesma casa há mais de cinco anos e foi só aquilo que veio a cabeça dele. “Estou, obrigada,” Foi só o que consegui dar em retorno.

Agora, no entanto, Alan parecia preparado pra dar conte de mim. Não disse meu nome, apenas bateu levemente no assento do sofá e seu lado. Sobre o joelho, equilibrava um prato pequeno com diversas sardinhas grandes e prateadas. Dava pra sentir o cheiro delas da entrada.

- Camille – disse, cutucando uma cauda com um pequenino garfo de peixe, - Está deixando sua mãe doente.serei obrigado a pedir que vá embora se as condições não melhorarem.

-Como estou deixando-a doente?

-Atormentando-a. falando constantemente de Marian. Não se pode perguntar à mãe de uma criança morta como será que seu corpo esta debaixo da terra. Não sei se já é uma coisa da qual consiga sentir-se desligada, mas adora não consegue. – um pedaço de peixe tombou à frente dele, deixando uma seqüência de manchas de gordura do tamanho de botões.

“Não pode falar com ela a respeito dos cadáveres dessas duas meninas mortas, ou de quanto sangue deve ter lhes saído das bocas ao terem os dentes arrancados, ou de quanto tempo levou para a pessoa estrangulá-las.”

-Alan, nunca falei nada disso com ela. Nada que sequer se aproxime disso. – nem sequer cheguei a me sentir indignada, apenas enfastiada.

-Por favor, Camille, sei o quanto sua relação com sua mãe é hostil. Sei que sempre teve inveja do bem-estar de qualquer um. É verdade, sabia? Você é mesmo igual `mãe de Adora. Ela montava guarda nesta casa como uma... bruxa velha e furiosa. Risadas ofendiam-na. A única vez na vida que ela sorriu foi quando você recusou-se a mamar no peito de Adora. Recusou-se a abocanhar seu mamilo.

Tal palavra nos lábios gordurosos de Alan fizeram-me arder em dez lugares diferentes. Chupar, vadia, borracha, todas em chamas.

- Sabe disso porque ouviu de Adora? – instiguei-o.

Ele respondeu afirmativamente com um balançar de cabeça, os lábios franzidos beatificamente.

-Assim como sabe que eu disse coisas horríveis a respeito de Mirian e das meninas mortas porque ouviu de Adora?

-Exatamente – disse ele, separando precisamente as sílabas.

-Adora é mentirosa. Se ainda não sabe disso, é um idiota.

-Ela teve uma vida difícil.

Forcei uma risada. Alan não se intimidou. – Sua avó entrava no quarto dela no meio da noite e a beliscava quando era criança – disse ele, olhando lamentosamente para o ultimo pedaço de sardinha. – Dizia que o fazia porque ficava preocupada que Adora morresse enquanto dormia. Pra mim, era só porque gostava de machucá-la.

Um retinir de lembrança discordante: Marian no fim do corredor, em seu pulsante quarto de inválida, repleto de máquinas. Uma dor aguda em meu braço. Mamãe de pé sobre mim, em sua camisola melancólica, perguntando se eu estava bem. Beijando o círculo cor-de-rosa e me dizendo para voltar a dormir.

-Só acho que deveria ficar ciente dessas coisas – disse Alan. – Talvez isso a faça tratar sua mãe com um pouco mais complacência.

Não estava em meus planos tratar mamãe com mais complacência. Só queria que aquela conversa acabasse.

-Tentarei partir o mais rápido possível.

-seria uma boa idéia, caso não consiga pedir desculpas. – Alan disse. – Mas talvez sintasse-se melhor consigo mesma se tentar. Talvez a ajude a se curar. Pelo menos, sua mente.

Alan pegou a última sardinha mole e sugou-a toda para dentro da boca. Fiquei imaginando os ossos pequeninos se partindo enquanto ele mastigava.

Um copo cheio de gelo e uma garrafa inteira de uísque roubados da cozinha dos fundos, e subi para meu quarto para beber. A bebida me embriagou rápido, provavelmente porque a ingeria aceleradamente. Minhas orelhas estavam quentes e minha pele havia parado de arder. Fiquei pensando naquela palavra que habitava minha nuca. Desaparecer. Desaparecer expulsará meus problemas. Teríamos sido horríveis assim se Marian não tivesse morrido? Outras famílias superam tal coisa. Sofrem e seguem com a vida. Ela ainda pairava sobre nós, uma bebezinha loira,

talvez um tanto bonitinha demais para seu próprio bem, talvez só um pouco amada demais. Isso antes de ficar bem doente. Ela tinha um amigo invisível, um urso gigante de pelúcia que chamava de Bem. Que espécie de criança tem como amigo imaginário um bicho de pelúcia? Ela colecionava faixas de cabelo e as organizava em ordem alfabética pelo nome da cor. Era o tipo de menina que se aproveitava de sua graciosidade com tanta alegria que ninguém era capaz de repreendê-la. O piscar dos olhos, as sacudidelas dos cachinhos... Ela chamava minha mãe de “mãin” e Alan... caramba, acho que chamava-o de Alan mesmo, não consigo imaginá-lo presente nessas lembranças. Ela sempre limpava o prato, mantinha o quarto em uma organização notável e recusava-se a usar qualquer coisa que não fossem vestidos e a calçar qualquer coisa que não fosse sapatos de criança. Chamava-me de Mille e não conseguia me largar.

Eu a adorava.

Já bêbada e ainda bebendo, enchi o copo de uísque e desci letamente o corredor na direção do quarto de Marian. A porta de Amma, do quarto seguinte ao meu, estava fechada há horas. Como deveria ser crescer tão perto do quarto de uma Irma morta que você nunca conheceu? Senti uma pontada de tristeza por Amma. Alan e mamãe estavam em seu grande quarto de canto, mas a luz estava apagada e o ventilado sussurrava. Não havia como colocar um refrigerador de ar nestas velhas casas vitorianas, e mamãe considera cafonas aqueles aparelhos para um só ambiente, então, passávamos o verão inteiro transpirando. 32°C, mas o calor fazia com que eu me sentisse segura – era como caminhar debaixo d’água.

O travesseiro sobre a cama dela ainda estava levemente afundado. Um conjuntinho estava esticado, como se cobrisse uma criança viva.

Vestido violeta, malha branca e sapatos pretos lustrosos. Quem será que fez isso? Minha mãe? Amma? O porta-soro que vivera com Marian tão implacavelmente em seu ultimo ano estava de pé, alerta e brilhante, próximo ao resto do equipamento médico: a cama, sessenta centímetros mais alta que o normal para permitir acesso à paciente; o monitor cardíaco; o recipiente para urina. Me dava nojo minha não ter jogado aquilo tudo fora. Era um quarto clinico e absolutamente sem vida. O brinquedo predileto de Marian fora enterrado consigo, uma pesada boneca de trapo com cachos loiros que combinavam com os dela. Evelyn, ou seria Eleanor? O resto estava arrumado contra a parede em diversas estantes como torcedores em arquibancadas. Mais ou menos vinte, com rostos brancos de porcelana e profundos olhos sem vida.

Eu a via com tamanha facilidade aqui, sentadas de pernas cruzadas naquela cama, pequena e salpicada de suor, e seus olhos anelados em púrpura. Embaralhando cartas, penteando os cabelos da boneca ou colorindo furiosamente. Eu ouvia aquele som de giz produzindo linhas fortes de papel. Rabiscos escuros com o giz pressionado de maneira tão forte que chegava a rasgá-lo. Ela olhou pra mim, respirando com dificuldade e bem superficialmente.

-Já estou farta de estar morrendo.

Voltei rapidamente ao meu quarto, como se fosse perseguida.

O telefone tocou seis vezes até que Eileen atendesse. Coisas que os Curry não têm em casa: forno de microondas, videocassete, lava-louças e secretaria eletrônica. Seu alô foi suave, porem tenso. Não devem receber muitos telefonemas depois das onze. Ela fingiu que não estavam dormindo, que simplesmente não escutaram o telefone tocar, mas Curry

demorou mais dois minutos para vir atender. Imaginei-o limpando os óculos coma barra do pijama, calçando velhos chinelos de couro e olhando para a face ardente de um relógio despertador. Uma imagem tranqüilizante.

Então, me dei conta de que estava só me lembrando de um comercial de farinha de uma farmácia 24 horas em Chicago.

Não falava com Curry há três dias. Já estava em Wind Gap há praticamente duas semanas. Se fossem outras as circunstâncias, ele me ligaria três vezes por dia perguntando sobre novidades. Mas não se daria a liberdade de me telefonar na casa de civis, muito menos na de minha mãe, lá embaixo, no Missouri, que em sua mente de Chicago, ele equiparava ao Sul Profundo. Se fossem outras circunstancias, ele me daria uma bronca pelo telefone por não manter contato, mas hoje não.

-Foquinha, tudo bem com você? Quais são as novas?

-Bem, não consegui nada para publicar, mas vou conseguir. A policia esta quase convicta de que o assassino é um homem, com certeza de Wind Gap, mas não tem o DNA e tampouco sabe onde elas foram mortas; eles sabem de muito pouca coisa. Ou o assassino é um mestre na arte, ou um gênio accidental. Parece que a cidade toda suspeita do irmão de Natalie Keene, John. Consegui uma declaração da namorada dele afirmando sua inocência.

-Ótimo, é um material muito bom, mas o que eu quis dizer... A pergunta foi sobre você. Esta passando bem por aí? Precisa me dizer, porque não estou vendo o seu rosto. Não banque a estóica.

-Não estou lá tão legal, mas o que importa? – Minha voz saiu mais estridente e amarga do que eu planejava. – A reportagem é boa e creio que estou prestes a descobrir alguma coisa. Acho que com mais alguns dias, uma semana, e... sei lá. As meninas mordiam os outros. Foi o que consegui descobrir hoje, e o policial com quem venho trabalhando sequer sabia disso.

-Contou a ele? E o que ele disse?

-Nada.

-Por que não o fez dizer alguma coisa, menina?

Sabe, Curry, o detetive Willis ficou com a impressão de que eu estava escondendo informação, então, foi embora todo mal-humado como é bem típico dos homens quando não conseguem o que querem de mulheres com quem já tiveram algum envolvimento sexual.

-Fiz besteira, mas vou conseguir. Preciso de mais alguns dias antes de escrever, Curry. Preciso captar melhor o colorido local, tentar chegar a algum lugar por meio desse policial. Acho que estão quase convencidos de que um pouco de mídia ajudaria a dar uma mexida nas coisas. Não que alguém leia o nosso jornal por aqui... – Ou por aí.

-Mas vão ler. Isso vai lhe render uma boa notoriedade, foquinha. Seu material está chegando perto de ficar bom. Force mais. Vá conversar com alguns amigos de sua juventude. Talvez sejam mais acessíveis. Além do que, é bom para a matéria. Aquela série sobre os alagamentos no Texas que ganhou o Pulitzer tinha toda uma história contada a partir da perspectiva do rapaz a respeito de voltar à cidade natal em meio a uma tragédia. Ótima

leitura. E um rosto amigo, além de algumas cervejas, deve lhe fazer bem. Parece que até já andou bebendo algumas hoje...

-Algumas.

-Está achando... que é uma situação ruim para você? Em relação a sua recuperação? – Escutei o acender de um isqueiro, o raspar de uma cadeira de cozinha sobre o linóleo, e um grunhido quando Curry sentou-se.

-Ah, não precisa se preocupar.

-É claro que preciso. Não banque a mártir, foquinha. Não vou castigá-la caso necessite ir embora. Precisa se cuidar. Achei que estar em casa fosse lhe fazer bem, mas... me esqueço que às vezes os pais nem sempre são... bons para seus filhos.

-Sempre que venho pra cá... – Parei e tentei me recompor. – É que sempre me sinto uma pessoa ruim quando venho para cá. – Então, comecei a chorar, soluçando silenciosamente enquanto Curry gaguejava do outro lado da linha. Dava para vê-lo entrando em pânico e acenando para que Eileen viesse lidar com a menina chorona. Mas não.

-Ahhh, Camille – ele sussurrou. – Você é uma das pessoas mais decentes que eu conheço. E não há tanta gente decente assim neste mundo, sabia? Como meus pais já faleceram, restam apenas você e Eileen.

-Não sou decente. – A ponta de minha caneta rabiscava palavras arranhando minha coxa. Erro, mulher, dentes.

-Camille, é sim. Eu vejo como trata os outros, até mesmo os merdas mais desprezíveis que consigo imaginar. Você dá a eles uma certa...

dignidade. Compreensão. Por que acha que a mantenho por aqui? Não é porque é uma ótima repórter... – Silêncio e lágrimas abundantes do meu lado da linha. Erro, mulher, dentes.

-Não teve graça? Eu quis que saísse como uma piada...

-Não.

-Meu avô dói do teatro de variedades. Mas acho que não herdei a veia cômica.

-Foi mesmo?

-Se foi! Saiu direto do barco que veio da Irlanda para Nova York. Era um sujeito hilário, tocava quatro instrumentos... – Mais um acender de isqueiro. Puxei as cobertas finas para cima de mim, fechei os olhos, e fiquei ouvindo a história de Curry.



Capítulo 12

Richard morava no único prédio de apartamentos de WindGap, um edifício de janelas minúsculas construído para abrigar quatro inquilinos. Apenas dois apartamentos estavam ocupados. As quatro troncudas colunas que mantinham de pé o abrigo para carros foram pichadas com tinta vermelha, em seqüência, com as inscrições: “Detenham os democratas, Detenham os democratas, Detenham os democratas.” E então, fortuitamente: “Eu gosto do Louie.”

Manhã de quarta-feira. A tempestade permanecia assentada em uma nuvem sobre a cidade. Uma luz amarela cor de mijo quente e tempestuosa. Bati à porta dele com o canto de uma garrafa de uísque. Leve presentes caso não consiga levar outra coisa. Eu deixara de vestir saias. Tornam minhas pernas acessíveis demais a uma pessoa propensa a me tocar. Se é que ainda estivesse interessado.

Ele abriu a porta cheirando a sono. Cabelos desgrehados, cueca samba-canção e uma camiseta caindo por cima dela. Não sorriu. Mantinha a casa em uma temperatura glacial. Dava para sentir o ar de onde eu estava.

- Quer entrar ou quer que eu saia?- ele perguntou, coçando o queixo. Então, percebeu a garrafa.- Ah, entre. Pelo jeito, vamos nos embebedar?

A casa estava uma bagunça, o que me surpreendeu. Calças esparramadas sobre cadeiras, uma lata de lixo prestes a transbordar, caixas de papéis empilhadas desajeitadamente pelos corredores, forçando quem quisesse passar a virar de lado. Ele fez um gesto para que eu me sentasse em um sofá de couro repleto de rachaduras e voltou com um tabuleiro de gelo e dois copos. Serviu doses generosas.

- Então, não deveria ter sido tão grosso ontem à noite -disse ele.

- E mesmo. Quer dizer, sinto que tenho lhe dado uma boa quantidade de informações, e você não tem me dado nada.

- Estou tentando solucionar um homicídio. Você está tentando fazer uma reportagem sobre ele. Acho que tenho prioridade. Há certas coisas, Camille, que simplesmente não posso lhe contar.

- E vice-versa. Tenho direito de proteger minhas fontes.

- O que, por sua vez, pode ajudar a proteger o responsável pelos assassinatos.

- Você é capaz de descobrir, Richard. Já lhe disse quase tudo. Nossa, tenha um pouco de trabalho você mesmo... - Ficamos olhando um para o outro.

-Adoro quando banca a repórter durona para cima de mim.

-Richard sorriu. Balançou a cabeça. Cutucou-me com o pé descalço. - É verdade, adoro mesmo.

Richard serviu mais dois copos. Assim estaríamos de cara cheia antes do meio-dia. Ele me puxou para junto de seu corpo, beijou o lóbulo de minha orelha, e enfiou a língua em meu ouvido.

-Então, menina de Wind Gap, o quanto exatamente você era malcomportada? - ele sussurrou. - Conte-me sobre a sua primeira vez. - A primeira vez foi a segunda vez, que foi a terceira, que foi a quarta, graças a meu encontro da oitava série. Resolvi só falar da primeira.

-Eu tinha dezesseis - menti. Mais velha me pareceu mais adequado ao clima. - Transei com um jogador de futebol americano no banheiro de festa.

Minha resistência era maior que a de Richard. Seus olhos já pareciam vitrificados, e ele girava um dedo ao redor de meu mamilo, com força, sob a blusa.

- Hum..E você gozou?

Afirmiei com a cabeça. Lembro-me que fingi gozar. Lembro-me de um murmúrio de orgasmo, mas foi só depois de me passarem para o terceiro. Lembro-me que achei lindo ele falar, ofegante, em meu ouvido: "Assim está bom? Assim está bom?"

- Quer gozar agora? Comigo? - Richard cochichou.

Balancei a cabeça em sinal afirmativo e ele veio para cima de mim. As mãos onipresentes, tentando entrar por baixo de minha blusa, e depois lutando para desabotoar minha calça, até que as puxei para baixo.

- Calminha, calminha. Do meu jeito - sussurrei. - Gosto de fazer vestida.

-Não. Quero tocá-la.

-Não, gatinho, do meu jeito.

Abaixei a calça só um pouco e deixei a barriga coberta pela blusa, distraíndo-o com beijos bem aplicados. Então, guiei-o para dentro de mim e transamos completamente vestidos com as rachaduras do sofá de couro arranhando-me as nádegas. Escória, trepada, pequena, garota. Há dez anos eu não sabia o que era transar. Escória, trepada, pequena, garota! Os gemidos dele logo soavam mais alto que minha pele. Só então consegui aproveitar. Só as últimas e doces estocadas.

Ele deitara-se metade ao meu lado e metade em cima de mim, e ficou ofegante quando terminou, ainda segurando a gola de minha blusa em seu punho. O dia escurecera. Estremecíamos às portas de uma tempestade repleta de relâmpagos e trovões.

- Diga-me quem acha que é o assassino - pedi. Por sua expressão, vi que ficou surpreso. Será que ele estava esperando um “eu te amo”? Richard passou um minuto enrolando meus cabelos e cutucou-me a orelha com a língua. Quando você veta o acesso a outras partes de seu corpo, os homens ficam como maníacos pela orelha - uma coisinha que eu aprendera na última década.

Não deixei que me tocasse os seios, nádegas, braços ou pernas mas Richard parecia satisfeito, por ora, com a orelha.

-Cá entre nós, foi John Keene. O rapaz era íntimo demais da irmã. Não de um jeito saudável. E não tem alibi. Acho que tem alguma fixação por garotinhas e vem tentando resistir, mas acaba matando-as e arrancando-lhes os dentes para sentir a emoção. Não vai conseguir segurar a angústia por muito mais tempo. A coisa vai crescer cada vez mais. Estamos investigando qualquer comportamento estranho da época em que moravam na Filadélfia. Talvez os problemas de Natalie não tenham sido o único motivo para terem se mudado.

-Preciso de alguma coisa para publicar.

-Quem lhe contou das mordidas, e quem foi que elas morderam? - ele cochichou com seu hálito quente em meu ouvido. Lá fora, a chuva começava a molhar o chão como se fosse alguém urinando.

-Meredith Wheeler me contou que Natalie arrancou-lhe o lóbulo da orelha com uma mordida.

-Que mais?

-Ann mordeu minha mãe. No pulso. Só isso.

-Está vendo? Não foi tão difícil assim. Boa menina - ele sussurrou, voltando a acariciar-me o mamilo.

-Agora dê-me algo que eu possa publicar.

-Não - ele olhou para mim e sorriu. - Do meu jeito.

Richard transou comigo mais uma vez naquela tarde e finalmente me deu, com má vontade, uma declaração sobre mudanças no rumo da

investigação, e uma provável prisão. Deixei-o dormindo em sua cama e fui correndo debaixo de chuva até meu carro. Um pensamento aleatório ressoava em minha mente: Amma teria tirado mais coisas dele.

Dirigi até o parque Garrett e fiquei sentada dentro do carro fitando a chuva, pois não queria voltar para casa. Amanhã esse lugar estaria repleto de crianças começando seu verão longo e no momento eu estava sozinha, sentindo-me confusa e burra. Não conseguia definir se havia sido tratada indignamente. Por Richard, pelos rapazes que tiraram-me a virgindade, por qualquer um. Em nenhuma discussão eu tendia a ficar a favor de mim mesma. Gostava da malevolência típica do Velho Testamento contida na frase teve o que mereceu. Às vezes a mulher merece.

Silêncio, e então não mais. O Camaro amarelo chegou retumbante ao meu lado. Amma e Kylie dividiam o banco do carona. Ao volante, um garoto de cabelos bagunçados, com óculos escuros de posto de gasolina, e uma camisa de baixo manchada; no banco de trás, um clone magricela dele. De dentro do carro saía fumaça e um odor de alguma bebida de sabor cítrico.

-Venha conosco, vamos a uma festinha - disse Amma, ofertando-me uma garrafa de uma vodca barata com sabor de laranja. Colocou a língua para fora e deixou uma gota de chuva cair sobre ela. Seus cabelos e sua blusinha curta já estavam pingando.

-Estou bem, obrigada.

-Não me parece que esteja. Anda, estão patrulhando o parque. E certo que vai levar uma multa por estar embriagada ao volante. Sinto seu cheiro daqui.

- Anda, chiquita - falou Kylie. - Pode nos ajudar a manter estes garotos na linha.

Refleti sobre minhas opções: voltar para casa e ficar bebendo sozinha. Ir para algum bar e ficar bebendo com qualquer sujeito que aparecesse. Acompanhar essa criançada e talvez escutar alguma fofoca interessante, no mínimo. Uma hora. Daí, voltar para casa e dormir para curar a bebedeira. Além disso, havia Amma e sua misteriosa cordialidade para comigo. Detestava admitir, mas estava ficando obcecada por aquela menina.

Elas vibraram quando entrei no banco de trás. Amma fez circular uma outra garrafa, um rum quente com sabor de loção de bronzamento. Fiquei preocupada por achar que me pediriam para lhes comprar bebidas alcoólicas. Não porque eu não o fizesse. Era patético, mas minha vontade era que apenas quisessem a minha companhia. Como se eu voltasse a ser popular. Não uma doente. E ainda com a aprovação da menina mais legal da escola. Tal idéia era quase suficiente para fazer com que eu saltasse do carro e voltasse andando para casa. Mas aí Amma me passou a garrafa de novo. O gargalo era um círculo de brilho cor-de-rosa para lábios.

O garoto ao meu lado, apresentado a mim apenas como Nolan, agitou a cabeça em uma saudação e limpou o suor de seu lábio superior. Braços magricelos com cascas de feridas e o rosto cheio de espinhas. Metanfetamina. O Missouri é o segundo estado mais viciado da União. Nós daqui sofremos de tédio e temos muitos agroquímicos. Quando eu era criança, eram mais os excluídos que a consumiam. Agora virara um entorpecente de festa. Nolan passava o dedo para cima e para baixo pelas nervuras de vinil do banco do motorista que estava à sua frente, mas olhou para mim por tempo o bastante para dizer:

-Você tem mais ou menos a idade da minha mãe. Gostei.

-Duvido que eu tenha a idade da sua mãe.

-Ela tem uns 33, 34....— Próxima o bastante.

-Como ela se chama?

- Casey Raybum. - Eu a conhecia. Poucos anos mais velha que eu. Das bandas da fábrica. Exagerava no gel para os cabelos e admirava os mexicanos matadores de galinhas da fronteira com o Arkansas. Durante um retiro da igreja, disse a seu grupo que já tentara suicidar-se. As garotas da escola apelidaram-na de Casey Gilete.

-Deve ter sido de uma turma anterior à minha - falei.

-Meu chapa, esta mulher era legal demais para andar com a prostituta drogada da sua mãe - disse o motorista.

-Vá se foder - murmurou Nolan.

-Camille, olha só o que a gente arrumou. - Amma inclinou-se para trás por sobre o banco do carona e seu traseiro ficou esbarrando no rosto de Kylie. Ela sacudia um frasco de comprimidos, mostrando-o para mim. — Oxy Contin. Dá uma sensação maravilhosa! - Ela colocou a língua para fora e pôs três, um atrás do outro como botões brancos, mascarou-os e os engoliu com um gole de vodca. - Experimente.

- Não, obrigada, Amma. — Oxy Contin é do bom. Consumo com sua irmã criança não é nada bom.

- Ora qual é, Mille! Só unzinho... - Ela tentava me persuadir com seu jeitinho. - Vai sentir-se mais leve. Estou me sentindo tão contente e ótima agora! Também tem de se sentir assim.

-Estou me sentindo bem, Amma. - Ela me chamar de Mille fez com que me recordasse de Marian. - Juro.

Ela virou-se de frente e soltou um suspiro, com uma cara irremediavelmente carrancuda.

-Qual é, Amma, não é possível que se importe tanto assim -falei, tocando-lhe o ombro.

- Mas me importei. - Eu não conseguia agüentar. Estava perdendo o controle. Sentia aquela necessidade perigosa de agradar, igual a antigamente. E até que era verdade, um não iria me matar.

-Está bem, está bem, dê-me um desses. Um só.

Instantaneamente ela se reanimou e deu outro pinote, voltando a ficar de frente para mim.

-Língua para fora. Como na comunhão. Comunhão de droga.

Pus a língua para fora, ela colocou o comprimido na ponta, e soltou um grito estridente.

- Boa menina. - Ela sorriu. Já estava farta daquela frase naquele dia.

Estacionamos do lado de fora de uma das grandes e antigas mansões vitorianas de Wind Gap, totalmente reformada e repintada com azuis, rosas e verdes burlescos que supostamente deveriam parecer originais e

modernas. Em vez disso, a casa parecia ser de um vendedor de sorvetes enlouquecido. Um garoto sem camisa vomitava nos arbustos que ficavam ao lado da casa. Duas crianças brigavam no que havia sobrado de um jardim de flores. Um jovem casal estava envolto em um abraço aracnídeo em um balanço de criança. Nolan foi abandonado dentro do carro e permanecia passando os dedos para cima e para baixo nas costas do banco. O motorista, Damon, trancou-o lá dentro “para ninguém sacaneá-lo”. Considerei aquele um gesto encantador.

Graças ao Oxy Contin eu me sentia bem disposta e, quando entramos na mansão, flagrei-me procurando rostos de minha juventude: rapazes de cabeças raspadas e casacos com a letra do time da escola, e meninas com permanentes e grossos brincos de ouro. O odor de Drakkar Noir e Georgio.

Ficaram no passado. Os rapazes daqui eram crianças com folgados shorts de skatista e tênis. As meninas usavam corpetes, minissaias e piercings no umbigo. Todos me olhavam como se eu fosse uma policial. Não, mas dei para um à tarde. Eu sorria e balançava a cabeça levemente para cima e para baixo. Estou animadíssima, pensei descuidadamente.

Na sala de jantar que mais parecia uma caverna, a mesa fora afastada para um dos lados de modo a criar espaço para as pessoas dançarem e para os coolers. Amma entrou agressivamente no círculo e se agarrou a um rapaz até que sua nuca ficasse vermelha. Ela cochichou em seu ouvido e, com sua permissão, abriu um dos coolers e dele tirou quatro cervejas, segurando-as contra o peito molhado e fingindo dificuldade para equilibrá-las enquanto sacolejava-se ao passar por um grupo de rapazes que a apreciava.

As outras já não eram tão enfáticas assim. Dava para perceber as críticas atravessando a festa como uma série de estalinhos. Mas as loirinhas

tinham dois aspectos positivos: em primeiro lugar, estavam com o traficante local, o que com certeza carregava um bocado de influência. Em segundo, eram mais bonitas do que quase todas as mulheres que por ali estavam, o que significava que os rapazes não as rejeitariam. E o dono desta festa era um rapaz, pelo que pude perceber vendo as fotografias sobre a parte superior da lareira na sala de estar. Um menino de cabelos escuros, agradavelmente bonito, posando de quepe e beca para a foto do último ano; ao lado, um retrato do pai e da mãe orgulhosos. Eu conhecia a mamãe: era a irmã mais velha de uma de minhas amigas do segundo grau. A idéia de estar em uma festa dada por seu filho deu-me a primeira onda de nervosismo.

- Aimeudeusaimeudeusaimeudeus... - Uma morena com olhos de sapo e uma camiseta proclamando orgulhosamente The Gap passou correndo por nós e agarrou uma outra igualmente com cara de anfíbio. - Eles vieram. Eles vieram pra valer.

- Caramba - respondeu a amiga. - Isso é bom demais. Devemos cumprimentá-los?

-Acho melhor a gente esperar e ver o que acontece. Se J.C. não quiser a presença deles, nós nem entramos no assunto.

-Com certeza.

Eu já sabia quem eram antes de vê-los. Meredith Wheeler adentrou a sala de estar puxando John Keene atrás de si. Algumas pessoas o cumprimentaram apenas com gestos de cabeça, outros ofereceram tapinhas no ombro. Outros, intencionalmente, viraram-lhes as costas e fecharam seus círculos. Nem John nem Meredith perceberam minha presença, o que me

causou alívio. Meredith notou a presença de um círculo de garotas magricelas e de pernas arcadas que presumi serem suas companheiras da torcida organizada da escola, de pé à porta da cozinha. Ela soltou um grito estridente e foi ao encontro delas toda saltitante, arrastando John pela sala de estar. As meninas foram ainda mais frias do que os rapazes.

- Oiiiiii - disse uma delas, sem sorrir. - Não falou que não viria?

-Pensei melhor e vi que era burrice. Qualquer um que tenha cérebro sabe que John é inocente. Não estamos dispostos a ficar em uma merda de exílio só por causa de toda essa... porra.

-Não é uma boa, Meredith. J.C. não vai gostar - disse uma ruiva que ou era namorada de J.C., ou queria ser.

-Vou conversar com ele - disse Meredith, em tom de lamúria. - Deixe-me conversar com ele.

Acho que vocês deveriam ir embora logo.

-É verdade que apreenderam as roupas de John? -perguntou uma terceira menina, pequenina, dona de um certo ar maternal. Era do tipo que termina segurando os cabelos das amigas enquanto elas vomitam.

-É verdade, mas foi só para descartarem-no completamente. Não porque ele está encrencado.

-Que seja - disse a ruiva. Detestei-a.

Meredith buscou mais rostos conhecidos pela sala, encontrou-me, e fez uma expressão de quem estava confusa. Viu Kelsey, e a expressão agora

era de fúria.

Deixando John ao lado da porta, fingindo olhar as horas em seu relógio, amarrar o sapato, e exibindo um ar indiferente enquanto todos cochichavam escandalosamente, ela veio a passos largos em nossa direção.

-O que estão fazendo aqui? — Seus olhos estavam cheios de lágrimas e sua testa ostentava várias gotas de suor. A impressão foi de que a pergunta não havia sido dirigida a nenhuma de nós. Talvez estivesse perguntando a si mesma.

-Damon nos trouxe. - Amma esganiçou, dando dois saltinhos com as pontas dos pés. - Não acredito que vocês vieram.

E com certeza não acredito que ele veio mostrar a cara.

-Nossa, como você é uma piranhazinha! Você não sabe de nada, sua merdinha que só dá para drogados. - A voz de Meredith estremecia como um pião que gira em direção à beira da mesa.

-Melhor do que esse para que você dá - disse Amma. - Oi!!!, matador.
- Ela acenou para John, que passou a impressão de ter notado sua presença pela primeira vez, e subitamente fez uma cara de quem tinha sido esbofeteado.

Ele estava prestes a vir até nós quando J.C. apareceu saindo de outro cômodo e o levou para conversarem. Dois rapazes altos discutindo morte e festas. A sala toda baixou o volume e ficou assistindo. J.C. bateu de leve às costas de John de um jeito que o apontou diretamente para a porta. John acenou para Meredith com a cabeça e se dirigiu à saída. Ela o seguiu rapidamente de cabeça baixa, cobrindo o rosto com as mãos. Pouco antes

que Jonh chegasse à porta, algum garoto deixou escapar com uma voz aguda e provocadora:

- Matador de criança! - Risadas nervosas e olhos revolvendo-se. Meredith, desenfreadamente, soltou um urro estridente, virou-se com os dentes expostos, gritou:

-Vão todos se foder! - e bateu a porta com violência.

O mesmo garoto imitou-a para todo mundo, um Vão todos se foder! recatado e feminino, projetando o quadril para o lado. J.C. voltou a aumentar o volume da música, com a voz pop sintetizada de uma adolescente fazendo provocações a respeito de sexo oral.

Minha vontade foi ir atrás de John e confortá-lo. Nunca havia visto uma pessoa com um ar tão solitário, e Meredith não me parecia muito apta a consolá-lo. O que ele iria fazer quando estivesse de volta àquela cocheira vazia, sozinho? Antes que pudesse ir correndo atrás dele, Amma agarrou-me a mão e me puxou para o andar de cima, para a “Sala VIP”, onde ela, as loirinhas e dois garotos do segundo grau com cabeças igualmente raspadas bisbilhotavam o armário da mãe de J.C., tirando suas melhores roupas dos cabides e atirando-as ao chão para fazerem um ninho. Subiram na cama, para dentro do círculo de cetim e peles. Amma me puxou para perto e tirou um comprimido de ecstasy de dentro do sutiã.

-Já brincou de Roleta Giratória? - ela me perguntou e eu agitei a cabeça negativamente. — A gente passa o ecstasy de língua em língua, e a pessoa em cuja língua ele terminar de dissolver é a grande vencedora. É do melhor bagulho de Damon e todos vamos brincar um pouquinho.

-Não, obrigada, não precisa se preocupar comigo - respondi. Quase concordei, só que aí vi a expressão de sobressalto dos garotos. Eu devia fazê-los lembrarem-se das mães.

-Ah, qual é, Camille, não vou contar para ninguém, pelo amor de Deus - disse Amma, em tom de lamúria, cutucando a unha. - Venha brincar comigo. Irmãs?

-Por favooor, Camille! - lamentaram Kylie e Kelsey. Jodes me observava em silêncio.

O OxyContin, a bebida, o sexo que fiz mais cedo, a tempestade que ainda caía lá fora, minha pele em ruínas (geladeira latejando impacientemente em um dos braços) e os pensamentos desonrosos sobre minha mãe. Não sei qual deles me bateu mais fundo, mas subitamente já estava permitindo que Amma beijasse meu rosto toda empolgada. Eu concordara com aquilo, e a língua de Kylie foi ao encontro de um dos garotos que, nervosamente, passou o comprimido para Kelsey, que lambeu o outro garoto, cuja língua era tão grande quanto a de um lobo, que regurgitou para Jodes que, indecisamente, pôs a língua para fora, oferecendo-a a Amma, toda estremecida. Amma enrolou a língua pequena, macia e quente pelo comprimido, colocou-o em minha boca, envolveu-me com os braços e o empurrou com força contra minha língua, até que pude senti-lo desintegrando-se lá dentro. E dissolvendo-se como algodão-doce.

-Beba bastante água - ela cochichou para mim, soltou risadinhas estridentes para o resto do círculo e atirou-se de costas sobre uma pele de visom.

-Porra, Amma, a brincadeira nem bem tinha começado! -repreendeu-a o garoto-lobo, com as bochechas ruborizadas.

-Camille é minha convidada. - Amma disse com ar de zombaria e arrogância. - Além disso, está precisando de um pouco de alegria. Ela viveu uma vidinha de merda. Nós temos uma irmã morta igual a John Keene. Ela nunca lidou com o fato. - Anunciou aquilo como se estivesse ajudando a quebrar o gelo entre convidados de um coquetel: David é dono de um armazém, James acabou de voltar de um compromisso na França, e, ah, claro, Camille nunca superou a morte da irmã. Alguém quer que encha de novo seus copos?

-Tenho que ir embora - falei, levantando-me bruscamente demais, com um cabide vermelho de cetim grudado em meu corpo. Eu tinha cerca de quinze minutos até começar a viajar de verdade e não queria estar ali quando acontecesse. De novo, contudo, O problema: Richard, por mais que bebesse, dificilmente perdoaria qualquer coisa mais séria. E eu com certeza não queria ficar em meu quarto fervente, sozinha e chapada, procurando escutar minha mãe.

- Venha comigo. - Amma ofereceu, deslizando a mão para dentro de seu sutiã com enchimento exagerado, tirando outro comprimido de seu forro, e jogando-o dentro da boca. Depois, abriu um sorriso grande e cruel na direção das outras crianças, que faziam expressões esperançosas, porém atemorizadas. Nada para elas.

-Vamos nadar, Mille. A sensação será fantástica quando começarmos a viajar. - Ela abriu um sorriso largo, exibindo dentes perfeitamente brancos e regulares. Eu não tinha mais como resistir. Parecia mais fácil fazer o que ela queria. Descemos a escada e entramos na cozinha (jovens rapazes com

rostos da cor do pêssego avaliavam-nos confusos - um era um tanto jovem demais; o outro, sem dúvida, velho demais). Fomos pegar garrafas d'água na geladeira (a palavra voltou subitamente a arfar em minha pele, como um cachorrinho percebendo a presença de um cão maior), que estavam imprensadas entre sucos e caçarolas, frutas frescas e pão branco, e fiquei subitamente comovida com aquela inocente e saudável geladeira familiar, tão ignorante à devassidão que se fazia presente em todos os outros cômodos da casa.

- Vamos, estou tão animada para nadar... - Amma declarou, frenética, puxando-me o braço como uma criança. O que ela era. Consumindo drogas com minha irmã de treze anos, eu murmurava para mim mesma. Mas passaram-se uns bons dez minutos e tal idéia passou a trazer apenas uma palpitação de felicidade. Ela era uma menina legal, minha irmãzinha, a mais popular de Wind Gap, e queria curtir em minha companhia. Ela me ama como Marian me amava. E eu sorria. O ecstasy produzira sua primeira explosão de otimismo químico. Eu sentia a droga subir dentro de mim como um grande balão experimental e esparramar-se no céu de minha boca, borrifando um ânimo prazeroso. Quase dava para sentir o gosto, como uma geléia cor-de-rosa efervescente.

Kelsey e Kylie começaram a nos seguir em direção à porta e Amma virou-se para trás, rindo.

-Não quero que vocês nos acompanhem - ela gargalhou parecendo cacarejar. - Fiquem aqui. Ajudem Jodes a dar para alguém. Ela está precisando de uma boa trepada.

Kelsey olhou para trás, na direção de Jodes, e fez uma carranca. Jodes estava parada, nervosa, na escada. Kylie olhou para o braço de Amma que

me envolvia a cintura. Elas trocaram olhares. Kelsey aconchegou-se junto a Amma e deitou a cabeça em seu ombro.

-Não queremos ficar aqui, queremos ir com você - ela choramingava.
- Por favor.

Amma deu de ombros, afastando-a, e olhou para ela sorrindo, como se fosse um pônei burro.

-Banque a boazinha e dê o fora, está bem? - disse Amma.

-Já estou farta de todas vocês. Vocês são um saco.

Kelsey ficou para trás, confusa, e seus braços permaneciam semi-estendidos. Kylie olhou para ela, deu de ombros, voltou dançando para onde estavam todos os outros, tirou a cerveja das mãos de um rapaz mais velho e ficou olhando para ele, lambendo os lábios. Então, olhou para trás para ver se Amma a observava. Mas não. Em vez disso, Amma guiava-me pela porta como um namorado cuidadoso. Descemos a escada e saímos para a calçada, onde pequeninas oscálidas amarelas nasciam em meio às rachaduras. Apontei.

-Lindas.

Amma apontou para mim e concordou, gesticulando com a cabeça.

-Adoro amarelo quando estou chapada. Está sentindo alguma coisa? - Retribuí o gesto, e o rosto dela clareava e escurecia conforme passávamos pelos postes de luz. A natação esquecida, em piloto automático na direção da casa de Adora. Sentia a pressão da noite sobre mim como uma camisola macia e molhada, e tive uma lembrança súbita de quando acordei toda

encharcada de suor no hospital de Illinois com um apito desesperado em meu ouvido. Minha colega de quarto, a líder de torcida, no chão, toda roxa e contraída com a garrafa de Windex a seu lado. Um ruído agudo, curto e hilário. Gases pós-morte. Uma explosão de riso em choque partiu de mim, aqui e agora, em Wind Gap, repetindo os que eu deixara escapar naquele quarto infeliz, naquela manhã amarela e pálida.

Amma segurou minha mão.

-O que acha de... Adora?

Senti minha viagem oscilar, e depois voltar a seu ritmo.

-Considero-a uma mulher muito infeliz - falei. - E perturbada.

-Sempre escuto os nomes que ela diz em suas sonecas: Joya, Marian... você.

-Fico satisfeita por não ter de escutar isso -falei, afagando a mão de Amma. - Mas lamento que tenha que passar por isso.

-Ela gosta de cuidar de mim.

- Ótimo.

- E estranho - disse Amma. - Depois que ela cuida de mim, eu gosto de transar.

Ela levantou a saia por trás e me mostrou um fio-dental cor-de-rosa bastante excitante.

-Não acho legal que deixe os garotos fazerem coisas com você, Amma. Porque é o que acontece. Na sua idade, não é recíproco.

-Às vezes, se você deixa uma pessoa fazer uma coisa com você, na verdade é você que está fazendo com a pessoa - disse Amma, puxando outro pirulito do bolso. Cereja. - Entende o que digo? Se uma pessoa quer fazer merda com você, e você deixa, você está fazendo mais merda ainda com a pessoa. Daí é que vem o controle. Contanto que você não chute o balde.

-Amma, é só que eu... - Mas ela já engatava outro assunto balbuciando.

-Eu gosto da nossa casa - Amma interrompeu. - Gosto do quarto dela. O chão é famoso. Vi uma vez numa revista. O título era "A Costa do Marfim: o estilo de vida do sul de antigamente. " Porque hoje em dia, é claro, não se consegue mais marfim. Uma pena. Uma pena de verdade.

Ela colocou o pirulito na boca, apanhou um vagalume do ar, segurou-o entre dois dedos e arrancou-lhe os fundilhos. Recolheu a luz que envolvia-lhe o dedo e fez um anel brilhante. Amma deixou cair o inseto moribundo à grama e ficou admirando a própria mão.

-As garotas gostavam de você na sua infância? - ela perguntou. - Porque com certeza não são legais comigo.

Tentei harmonizar a imagem de Amma, impetuosa, mandona, às vezes assustadora (pisando em meus calcanhares no parque - que menina de treze anos provoca um adulto assim?) com a de uma menina que ninguém

tratava com grosseria. Ela percebeu minha expressão e leu meus pensamentos.

-Não quis dizer que não são legais comigo. Elas fazem qualquer coisa que eu mandar. Mas não gostam de mim. No momento em que eu fizer merda, no momento em que eu fizer qualquer coisa que não seja admirável, serão as primeiras a se unir contra mim. Às vezes fico sentada no quarto antes de ir para a cama e escrevo todos os mínimos detalhes do que fiz e disse no dia. Depois, atribuo uma nota. Dez para uma atitude perfeita e Zero para "Devia me matar. Sou uma merda".

Quando eu estava no segundo grau, mantinha um registro de todas as roupas que usava a cada dia. Só as repetia depois que se passasse um mês.

- Como hoje, lá na festa. Dave Rard, um garoto do primeiro

ano que é um tesão, me disse que não sabia se conseguiria esperar um ano, sabe, para ficar comigo. Tipo: só depois que eu passasse para o segundo grau? Daí eu disse: "Então, não espere."

E fui embora. E todo mundo fez um "Aaahhhhh". Isso vale um Dez. Mas ontem eu tropecei na avenida Central na frente das meninas e elas riram. Isso vale um Zero. Talvez um Cinco, por que passei o resto do dia maltratando-as tanto que Kelsey e Kylie choraram. E Jodes chora sempre, isso já não é mais um desafio.

- É mais seguro ser temida do que ser amada - falei.

-Maquiavel - ela disse cantando, e seguiu andando saltitante e risonha. Só não consegui definir se era uma forma de escárnio de sua idade, ou energia juvenil genuína.

- Como conhece isso? - Fiquei impressionada e gostava mais dela a cada instante. Uma garotinha perturbada e inteligente. Bastante familiar.

-Conheço um monte de coisa que não deveria conhecer - ela falou, e passei a saltitar junto a ela. A droga tomara conta de mim, e enquanto eu tinha consciência de que sob circunstâncias sóbrias não estaria fazendo aquilo, estava feliz demais para me importar. Meus músculos cantavam.

-Para ser sincera, sou mais inteligente que a maioria dos meus professores. Fiz um teste de QI. Já deveria estar no segundo ano do segundo grau, mas Adora acha que preciso ter à minha volta crianças da minha idade. Pouco importa. Vou fazer o segundo grau longe daqui. Vou para a Nova Inglaterra.

Ela falou com aquela ligeira admiração de uma pessoa que conhecia a região apenas por fotografias, de uma garota que fomenta imagens patrocinadas pela associação das oito universidades de maior prestígio do país: Os inteligentes vão para a Nova Inglaterra. Não que eu deva julgar, já que também nunca fui para lá.

- Preciso ir embora daqui - disse Amma, com a esgotada afetação de uma dona de casa mimada. - Passo o tempo todo entediada. É por isso que sou assim. Sei que às vezes sou um pouco... desinteressada.

-Refere-se a sexo? - Eu me detive. Meu coração parecia batucar uma rumba em meu peito. O ar cheirava a íris e eu sentia o perfume flutuar para dentro de meu nariz, de meus pulmões e de meu sangue. Minhas veias cheirariam a púrpura.

É só para, você sabe, desanuviar. Você sabe. Eu sei que você sabe. - Ela segurou na minha mão e me ofereceu um sorriso meigo e puro, acariciando-lhe a palma, e seu toque talvez tenha me dado a melhor sensação do que qualquer outro que já tenha experimentado. Em minha panturrilha esquerda, doente suspirou subitamente.

-Como consegue desanuviar? - Agora já estávamos perto da casa de minha mãe e minha viagem atingia seu pico máximo. Meus cabelos assobiavam sobre os ombros como água morna e eu me balançava de um lado para o outro ao som de uma música imaginária. Havia uma concha de lesma à beira da calçada e meus olhos acompanharam os círculos de seu arabesco.

-Você sabe. Sabe como às vezes é preciso machucar.

Ela falou como se estivesse vendendo um novo produto para cabelos.

-Há maneiras melhores de se lidar com enfado e claustrofobia do que machucar - falei. - Você é uma menina inteligente, sabe disso.

Percebi seus dedos dentro dos punhos de minha blusa, tocando as saliências de minhas cicatrizes. Não a detive.

-Você corta, Amma?

-Eu machuco. - Ela soltou um guincho estridente e foi girando para o meio da rua, rodando de maneira extravagante com a cabeça para trás e os braços estendidos para os lados, como um cisne. - Adoro! -ela gritou. Aquele urro ecoou pela rua onde a casa de mamãe montava guarda à esquina.

Amma seguiu girando até estatelar-se no meio da rua, quando uma de suas pulseiras prateadas foi expelida e saiu rolando rua abaixo como se estivesse bêbada.

Queria conversar com ela sobre aquilo, bancar a adulta, mas o ecstasy arrebatou-me novamente em mais uma explosão de felicidade, e em vez de conversar, puxei-a do chão (rindo, seu cotovelo rasgado e sangrando) e fomos rodopiando em círculos a caminho da casa de nossa mãe. Seu rosto dividia-se em dois com aquele sorriso.

Seus dentes eram molhados e compridos, e percebi o quão arrebatadores podem ser para um assassino. Blocos quadrados de ossos cintilantes. Os frontais iguais a ladrilhos de mosaico para serem encravados em uma mesa.

- Estou tão feliz com você! - Amma riu e senti seu hálito quente e docemente embriagado em meu rosto. - Você é como se fosse minha alma gêmea.

-Você é como se fosse minha irmã - respondi. Blasfêmia? Não me importei.

-Eu te amo! - Amma gritou.

Girávamos tão rápido que minhas bochechas sacudiam, fazendo-me sentir cócegas. Eu ria como uma criança. Nunca me senti mais feliz do que neste momento, pensei. A luz da rua estava quase cor-de-rosa. Os compridos cabelos de Amma emplumavam-me os ombros e suas altas maçãs do rosto projetavam-se como colheradas de manteiga em sua pele bronzeada. Tive vontade de tocar uma delas, soltando minha mão da de

Amma, mas a quebra de nosso círculo nos fez cair tempestuosamente ao chão.

Senti o osso de meu tornozelo chocar-se contra o meio-fio-pop! - sangue explodindo, espirrando por minha perna. Bolhas vermelhas começaram a brotar no peito de Amma devido a sua própria derrapagem e queda. Ela olhou para baixo, depois para mim, com seus lindos e incandescentes olhos azuis, passou os dedos pela trama ensangüentada em seu peito e soltou um urro comprido e estridente. Então, deitou a cabeça em meu colo, rindo.

Amma correu um dedo pelo peito, equilibrando um botão achatado de sangue à sua ponta, e antes que eu pudesse impedi-la, passou-o em meus lábios. Senti um gosto de metal banhado em mel. Ela olhou para mim e acariciou-me o rosto, e permiti que o fizesse.

- Sei que acha que Adora gosta mais de mim, mas não é verdade - disse ela. Como se atendesse a uma deixa, a luz da varanda de nossa casa, bem lá no alto da colina, acendeu-se.

-Quer dormir no meu quarto? - Amma ofereceu, um pouco mais baixinho.

Imaginei nós duas sobre a cama dela, sob as cobertas de bolinhas, cochichando segredos, e caindo no sono entrelaçadas uma à outra, quando percebi que estava me imaginando com Marian, fugida de seu leito hospitalar, dormindo ao meu lado. As ronronadas calorosas que ela soltava conforme enrolava-se em minha barriga. Eu tinha que devolvê-la de fininho a seu quarto antes que mamãe acordasse de manhã. Grande emoção naquela casa silenciosa, aqueles cinco segundos, levando-a até o fim do corredor,

perto do quarto de minha mãe, temendo que a porta se abrisse justo naquele momento mas, ainda assim, quase torcendo para que acontecesse. Ela não está doente, mamãe. Foi o que planejei gritar caso algum dia fôssemos flagradas. Não tem problema, ela não está na cama porque não está doente de verdade. Eu havia esquecido o quanto acreditava naquilo desesperadamente, e com tanta certeza.

Graças às drogas, contudo, estas agora eram apenas lembranças alegres passando por meu cérebro como páginas de um livro de contos infantis. Marian assumia a aura de um coelho nessas lembranças, uma pequenina lebre vestida como minha irmã. Já quase sentia sua penugem quando despertei e vi os cabelos de Amma subindo e descendo por minha perna.

-E então, quer? - ela perguntou.

-Hoje não, Amma. Estou morta de cansada e quero dormir na minha própria cama. - Era verdade. A droga chegava rápido, batia forte e ia embora. Senti que ficaria sóbria dali a dez minutos e não queria que Amma estivesse por perto quando meus pés tocassem o chão.

-Posso dormir lá com você, então? - Ela estava de pé sob a luz de um poste. Sua saia jeans pendia de seu quadril pequenino e seu corpete estava torto e rasgado. Uma mancha de sangue avizinhava-se de seus lábios. Esperançosa.

-Não. Hoje vamos dormir separadas. Amanhã a gente se diverte.

Ela não disse nada, apenas virou-se e correu o mais rápido conseguiu em direção à casa com os pés chutando para trás, de um potro de desenho

animado.

- Amma! - gritei depois - Espere, pode ficar comigo, está bem? - Comecei a correr atrás dela. Tentar enxergá-la no escuro e sob o efeito de entorpecentes, era como tentar perseguir uma pessoa olhando para trás em um espelho. Não consegui perceber que sua saltitante silhueta se virara e agora corria ao meu encontro. De encontro a mim. Ela trombou impetuosamente contra mim, a testa tinindo contra meu maxilar, e voltamos a cair, desta vez, na calçada. Minha cabeça emitiu um ruído violento de algo que se quebra quando do impacto com o chão.

A dor em meus dentes inferiores era aguda. Permaneci deitada no chão por alguns instantes com os cabelos de Amma envoltos em meu punho. Um vaga-lume sobrevoou-nos e sua luz pulsava no mesmo ritmo de meu sangue. Então, Amma começou a rir como se estivesse cacarejando, agarrou a própria testa e ficou cutucando o ponto que já estava com uma mancha roxa, como o contorno de uma ameixa.

-Que merda, acho que você afundou o meu rosto.

-E eu acho que você afundou a parte de trás da minha cabeça - sussurrei. Sentei-me ereta e fiquei tonta. Um bocado de sangue que a calçada estancara agora escorria por minha nuca.

-Caramba, Amma! Você é bruta demais!

-Achei que gostasse de brutalidade. - Ela estendeu a mão e me ajudou a levantar. O sangue de minha cabeça passou a escorrer pela frente. Então, Amma tirou de seu dedo médio um pequenino anel dourado com um

peridoto verde-claro e colocou-o em meu dedo mínimo. - Tome. Quero que seja seu.

Balancei a cabeça em sinal negativo.

- Quem quer que tenha dado isto a você iria querer que ficasse com ele.

-Foi Adora que, mais ou menos, me deu. Ela não liga, acredite. Iria dá-lo para Ann, mas... bom, agora Ann se foi e o anel estava lá, jogado. É feio, não é? Gostava de fingir que ela o tinha dado para mim. O que é improvável, já que me odeia.

- Ela não odeia você. - Começamos a caminhar na direção de casa. A luz da varanda luzia lá no topo da colina.

-Ela não gosta de você. - Amma arriscou.

-Não mesmo.

-Ora, também não gosta de mim. Só que de um jeito diferente. - Subimos a escada esmagando amoras sob os pés. O ar cheirava a glacê de bolo de criança.

-Ela passou a gostar mais ou menos de você depois que Marian morreu? - ela perguntou, cruzando o braço com o meu.

-Menos.

-Então, não adiantou nada.

-O quê?

-Ela morrer não melhorou em nada as coisas.

-Não. Agora, silêncio até chegarmos ao meu quarto, está bem?

Subimos a escada com o máximo de silêncio possível. Mantive a mão sob a dobra de minha nuca para estancar o sangue. Amma me seguia perigosamente, parando para sentir o aroma de uma rosa no vaso do saguão e abrindo um sorriso para seu reflexo no espelho. Como sempre, silêncio no quarto de Adora.

E aquele ventilador zunindo no escuro atrás da porta fechada.

Fechei a porta do quarto depois que entramos, tirei os tênis encharcados de água da chuva (cheios de pedaços de grama recém-cortada), limpei o suco de amoras esmagadas da perna e comecei a puxar a blusa para cima até que notei que Amma me observava. Colocando a blusa de volta no lugar, fingi cambalear e deitar na cama, exausta demais para me despir. Puxei as cobertas para cima e me enrolei para o lado oposto ao que Amma estava, murmurando um boa noite. Escutei-a largar as roupas pelo chão e, dentro de um segundo, a luz já estava apagada. Na cama, enrolada atrás de mim, ela vestia apenas uma calcinha.

Tive vontade de chorar com a idéia de poder dormir ao lado de uma pessoa sem roupas, sem me preocupar com que palavra pudesse sair de baixo de uma manga ou bainha da calça.

- Camille? - Uma voz de criança baixinha e insegura. - Sabe como às vezes as pessoas dizem que precisam machucar porque, se não o fizerem, de tão entorpecidas, não vão sentir nada?

-Mmm.

-E se for o contrário? - Amma cochichou. - E se a pessoa machuca porque a sensação é boa demais? Como se desse um formigamento, como se alguém esquecesse um interruptor ligado em seu corpo. E a única coisa que pudesse desligar o interruptor fosse machucar? O que isso significa?

Fingi dormir. Fingi não sentir os dedos dela delineando desaparecer repetidamente em minha nuca.

Um sonho. Marian, com sua camisola branca grudada de tanto suor e um cacho loiro colado à bochecha. Ela pega minha mão e tenta me puxar da cama. - Não é seguro aqui - ela sussurra. - Não é seguro para você. — Digo para que me deixe quieta.



Capítulo 13

Já passava das duas quando acordei. Meu estômago enrolava-se em sim mesmo e meu maxilar doía por ter passado cinco horas consecutivas rangendo os dentes. Merda de ecstasy. Amma também enfrentara problemas, presumi. Deixara uma pilha pequenina de cílios sobre o travesseiro ao meu lado. Varri-os para a palma de minha mão e fiquei brincando com eles. Rígidos devido ao rímel, soltaram um borrão azul-escuro na depressão da palma de minha mão. Joguei-os em um pires que se encontrava sobre a mesinha-de-cabeceira. Então, fui para o banheiro e vomitei. Nunca me importei em vomitar. Quando passava mal em minha infância, lembro-me da mamãe segurando meus cabelos para trás e falando com sua voz tranquilizante: Coloque todas as coisas ruins para fora, meu amor. Só pare depois de se livrar de tudo. Descobri que gosto do esforço para vomitar, da debilidade posterior, e da saliva. Previsível, eu sei, mas é a verdade.

Tranquei a porta, despi-me de todas as roupas e voltei para a cama. A dor começava em meu ouvido esquerdo, passava pela cabeça, pelo pescoço, e descia pela coluna. Meus instintos estavam péssimos. Eu mal conseguia mexer a boca, tamanha era a dor, e meu tornozelo estava em chamas. E eu

continuava a sangrar. Dava para perceber pelos lençóis repletos de manchas vermelhas do lado de Amma também havia sangue. Uma leve borrifada onde roçava o peito e na mancha mais escura no próprio travesseiro.

Meu coração batia com muita força e eu não conseguia recuperar o fôlego. Precisava descobrir se minha mãe sabia do que houve. Será que viu sua Amma? Será que eu estava encarcerada? Senti um enjoo por causa do pânico. Algo de horrível estava prestes a acontecer. Em meio à minha paranoia, eu sabia o que estava acontecendo de verdade: meus níveis de serotonina, tão alçados às alturas devido às rogas consumidas na noite anterior, mergulharam fundo e me jogaram na escuridão. Tentava me convencer disso ao mesmo tempo em que escondia o rosto no travesseiro e começava a soluçar. Havia me esquecido das meninas, caramba, não cheguei sequer a pensar nelas: Ann falecida e Natalie falecida. Pior ainda, eu traíra Marian. Substituíra-a por Amma e a ignorara em meu sonho. Consequências seriam inevitáveis. Chorei com a mesma força, do mesmo jeito purificador que vomitara, até que o travesseiro ficasse todo molhado, e o rosto, inchado como o de um bêbado. Então, uma sacudidela na maçaneta da porta. Silenciei-me, passando a mão no rosto e rezando para que o silêncio fizesse aquilo ir embora.

- Camille. Abra a porta. – Era minha mãe, mas sua voz não estava zangada. Convincente. Até simpática. Permaneci em silêncio. Mais algumas sacudidas. Uma batida. Então, silêncio, conforme ela ia embora.

Camille. Abra a porta. A imagem de mamãe sentada à beira da cama com uma colher cheia de um xarope de odor azedo pairando sobre mim. Seus remédios sempre fizeram com que me sentisse ainda mais doente do

que já estava. Estômago fraco. Não era tão ruim quanto o de Marian, mas ainda assim era fraco.

Minhas mãos começaram a suar. Por favor, não permita que ele volte. Tive uma visão de Curry, com uma de suas gravatas horríveis agitando-se desenfreadamente sobre a barriga, entrando à força no quarto para me salvar. Levando-me embora em seu fumegante Ford Taurus, Eileen acariciando-me os cabelos no retorno de Chicago.

Minha mãe colocou uma chave na fechadura. Nunca soube que tinha uma chave do meu quarto. Ela adentrou o quarto presunçosamente, com o queixo bastante erguido, como sempre, e a chave pendendo de uma comprida fita cor-de-rosa. Trajava um vestido de verão azul-esmalte e trazia uma garrafa de álcool isopropílico, uma caixa de lenços de papel e um bolsinha de cosméticos em vermelho acetinado.

- Oi, meu amor – ela suspirou. – Amma me contou o que houve com vocês minhas coitadinhas... ela passou mal a manhã inteira. Juro para vocês, e sei que vai parecer presunção, mas excetuando-se a que é produzida em nossa fábrica, está impossível confiar nas carnes vendidas hoje em dia. Amma disse que deve ter sido o frango...

- Deve ter sido –concordei. Não podia fazer nada além de acompanhar qualquer mentira que Amma houvesse inventado. Estava evidente que ela era capaz de manipulá-la melhor que eu

- Não acredito que vocês desmaiaram logo na escada de nossa própria casa, a poucos metros de onde eu dormia. Detesto imaginar isso – disse Adora. – Os machucados dela! Alguém que não sabe imaginaria que ela brigou com outra menina...

Não havia como minha mãe levar fé naquela história. Ela era especialista em doenças e machucados, e só acreditaria naquilo se quisesse. Mas agora ela iria cuidar de mim eu estava desesperada e fraca demais para repeli-la. Comecei a chorar de novo, sem conseguir parar.

- Estou passando mal, mamãe.

- Eu sei, meu amor – Ela tirou o lençol de cima de mim, puxando-o até passar de meus dedos dos pés, uma investida eficiente. Quando, instintivamente, me cobri com as mãos, ela as segurou e as colocou de maneira bem a meu lado.

- Preciso ver onde está machucado, Camille. – Ela inclinou meu maxilar de um lado para o outro e puxou meu lábio inferior para baixo, como quem examina um cavalo. Ergueu vagarosamente cada um de meus braços e perscrutou minhas axilas, pressionando os dedos nas concavidades. Passou a mão em meu pescoço para sentir se havia alguma glândula inchada. Eu me lembrava da sequência. Colocava a mão entre minhas pernas, rápida e profissionalmente. Sempre dizia ser a melhor maneira de aferir a temperatura. Então, suave e levemente, desceu os dedos gélidos por minhas pernas e espetou o polegar bem em cima da ferida aberta em meu tornozelo arrebatado. Radiantes manchas verdes explodiram à frente de meus olhos e automaticamente dobrei as pernas para baixo do corpo, virando-me de lado. Ela aproveitou o momento para cutucar-me a cabeça até chegar ao ponto que parecia uma fruta esmagada em seu topo.

-Só mais um pouquinho, Camille, e tudo estará terminado. – Ela molhava lenços em álcool e os esfregava em meu tornozelo até que eu não fosse capaz de ver nada além de lágrimas e muco. Então, enrolou-o bem apertado em gazes que cortava com uma pequenina tesoura tirada de sua

bolsinha de cosméticos. A ferida começou a sangrar imediatamente e logo o curativo parecia a bandeira do Japão: um branco límpido com um desafiante círculo vermelho no meio. Depois, inclinou-me a cabeça para baixo com uma das mãos e senti um insistente arrancar de meus cabelos. Ela os cortava ao redor do ferimento. Comecei a evitá-la.

- Não ouse fazer isso. Camille. Vou acabar cortando você. Volte a deitar-se e comporte-se como uma boa menina. – Ela pressionou a mãos gélida em meu rosto, segurando-me a cabeça no lugar junto ao travesseiro, e tictictic. Cortou-me um chumaço de cabelos até que senti livramento. Uma sinistra exposição ao ar a que meu couro cabeludo não estava acostumado. Coloquei a mão e senti um trecho espinhoso do tamanho de metade de uma nota de dólar em minha cabeça. Rapidamente mamãe tirou minha mão, prendeu-a a meu lado, e começou a passar álcool em meu couro cabeludo. Voltei a perder o fôlego de tão atordoante que era a dor.

Ela me girou, colocando-me de costas, e passou um pano úmido em meus membros como se eu estivesse adoentada. Seus olhos estavam rosados no lugar em que arrancara os cílios. As bochechas exibiam um enrubescer típico de uma garotinha. Ela puxou a bolsinha de cosméticos e começou a peneirar dentre várias caixas de comprimidos e tubos, encontrando um quadrado de lenços dobrados lá no fundo, compactados e ligeiramente manchados. Do meio deles, tirou um comprimido azul-ferrete.

- Só um segundo, querida.

Escutei-a descer os degraus com pressa e sabia que ia à cozinha. Depois, as mesmas passadas rápidas voltando ao quarto. Trazia um copo de leite às mãos.

- Tome, Camille, beba com isso.

- O que é isto?

- Remédio. Evitará infecções e eliminará qualquer bactéria que tenha ingerido com aquela comida.

- O que é? – repeti a pergunta.

Algumas manchas cor-de-rosa povoaram o peito de mamãe e seu sorriso começou a vacilar como uma vela em meio a uma corrente de ar. Aparecendo, sumindo, aparecendo, sumindo, tudo dentro de um segundo.

- Camille, sou sua mãe e você está na minha casa. – Olhos rosados sem vida. Dei-lhe as costas e entrei em mais uma explosão de pânico. Alguma coisa ruim. Alguma coisa que eu havia feito.

- Camille. Abra. – Voz relaxante, adúladora. Cuidar começou a palpitar próxima à minha axila esquerda.

Lembrei-me da infância, rejeitando todos aqueles comprimidos e remédios e, perdendo-a por fazê-lo. Ela me fazia lembrar de Amma e seu ecstasy, induzindo com lisonjas, precisando que eu aceitasse que a submissão. Minha pele estava em brasa onde ela limpava. A sensação era igual à daquele calor saciante que chaga depois de um corte. Pensei em Amma e no quanto parecera satisfeita envolta nos braços de minha mãe, frágil e cheia de suor.

Virei-me de frente e deixei que mamãe colocasse o comprimido sobre minha língua, despejasse o leite espesso em minha garganta, e me beijasse.

Depois de alguns minutos eu já dormia. O fedor de meu hábito fluía para dentro de meus sonhos como uma névoa azeda. Mamãe veio para junto de mim em meu quarto e me disse que eu estava doente. Deitou-se sobre mim e juntou a boca à minha. Eu sentia seu hálito em minha garganta. Foi então que começou a me morder. Quando se afastou, olhou para mim sorrindo e alisou-me os cabelos para trás. Depois, cuspiu meus dentes às mãos.

Sofrendo de vertigens e fervendo, acordei enquanto anoitecia. Havia uma crosta de saliva seca descendo pelo pescoço. Débil. Envolvi-me em um roupão fino e comecei a chorar de novo, quando me lembrei do círculo na parte de trás de minha cabeça. Você está apenas saindo do efeito do ecstasy, sussurrei para mim mesma, afagando meu rosto com a mão. Um corte de cabelo ruim não é o fim do mundo. Você resolve fazendo um rabo-de-cavalo.

Comecei a descer o corredor arrastando os pés. Minhas articulações estalavam, saindo e voltando para o lugar. Os nós de meus dedos estavam inchados, mas não sabia o porquê. Lá embaixo, mamãe cantarolava. Bati à porta de Amma e escutei boas-vindas que mais pareciam uma lumúria.

Ela estava sentada no chão, nua, à frente de sua enorme casa de bonecas, com o polegar na boca. Suas olheiras estavam quase roxas e mamãe colara curativos em sua testa e peito. Amma envolvera sua boneca predileta em lenços de papel, todos salpicados com caneta hidrocor vermelha, e a colocara sentada sobre a cama.

-O que ela fez com você? – Amma perguntou, sonolenta, quase sorrindo.

Virei-me para que viesse meu círculo desmatado.

- E me deu alguma coisa que fez com que me sentisse bastante grogue e enjoada – falei.

- Azul?

Confirmei com um menear de cabeça.

-É mesmo, ela gosta do azul – Amma resmungou. – Você desaba no sono, sente um calor incrível e se baba toda. Daí, ela convida as amigas para vir e olhar você.

- Não é a primeira vez que ela fez isso? – Meu corpo ficou gélido sob o suor. Eu tinha razão: algo de horrível estava prestes a acontecer.

Ela deu de ombros.

- Não ligo. Às vezes eu não tomo, só finjo. Assim as duas ficam satisfeitas. Fico brincando com as bonecas ou leio, e quando a escuto chegando, finjo dormir.

- Amma? – Sentei-me no chão a seu lado e fiquei acariciando-lhe os cabelos. Eu precisava ser delicada. – Ela lhe dá muitos comprimidos e remédios?

- Só quando estou ficando doente.

- O que acontece quando os toma?

- Às vezes fico toda quente e desequilibrada e ela precisa me colocar na banheira com água gelada. Às vezes sinto vontade de vomitar. Às vezes

fico toda febril, fraca e cansada e só quero dormir.

Estava acontecendo de novo. Igualzinho a como era com Marian. Senti a bÍlis lá no fundo de minha garganta, um aperto. Comecei a chorar de novo, levantei-me e voltei a me sentar. Meu estômago agitava-se violentamente. Apoiei a cabeça nas mãos. Amma e eu estávamos doentes igualzinho a Marian. Aquilo teve que se tornar tão óbvio para mim para que eu, enfim, entendesse... com praticamente vinte anos de atraso. Minha vontade era gritar de tanta vergonha.

- Venha brincar de boneca comigo, Camille. – Ou ela não percebeu, ou ignorou minhas lágrimas.

- Não posso, Amma. Preciso ir trabalhar. Lembre-se de estar dormindo quando mamãe voltar.

Arrastei roupas para cobrir minha pele dolorida e olhei meu reflexo no espelho. O que está imaginando é loucura. Está sendo irracional. Mas não estou. Minha mãe matou Marian. Minha mãe matou aquelas garotinhas.

Fui tropeçando até o vaso sanitário e vomitei um torrente de água quente e salgada. A água da privada respingava em minhas bochechas, eu ajoelhada. Quando meu estômago se acalmou, percebi que tinha companhia. Mamãe estava de pé atrás de mim.

- Coitadinha do meu docinho... – ela murmurou. Sobressaltei-me e m afastei dela de quatro mesmo. Apoiei-me contra a parede e olhei para cima, para ela.

- Por que está arrumada, meu amor? – ele perguntou – Não reúne condições de ir a lugar algum.

- Preciso sair. Tenho que ir trabalhar um pouco. O ar fresco me fará bem.

- Camille, voltei já para a cama. – Sua voz era penetrante e urgente. Ela marchou até minha cama, puxou as cobertas e me mostrou-me com leves batidas. – Anda, doçura, precisa tratar de sua saúde com Inteligência.

Levantei-me cambaleando, apanhei a chave do carro que estava sobre a mesa e passei direto por ela.

- Não posso, mamãe; mas não demoro.

Deixei Amma lá em cima com suas bonecas doentes e desci tão rapidamente a entrada da garagem que cheguei a amassar o para-choque dianteiro. Uma gorda empurrando um carrinho de bebê agitou a cabeça em sinal desaprovador, olhando para mim.

Comecei a dirigir em direção a lugar nenhum, tentando colocar meus pensamentos em ordem, percorrendo os rostos de gente que conhecia em Wind Gap. Precisava de alguém que me dissesse claramente que eu estava enganada em relação a Adora; ou o contrário, que tinha razão. Alguém que a conhecesse e que tivesse a perspectiva de um adulto durante o período de minha infância. Alguém que tenha vivido aqui enquanto eu estava longe. Subitamente lembrei-me de Jackie O’Neele, de seus chicletes , de suas bebidas e suas fofocas. Sua ternura maternal desajeitada por mim e o comentário que agora soava como um alerta: tanta coisa deu errado. Eu precisava de Jackie, rejeitada por Adora, totalmente sem filtro, uma mulher que conheceu por Adora, totalmente sem filtro, uma mulher que conheceu a vida inteira e minha mãe. E que, evidentemente, queria dizer alguma coisa.

A casa de Jackie ficava a poucos minutos, uma moderna mansão projetada para parecer uma casa colonial de antes da Guerra Civil. Um rapaz branco e esquelético estava sentada, encurvado e fumando, sobre um carrinho de cortar grama, dirigindo-o para a frente e para trás em pequenas retas. Suas costas estavam cheias de espinhas inchadas e inflamadas que pareciam feridas de tão grandes. Mais um viciado em metanfetamina. Jackie deveria eliminar o atravessador e dar logo as vinte pratas diretamente ao fornecedor.

Reconheci a mulher que atendeu a porta. Geri shilt, aluna de Calhoon, adiantada apenas um ano em relação a mim. Trajava um engomado vestido de enfermeira, assim como Gayla, e continuava ostentando uma verruga cor-de-rosa e arredondada na bochecha que sempre me fizera sentir pena dela. Ver Geri, um rosto tão prosaico do passado, quase fez com que eu desse as costas, voltasse ao carro e me esquecesse de todas as preocupações. Uma pessoa que era uma zé-ninguém em meu mundo me fez questionar o que estava imaginando. Mas não fui embora.

- Oi, Camille, o que posso fazer por você? – Passava a impressão de que minha razão de que minha razão para estar ali não lhe preocupava o mínimo interesse. Uma ilustre de curiosidade que a diferenciava das outras mulheres de Wind Gap. Não devia ter nenhuma amiga com quem fofocar a respeito.

- Oi, Geri, não sabia que trabalhava para os O’Neele.

- Não haveria por que saber – disse ele, fracamente.

Os três filhos de Jackie, nascidos em sequência, deveriam ter acabado de entrar nos vinte e dois, talvez. Recordo-me que eram garotos fortes e

troncudos que sempre usavam shorts curtos de poliéster e grandes anéis dourados de Calhoon com jóias de um azul ardente ao centro. Tinham os olhos exageradamente redondos e a oclusão defeituosa, branca e reluzente de Jackie, Jimmy, Jared e Johnny. Eu escutava pelo menos dois deles, aproveitando as férias de verão da faculdade para visitar a família, trocando passes com a bola de futebol americano no quintal. Pelo que deu para entender da agressiva expressão de enfado de Geri, deve ter resolvido que a melhor maneira de lidar com eles seria não atrapalhá-los.

- Voltei a cidade... – comecei.

- Já sei o motivo – disse ela, com um tom que não era acusador nem generoso. Uma mera frase. Eu era simplesmente mais um obstáculo em seu dia.

- Minha mãe é amiga de Jackie, e achei..

- Eu sei quem são as amigas de Jackie, pode acreditar – disse Geri.

Não parecia propensa a me deixar entrar. Em vez disso, me olhou de cima a baixo, e depois para o carro que eu estacionara à frente.

- Jackie é amiga de muitas mães de amigas suas – Geri acrescentou.

- Mmmm. Atualmente não tenho lá tantas amigas por aqui. – Era um fato que me trazia orgulho, mas assumi deliberadamente um ar de decepção ao falar. Quanto menos ela sentisse antipatia por mim, mais rápido me deixaria entrar, e eu estava sentindo uma necessidade premente de conversar com Jackie antes de acabar falando alguma coisa que fizesse com que me mandassem embora. – Para falar a verdade, nem na época em que eu morava aqui, não considerava que tinha lá tantas amigas assim.

- Katie Lacey. A mãe dela convive com todas.

A boa Katie Lacey de sempre, que me arrastou àquela reunião de compadecimento e se virou contra mim. Eu a imaginava trovejando pela cidade naquela caminhonete, com suas lindas menininhas empoleiradas no banco traseiro, perfeitamente arrumadas, de prontidão para imperarem sobre as outras crianças.

Aprenderiam com a mamãe a serem especialmente cruéis com as feias e as pobres, meninas que queriam apenas serem deixadas em paz. Seria pedir demais.

- Katie Lacey é uma mulher que me envergonha por algum dia tê-la tratado com alguma cordialidade.

- É, mas tudo bem, você era decente – disse Geri. Só então me lembrei que ela tinha um cavalo chamado Manteiga. A piada era que, é claro, até o animal de Geri fazia engordar.

- Não é bem verdade – Eu nunca participara de ações diretas de crueldade, mas também nunca as impediria. Sempre ficava na linha lateral, como uma sombra aflita, e fingi rir.

Geri continuava de pé à porta, preenchendo o espaço olhando para o relógio barato que usava ao redor do pulso, apertado como um elástico, evidentemente perdida em suas próprias lembranças. Ruins.

Então, que razão ela encontrava para permanecer em Wind Gap? Eu esbarrava com tantos dos mesmos rostos desde que voltara... meninas com quem cresci, que nunca tiveram firmeza para irem embora. Era uma cidade que já estava satisfeita com a TV a cabo e uma loja de conveniência. Os que

permaneciam aqui continuavam tão segregados quanto antes. Mulheres lindas e mesquinhas como Katie Lacey, que agora moravam, previsivelmente, em uma casa vitoriana reformada a poucos quarteirões de nós, jogavam no mesmo tênis clube de Woodberry que Adora, e realizavam a mesma romaria trimestral a St. Louis para fazer compras. As feias e atormentadas como Geri Shilt permaneciam empacadas, limpando o que as bonitas sujam, de cabeça baixa e ar taciturno, esperando mais abusos. Mulheres que não eram obstinadas ou inteligentes o bastante para irem embora. Mulheres sem imaginação. Assim, permaneciam em Wind Gap e viviam suas vidas de adolescente em uma reprise infinita. E agora eu estava presa ali com elas, incapaz de me libertar.

- Vou avisar a Jackie que está aqui. – Geri foi pelo caminho mais longo para chegar à escada dos fundos. Preferiu dar a volta pela sala de estar a passar pela cozinha envidraçada que a deixaria exposta aos meninos de sua patroa.

O cômodo ao qual fui conduzida era de um branco obscuro, com manchas coloridas berrantes – como se uma criança travessa o tivesse pintado com os dedos. Almofadas decorativas vermelhas, cortinas amarelas e azuis, e um brilhante vaso verde com flores vermelhas de cerâmica. Pendurada acima da parte superior da lareira, uma fotografia ridícula de Jackie em preto-e-branco, olhando de esguelha, os cabelos exageradamente armados e unhas curvadas recatadamente sob o queixo. Parecia um daqueles cachorrinhos de madame exageradamente enfeitados. Mesmo no estado nauseante em que estava, não consegui deixar de rir.

- Minha querida Camille! – Jackie atravessou a sala com os braços estendidos para os lados. Ela vestia um roupão de cetim e usava brincos de

diamantes que mais pareciam blocos. – Veio me fazer uma visita... Sua cara está horrível, meu amor! Geri, traga-nos uns Bloody Marys, agora! – Ela berrou, literalmente, comigo e depois com Geri. Deve ter sido uma risada. Geri prolongava-se à porta, até que Jackie bateu palmas, olhando para ela.

- Estou falando sério, Geri. E lembre-se de pôr sal na borda desta vez. – Ela voltou-se para mim. – Anda tão difícil arrumar boas serviçais hoje em dia... – ela resmungou seriamente, sem saber que ninguém fala assim de verdade, só na TV. Tenho certeza de que Jackie vê televisão o tempo inteiro, com um drinque em uma das mãos, o controle remoto na outra, e as cortinas cerradas conforme os programas matinais de entrevistas viram novelas, que passam gradualmente a programas de tribunais, que se transformam em reprises, sitcoms, dramas criminais, e filmes bem tarde da noite a respeito de mulheres estupradas, perseguidas, traídas ou assassinadas.

Geri trouxe os drinks em uma bandeja, junto com vidros de aipo, pickles e azeitona e, recebendo ordens, fechou as cortinas e foi embora. Jackie e eu ficamos sentadas sob pouca iluminação, naquele congelante quarto branco com ar refrigerado, e passamos alguns segundos trocando olhares. Então, ela abaixou-se e puxou a gaveta da mesinha de centro. Dentro dela, três de esmalte para as unhas, uma Bíblia em péssimas condições e mais de meia dúzia de vidros laranjas de remédios controlados. Pensei em Curry e nos espinhos cortados das rosas.

- Quer um analgésico? Tenho uns bons aqui.

- É melhor eu manter pelo menos o mínimo que seja de meu juízo. – recusei sem saber muito bem se a oferta era séria. – Parece que já pode quase abrir sua própria farmácia.

- Ah, claro. Sou bastante sortuda... – Eu sentia o cheiro de sua ira misturada com suco de tomate. – OxyContin, Percocet, Percoden, qualquer remédio novo que meu médico mais recente tinha em estoque. Mas devo admitir, eles são bem mais legais. – Ela despejou alguns comprimidos brancos e redondos sobre a mão, tomou-os com o drinque e olhou para mim com um sorriso.

- O que você tem? –perguntei, quase com medo da resposta.

- Agora é que vem a melhor parte, meu amor. Ninguém descobre porra nenhuma. Um diz que é lúpus, o outro diz que é artrite, e um terceiro diz que é alguma espécie de síndrome auto-imune. E um quarto e um quinto dizem que é tudo coisa da minha cabeça.

- O que é que você acha?

- O que é que eu acho? – Ela perguntou, revolvendo os olhos. – Acho que contanto que sigam fabricando os remédios, provavelmente não me importo tanto assim. – ela riu de novo. – São muito legais.

Não consegui definir se estava bancando a resignada ou se já estava realmente viciada.

- Fico até um pouco surpresa por Adora também não ter seguido a onda das doenças. – Ela me olhou de soslaio. – Achei que uma vez que eu o fizesse, ela tentaria se igualar, não é verdade? Mas ela não teria uma besteira qualquer como lúpus. Encontraria uma maneira de contrair... sei lá, câncer no cérebro. Não é mesmo?

Ela tomou mais um gole de Bloody Mary e ficou com um pouco de vermelho e de sal no lábio superior, o que a fez parecer inchada. Aquele

segundo gole a acalmou, e assim como fizera no enterro de Natalie, ficou me olhando insistentemente, como se tentasse memorizar meu rosto.

- Meu bom Deus, é tão estranho vê-la tornar-se adulta... – disse ela, dando-me tapinhas no joelho. – O que veio fazer aqui, meu amor? Está tudo bem em casa? Provavelmente não. O problema é... O problema é sua mãe?

- Não, nada disso. – Eu detestava ser tão óbvia.

- Ah... – Ela pareceu desanimada, levando a mão ao roupão em um gesto tirado de algum filme em preto-e-branco. Eu não agira corretamente com ela, tinha me esquecido que por aqui incentivavam-nos a gostar abertamente de uma boa fofoca.

- Quer dizer, desculpe-me, não fui sincera. Quero, sim, conversar sobre minha mãe.

Jackie animou-se instantaneamente.

- Impossível decifrá-la com exatidão, hein? Anjo, diabo, ou os dois, não é mesmo? - Ela pôs uma almofada verde de cetim sob as nádegas pequeninas e levou os pés ao meu colo. – Querida, pode fazer uma massagenzinha? Estão limpos. – ela resgatou, debaixo do sofá, um saco de doces pequeninos, do tipo que se distribui durante o Halloween, e colocou-o sobre a barriga. – Nossa, vou ter que me livrar deles depois, mas vai ser gostos quando estiverem descendo.

Aproveitei-me daquele momento alegre.

- Minha mãe sempre foi... deste jeito que é agora? – Encolhi-me devido ao constrangimento que a pergunta me fez sentir, mas Jackie soltou

uma risada parecida com a de uma bruxa.

- Como assim, queridinha? Linda? Graciosa? Amada? Ruim? – Ela mexia os dedos dos pés enquanto desembulhava um chocolate. – Massageie. – Comecei a esfregar-lhe os pés gelados cujas solas eram duras como o casco de uma tartaruga. – Adora. – Ora, caramba. Adora era rica, linda, e os loucos dos pais dela mandava, e desandava, na cidade. Trouxeram aquela maldita fazendo de porcos para Wind gap e criaram centenas de empregos. Naquela época também havia uma fábrica de processamento de nozes. Eles mandavam em tudo. Todo mundo puxava o saco dos Preaker.

- Como era a vida dela... em casa?

- Adora era... excessivamente cuidada. Nunca vi as avó Joya sorrir para ela ou tocá-la de forma carinhosa, mas ela não tirava as mãos de cima de Adora. Sempre arrumando-lhe os cabelos, ajeitando-lhe as roupas e... ah, ela fazia uma coisa. Em vez de lambar o polegar e esfregá-lo em alguma mancha, ela lambia sua mãe. Do nada. Agarrava-lhe a cabeça e a lambia. Uma vez a pele de Adora descascou porque ela expôs demais ao sol... Todas nos expúnhamos naquela época, não tínhamos as mesmas informações a respeito de fator de produção solar que a geração de vocês tem. Joya sentou-se ao lado de sua mãe, tirou-lhe a blusa e descascou-lhe a pele em lascas compridas. Joya adorou.

- Jackie...

- Não é mentira, não. Ter que ver sua amiga ser despida à sua frente, e... emperiquitada. É desnecessário dizer, mas sua mãe vivia doente. Estava sempre furada por tubos, agulhas, coisas assim.

- O que ela tinha?

- Um pouco de tudo. Em grande parte, apenas a tensão por ter de viver com Joya. Aquelas unhas compridas e sem tinta pareciam de homem. E os longos cabelos que deixou ficarem cinzentos, descendo-lhe às costas.

- E onde estava meu avô nessa história toda?

- Não sei. Nem sequer me lembro do nome dele. Herbert? Herman? Ele nunca estava presente, e quando estava, simplesmente ficava em silêncio e... distante. Já conhece o tipo. Como Alan.

Ela desembulhou mais um chocolate e agitou os dedos dos pés em minhas mãos.

- Sabe, ter você deveria ter acabado com a vida de sua mãe. – a voz dela assumiu um tom de repreensão, como se eu houvesse falhado na realização de uma simples tarefa. – Se fosse qualquer outra menina que tivesse ganhado barriga antes do casamento, aqui em Wind gap, naquelas épocas, a vida dela estaria arruinada – Jackie continuou. – Mas sua mãe sempre encontrou uma maneira de fazer com que todos a paparicassem. Todos, não apenas os rapazes, como também as moças, suas mães, e os professores.

- Por que era assim?

- Minha doce Camille, uma mulher bonita consegue escapar impune de qualquer coisa se souber como agir. É certo que já deve saber disso. Pense em todas as coisas que os homens fizeram por você no decorrer dos anos, e que nunca teriam feito se não tivesse esse rostinho. E se os homens a trataram bem, as mulheres a tratara bem. Adora aproveitou-se da gravidez

brilhantemente: assumiu uma postura orgulhosa, mas um pouquinho magoada, e bastante reservada. Seu pai veio fazer aquela fatídica visita e nunca mais se viram. Sua mãe nunca tocava no assunto. Desde o início você foi toda dela. Era isso que deixava Joya morta de insatisfação. Enfim, a filha dela tinha uma coisa em seu interior que Joya não podia atingir.

- Minha mãe parou de ficar doente depois que Joya morreu?

- Ela passou um tempo muito bem – disse Jackie, com o copo abaixo do queixo. – Mas Marian chegou logo depois. Desde então, ela não teve muito tempo para ficar doente.

- Minha mãe era... – senti um nó apertado cada vez mais em minha garganta e o engoli com minha vodca diluída em água. – Minha mãe era... uma boa pessoa?

Jackie repetiu a risada de bruxa e desembulhou mais um chocolate. O recheio do bombom grudava-lhe nos dentes.

- É isso que está querendo saber? Se ela era boa? – ela fez uma pausa. – O que é que você acha? – acrescentou, zombando de mim.

Jackie voltou a atacar a gaveta, destampou três vidros de comprimidos, pegou um remédio de cada um e os reorganizou, do maior para o menor, às costas da mão esquerda.

- Não se. Nunca fui próxima dela.

- Mas estive próxima dela. Não ocupe meu tempo com joguinhos, Camille. Isso me exaure. Se achasse que sua mãe tinha sido uma boa

pessoa, não estaria aqui perguntando exatamente isso para a melhor amiga dela.

Jackie foi pegando os comprimidos um de cada vez, do maior para o menor, enfiou-os em um chocolate e engoliu. Seu pés começavam a suar em minha mãos.

- Perdão. Tem razão – desculpei-me. – Só que... você acha que ela é... doente?

Jackie parou de mastigar, pegou em minha mão e suspirou.

- Deixe-me dizer isso de uma vez, porque é uma coisa que já venho pensando há tempo demais e às vezes as ideias são um pouco traiçoeiras comigo. Elas escapam de mim, sabe como é? Como tentar agarrar um peixe com as mãos. – Inclinou-se sobre mim e apertou-me o braço. – Adora consome você, e se não permitir e apertou-me o braço. – Adora consome você, e se não permitir que ela o faça, fica tudo pior ainda. Veja o que está acontecendo com Amma. Veja o que aconteceu com Marian.

Exato. Logo abaixo de meu seio esquerdo, fardo começou a formigar.

- Então você acha? – incitei-a. Diga de uma vez.

- Acho que é doente e acho que o que ela tem é contagioso. – Jackie sussurrou, com as mãos trêmulas fazendo tilintar o gelo em seu copo. – e acho que chegou a hora de você ir embora, meu amorzinho.

- Perdão. Não foi minha intenção abusar de sua hospitalidade.

- Quis dizer ir embora de Wind Gap. Não está em segurança aqui.

Menos de um minuto depois, eu fechava a porta à frente de Jackie enquanto ela fitava a fotografia de si mesma olhando de esguelha sobre a parte superior da lareira.



Capítulo 14

Quase levei um tombo ao descer os degraus da estrada da casa de Jackie, de tão trêmulas que estavam as minhas pernas. Atrás de mim, eu escutava a cantoria dos meninos dela. O canto de guerra da equipe de futebol americano de Calhoon. Dobrei a esquina em meu carro, estacionei sob algumas amoreiras e descansei a cabeça sobre o volante.

Será que mina mãe estivera verdadeiramente doente? E quanto a Marian? Amma e eu? Às vezes acho que as doenças ficam inertes dentro de todas as mulheres, esperando apenas o momento exato de aparecer. Já conheci tantas mulheres doentes em minha vida...Mulheres com dores crônicas, com doenças que passam a vida toda incubadas...Mulheres com estados. Homens, claro, quebram os ossos, têm dor de coluna, passam por uma ou duas cirurgias, arrancam as amídalas, colocam um reluzente quadril de plástico...Mulheres se consomem. Não é de surpreender se consideramos tudo o que trafega pelo corpo delas. Absorventes internos e espéculos vaginais. Pênis, dedos, vibradores, entre outras coisas, no meio das pernas, por trás, na boca...Homens adoram colocar coisas dentro das mulheres, não é mesmo? Pepinos, bananas, garrafas, colares de pérolas, canetas

hidrocores, punhos... Uma vez um sujeito teve a idéia de socar um walkie-talkie dentro de mim. Eu recusei.

Doente, mais doente, e a mais doente de todas. O que era verdadeiro e o que era falso? Será que Amma estava realmente doente? Será que foi aquele comprimido azul que me fez vomitar? Ou será que impediu que eu ficasse pior do que já estava sem ele?

Será que Marian estaria morta se não fosse Adora a sua mãe?

Sabia que deveria ligar para Richard, mas não conseguia pensar em nada para lhe dizer. Estou apavorada. Fui absolvida. Quero morrer. Voltei a passar pela casa de mamãe, depois fui para o leste, na direção da fazenda dos porcos, e estacionei à frente do Heelah's, um bar consolador e sem janelas que mais parecia um bloco de pedra, onde quem reconhecesse a filha do patrão sabiamente a deixaria sozinha com os seus pensamentos.

O lugar fedia a sangue de porco e urina; até as pipocas das tigelas ao longo d balcão cheiravam a carne. Dois sujeitos com bonés, jaquetas de couro, bigodes que mais pareciam guidões de bicicleta e caras amarradas erguem o olhar e depois retornaram às suas respectivas cervejas. O barman serviu meu uísque sem dizer sequer uma palavra. Uma canção de Carole Kings sussurrava nas caixas acústicas. Em minha segunda rodada, ele fez um gesto mostrando alguma coisa atrás de mim e perguntou:

- Está procurando aquele ali?

John keene estava sendo de ombros caídos em frente a uma bebida na única mesa do bar, e cutucava-lhe a quina toda lascada. Sua pele branca estava toda sarapintada de cor de rosa devido ao álcool, e a julgar por como

seus lábios estavam molhados, e pelo jeito que estava a sua língua, presumi que já estivesse vomitado ao menos uma vez. Peguei meu drinque e sentei no banco à sua frente, sem dizer nada. Ele olhou para mim, sorriu, estendeu a mão e pegou na minha do outro lado da mesa.

-Oi, Camile. Como vai? Está tão bonita e limpa...- Ele olhou ao redor do bar. – este lugar...Este lugar é tão sujo!

-Vou indo bem, John. Eu acho. Tudo bem com você?

- Ah, claro, estou ótimo. Minha irmã foi assassinada, estou prestes a ser preso, e minha namorada, que grudou em mim feito cola desde que me mudei para este lixo de cidade, está começando a perceber que não sou mais o tal grande prêmio. Não que eu me importe tanto assim. Ela é legal, mas não...

- Não me surpreende. – Ofereci meu apoio.

- Verdade. Verdade. Eu estava para terminar com ela antes de Natalie. Agora não posso mais.

Tal atitude seria distorcida pela cidade inteira. E por Richard também. O que significa? Com isso prova a culpa dele?

- Não vou voltar para casa a casa dos meus pais – ele resmungou. – Prefiro ir para a merda daquela mata e me matar a voltar para onde estão todas as coisas de Natalie olhando para mim.

- Não o recrimino.

Ele pegou o saleiro e começou a girá-lo pela mesa.

-Acho que você é a única que me compreende – disse ele.

- Como é perder uma irmã e todos esperarem que você simplesmente aceite? Simplesmente siga adiante a vida? Você conseguiu superar? – Ele disse aquilo de maneira tão amarga que fiquei esperando que sua língua assumisse uma coloração amarelada.

- Nunca vai conseguir – respondi. – É algo que deixa a pessoa abalada. Fiquei acabada. – Dizer aquilo em voz alta me trouxe uma sensação boa.

- Por que todo mundo acha tão estranho eu sofrer por Natalie? – John derrubou o saleiro, que caiu no chão fazendo estardalhaço. O barman olhou para a mesa com um ar de descontentamento. Recolhi-o e coloquei-o do meu lado da mesa, atirando uma pitada de sala que passou sobre o ombro e valeu para nós dois.

- Acho que os outros esperam que os jovens aceitem as coisas facilmente – falei. – E você é homem. Homens não têm sentimentos delicados.

Ele falou, mal- humorado.

- Meus pais me deram um livro que fala a respeito de como lidar com a morte. O homem de luto. Dizia que às vezes a pessoa precisa desligar-se, negar simplesmente. Que a negação pode ser um bom caminho para homens. Daí, experimentei parar por uma hora e fingir que não ligava. E por um tempinho, não liguei mesmo. Sentei em meu quarto na casa de Meredith e fiquei pensando em ...mentira. Simplesmente fiquei olhando pela janela para um pequeno quadrado de céu azul, dizendo: Está tudo bem,

está tudo bem, está tudo bem. Como se estivesse voltado a ser criança. Quando terminei, tive a certeza de que nada, nunca mais, voltaria a estar tudo bem. Mesmo se capturarem o assassino não vai ficar tudo bem. Não sei por que todo mundo diz que vamos nos sentir melhor quando prenderem alguém. Agora parece que o alguém que vai ser preso sou eu. – Quer mais uma bebida? Toma mais uma comigo?

Ele já estava bêbado e oscilava bastante, mas eu nunca impediria um sofredor como eu gozar de alívio de um blackout. Às vezes é o caminho mais lógico. Sempre acreditei que a sobriedade realista serve só para os de coração forte. Tomei uma dose no balcão para me aproximar da embriaguez em que ele estava e voltei com dois uísques. O meu era duplo.

- É como se estivessem escolhido as duas meninas de Wind Gap que sabiam pensar por si mesmas para eliminar – disse John, para depois tomar um gole de uísque. – Acha que sua irmã teria sido amiga da minha?

Naquele lugar imaginário em que as duas estavam vivas, onde Marian nunca envelhecera.

- Não – respondi e ri subitamente. Ele também riu.

- Então a sua irmã morta é boa demais para a minha irmã morta? – Ele deixou escapar. Rimos de novo, mas rapidamente a amargura reapareceu e voltamos às nossas bebidas. Já me sentia entorpecida.

- Não matei Natalie – ele murmurou.

- Sei disso.

Ele pegou a minha mão e usou-a para envolver a dele.

- As unhas da mão dela estavam pintadas. Quando a encontraram. Alguém pintou as unhas dela – ele voltou a murmurar.

- Talvez ela mesma as tenha pintado.

- Natalie detestava essas coisas. Mal permitia que alguém passasse uma escova em seus cabelos.

Vários minutos de silêncio. Carole King dera lugar a Carly Simon. Vozes femininas e delicadas em um bar para carnicheiros.

Você é tão linda...- Disse John.

- Você também.

John atrapalhou-se com a chave no estacionamento e entregou-a a mim sem dificuldades quando o considerei sem condição de dirigir. Não que eu estivesse muito melhor. Levei-o de volta à casa de Meredith vendo as manchas de borrachas, mas ele só balançava a cabeça quando nos aproximávamos e pediu-me para levá-lo ao motel que ficava fora do limite da cidade. O mesmo em que eu me hospedara quando estava chegando. Um pequeno refúgio onde a pessoa pode se preparar para Wind Gap e sua opressão.

Passeávamos com as janelas abertas, deixando entrar o bento quente da noite que colocava a camiseta de John a seu peito e sacudia minhas mangas compridas. Salvo por uma vasta cabeleira em sua cabeça, ele não tinha mais pelo algum. Ele parecia que se nu, necessitando de proteção.

Paguei pelo quarto de número 9 porque John não tinha cartão crédito, abri a porta para ele, sentei-o sobre a cama e fui buscar-lhe um pouco de

água morno em um copo de plástico. Ele só fazia olhar para os próprios pés e recusava-se a aceita-la.

- John, precisa beber um copo d' água.

Ele esvaziou o copo em um só gole e deixou-o rolar até o chão, caindo pela lateral da cama. Segurou minha mão. Tentei me soltar – mais instinto que qualquer outra coisa – mas ele a apertou com força.

- Também vi isto aqui naquele dia – disse ele, com o dedo seguindo o curso de parte do z de infeliz que quase aparecia sob minha manga esquerda. Ele ergueu a outra mão e acariciou-me o rosto.

- Posso ver?

- Não. – Voltei a tentar me soltar.

- Deixe- me ver, Camille. – Ele seguia me prendendo.

- Não, John. Ninguém vê.

- Eu vejo.

Ele seguia enrolando a manga, subindo-me pelo braço. Apertava os olhos tentando entender as linhas em minha pele. Não sei por que permiti. Sua expressão era meiga e penetrante. O dia me deixa fraca. E já estava por demais farta de tanto esconder. Mais de uma década dedicada a escondê-las. Não havia uma interação que fosse – uma amiga, uma fonte, a caixa do supermercado – em que não estivesse distraída antevendo qual das cicatrizes se revelaria. Deixe que John olhe. Por favor, deixe que olhe. Não

precisa escondê-las tão fervorosamente de uma pessoa que acabaria esquecendo-se de tudo.

Ele enrolou a outra manga para cima e lá estavam meus braços expostos, tão nus que me faziam perder o fôlego.

- Ninguém nunca as viu?

Neguei com um meneio de minha cabeça.

- Há quanto tempo fez isso, Camille?

- Há muito tempo.

Ele ficou olhando-me os braços, desnudou-os mais ainda e beijou-me no meio de exausta.

- É assim que me sinto – disse ele, delineando as cicatrizes com os dedos até que senti um arrepio. – Deixe-me vê-las todas.

Ele tirou a minha blusa pela cabeça e eu fiquei sentada como uma criança obediente. Removeu gentilmente meu tênis e meias e puxou minha calça. De calcinha e sutiã, eu tremia naquele quarto congelante com o refrigerador de ar me fazendo sentir calafrios. John puxou as cobertas para o pé da cama e gesticulou para que eu entrasse sob elas, o que eu fiz, sentindo-me exaltada e fria ao mesmo tempo.

Ele ergueu meus braços, pernas, e me virou de costas. Ele me lia. Dizia as palavras em voz alta, nervoso e sem achar propósito naquilo: forno, nauseada, castelo. Ele se despiu como se percebesse que eu estava em desvantagem, embolou as roupas, atirou-as no chão e continuou a ler.

Pão doce, rancorosa, enlaçamento, escova. Abriu meu sutiã pela frente com um ligeiro golpe de dedos e os tirou delicadamente. Florescer, dosagem, frasco, sal. Ele estava firme. Envolveu-me os mamilos com a boca. Não permitia: costas, seios, coxas, ombros...Sua língua em minha boca, descendo pelo pescoço, pelos mamilos, entre as pernas, e depois voltando à boca. Eu sentia o meu gosto nele. As palavras ficaram em silêncio. Sentia-me exorcizada.

Guiei-o para dentro de mim e atingi um orgasmo rápido e intendo. E mais um. Sentia suas lágrimas em meus ombros enquanto ele estremecia dentro de mim. Desabamos, desacordados e entrelaçados (uma perna para fora aqui, um braço atrás de uma cabeça ali) e uma única palavra sussurrada uma única vez: presságio. Bom ou ruim, eu ainda não sabia.. Na hora preferi achar que era bom. Bobinha...

De manhã cedo a alvorada fazia os galhos das árvores brilharem com centenas de mãos pequeninas do lado de fora da janela do quarto. Caminhei nua até a pia para encher nosso copo d' água, pois estávamos de ressaca e sedentos. A fraca luz do sol refletiu-se em minhas cicatrizes e as palavras voltaram à vida. Era o fim da remissão. Meu lábio superior curvou-se involuntariamente em sinal de repulsa à visão de minha pele e me enrolei com a toalha para só depois voltar para cama.

John bebeu um gole d' água, pôs a mão sob minha cabeça, colocou um pouco em minha boca e tomou o que restara. Seus dedos puxavam a toalha. Eu a segurava firme à altura dos seios e negava com a cabeça.

- O que é isso? – ele sussurrou em meu ouvido.

- É a implacável luz da manhã – sussurrei em resposta – Chegou a hora.

- Que ilusão?

- De que alguma coisa pode ficar bem – falei e beijei-lhe o rosto.

- Vamos deixar isso para depois – disse a ele, envolvendo-se em seus braços. Aqueles braços finos e sem pelos. Braços de um garoto. Eu me dizia essas coisas, mais sentia-me bem e em segurança. Bonita e limpa. Deitei o rosto em seu pescoço e senti seu perfume: álcool e creme de barbear de cheiro forte, do tipo que sai da embalagem e azul bem claro. Ao abrir os olhos de novo, vi os círculos vermelhos giratórios de uma sirene de polícia pela janela.

Toctoc. O barulho da porta mostrava que poderia ter sido facilmente derrubada.

- CamillePreaker. Xerife Vickery. Abra se estiver aí dentro.

Começamos a catar nossas roupas espalhadas. Os olhos de John estavam tão apavorados quanto os de um pássaro. Os ruídos de fivelas de cinto e farfalhar de blusas nos entregavam para quem estava lá fora. Ruídos frenéticos e culpados. Joguei os lençóis, voltando a forrar a cama, e penteei os cabelos com os dedos. John colocou-se de pé em posição constrangedoramente casual atrás de mim, com os dedos por dentro dos ilhós da calça, e eu abri a porta.

Richard. Blusa branca bem passada, gravata de listras onduladas e um sorriso que se desfez assim que viu John. Vickery estava ao seu lado, coçando o bigode como se ali houvesse uma urticária. Ele alternava

rapidamente o olhar entre John e eu, até que virou-se e olhou para Richard com a cabeça erguida.

Richard nada disse, apenas me olhou com raiva, cruzou os braços e respirou fundo uma vez. Tenho certeza de que o quarto cheirava a sexo.

- Bem, ao que parece, está ótima – disse ele, forçando um sorriso malicioso. Eu sabia que era forçado porque a pele acima de seu colarinho estava vermelha como a de um personagem de desenho animado irritado. – Como vai, John? Tudo bem?

- Tudo bem, obrigado – disse John, que se pôs ao meu lado.

- Srta. Preaker, sua mãe nos telefonou há algumas horas ao ver que não havia voltado para casa – Vickery resmungou – Disse que você estava um pouco doente, que tinha levado um tombo ou alguma coisa assim. Estava bastante preocupada. Bastante preocupada. E ainda mais com todas essas coisas horríveis que vêm acontecendo, todo cuidado é pouco. Acho que ela vai ficar satisfeita ao saber que você está... aqui.

A última parte, em tom de pergunta, eu não tinha a mínima intenção de responder. A Richard eu devia uma explicação.

A Vickery, não.

- Eu mesma posso avisá-la, obrigada. Agradeço a preocupação de vocês.

Richard olhava para o chão e mordida o lábio. Foi uma única vez que o vi com vergonha. Meu estômago revirava-se, escorregadio e apavorado. Ele

respirou de maneira comprida e forte, pôs a mão no quadril, olhou para mim e depois para John. Crianças flagradas comportando-se mal.

- Venha, John, vamos levá-lo para casa – disse Richard.

- Camille pode me levar, mas obrigado, detetive Willis.

- Já tem idade, filho? – perguntou Vickery.

- Ele tem dezoito. – Richard respondeu.

- Então tudo bem, que vocês dois tenham um bom dia... – disse Vickery, sibilando risando na direção de Richard e murmurando – pois já tiveram uma boa noite – bem baixinho.

- Ligo para você mais tarde, Richard – falei.

Ele ergueu uma das mãos e agitou-a em minha direção enquanto dava as costas e voltava ao carro.

John e eu passamos a maior parte do tempo em silêncio até eu deixá-lo na casa dos pais, onde ele iria tentar dormir um pouco no salão de jogos do porão. John acompanhava o ritmo de um pedaço de algum bebop dos anos 50 com os lábios fechados, batucando na alça da porta com as unhas.

- Acha que aquilo passou uma impressão muito ruim? – perguntou, enfim.

- para você, talvez nem tenha sido lá tão ruim. Prova que é um bom rapaz americano e que tem um interesse saudável por mulheres e sexo casual.

- Não. Escolhi a palavra errada. Foi justamente o contrário – falei. – Porém sou mais de uma década mais velha que você e estou fazendo reportagem de crime que ...é um conflito de interesses. Jornalistas melhores já foram demitidos por tal coisa. – Eu estava ciente da luz do sol da manhã em meu rosto, das rugas nos cantos dos olhos, da idade que pairava sobre mim. O rosto de John, apesar de uma noite de embriaguez e muito pouco sono, parecia uma pétala.

- Ontem à noite. Você me salvou. Se não tivesse ficado comigo, eu teria feito alguma coisa ruim. Sei disso, Camille.

- Você também fez com que eu me sentisse bastante segura – eu disse, e falei sério, mas as palavras saíram com aquele tom malicioso de cantoria de minha mãe.

Deixei-o a um quarteirão da casa dos pais e seu beijo tocou-me o maxilar quando desviei no último segundo. Ninguém pode provar que algo aconteceu, eu pensava naquele momento.

Voltei pela avenida Central e estacionei em frente à delegacia. Uma luz da rua brilhava. 5:47h da manhã. Ainda não havia recepcionista na sala de espera, então toquei a campainha noturna. O desinfetante de ambientes que estava próximo a minha cabeça assobiava e soltava um perfume de limão bem em meu ombro. Voltei a tocar e Richard apareceu detrás da fenda de vidro da pesada porta que levava às salas. Ele passou um tempo me olhando e fiquei esperando que voltasse a me dar as costas, quase querendo que o fizesse quando, então, abriu a porta e entrou na sala de espera.

- Por onde começar, Camille? – Ele sentou-se em uma das cadeiras estofadas e apoiou a cabeça nas mãos, deixando a gravata pender por entre as pernas.

- Não foi o que está imaginando, Richard – falei. – Sei que a frase é clichê, mas é verdade. – Negue negue negue.

- Camille, apenas quarenta e oito horas depois de ter transado comigo, encontro-a em um quarto de motel com o principal suspeito da minha investigação. Mesmo que não tenha sido o que estou imaginando, é ruim.

- Não foi ele, Richard. Tenho certeza absoluta de que não foi ele.

- É mesmo? Ficaram conversando sobre isso enquanto ele estava com a pica dentro de você?

Ótimo, raiva, pensei. Com isso eu sei lidar. É bem melhor que desespero e mãos na cabeça.

- Não aconteceu nada disso, Richard. Encontrei-o bêbado no Heelah's, torto e bêbado, e achei de verdade que poderia vir a se machucar. Levei-o para o motel porque queria ficar com ele e escutá-lo. Preciso dele para a minha matéria. E sabe o que descobri ontem? Sua investigação acabou com o rapaz, Richard. E o que é pior ainda, acho que nem você mesmo acredita de verdade que foi ele.

Somente a última frase inteiramente verdadeira, e só fui perceber depois de terminar de falar. Richard era um sujeito inteligente, ótimo policial, extremamente ambicioso. Estava em seu primeiro caso importante, com toda uma comunidade ultrajada vociferando por um prisão, mas ele ainda não tinha sequer uma pista relevante. Se tivesse alguma coisa em

relação a John além de simplesmente querer que fosse ele o culpado pelos assassinatos, o teria levado preso há dias.

- Camille, embora imagine, não sabe de tudo o que cerca essa investigação.

- Richard, acredite em mim, nunca imaginei que soubesse. Nunca me senti nada além da intrusa mais inútil. Você conseguiu transar comigo e ainda permanecer em silêncio. Eu não consegui informação nenhuma de você.

- Ah, então ainda está irritada com aquilo? Achei que já fosse bem grandinha...

Silêncio. Um assobio de limão. Mal conseguia escutar o tictac do grande relógio prateado no pulso do Richard.

- Permita-me provar o quanto sei levar as coisas na brincadeira – falei. Eu entrava de novo no piloto automático, igual a antigamente: desesperada para sujeitar-me ao que ele quisesse, para que se sentisse melhor, para que voltasse a gostar de mim. Por alguns minutos ontem à noite eu me sentiria tão aliviada, mas a aparição de Richard do lado de fora daquela porta de motel acabara com o que havia restado da calma que ainda prolongava. E eu a queria de volta.

Ajoelhei-me no chão e comecei a abrir o zíper da calça dele. Por um instante, ele pôs a mão atrás de minha cabeça. Depois, em vez disso, me agarrou firme pelo ombro.

- Camille, nossa mãe, o que está fazendo? – Ele percebeu que apertava forte demais, aliviou a pressão e me puxou para que eu ficasse de

pé.

- Só quero que volte a ficar tudo bem entre nós. – Fiquei brincando com um botão de sua blusa e recusava-me a olhar em seus olhos.

- Não é assim que vai conseguir, Camille – disse ele, beijando-me os lábios de maneira quase casta. – Precisa aprender isso antes de darmos o mínimo passo à frente que seja. Simplesmente precisa aprender isso, e ponto final.

Então, pediu que eu me retirasse.

Tentei dormir no banco de trás de meu carro e as horas passaram voando. Mais ou menos como ler uma placa entre vagões de um trem em movimento. Acordei grudenta e irritadiça. Comprei um kit de escova de dente na loja de conveniência, junto com a loção e o laquê de cheiro mais forte que encontrei. Escovei os dentes na pia de um posto de gasolina, passei a loção nas axilas e entre as pernas, e apliquei o laquê até que meus cabelos ficassem duros. O cheiro que ficou depois disso tudo foi de suor e sexo sob uma nuvem crescente de morango e babosa.

Não seria capaz de encarar a minha mãe em casa e tive a louca idéia de, em vez de ir para lá, trabalhar um pouco. (Como se ainda fosse escrever a matéria. Como se não estivesse tudo prestes a descer pelo ralo). Lembrando-me do que Geri Shilt falara de Katie Lacey, resolvi voltar a ela. Katie fizera parte do programa de participação das mães na escola elementar, tanto na turma de Natalie quanto na de Ann. Minha própria mãe fizera parte desse programa, um cobiçada posição de elite na escola, que podia somente ser realizada por mulheres que não trabalhassem: passar pela salas duas vezes por semana e ajudar e organizar artes, ofícios, músicas e,

para as meninas às quintas- feiras, corte e costura. Pelo menos na minha época era corte e costura. Hoje em dia deve ser alguma coisa mais unissex e moderna. Curso de computação ou micro-ondas para iniciantes.

Katie, como minha mãe, morava no topo de uma grande colina. A esbelta escadaria da casa entrava pela grama e era margeada por girassóis. Uma catalpa montava guarda delgada e elegante como um dedo no topo da colina. Era a correspondente feminina do carvalho de sombra generosa a direita. Mal havia passada das dez, mas Katie, magra e marrom, já tomava sol na plataforma com um ventilador de chão e refrescá-la. Sol sem calor. Agora, se ela conseguisse descobrir um bronzamento sem câncer... Ou pelo menos sem rugas... Ela me viu subindo a escada, uma tremulação irritante contra o verde profundo de seu gramado, e fez sombra sobre os olhos para tentar descobrir quem era de lá de cima, a doze metros distância.

- Quem é? – ela gritou. Seus cabelos de um loiro natural que chegavam a parecer trigo na época da escola, agora viraram um platinado que mais parecia latão. Brotavam na forma de um rabo-de-cavalo no topo de sua cabeça.

- Oi, Katie. É Camille.

- Ca-miiiiiii! Ai, meu Deus, estou descendo.

A saudação de Katie foi mais receptiva do que eu esperava. Não escutei outra palavra sua desde a noite da reunião de compadecimento de Angie. Seus rancores sempre iam e vinham como o vento.

Ela veio em direção à porta e seus radiantes olhos azuis brilhavam no rosto bronzeado. Os braços eram marrons e magricelo como os de uma

criança e fizera-me a alcunha sublime da sala de fumo de Alan. Ele não demorou para desistir das cigarrilhas e passar a adotar o vinho do Porto.

Katie vestira sobre o biquíni uma blusinha néon cor-de-rosa, do tipo que as meninas compravam em South Padre no fim dos anos 80, lembranças de concursos de camisetas molhadas durante as férias de primavera. Envolveu-me com os braços untados com cacau e me levou para dentro. Também não havia refrigerador de ar central naquela casa antiga, igual à da minha mãe, ela explicou, só que tinham um pequeno no quarto principal. As crianças, presumi, poderiam passar o verão inteiro suando. Não que elas não recebessem atenção. Toda a ala leste parecia um playground completo construído dentro da casa, havia inclusive uma casa amarela de plástico, um escorregador e um cavalo de balanço feito sob medida. Nenhum deles parecia se quer ter sido usado. Grandes letras coloridas em uma das paredes: Mackenzie. Emma. Fotografias de menininhas loirinhas e sorridentes com narizes pequenos e achatados, olhos sem vida, lindas e burrinhas. Nunca a foto aproximada de um rosto, sempre planejadas de maneira que fosse possível capturar-lhes as roupas. Macacões cor de rosa com margaridas, vestidos vermelhos com calças de bolinhas, chapéus e molecas. Crianças lindas e roupas muito lindas. Eu acabara de criar um slogan para os pequenos consumidores de Wind Gap.

Katie LaceyBrucker não parecia sequer saber o motivo que me trazia à sua casa naquela manhã de sexta feira. Falou de um livro de fofocas do mundo dos famosos que estava lendo e quis saber se eu achava que os concursos de beleza infantil ficaram estigmatizados para sempre por causa de John Benét. Mackenzie está morrendo de vontade de desfilar. Ora, é tão linda quanto a mãe, quem pode culpá-la ? Ah, Camille, que gentileza sua em dizer isso. Nunca achei que você me considerava linda. Ah, é claro,

deixe de besteira. Quer beber alguma coisa? Com certeza. Não temos bebida alcoólica em casa. É claro, não imaginei que tivessem. Chá doce? Chá doce está ótimo, impossível de se arrumar em Chicago, a gente sente muita falta de pequenas coisas da nossa terra. Devia ver o que eles fazem com pernil por lá. É tão bom estar em casa...

Katie voltou com um jarro de cristal de chá doce. Curioso, já que da sala de estar eu a vi tirar uma enorme garrafa de quatro litros da geladeira. Um acesso de afetação, seguido por eu mesma me lembrar de que também não estava sendo particularmente sincera. Na verdade, eu mascarara meu próprio estado natural com o denso perfume artificial de uma planta. Não apenas babosa e morango, como também um leve traço do desinfetante de ambientes de limão que saía do meu ombro.

- Este chá está maravilhoso, Katie. Juro que seria capaz de beber chá doce em todas as refeições.

- O que eles fazem com o pernil por lá? – Ela dobrou os pés sob as pernas e inclinou-se para a frente. Aquilo me trouxe à memória o segundo grau, aquele olhar sério como de alguém que tenta memorizar a senha de um cofre.

Não como pernil desde que uma vez em minha infância fui visitar o negócio da família. Nem sequer era dia de matarem os porcos, mas o que vi me deixou sem dormir por várias noites. Centenas daqueles animais em jaulas tão apertadas que sequer conseguiam se mexer, e aquele doce aroma gutural de sangue e estrume. A imagem de Amma fitando atentamente as jaulas.

- Não usam açúcar mascavo suficiente.

- Hum. Por falar nisso, quer que eu lhe prepare um sanduíche ou alguma outra coisa? Temos pernil da fazenda de sua mãe, carne Deacons', frango de Coveys.... E peru da LeanCuisine.

Katie era do tipo que preferia passar o dia inteiro alvoroçada limpando os azulejos da cozinha com uma escova de dente e tirando as fibras de tecido do assoalho com um palito de dente a falar muito sobre qualquer coisa que a deixasse desconfortável. Pelo menos era dessa forma quando estava sóbria. Mesmo assim consegui fazê-la falar de Anne e de Natalie, garanti seu anonimato e dei partida em meu gravador. As meninas eram meigas, lindas e uns amores, o revisionismo alegre e obrigatório. E então:

- De fato, houve um incidente com Ann no dia de corte e costura. – Corte e costura... Ainda sobrevive. Um pouco reconfortante, acho. – Ela espetou uma agulha na bochecha de Natalie Keene. Acho que quis acertá-lhe o olho, sabe, como Natalie fizera com a tal garotinha lá em Ohio. – Filadélfia. – Num minuto as duas estavam sentadas bem quietinhas uma do lado da outra... não eram amigas, eram de séries diferentes, mas corte e costura independente da série. Ann cantarolava alguma coisa bem baixinho com os lábios fechados e estava igual a uma mamãezinha. E foi quando aconteceu.

- Natalie ficou muito machucada?

- Mmm, não muito. Era Whitescarver, que agora é professora da segunda série... Antes era Little, alguns mais nova que nós... e nada pequena. Pelo menos não na época, já perdera alguns quilos. Enfim, Rae e eu tiramos Ann de cima de Natalie, que estava com agulha pressa à

bochecha a menos de três centímetros do olho. Não chorou nem nada. Só inspirava e espirava ruidosamente, como um cavalo raivoso.

Uma imagem de Ann com seus cabelos encaracolados trançando a agulha pelo tecido, lembrando-se de uma história que se contava de Natalie e uma tesoura, uma violência que a tornava tão diferente...

E antes que pudesse pensar melhor, a agulha entrava pela carne, mais facilmente do que se imaginava, acertando o osso em um golpe rápido. Natalie com o metal projetando-se do seu rosto com um pequenino arpão de prata.

- E Ann o fez sem nenhum motivo aparente?

- Aprendi uma coisa sobre aquelas duas: não precisavam de motivo para atacar.

- Alguma outra menina implicava com elas? Eram alvo de muita perseguição?

- Ha Ha! – Foi uma risada de genuína surpresa, mas que saiu como um perfeito e improvável “ Ha Ha ” – como um gato olhando para você e dizendo “ Miau”.

- Bom, eu não diria que elas ficavam ansiosas para ir à escola – disse Katie. – Mas devia fazer essa pergunta à sua irmãzinha.

- Sei que quis dizer que Amma as maltratava...

- Que Deus nos ajude quando ela chegar ao segundo grau.

Esperei em silêncio que Katie LaceyBrucker engatasse a quinta e falasse de minha irmã. Más notícias, presumi. Não surpreende que tenha ficado tão contente de me ver.

- Lembra-se de como mandávamos em Calhon? O que achávamos legal passava a ser legal e todos detestavam de que não gostávamos? – Seu tom era o de uma pessoa que sonhava com um conto de fadas, como se estivesse imaginando uma terra de sorvetes e coelhinhos. Eu apenas mexia a cabeça em concordância. Lembrei-me de um comportamento particularmente cruel da minha parte: uma garota extremamente séria chamada Lee Ann, uma sobra de amiga do curso elementar, mostrara uma preocupação demasiada em relação ao meu estado mental, sugerindo que talvez eu estivesse depressiva. Um dia, a esnobei propositalmente que ando ela veio correndo falar comigo antes da aula. Ainda me lembro de como ela estava: livros entrouxados sob os braços, aquela saia estampada ridícula, e a cabeça ligeiramente baixa de sempre quando vinha falar comigo. Dei-lhe as costas, isolei-a do grupo de garotas com quem eu estava e fiz uma piada qualquer a respeito de suas conservadoras roupas de igreja.

As outras meninas deram sequência. Foi intencionalmente tratada com escárnio até o final da semana. Passou os últimos dois anos do segundo grau almoçando com os professores. Eu poderia ter parado aquilo tudo com mera palavra, mas não fiz. Precisava que ela ficasse longe de mim.

- Sua irmã é o triplo do que nós éramos. E tem uma enorme veia de maldade.

- Veia de maldade? Como assim?

Katie tirou um maço de cigarros da gaveta da mesinha de cabeceira e acendeu um com um comprido fósforo que servia para acender a lareira. Continuava fumando escondida.

- Ah, ela e aquelas três meninas, as coisinhas loiras já têm peitos. Elas mandam na escola e Amma manda nelas. É sério, a coisa é feia. Às vezes é engraçada, mas quase sempre é feia. Elas fazem uma gorda buscar-lhes almoço todos os dias, e antes que ela vá embora, forçam-na a comer alguma coisa sem usar as mãos, apenas enterrando o rosto no prato. – Ela torceu o nariz, mas não fez nenhum outro gesto que mostrasse que estava incomodava. – teve uma outra menininha que elas encurralaram e fizeram-na levantar a blusa e mostras aos garotos. Porque era reta. Forçaram-na a dizer obscenidades enquanto o fazia. Corre um boato de que elas levaram uma de suas amigas, uma menina chamada RonnaDeel com que tiveram problemas...levaram-na para uma festa, e embebedaram-na e... meio que deram-na de presente para alguns garotos mais velhos. E ainda montaram guarda a porta do quarto até que eles terminassem com ela.

- Elas mal têm treze anos... – falei, e pensei no que eu havia feito naquela idade. Pela primeira vez percebi o quanto era desagradavelmente cedo.

- Essas meninas são bem precoces. Nós mesmas fizemos umas coisas bem loucas sem sermos muito mais velhas. – A voz de Katie ficava mais áspera com a fumaça. Ela soprava para cima e a via pairar em azul a cima de nós.

- Nunca fizemos nada tão cruel assim.

- Chegamos bem perto disso, Camille. – Você chegou, eu não. Nós nos entreolhávamos, catalogando particularmente nossos triunfos.

- Enfim, Amma perturbava bastante Ann e Natalie – disse Katie. – Foi simpático de sua mãe interessasse tanto por elas.

- Mamãe deu aula a Ann, já fiquei sabendo.

- Ah, ela as ajudava quando estavam na escola, levava-as para a sua casa, lhes dava comida depois da aula... Às vezes até parecia durante o recreio e nós a víamos do outro lado do alambrado, olhando as meninas no parquinho.

Uma imagem de minha mãe com os dedos entrelaçados no arame do alambrado olhando avidamente. Uma imagem de minha mãe vestida de branco, um branco radiante, segundo Natalie com os braços e um dedo a frente da boca para silenciar Jamies Capise.

- Já terminamos? – Katie perguntou. – Já estou um pouco cansada de ficar falando disso tudo. – Ela desligou o gravador.

- Então, fiquei sabendo de você com aquele policial lindinho... – Katie sorriu. Um cacho de seus cabelos que não estava preso ao rabo de cavalo caiu-lhe sobre o rosto e lembrei-me dela com a cabeça inclinada sobre os pés, pintando-lhes as unhas, me perguntando sobre mim e um dos jogadores de basquete que ela queria ter para ela. Tentei não vacilar ao escutar referência a Richard.

- Ah, boatos, boatos... – Sorri – Homem solteiro, mulher solteira... minha vida nem chega perto de ser tão interessante.

- Talvez John Keene não concorde. – Ela puxou mais um cigarro acendeu-o, tragou e soltou fumaça enquanto me fitava com aqueles olhos azuis de porcelana. Desta vez não houve sorriso. Eu sabia que era uma das duas, uma. Poderia dar a ela algumas pistas e deixá-la satisfeita. Se a história já havia chegado a Kates às dez, ao meio dia todo resto de Wind Gape já estaria sabendo. Ou poderia negar, arriscar ser alvo de sua ira e perder sua cooperação. Já tinha entrevista e certamente pouco me importava se teria ou não a simpatia dela.

- Ah. Mas boatos. Essa gente daqui precisa arruma uns hobbies melhores.

- É mesmo? Quando me contaram achei bem típico. Você sempre esteve disposta a aproveitar a vida.

Levantei-me, mas do que pronta para ir embora. Katie me acompanhou até a saída mastigando o interior da bochecha.

- Agradeço-lhe pelo seu tempo, Katie. Foi bom a vê-la.

- Igualmente, Camille. Aproveite o resto da estada na cidade. – Já havia passado da porta e descia a escada quando ela me chamou.

- Camille? – Virei-me e vi Katie com a perna esquerda dobrada para dentro, como uma menininha. Um gesto que trazia desde o segundo grau. – Conselho de amiga: vá para casa e tome um banho. Esta fedendo.

De fato, fui para casa. Meu cérebro cambaleava entre imagens de minha mãe, todas de mau agouro. Presságio. A palavra voltou a se fazer sentir em minha pele. Uma imagem de jóia magra de cabelos alvoroçados, com as unhas compridas, descascando a pele de minha mãe. Uma imagem

de minha mãe com seus comprimidos e porções cortando meus cabelos. Uma imagem de Marian, agora apenas ossos em um caixão, e uma faixa branca de cetim envolvendo secos cachos loiros com um buquê que ficou velho. Mamãe cuidando daquelas garotinhas violentas. Ou tentando. Não era normal que Natalie e Ann fosse alvo de tal tentação. Adora detestava garotinhas que não se rendiam ao seu esforço peculiar de bancar o tipo da mãe. Será que ela pintou as unhas da mão de Natalie antes de estrangulá-la? Depois?

Você é louca de imaginar o que está imaginando. Você é louca se não imaginá-lo.



Capítulo 15

Três pequeninas bicicletas cor-de-rosa estavam enfileiradas na varanda, enfeitadas com cestos brancos de vime e fitinhas pendendo dos guidões. Dei uma olhadela em um dos cestos e encontrei um bastão exageradamente grande de brilho para lábios e um cigarro de maconha em um plástico.

Entrei sem alarde por uma porta lateral e subi a escada procurando fazer o máximo de silêncio possível. As meninas estavam no quarto de Amma rindo alto e gritando de alegria. Abri a porta sem bater. Falta de educação, mas não estava mais suportando a ideia daquele embuste secreto, daquele ímpeto de bancarem as inocentes para a adulta. As três loiras formavam um círculo ao redor de Amma e seus shorts curtos e minissaias ostentavam as pernas magricelas e depiladas. Amma estava sentada no chão, mexendo nervosamente na casa de bonecas com um tubo de cola super adesiva a seu lado, os cabelos amontoados no topo da cabeça e presos com uma grande faixa azul. Elas voltaram a gritar quando as cumprimentei, abrindo sorrisos enormes e alegres, como pássaros assustados.

- Oi, Mille. - Amma falou instintivamente, já sem os curativos, mas ainda com a aparência debilitada e febril. - Estamos só brincando de boneca. A minha casa de bonecas não é a mais bonita que você já viu? - A voz dela estava melosa, inspirada na de uma criança de qualquer programa familiar de TV dos anos 50. Difícil ligar esta Amma àquela que me incentivou a me drogar há apenas duas noites. Minha irmã que, segundo relatos, dava amigas de presente para garotos mais velhos para sua própria diversão.

- É, Camille, a casa de bonecas de Amma não é uma coisa linda? - disse a loira platinada com sua voz rouca. A única que não olhava para mim era Jodes. Em vez disso, fitava insistentemente para a casa de bonecas como se bastasse desejá-la com afínco para que fosse parar lá dentro.

- Está se sentindo melhor, Amma?

- Ah, estou sim, irmãzinha querida - ela falou com uma voz chorosa. - Espero que também esteja.

As meninas voltaram a soltar risadinhas que mais pareciam tremeliques. Fechei a porta, irritada com aquele joguinho que não compreendia.

- Talvez devesse levar Jodes com você - uma delas gritou depois que fechei a porta. Elas não gostavam muito de Jodes.

Preparei um banho morno apesar do calor. Até a porcelana da banheira era rosa! Sentei-me ali dentro, nua, com o queixo sobre os joelhos enquanto a água subia vagarosamente à minha volta. O banheiro tinha o cheiro de sabão de hortelã e o adocicado aroma de escarradeira feminina.

Eu fora usada por inteiro depois de muito tempo e a sensação era ótima. Fechei os olhos, afundei-me na água e deixei-a penetrar em meus ouvidos. Só. Desejei já haver gravado aquela palavra em minha pele, subitamente surpresa por ela ainda não ornar meu corpo. Obra de Adora, o círculo exposto de meu couro cabeludo formigava como em oferta para aquela atribuição. Meu rosto também já havia se acalmado quando abri os olhos e vi mamãe pairando sobre a borda da banheira oval com seus longos cabelos loiros circundando-lhe a face.

Levantei-me bruscamente e escondi os seios, espirrando um pouco d'água em seu vestido de verão de algodão cor-de-rosa.

- Meu amor, onde estava? Fiquei completamente louca. Eu mesma teria saído para procurá-la, mas Amma teve uma noite difícil.

- O que Amma teve?

- Onde passou a noite?

- O que Amma teve, mamãe?

Ela estendeu a mão na direção do meu rosto e recuei. Ela fez uma cara feia e repetiu o gesto, afagando-me a bochecha e alisando meus cabelos molhados para trás. Ao tirar a mão, pareceu ter ficado impressionada com tanta umidade, como se tivesse acabado com a própria pele.

- Tive de cuidar dela - ela disse com simplicidade. Calafrios percorreram-me os braços. - Está com frio, querida? Seus mamilos estão rígidos...

Ela trazia à mão um copo com um leite azulado e, sem dizer nada, me deu para que eu tomasse. Ou este leite me faz passar mal, fazendo assim com que eu saiba que não enlouqueci; ou não faz, fazendo assim com que eu saiba que sou uma criatura cheia de ódio. Bebi o leite enquanto mamãe cantarolava baixinho e passava a língua no lábio inferior, um gesto tão fervoroso que quase chegava a ser obsceno.

- Você nunca foi obediente assim quando pequena — disse ela. - Era sempre tão teimosa... Talvez tenha perdido um pouco de sua obstinação. De um jeito bom. Um jeito necessário.

Ela foi embora e passei uma hora na banheira esperando que alguma coisa acontecesse. Roncos no estômago, vertigem, febre... Sentei-me tão imóvel quanto fico em um avião, quando fico preocupada que qualquer movimento brusco que eu faça vá nos fazer cair em parafuso. Nada. Amma estava em minha cama quando abri a porta.

- Você é nojenta demais! — disse ela, com os braços preguiçosamente cruzados sobre si mesma. — Não acredito que deu para um matador de crianças. Você é mesmo tão horrível quanto ela disse...

- Não dê ouvidos à mamãe, Amma. Não é uma pessoa digna de confiança. E não... - O quê? Não tome mais nada que ela dê? Se realmente pensa isso, diga de uma vez, Camille! - Não se vire contra mim, Amma. Nós nos magoamos com uma rapidez incrível nesta família.

- Conte-me como é o membro dele, Camille. Foi gostoso?

Sua voz estava com o mesmo tom fingido e enfastiante que usara comigo mais cedo, mas dava para ver que estava interessada: ela se

contorcia sob meus lençóis com os olhos um pouco desvairados e o rosto enrubescido.

- Amma, não quero conversar com você sobre isso.

- Há algumas noites não estava tão adulta, irmã. Não somos mais amigas?

- Amma, agora preciso me deitar.

- Noite complicada, hein? Então é só esperar. Tudo vai piorar. - Ela beijou-me o rosto, escorregou para sair da cama e desceu o corredor fazendo a maior algazarra com suas grandes sandálias de plástico.

Vinte minutos depois, os vômitos começaram. Espasmos violentos que me faziam suar, e eu imaginava meu estômago contraindo-se e explodindo como um ataque cardíaco. Aproveitei uma das pausas entre as seqüências de tosses para sentar-me no chão ao lado do vaso sanitário e me apoiei contra a parede, vestindo somente uma camiseta que mal cabia em mim. Dava para escutar lá fora os gaios-azuis inquietos. Dentro de casa, mamãe chamava o nome de Gayla. Uma hora se passou e eu ainda vomitava, colocando para fora uma repugnante bílis cinza-esverdeada como se fosse melado - lenta e grossa.

Vesti umas roupas e fui escovar os dentes cuidadosamente, pois colocar a escova na boca muito profundamente fez com que eu voltasse a sentir ânsia de vômito.

Alan estava sentado à varanda da frente lendo um grande livro encadernado em couro intitulado apenas Cavalos. Uma tigela feita de uma áspera amberina laranja estava pousada sobre o braço de sua cadeira de

balanço com um pedaço de um pudim verde no meio. Ele vestia um terno azul de linho riscado e usava um chapéu-panamá na cabeça. De tão sereno, parecia uma lagoa.

- Sua mãe sabe que vai sair?

- Não vou me demorar.

- Tem convivido muito melhor com ela ultimamente, Camille, e por isso lhe agradeço. Ela parece ter melhorado bastante.

Inclusive jeito como ela trata... Amma está mais tranqüila. - Ele parecia sempre fazer uma pausa antes de dizer o nome da própria filha como se tivesse uma conotação ligeiramente obscena.

- Que bom, Alan, que ótimo.

- Espero que também se sinta melhor em relação a si mesma, Camille. Gostar de si mesmo é importante. Uma boa postura influencia tão facilmente quanto uma postura ruim.

- Divirta-se com os cavalos.

- É o que sempre faço.

O caminho até Woodberry foi entremeado por guinadas bruscas para cima do meio-fio, onde vomitei mais bílis e um pouco de sangue. Três paradas, sendo que em uma delas eu vomitei entre a porta e o banco do carro, pois não consegui abri-la suficientemente rápido. Usei meu copo de refrigerante quente de morango e vodca para limpar.

O hospital St. Joseph de Woodberry era um cubo enorme de tijolos dourados cortado transversalmente por janelas da cor do âmbar. Marian o intitulara de “a panqueca”. Na maior parte do tempo era um local sereno: quem morava mais para a zona oeste tratava da saúde em Poplar Bluff; mais para a zona norte, em Hayti. Só ia a Woodberry quem estava encurralado no extremo sul do Missouri.

Uma gorda cujos seios eram tão arredondados que chegavam a ser engraçados gesticulava sinais de Não Perturbe sentada atrás do balcão de informações. Parei e esperei. Ela fingia ler atentamente. Cheguei mais perto. Arrastava o dedo indicador ao longo de cada linha da revista e continuava a ler.

- Com licença - falei, misturando petulância e superioridade de uma forma que até eu mesma não gostei.

Ela tinha bigode e as pontas dos dedos amareladas devido ao cigarro, o que combinava com os caninos marrons que espreitavam por sob seu lábio superior. O rosto que você mostra ao mundo diz ao mundo como tratá-la, mamãe costumava dizer sempre que eu me opunha a ser enfeitada. Esta mulher não poderia ser bem tratada.

- Preciso pesquisar alguns registros médicos.

- Solicite uma requisição de seu médico.

- De minha irmã.

- Mande sua irmã solicitar uma requisição do médico dela.

- Ela virou a página da revista.

- Minha irmã morreu. - Há maneiras mais delicadas de se dizer tal coisa, mas eu queria que aquela mulher levasse um choque. Ainda assim, dava atenção de má vontade.

- Ah. Lamento sua perda. Ela morreu aqui? - Acenei com a cabeça, afirmativamente.

- Já chegou morta. Fez vários tratamentos de emergência neste hospital, onde seu médico era fixo.

- Qual foi a data do óbito?

- Primeiro de maio de 1988.

- Nossa! Já faz tempo... É melhor que seja uma mulher paciente.

Quatro horas mais tarde, depois de precisar gritar com duas enfermeiras desinteressadas, flertar desesperadamente com um administrador pálido e barbudo e ir três vezes ao banheiro para vomitar, os registros de Marian foram jogados em meu colo.

Havia um registro para cada ano da vida de Marian, e conforme a idade dela avançava, eles tinham cada vez mais páginas. Não consegui entender metade dos garranchos dos médicos. Muitos eram solicitações de exames, e outros, suas conclusões, que nunca acusavam nada. Tomografias computadorizadas e ressonâncias magnéticas do cérebro e do coração. Um outro exame que fez uma câmera descer pela garganta de Marian para examinar-lhe o estômago conforme enchiam-no com um corante para fazê-lo brilhar. Monitores cardíaco e de apneia. Possíveis diagnósticos: diabetes, sopro cardíaco, refluxo gastroesofágico, doenças do fígado, hipertensão pulmonar, depressão, doença de Crohn, lúpus. Então, uma feminina folha

cor-de-rosa de caderno. Grampeada a um relatório que documentava a estada de Marian durante uma semana no hospital para a realização de exames estomacais. A caligrafia era corrente, arredondada e bem cuidada, porém irada. A caneta marcara cada uma das palavras bem forte no papel. Trazia escrito:

Sou uma das enfermeiras entre as que prestaram assistência a Marian Crellin, durante a realização de seus exames no decorrer desta semana, bem como em diversas internações anteriores da paciente. Estou mais que convencida [“mais que convencida” sublinhado duas vezes] de que a criança nem sequer está doente. Acredito que se não fosse por sua mãe, estaria gozando de plena saúde. A criança apresenta sinais de indisposição depois de passar um tempo a sós com a mãe, incluindo os dias que vinha sentindo-se bem até o momento da visita da progenitora. A mãe não demonstra qualquer interesse quando Marian está bem — na verdade, parece castigá-la. A mãe abraça a criança somente quando esta passa mal ou chora. Eu e várias outras enfermeiras que, por motivos políticos preferem não assinar os nomes em meu relatório, estamos fervorosamente seguras de que a criança, bem como sua irmã, devem ser afastadas da casa da mãe para que se possa observá-las com maior atenção.

Beverly Van Lumm

Uma indignação íntegra. Outras atitudes como esta poderiam ter surtido efeito. Imaginei Beverly Van Lumm, de peito estufado e lábios apertados, os cabelos presos em um coque determinado, rabiscando aquela carta no quarto ao lado depois de ser obrigada a abandonar a débil Marian nos braços de minha mãe. Seria mera questão de tempo até que Adora começasse a gritar pelos cuidados da enfermagem.

Passada uma hora e eu já havia encontrado a enfermeira na ala da pediatria - na verdade apenas um grande cômodo que abrigava quatro leitos, com somente dois ocupados. Uma garotinha lia serenamente e o menininho a seu lado dormia sentado com o pescoço envolto em uma tala metálica que parecia estar aparafusada diretamente em sua coluna.

Beverly Van Lumm não era nem um pouco como eu a imaginara. Talvez com quase sessenta, pequenina, os cabelos prateados cortados bem rente à cabeça. Trajava uma florida calça de enfermeira, jaqueta azul-clara, e trazia uma caneta atrás da orelha. Quando me apresentei, pareceu lembrar-se de mim imediatamente e passou a impressão de não estar nem um pouco surpresa por eu ter, enfim, aparecido.

- É tão bom voltar a encontrá-la depois de todos esses anos, embora as circunstâncias sejam péssimas... — disse ela, com uma voz calorosa e penetrante. - Às vezes sonho acordada com Marian em pessoa entrando aqui, toda crescida, talvez com um ou dois filhos... Sonhar acordada às vezes é perigoso.

- Quis falar com a senhora porque li sua carta.

Ela resfolegou e tampou a caneta.

- Pois é, como se aquilo tivesse adiantado... Se naquela época eu não fosse tão jovem, nervosa e intimidada com os grandes doutores daqui, teria feito mais do que simplesmente escrever uma carta. É claro que, naquele tempo, acusar uma mãe de tal coisa era algo quase sem precedentes. Quase fui mandada embora por causa daquilo. Para ser sincera, a gente nunca quer acreditar de verdade numa coisa dessas. Parece coisa tirada dos Irmãos Grimm essa SMpP.

- SMpP?

- Síndrome de Munchausen por Poder. A responsável, costumeiramente a mãe, quase sempre a mãe, faz a criança ficar doente para atrair atenção para si própria. Quem tem Síndrome de Munchausen arruma doença para atrair atenção. Quem tem SMpP faz o filho ficar doente para mostrar aos outros que é um pai amoroso e devotado. Irmãos Grimm, entende? Como algo que uma maligna fada rainha faria. Fico surpresa que nunca tenha ouvido falar.

- Não me é estranho - falei.

- Está virando uma doença bastante conhecida. Popular. Todo mundo adora coisas novas e sinistras. Fico me lembrando de quando bateu a onda da anorexia nos anos 80. Quanto mais se faziam filmes sobre o assunto, mais as garotas passavam fome. Mas você sempre me pareceu estar bem. Fico satisfeita.

- Estou bem em quase tudo. Tenho outra irmã, uma menina que veio depois de Marian, com quem estou preocupada.

- E deveria estar mesmo. Lidar com uma mãe com SMpP... não é nada bom ser a filha predileta. Teve sorte por sua mãe não se interessar mais por você.

Um sujeito trajando um uniforme de enfermeiro verde-claro desceu o corredor como um raio em uma cadeira de rodas seguido por dois gordos que não paravam de rir. Suas vestimentas eram iguais à dele.

- Estagiários de Medicina... — disse Beverly, revolvendo os olhos.

- E nenhum dos médicos nunca procurou verificar se o diagnóstico apontado no seu relatório estava correto?

- Só eu considereei aquilo um relatório. Acharam que era implicância de uma enfermeira ciumenta e sem filhos. Como já disse, era uma outra época. Hoje em dia as enfermeiras são um pouquinho mais respeitadas. Só um pouquinho. E para ser sincera, Camille, eu não insisti. Tinha acabado de me divorciar, não podia ser demitida, e a verdade, no fim de tudo, era que eu desejava que alguém me dissesse que estava enganada. Você precisa acreditar que está. Quando Marian morreu, passei três dias enchendo a cara. Só fui voltar a trazer o assunto à baila depois que ela foi sepultada, perguntando ao chefe da pediatria se ele vira a minha carta. Mandaram que eu tirasse a semana de folga.

Eu era uma daquelas mulheres histéricas.

Subitamente, meus olhos começaram a arder, encheram-se d'água, e ela segurou em minha mão.

- Sinto muito, Camille.

- Meu Deus, estou com tanta raiva! — Lágrimas desciam-me as bochechas e eu as limpava com as costas da mão, até que Beverly me deu uma caixa de lenços de papel. - Que isso tenha acontecido um dia. Que eu tenha demorado todo esse tempo para descobrir.

- Ora, minha querida, ela é sua mãe. Sou incapaz de imaginar como deve ser a sensação de aceitar essa ideia. Pelo menos agora me parece que se fará justiça. Há quanto tempo o detetive está investigando o caso?

- Detetive?

- Willis, não é esse o nome dele? Rapaz bonito, perspicaz. Tirou cópia de cada uma das páginas dos registros de Marian e interrogou-me até minhas obturações começarem a doer. Só não me contou que havia outra garotinha na história. Mas me disse que você estava bem. Acho que está gamado por você. Ficou todo desajeitado e acanhado quando falou de você.

Parei de chorar, fiz uma bola com os lenços de papel e atirei-a na lata de lixo que ficava ao lado da menina que lia. Ela lançou uma olhadela curiosa para dentro do cesto, como se o correio tivesse acabado de passar. Prestei meus agradecimentos a Beverly e me dirigi à saída sentindo-me enfurecida. Precisava ver o céu azul.

Beverly me alcançou em frente ao elevador e segurou nas minhas mãos.

- Tire sua irmã daquela casa, Camille. Ela não está em segurança.

Entre Woodberry e Wind Gap havia um bar de motoqueiros na saída 5, um estabelecimento que vendia cerveja para viagem sem pedir prova de maioridade. Costumava freqüentá-lo bastante em meus anos de segundo grau. Lá havia um telefone público ao lado do alvo dos dardos. Enchi a mão de moedas e liguei para Curry. Eileen atendeu, como de costume, com aquela voz que de tão branda e serena chegava a parecer uma colina.

Comecei a soluçar antes que conseguisse dizer qualquer coisa além de meu nome.

- Camille, meu amor, o que foi? Você está bem? É claro que não está. Ai, lamento tanto... Pedi que Frank a tirasse daí depois daquela vez que ligou. O que está havendo?

Continuei a soluçar sem sequer saber o que dizer. Um dardo atingiu o alvo produzindo um ruído forte.

- Você não anda... se machucando de novo, não é? Camille? Meu amor, está me deixando apavorada.

- Minha mãe... — comecei, mas voltei a perder o controle.

Já estava arfando com tantos soluços que vinham lá do fundo do estômago, quase ficando de quatro.

- Sua mãe? Está tudo bem com ela?

- Nãooooo. — Um pranto comprido como o de uma criança. Uma mão tapando o telefone. O sussurro desesperado de Eileen chamando o nome de Frank. As palavras aconteceu alguma coisa... horrível. Dois segundos de silêncio e vidro se quebrando. Curry levantou-se da mesa rápido demais, fazendo com que seu copo de uísque caísse ao chão. Só um palpite.

- Camille, fale comigo, qual é o problema? — O tom de voz de Curry era brusco e alarmante, como se fossem mãos em meus braços me sacudindo.

- Já sei quem foi, Curry. - Emiti um silvo. - Eu sei.

- Ora, e isso lá é motivo para chorar, foquinha? A polícia já fez a prisão?

- Ainda não. Só eu que sei quem foi. - Um dardo fez tum no alvo.

- Quem? Camille, fale comigo.

Apertei o telefone em minha boca e sussurrei.

- Minha mãe.

- Quem? Camille, fale mais alto. Está em algum bar?

- Foi minha mãe! - Gritei ao telefone, as palavras saindo como um espirro.

Silêncio por tempo demais.

- Camille, está lidando com muita pressão e eu errei feio quando a mandei para aí tendo passado tão pouco tempo desde quando... Agora, quero que se dirija ao aeroporto mais próximo e venha já para cá. Não volte para pegar suas roupas, deixe logo seu carro por aí e volte para a sua casa aqui. Deixemos tudo isso para depois. Pague a passagem que eu reembolso o valor quando você chegar em casa. Mas é melhor você vir já para casa.

Casa casa casa, como se ele tentasse me hipnotizar.

- Nunca terei uma casa — falei com uma voz de lamúria e comecei a soluçar de novo. - Preciso ir resolver isso, Curry. - Desliguei enquanto ele ordenava que eu não o fizesse.

Achei Richard no Gritty's jantando já tarde. Estudava recortes de um jornal da Filadélfia que tratavam de Natalie e seu ataque desferido com a tesoura. Ele me saudou gesticulando com a cabeça de maneira relutante conforme eu me sentava do outro lado da mesa. Depois baixou o olhar para seus gordurosos grãos de queijo e voltou a erguê-lo para estudar-me o rosto inchado.

- Você está bem?

- Acho que minha mãe matou Marian e acho que também matou Ann e Natalie. E sei que também acha isso. Acabei de voltar de Woodberry, seu merda.

A tristeza transformara-se em indignação em algum ponto entre as saídas 5 e 2.

- Não acredito que todo esse tempo que vinha passando comigo, estava apenas tentando reunir informações a respeito de minha mãe. Que espécie de doente de merda é você? - Eu tremia e gaguejava.

Richard puxou uma nota de dez da carteira, colocou-a sob o prato, veio até o meu lado da mesa e pegou no meu braço.

- Vamos lá para fora, Camille. Aqui não é lugar para isso.

- Ele me acompanhou ao passar pelas portas, até o lado do carona do carro, ainda segurando meu braço, e me ajudou a entrar.

Ele dirigia em silêncio, subindo o alcantil, e levantava a mão velozmente sempre que eu tentava dizer alguma coisa. Acabei desistindo de tentar e dei-lhe as costas, virando o corpo para a janela. Fiquei vendo a mata passar como um borrão azul-esverdeado.

Estacionamos no mesmo local de quando ficamos contemplando o rio do alto há semanas. Ele corria turvo lá embaixo, no escuro, e a correnteza prendia o luar em alguns trechos. Gomo observar um besouro andar apressado em meio a folhas outonais.

- Agora chegou a minha vez de me aproveitar do clichê - disse Richard, de perfil para mim. - E verdade, a princípio me interessei por você porque queria saber coisas sobre sua mãe. Mas me apaixonei de verdade. Tanto quanto é possível alguém apaixonar-se por uma pessoa tão inacessível quanto você. E claro que compreendo os seus motivos. A princípio pensei em interrogá-la formalmente, mas não sabia o quanto você e Adora eram próximas e não queria que deixasse transparecer nada para ela. E não tinha certeza, Camille. Queria um tempo para estudá-la um pouco melhor. Era um mero palpite. Apenas isso. Fofocas daqui e dali, sobre você, sobre Marian, sobre Amma e sua mãe. Mas é verdade que uma mulher não se encaixa no perfil desse tipo de coisa. Não de homicídios em série de crianças. Então, passei a enxergar tudo sob uma perspectiva diferente.

- Qual? — Minha voz estava inerte, como ferro-velho.

Foi aquele garoto, o tal James Capisi. Eu sempre voltava a pensar no que ele dissera, naquela mulher que mais parecia uma bruxa perversa dos contos de fadas. — Ecos de Beverly e dos Irmãos Grimm. — Continuo achando que ele não chegou a ver de verdade a sua mãe, mas acho que se lembrava de alguma coisa, uma sensação ou um medo subconsciente que se transformou em tal pessoa. Comecei a refletir: que tipo de mulher mataria garotinhas e lhes roubaria os dentes? Uma mulher que almejasse o controle supremo. Uma mulher cujo instinto de afeto houvesse se perdido. Tanto Ann quanto Natalie foram... bem- cuidadas antes de serem assassinadas. Os pais das duas notaram detalhes que não lhes eram característicos. As unhas das mãos de Natalie foram pintadas de rosa-claro. As pernas de Ann foram depiladas. Ambas tiveram batons passados em seus lábios á alguma altura.

- E quanto aos dentes?

- O sorriso não é a melhor arma de uma garotinha? - disse Richard, para enfim virar-se de frente para mim. - E no caso de Ann e Natalie, era literalmente uma arma. A história que você me contou das mordidas me ajudou bastante a saber a que dar mais atenção. A assassina é uma mulher que não aprova força em mulheres, que a enxerga como uma coisa vulgar. Ela tentou bancar a mãe daquelas duas, dominá-las, transformá-las no que ela achava que deveriam ser. Quando rejeitaram tal coisa, resistiram, a assassina perdeu as estribeiras. Elas teriam que morrer. O estrangulamento é a definição genuína do domínio. Morte em câmera lenta. Fechei os olhos um dia em minha sala depois de escrever esse perfil e vi o rosto de sua mãe. A violência súbita, a intimidade com as meninas mortas... E também não tem álibi para nenhuma das duas noites. O pressentimento de Beverly Van Lumm no tocante a Marian só veio confirmar as suspeitas. Embora ainda tenhamos que exumar o corpo de Marian para ver se conseguimos provas mais sólidas. Indícios de envenenamento ou alguma coisa parecida.

- Deixe-a quieta.

- Não posso, Camille. Você sabe que isso é o que deve ser feito. Vamos tratá-la com extremo respeito. - Ele colocou a mão em minha coxa. Não foi em minha mão ou em meu ombro, mas em minha coxa.

- Houve algum dia em que John chegou de fato a ser um dos suspeitos? - Tirou a mão.

- O nome dele sempre aparecia. Vickery estava um tanto obcecado. Por Natalie ser mais ou menos violenta, achou que John também pudesse ser. Além disso, ele não é da cidade, e você sabe como esses forasteiros são suspeitos.

- Tem alguma prova de verdade, Richard, em relação à minha mãe? Ou isso tudo são meras suposições?

Amanhã vamos conseguir um mandado para revistar a Tudo leva a crer que tenha ficado com os dentes. Estou lhe contando isso como cortesia. Porque respeito e confio em você.

- Claro - respondi. Queda acendeu-se em meu joelho esquerdo. - Preciso tirar Amma de lá.

- Nada acontecerá hoje. O que tem de fazer é ir para casa e viver uma noite normal. Procure agir com o máximo possível de naturalidade. Posso colher o seu depoimento amanhã, será de grande valia para solucionarmos o caso.

- Ela anda causando mal a mim e a Amma. Ela nos droga, nos envenena. Alguma coisa... — Voltei a sentir as náuseas.

Richard tirou a mão de minha coxa.

- Camille, por que não disse logo? Poderíamos tê-la levado para fazer alguns exames. Ajudaria bastante para resolvermos o caso. Mas que droga!

- Agradeço a preocupação, Richard.

Gayla estava a porta um fantasma vigilante em nossa casa em topo da colina.

Ela desapareceu com um movimento rápido, e quando eu estava entrando no alpendre para a carruagem, a lâmpada da sala de jantar se acendeu.

- Pernil. Senti o cheiro antes de chegar à porta. Também havia couve e milho.

Todos sentados e imóveis como atores esperando que a cortina se abrisse. Cena: hora do jantar. Mamãe, ativa à cabeceira da mesa, Alan e Amma, cada um de um lado, e um lugar guardado para mim no extremo oposto a Adora. Gayla puxou a cadeira para mim e voltou à cozinha murmurando em seu traje de enfermeira. Eu já estava farta de tanto ver enfermeiras. Sob o assoalho, a máquina de lavar seguia retumbante como sempre.

- Olá, querida, teve um bom dia? - Mamãe gritou alto demais. - Sente-se. Estávamos esperando-a para jantar. Achei que poderíamos jantar em família, já que você logo vai embora.

- Vou?

- A qualquer momento vão prender o seu amiguinho, querida. Não me diga que estou mais informada que a repórter. - Ela virou-se para Alan e Amma e sorriu como uma anfitriã agradável passando aperitivos. Depois, tocou seu sininho e Gayla trouxe o pernil, trêmulo como gelatina, em uma bandeja prateada. Uma grudenta fatia de abacaxi deslizou lentamente pelo lado do pernil.

- Corte, Adora. - disse Alan às sobrancelhas erguidas de minha mãe.

Cachos de cabelos loiros adejavam-se conforme ela trinchava fatias da espessura de um dedo e as servia em nossos pratos. Quando Amma me passou uma porção, recusei-a e passei-a para Alan.

- Não come pernil... - mamãe resmungou. - Ainda não saiu dessa fase, Camille?

- A fase de não gostar de pernil? Não saí, não.

- Acha que John será executado? - Amma me perguntou.

- O seu John no corredor da morte? - Mamãe a colocara em um vestido de verão branco com fitinhas cor-de-rosa e trançara-lhe os cabelos bem justos dos dois lados. Sua ira emanava como um cheiro ruim.

- Há pena de morte aqui no Missouri, e certamente são esses crimes que imploram por ela, se é que é justa em algum caso - respondi.

- Ainda usamos a cadeira elétrica? - Amma perguntou.

- Não. - Alan respondeu. - Agora coma sua carne.

- Injeção letal - mamãe murmurou. - Como colocar um gato para dormir.

Imaginei minha mãe presa a uma maca, trocando gracejos com o médico antes de ser penetrada pela agulha. Bem apropriado, uma agulha causar-lhe a morte.

- Camille, se pudesse ser qualquer personagem que já foi criado, qual escolheria? - Amma perguntou.

A Bela Adormecida. - Viver a vida em sonhos seria uma coisa maravilhosa.

- Eu seria Perséfone.

- Não conheço - respondi. Gayla empurrou um pouco de couve e milho frescos em meu prato. Forcei-me a comer, um grão de cada vez, com a ânsia de vômito fazendo-se presente a cada mastigada.

- É a rainha do mundo dos mortos - Amma revelou, radiante. - Era tão linda que Hades roubou-a e levou-a ao mundo subterrâneo para fazer dela sua esposa. Mas a mãe dela ficou tão furiosa que o forçou a devolvê-la. Porém, somente durante seis meses a cada ano, para que passasse metade da vida entre os mortos e a outra metade entre os vivos.

- Amma, por que encontra admiração nesse tipo de personagem? - Alan perguntou. - Às vezes você é tão sinistra...

- Sinto pena de Perséfone porque mesmo quando volta a viver entre os vivos, todos a temem devido ao lugar onde esteve - disse Amma. - E mesmo quando está com a mãe não é feliz de verdade, pois sabe que terá de voltar para o mundo subterrâneo. - Ela abriu um sorriso largo olhando para Adora, levou um grande pedaço de pernil à boca e soltou um grito de satisfação.

- Gayla, quero açúcar! - Amma berrou na direção da porta.

- Use o sino, Amma - disse minha mãe, que também não estava comendo.

Gayla chegou com uma tigela de açúcar e espalhou um bom punhado sobre o pernil e as fatias de tomate de Amma.

- Deixa eu - Amma pediu em tom de lamúria.

- Deixe que Gayla ponha - disse minha mãe. - Você exagera.

- Vai ficar triste quando John morrer, Camille? – Amma perguntou, chupando uma fatia de pernil. - Ficaria mais triste se John morresse ou se eu morresse?

- Não quero que ninguém morra - respondi. — Acho que Wind Gap já teve mortes demais do jeito que está.

- É isso aí — disse Alan. Estranhamente alegre.

- Tem gente que tem de morrer. John tem de morrer - Amma continuou. - Mesmo que não as tenha matado, ainda assim ele tem de morrer. Está acabado agora que a irmã morreu.

- Seguindo a sua lógica, eu tenho de morrer, pois minha irmã morreu e estou acabada - repliquei. Mastiguei mais um grão. Amma me estudava.

- Talvez. Mas gosto de você, então, espero que não morra. Qual a sua opinião? - ela perguntou para Adora. Ali me dei conta de que ela nunca se dirigia à minha mãe diretamente. Nada de mãe, mamãe, tampouco Adora. Como se não soubesse o nome dela e estivesse tentando não deixar parecer tão óbvio.

- Marian morreu há muitos e muitos anos, e acho que talvez todos já devêssemos tê-la esquecido - disse mamãe, exausta. Então, subitamente alegre: - Mas não a esquecemos e sempre conseguimos seguir adiante, não é verdade? - Toque do sino, recolhimento dos pratos, Gayla circundando a mesa como um lobo decrépito.

Tigelas com frappé de laranja de polpa vermelha de sobremesa. Mamãe desapareceu discretamente dentro da copa e reapareceu com duas

garrafinhas de cristal e os olhos rosados cheios d'água. Meu estômago deu uma guinada.

- Camille e eu vamos beber um pouco em meu quarto - ela disse aos outros, ajeitando os cabelos pelo reflexo do espelho do aparador. Percebi que ela já estava vestida para isso com sua camisola. Repetindo o que eu fazia quando criança ao ser intimada por ela, acompanhei-a subindo a escada.

Então, estava dentro de seu quarto, onde sempre quisera estar. Aquela cama enorme de onde brotavam almofadas como cracas. O espelho de corpo inteiro embutido na parede. E o famoso piso de mármore que fazia tudo brilhar, como se estivéssemos em uma paisagem nevada e iluminada pelo luar. Ela atirou as almofadas ao chão, puxou as cobertas, fez um gesto para que eu me sentasse no meio da cama, e depois entrou, ficando ao meu lado. Depois de todos aqueles meses posteriores à morte de Marian quando ela se enclausurou no quarto e não me deixava entrar nunca teria ousado me imaginar enrolada na cama com minha mãe. Agora eu estava ali, com mais de quinze anos de atraso, e o estrago já havia sido feito.

Ela ajeitou meus cabelos com os dedos e me entregou minha bebida. Uma farejada: cheirava a maçã estragada. Segurei-a firmemente, mas não dei sequer um gole.

- Quando eu era pequena, minha mãe me levou lá para dentro das matas do norte e me abandonou - disse Adora. — Não parecia estar com raiva, nem chateada. Indiferente. Quase entediada. Não me deu razão nenhuma. Para ser sincera, nem sequer me disse uma palavra. Apenas mandou que eu entrasse no carro. Eu estava descalça. Quando chegamos, ela me pegou pela mão e com muita eficiência me levou pela trilha. Depois

saímos da trilha, até que soltou a mão e mandou que não a seguisse. Eu tinha oito anos, era só uma menininha. Meus pés tinham rasgos enormes quando cheguei em casa, e ela apenas ergueu o olhar de seu jornal vespertino, olhou para mim, e foi para o quarto. Este quarto.

- Por que está me contando isso?

- Quando uma criança já sabe, naquela idade, que a mãe não gosta dela, coisas ruins acontecem.

- Pode acreditar em mim, conheço a sensação — respondi.

As mãos dela ainda afagavam meus cabelos e um de seus dedos brincava com o círculo nu de meu couro cabeludo.

- Eu queria amar você, Camille. Mas você era tão difícil! Marian era tão tranqüila...

- Já chega, mamãe - falei.

- Não. Não chega, não. Deixe-me cuidar de você, Camille.

Só por uma vez, precise de mim.

Que isso termine. Que isso tudo termine.

- Então vamos lá - falei. Engoli a bebida de uma vez só, tirei vagarosamente as mãos dela de minha cabeça e forcei a voz para que saísse firme.

- Todo esse tempo eu precisei de você, mamãe. De um jeito verdadeiro. Não uma necessidade criada pela senhora para que pudesse

ligá-la e desligá-la quando bem entendesse. E nunca vou perdoá-la pelo que fez com Marian. Ela era só um bebê.

- Sempre será minha bebê – disse minha mãe.



Capítulo 16

Cai no sono sem ligar o ventilador e acordei com os lençóis colados ao corpo. Meus próprios suor e urina. Dentes trepidavam e as batidas de meu coração golpeavam-me detrás dos olhos. Puxei a lata de lixo que ficava ao lado da cama e vomitei. Um liquido quente com quatros grãos de milho flutuando por cima.

Mamãe já estava no quarto antes que eu me voltasse a deitar. Imaginei-a sentada na cadeira do corredor, próxima à foto de Marian, cerzindo meias e esperando que eu passasse mal.

- Venha, meu amor. Vou entrar na banheira com você – murmurou. Ela puxou minha blusa pela cabeça e tirou minha calça do pijama. Vi seus olhos em minha nuca, seios, quadris e pernas durante um rápido segundo azul.

Voltei a vomitar enquanto entreva na banheira e mamãe segurava-me a mão para que eu não perdesse o equilíbrio. Mais liquido quente saindo pela boca e encontrando a porcelana. Adora apanhou uma toalha no cabide, umedeceu-a com álcool isopropílico e esfregou em mim com a objetividade de uma limpadora de janelas. Fiquei sentada na banheira enquanto ela vertia

copos de água gelada sobre minha cabeça para baixar a febre. Deu-me mais dois comprimidos e mais um copo de um leite azul-claro. Bebi tudo com a mesma vingança implacável que me abastecia quando passava dois dias inteiros enchendo a cara. Ainda não me derrubou, qual vai ser a próxima? Eu queria que aquilo me causasse mal. Era uma dívida que eu tinha com Marian.

Vomitando na banheira, esvaziando-a, voltando a enche-la, esvaziando. Compressas de gelo sobre os ombros e entre as pernas. Compressas de água quente na testa e nos joelhos. Pinça na ferida em meu tornozelo seguida de aplicação de álcool isopropílico. Água ficando cor-de-rosa. Desaparecer, desaparecer, desaparecer, era o apelo de minha nuca.

Adora arranca todos os cílios e de seu olho esquerdo gotejavam lágrimas abundantes. Seu lábio superior era seguidamente banhado pó sua língua. Conforme eu perdia a consciência, uma reflexão: Estão cuidando de mim. Minha mão esta fazendo um esforço tremendo para ser uma boa mãe para mim. Fico lisonjeada. Ninguém mais faria isso por mim. Marian. Tenho ciúmes de Marian.

Estava imersa na água morna que subia até a metade da banheira quando voltei a acordar ao som de gritos. Debilitada e com o corpo quente, sai do banho e vesti um fino roupão de algodão. Os gritos estridentes de minha mãe estouravam meus tímpanos. Abri a porta quando Richard já estava preparado para entrar.

- Camille, você esta bem? – os berros enfurecidos e desafinados de mamãe cortavam o ar detrás dele.

Então Richard ficou de queixo caído. Inclinou-me a cabeça para o lado e viu os cortes em meu pescoço. Abriu o roupão e recuou.

- Nossa mãe! – Uma hesitação mental: ele oscilava entre o riso e o medo.

- Qual é o problema com a minha mãe?

- Qual é o seu problema? Você se corta?

- Gravo palavras – murmurei, como se fizesse diferença.

- Palavras, estou vendo.

- Porque minha mãe esta gritando? – Senti uma tonteira e sentei-me no chão sem o menor cuidado.

- Camille, você esta mal?

Confirmei com um meneio de cabeça.

- Encontraram alguma coisa?

Vickery e vários policiais passaram tropeçando por meu quarto. Mamãe passou cambaleando depois de alguns segundos, as mãos enredadas nos cabelos, gritando para que fossem embora, que tivessem respeito e que estivessem conscientes de que se arrependeriam amargamente.

- Ainda não. Esta passando muito mal? – Ele sentiu-me a testa, amarrou meu roupão bem apertado, e não olhava mais para o meu rosto.

Dei de ombro como uma criança amuada.

- Todos tem de deixar a casa, Camille. Vista-se para que eu a leve ao médico.

- Claro, precisa da sua prova. Espero que ainda reste ainda bastante veneno em meu corpo.

Até a noite os seguintes objetos haviam sido retirados da gaveta de roupas íntimas de minha mãe.

Oito frascos de comprimidos para malária com rótulos de outros países. Grandes cápsulas azuis que tiveram sua fabricação suspensa devido à tendência de provocar febre e visão turva. Vestígios da droga foram encontrados em meus exames toxicológicos.

Setenta e duas cápsulas de um forte laxante cuja principal função era afrouxar intestinos de gado. Vestígios da droga foram encontrados em meus exames toxicológicos.

Três dúzias de comprimidos para convulsões cuja aplicação errada pode provocar vertigens e náusea. Vestígios da droga foram encontrados em meus exames toxicológicos.

Três vidros de xarope de raiz de ipecacuanha, ministrado para indução de vômito em casos de envenenamento, cujos vestígios foram encontrados em meus exames toxicológicos.

Cento e sessenta e um tranquilizantes para cavalos, cujos vestígios foram encontrados em meus exames toxicológicos.

Um estojo de enfermeira com dúzias de comprimidos, frascos e seringas variados sem que Adora tivesse qualquer utilização para eles.

Qualquer utilização positiva.

Da chapeleira de linha mãe, um diário florido que seria inscrito como documento para o julgamento, com trechos como os seguintes:

14 DE SETEMBRO DE 1982

Hoje resolvi parar de importar com Camille e me concentrar apenas em Marian. Camille nunca foi uma boa paciente. Estar doente só a deixa furiosa e rancorosa. Ela não gosta que eu lhe toque. Nunca ouvi falar de uma coisa assim. Ela tem o mesmo rancor que Joya tinha. Eu a detesto. Marian é tão boazinha quando fica doente, fica doida de amores por mim e me quer a seu lado o tempo todo. Adoro secar suas lágrimas.

23 DE MARÇO DE 1985

Marian teve que voltar para Woodberry. “Dificuldades para respirar desde a manhã, e passando mal do estomago.” Fui ao hospital com o meu terno amarelo da St. Jonh, mas acabei não me sentindo muito bem com ele. Fico preocupada que, com meus cabelos loiros, eu fique com uma aparência desbotada. Ou parecendo um abacaxi ambulante! O dr. Jameson é um ótimo médico e sempre trata Marian com muito carinho e interesse, mas não se intromete. Ele parece bastante impressionado comigo. Disse que sou um anjo e que toda criança deveria ter uma mãe igual a mim. Houve um certo flerte entre nós, apesar das alianças nas esquerdas. As enfermeiras mostram uma certa afetação. Deve ser inveja. Na próxima visita vou ter de exagerar nas demonstrações de amor (é provável que recorram a cirurgia!). Acho que vou pedir para a Gayla que faça seu famoso picadinho de carne. Enfermeiras adoram pequenos agrados para a hora do intervalo. Talvez eu ponha uma grande fita verde em volta do pote. Preciso fazer o cabelo antes

da próxima emergência... espero que o dr. Jameson (Rick) esteja de plantão...

10 DE MAIO DE 1988

Marian morreu. Não consegui parar. Já perdi quase seis quilos e estou pele e osso. Todos tem sido extremamente gentis. Às vezes as pessoas são maravilhosas.

A prova mais importante foi encontrada sob o assento do sofá de dois lugares de brocado amarelo do quarto de Adora: um alicate manchado, pequeno e feminino. O exame de DNA detectou que no alicate havia vestígios de sangue de Ann Nash e de Natalie Keene.

Os dentes não foram encontrados na casa da mamãe. Passei as semanas posteriores tendo visões de onde poderiam ter ido parar: vi um conversível azul-bebê andando, a capota a cobri-lo sempre, uma mão de mulher saindo pela janela, uma rajada de dentes pelas moitas, na margem da estrada. Próximas à entrada das matas do norte. Um par de chinelos delicados enlameando-se as margens de Falls Creeks, dentes estatelando-se como seixos na água. Uma camisola cor-de-rosa flutuando sobre o jardim de rosas de Adora. Mãos cavando. Dentes enterrados como ossos minúsculos.

Não foram encontrados em nenhum desses locais. Fiz a polícia verificar todos.



Capítulo 17

Em 28 de maio , Adora Crellin foi detida pela homicídios de Ann Nash, Natalie Keene e Marian Crellin. Alan pagou imediatamente a fiança para que ela pudesse aguardar o julgamento no conforto de sua casa. Levando em conta a situação, o tribunal considerou que seria melhor se eu assumisse a custódia da minha meia-irmã. Dois dias depois , peguei o carro e fui para o norte, de volta a Chicago com Amma a meu lado.

Amma me exauria. Era desenfreada em sua carência, e sua ansiedade ardia. Andava inquieta de um lado para o outro parecendo um lince enjaulado enquanto me lançava perguntas furiosas (Por que é tudo tão barulhento? Como podemos viver em um lugar tão minúsculo? Não é perigoso lá fora?) e exigia afirmação do meu amor. Gastava toda energia que sobrava, já que não ficava mais de cama várias por mês.

Quando chegou agosto, ficou obcecada por assassinas, Lucrécia Bórgia, Lizzie Borden e uma mulher da Flórida que afogou as três filhas depois de sofrer um colapso nervoso.

-Considero-as especiais – Amma dizia desafiadoramente. Tentando arrumar uma maneira de perdoar a mãe, dizia a terapeuta infantil. Amma

consultou-se com ela umas duas vezes e literalmente deitou-se no chão, berrando, quando tentei levá-la para uma terceira consulta. Em vez disso, preferia passar a maior parte de seus dias trabalhando na casa de bonecas de Adora. Sua maneira de lidar com as coisas horríveis que lá aconteceram, disse-me a terapeuta quando telefonei. Se é assim , devia destruí-la respondi. Amma me deu um tapa no rosto quando comprei a tonalidade errada de tecido azul para a cama da casa das bonecas de Adora. Cuspi no chão quando me recusei a pagar 60 dólares por um sofá de brinquedo feito de noqueira de verdade. Experimentei a terapia do abraço, um programa ridículo que dizia que devia apertar Amma junto a mim e repetir eu te amo eu te amo eu te amo enquanto ela tentava se desvencilhar.

Por quarto vezes ela conseguiu, me xingou de piranha e bateu a porta do quarto. Na quinta vez nós duas começamos a rir.

Alan liberou uma quantia para matricular Amma na Escola Bell, 22 mil dólares por ano fora livros e material, a apenas 9 quarteirões de casa. Ela arrumou amigas rapidamente, um pequeno círculo de lindas meninas que aprenderam a adorar tudo o que tivesse a ver com Missouri. Entre elas, gostei bastante de uma menina chamada Lily Burke. Era tão inteligente quanto Amma e tinha uma perspectiva mais alegre. Tinha sardas e dentes da frente maiores que o normal, e cabelos da cor do chocolate, que Amma lembrou serem da tonalidade exata do tapete de meu antigo quarto. Mesmo assim eu gostava dela

Lily passou a ser presença fixa no nosso apartamento. Ajudava-me a preparar o jantar, me perguntava do dever de casa, falava sobre meninos..... A cada visita dela, Amma foi ficando cada vez mais silenciosa. Quando chegou outubro, trancava a porta no minuto que Lily chegasse.

No meio da noite, acordei e encontrei Amma de pé sobre minha cama.

Você gosta mais da Lily do que de mim – resmungou. Estava febril. Sua camisola grudava-se ao seu corpo suado e seus dentes batiam. Levei-a para o banheiro, sentei-a sobre o vaso sanitário, umedeci uma toalha de rosto com a água e metálica da pia, e passei-lhe na fronte. Então, nos entreolhamos. Ela tinha olhos de um azul – acinzentado iguais ao de Adora. Inexpressivos. Como uma lagoa de inverno.

Despejei duas aspirinas, voltei a colocá-las dentro do frasco, e voltei a colocá-las na palma da mão. Um ou dois comprimidos. Dar é tão fácil. Será que eu iria querer dar mais outro, e mais outro? Será que iria começar a gostar de cuidar de uma criancinha doente? Um murmúrio de percepção quando ela olhou para mim tremula e enjoada: mamãe está aqui.

Dei a Amma duas aspirinas. O odor fez minha boca encher-se d'água. Despejei o resto ralo abaixo.

-Agora tem que me colocar na banheira e me dar banho – ela pediu choramingando.

Tirei-lhe a camisola pela cabeça. Sua nudez era estonteante: pernas finas bem típicas de uma garotinha, uma arredondada cicatriz denteada no quadril que parecia a metade de uma tampa de garrafa e uma camada finíssima de pelos pubianos entre as pernas. Seios volumosos e voluptuosos. Treze anos.

Ela entrou na banheira e dobrou as pernas, ficando com o queixo acima dos joelhos.

Agora tem que passar álcool em cima de mim. – Um pedido em tom de lamúria.

Não Amma, apenas descanse.

Seu rosto ficou rosa, e ela começou a chorar.

Ela faz assim – murmurou – As lágrimas transformaram em soluços e depois em um uivo de sofrimento.

Não vamos mais fazer como ela faz. – respondi.

Em 12 de outubro Lily Burke desapareceu quando ia para da escola para casa. Quatro horas depois, o corpo foi encontrado escorado meticulosamente ao lado de uma lixeira a 3 quarteirõesd o nosso apartamento. Apenas seis de seus dentes haviam sido arrancados, os dois da frente que eram exageradamente grandes, e 4 da arcada inferior.

Telefonei para Wind Gap e esperei 12 minutos na linha até que a polícia confirmasse que minha mãe estava em casa.

Deduzi antes. Deixei a policia descobrir, mas deduzi antes.Com Amma me puxando como um cão raivoso, revirei o apartamento inteiro levantando almofadas e mexendo minuciosamente as gavetas. O que você fez Amma? Quando cheguei ao seu quarto ela se acalmou. Ficou presunçosa. Vistoriei entre suas calcinhas, emborqueei sua arca de desejos e virei seu colchão.

Revirei sua escrivaninha e descobri apenas lápis, adesivos, e uma xícara que fedia a alvejante.

Tirei furiosamente tudo que havia dentro da casa de bonecas , cômodo por cômodo , despedaçando minha pequena cama de quatro colunas, o sofá cama de Amma, e o sofá amarelo-limão de dois lugares. Assim que atirei longe o grande dossel de bronze de minha mãe e destruí sua penteadeira, alguém gritou, não sei se foi Amma ou se foi eu. Talvez nós duas. O chão do quarto de minha mãe. O lindo piso de marfim. Feito com dentes humanos. 56 dentes pequeninhos. Limpo, alvejados e brilhando no chão.

Terceiros participaram dos assassinatos das meninas de Wind Gap. Em troca de penas mais brandas em um hospital psiquiátrico, as 3 loiras admitiram ter ajudado Amma a assassinar Ann e Natalie. Saíram com o carrinho de golfe de Adora, pararam perto da casa de Ann e convenceram-na a dar um passeio com elas. Minha mãe quer dizer oi.

Foram com o carrinho até as matas do norte e fingiram que fariam uma diferente reuniãozinha para tomar chá. Enfeitaram Ann, brincaram um pouco com ela, e depois de algumas horas ficaram entediadas. Começaram a levá-la para o córrego. A menininha, percebendo uma certa malevolência, tentou fugir, mas Amma a alcançou e a derrubou. Depois, acertou a com uma pedra. Levou uma mordida. Eu vira a marca em seu quadril, mas não cheguei a perceber o que significava aquela meia-lua denteada.

As 3 loiras seguraram Ann no chão enquanto Amma a estrangulava com uma corda de varal que roubara do depósito de ferramentas de um vizinho. Levaram uma hora para acalmar Jodes e mais uma hora para Amma arrancar os dentes, com Jodes chorando o tempo inteiro. Então, as quatro levaram o corpo até a água, despejaram-no, voltaram rapidamente para a casa de Kelsey, limparam-se na cachoeira dos fundos e viram um filme. Cada uma disse o nome de um filme diferente. Todas se lembraram

de ter comido melão e bebido vinho branco em garrafas de refrigerante de limão caso de repente a mãe de Kelsey olhasse atrás da porta.

James Capisi não mentiu quando falou de tal mulher fantasmagórica. Amma roubara um de nossos lençóis branquíssimos, trajara-o como um vestido grego, amarrara os cabelos loiro-claros para cima e se empoara até ficar brilhando intensamente. Era Artemis, a caçadora sanguinária, Natalie a princípio, ficara espantada quando Amma cochichou em seu ouvido. É uma brincadeira. Venha comigo vamos brincar. Elasesconderam Natalie no meio da mata e depois voltaram a cachoeira da casa de Kelsey, onde a mantiveram por um total de 48 horas, arrumando-a , depilando-lhe as pernas, vestindo-a e dando-lhe comida em turnos enquanto curtiavam os protestos, que cresciam a cada minuto. Logo após a meia –noite do dia 14 as amigas a seguraram no chão para que Amma a estrangulasse. Ela voltou a arrancar os dentes sozinha. Dentes de criança, no fim da história, não são lá tão difíceis de arrancarem se a pessoa colocar bastante força no alicate. E se não se importar com o estado que a boca da pessoa vai ficar. (imagem do chão da casa de bonecas de Amma com seu mosaico de dentes quebrados repletos de moscas, e alguns meras lascas).

As meninas foram com o carrinho de golfe de Adora até o fim da avenida Central as 4 da manhã. O espaço entre a loja de ferragens e o salão de beleza tinha a largura exata para permitir que Amma e Kelsey carregassem Natalie pelas mãos e pelos pés, em uma fila única até o outro lado, onde a escoraram de pé e esperaram que fosse descoberta. Jodes chorou de novo . As meninas chegaram a cogitar senão seria melhor matá-la com medo de que talvez desse com a língua nos dentes. Quase colocaram a ideia em prática quando minha mãe foi presa.

Amma assassinou Lily sem ajuda de ninguém. Atingiu-lhe atrás da cabeça com uma pedra, estrangulou-a com as próprias mãos, arrancou-lhe os seis dentes e cortou-lhes os cabelos. Tudo isso em um beco, atrás de uma lixeira, onde ela deixaram o corpo. Amma levou a pedra, o alicate e a tesoura para a escola dentro da mochila rosa-choque que eu comprara para ela.

Com os cabelos cor de chocolate de Lily Burke, Amma fez um tapete para o meu quarto da casa de bonecas.



Epílogo

Adora foi considerada culpada da acusação de homicídio doloso pelo que fizeram com Marian. Seu advogado já está preparando o recurso, que é apaixonadamente registrado pelo grupo que administra a pagina da minha mãe na internet, libertemadora.org. Alan fechou a casa de Wind Gap e foi morar em um apartamento perto da prisão dela em Vandelia, no Missouri. Nos dias em que não pode ir visitá-la, escreve cartas para ela.

Foram lançados alguns livros de bolso feitos às pressas falando de nossa família homicida; recebi varias ofertas para escrever meu próprio livro. Curry tentou me influenciar a aceitar uma delas e rapidamente recuou. Sábia decisão. John me escreveu uma carta simpatica e sofrida. O tempo todo achava que havia sido Amma e até se mudara para casa de Meredith, em parte para "ficar de olho". O que explicava a conversa que eu escutara entre ele e Amma, que tinha prazer em diverti-se com o sofrimento dele. Magoar como uma forma de flerte. A dor como intimidade, como mamãe pressionando a pinça em minhas feridas. E quanto ao meu outro romance de Wind Gap, nunca mais escutei falar de Richard. Depois da maneira que ele olhou para meu corpo todo marcado, eu sabia que isso iria acontecer.

Amma continuará presa até os dezoitos anos, e provavelmente por mais algum tempo depois. Visitas para ela, apenas duas vezes por mês. Fui uma vez só e fiquei sentada com ela em uma animada área de recreação cercada por arame farpado. Garotinhas com camisetas e calças folgadas de presidiárias penduradas em brinquedos de praça sob supervisão de guardas femininas gordas e raivosas. Uma cena ridícula: três moças desceram por um escorregador torto, subiram a escada, e voltaram a descê-lo. E continuaram a fazê-lo, em silêncio, por todo o tempo em que fiquei em ali.

Amma cortava os cabelos rente ao couro cabeludo. Talvez tenha sido para ficar com a aparência mais bruta, mas em vez disso, aquilo deu a ela uma aura sobrenatural, como um duende. Quando segurei em sua mão, estava molhada de suor. Ela a puxou.

Havia prometido a mim mesma não interrogá-la sobre as mortes para que a visita corresse com o máximo possível de tranquilidade. Mas, em vez disso, as perguntas saíram quase que imediatamente. Por que os dentes? Por que logo aquelas meninas que eram tão inteligentes e interessantes? Como podem tê-la ofendido? Como foi capaz de fazê-lo? A última frase saiu em um tom de censura, como se eu estivesse brigando com ela por ter dado uma festa enquanto eu estava fora de casa.

Amma fitou com amargura as três meninas no escorregador e disse que detestava todo mundo ali -todas eram malucas ou burras. Ela odiava ter de lavar roupa e tocar as coisas dos outros. Depois ficou em silêncio por um minuto e achei que simplesmente fosse ignorar minhas perguntas.

-Fui amiga delas por um tempo -disse ela, enfim, de cabeça baixa. - Nós nos divertíamos correndo pela mata. Éramos demais. Feríamos bichos juntas...Uma vez, matamos um gato. Mas daí, ela -como sempre, não disse

o nome de Adora - se interessou muito por elas. Eu nunca podia ter nada só meu. Elas deixavam de ser segredos meus. Sempre apareciam lá em casa. Começaram a me perguntar como era ficar doente. Elas iam estragar tudo. Ela nem sequer se dava conta. -Amma passou a mão ríspidamente pela cabeça raspada. -E por que Ann tinha que...mordê-la? Eu não conseguia deixar de pensar naquilo. Por que Ann podia mordê-la e eu não?

Ela não dizia mais nada, respondia apenas com suspiros e tossidelas. Quanto aos dentes, ela os arrancara apenas porque precisara deles. A casa de bonecas precisava ficar perfeita, assim como todas as outras coisas que Amma adorava.

Para mim, há outros motivos. Ann e Natalie morreram por que Adora lhes deu atenção. Amma só conseguiu enxergar aquilo como um tratamento desigual. Amma, que permitira que minha mãe a fizesse ficar doente por tanto tempo. Às vezes, se você deixa uma pessoa fazer uma coisa com você, na verdade é você que está fazendo com a pessoa. Amma controlava Adora ao permitir que a deixasse doente. Em retorno, exigia amor e lealdade incondicionais. Nada de outras meninas. Matou Lily Burke pelo mesmo motivo. Porque achava que eu gostava mais de Lily do que dela.

Pode-se imaginar outras quatro mil suposições, é claro, dos motivos que levaram Amma a fazê-lo. No final de tudo, o fato prevalece: Amma gostava de provocar dor. Eu gosto de violência, ela gritava para mim. Minha mãe é a culpada. Uma menina criada à base de veneno vê consolo em causar mal aos outros.

No dia em que Amma foi detida. No dia em que tudo, enfim, desenredou-se por completo, Curry e Eillen aboletaram-se em meu sofá, muito preocupados. Escondi uma faca por dentro da manga da blusa e fui

para o banheiro. Tirei a blusa e afundei a faca no círculo perfeito de minhas costas. Arrastei-a para cima e para baixo até que a pele ficasse toda retalhada em cortes rabiscados. Curry arrombou a porta do banheiro logo quando eu ia começar a rasgar-me o rosto.

Curry e Eillen colocaram minhas coisas em uma mala e me levaram para casa deles, onde tenho uma cama e um certo espaço no que já foi um salão de jogos no porão. Todos os objetos pontiagudos foram trancafiados, mas não cheguei a fazer lá muito esforço para chegar a eles.

Estou aprendendo a deixar que cuidem de mim. Estou aprendendo a viver com pais cuidando de mim. Voltei à minha infância, à cena do crime. Eileen e Curry me acordam todos os dias de manhã e me colocam para dormir com beijos (ou no caso de Curry, uma suave carícia sob o meu queixo). Não bebo nada mais forte que o refrigerante de uma que Curry me permite. Eileen prepara meu banho e às vezes escova meus cabelos. Não sinto calafrios e consideramos isso um bom sinal.

Já é quase 12 de maio, exatamente um ano do meu retorno a Wind Gap. Por acaso, também é a data do Dia das Mães este ano. Curioso. Às vezes penso naquela noite em que fiquei cuidando de Amma, e no quanto fui boa em confortá-la e acalmá-la. Tenho sonhos em que estou lhe dando banho e lhe secando a fronte. Costumo acordar com o estomago a revirar-se e com o lábio superior todo suado. Será que me saí bem quando cuidei de Amma por bondade? Ou será que gostei de cuidar dela por que tenho a mesma doença de Adora? Fico indecisa entre as duas possibilidades, sobretudo à noite, quando minha pele começa a latejar.

Ultimamente tenho começado a achar que é por bondade mesmo.



DIGITAÇÕES E TRADUÇÕES